

UNIVERSIDADE CASTELO BRANCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU
EM CIÊNCIA DA MOTRICIDADE HUMANA

A INSERÇÃO DA ESGRIMA
NO CURRÍCULO DA ESCOLA NACIONAL DE
EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS (1939-1974) - UMA
PERSPECTIVA HISTÓRICA

Por

Ana Maria Fontoura dos Anjos

Rio de Janeiro
UCB
Dezembro, 2004

UNIVERSIDADE CASTELO BRANCO
MESTRADO EM CIÊNCIA DA MOTRICIDADE HUMANA

A INSERÇÃO DA ESGRIMA
NO CURRÍCULO DA ESCOLA NACIONAL DE
EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS (1939-1974) - UMA
PERSPECTIVA HISTÓRICA

Elaborado por:

Ana Maria Fontoura dos Anjos

Dissertação apresentada a Universidade Castelo
Branco como requisito parcial à obtenção do título
de Mestre em Ciência da Motricidade Humana

Orientadora: Prof^a. Dra. Fernanda Barroso Beltrão

Rio de Janeiro

2004

UNIVERSIDADE CASTELO BRANCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM CIÊNCIA DA
MOTRICIDADE HUMANA

A Dissertação: "A INSERÇÃO DA ESGRIMA NO CURRÍCULO DA ESCOLA
NACIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS (1939-1974) – UMA
PERSPECTIVA HISTÓRICA".

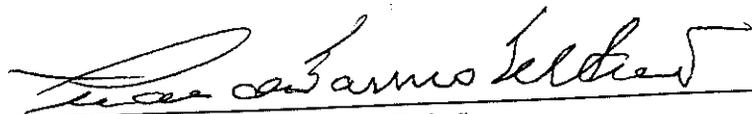
elaborada por ANA MARIA FONTOURA DOS ANJOS

e aprovada por todos os membros da Banca Examinadora, foi aceita
pela Universidade Castelo Branco e homologada pelo Conselho de
Ensino, Pesquisa e Extensão, como requisito parcial à obtenção do
título de

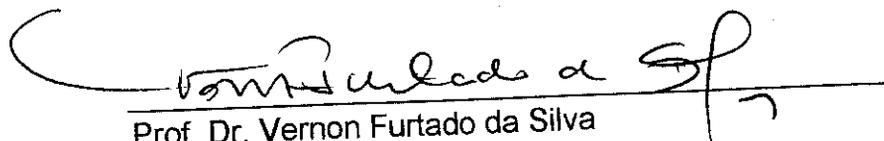
MESTRE EM CIÊNCIA DA MOTRICIDADE HUMANA

Data: 17 de dezembro de 2004.

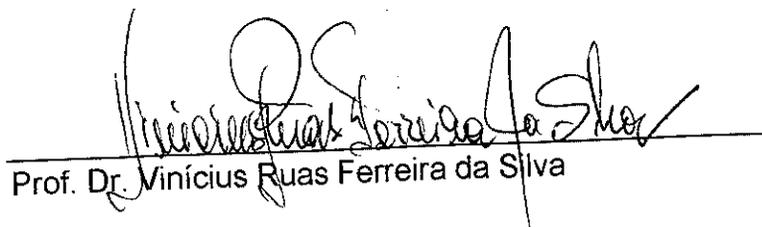
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Fernanda Barroso Beltrão
Presidente



Prof. Dr. Vernon Furtado da Silva



Prof. Dr. Vinícius Ruas Ferreira da Silva

FONTOURA DOS ANJOS, Ana Maria (2004). A Inserção da Esgrima no Currículo da Escola Nacional de Educação Física e Desportos (1939-1974) - Uma Perspectiva Histórica. 180 páginas. Dissertação de Mestrado. Ciência da Motricidade Humana. Universidade Castelo Branco. Apêndices. Ilustrações. Referências.

1. Currículo; 2. Educação Física; 3. Escola Nacional de Educação Física e Desportos; 4. Esgrima; 5. História da Educação Física; 6. História do Esporte; 7. História do Rio de Janeiro.

DEDICATÓRIA

À meus pais, pelo seu incentivo e dedicação, sempre motivando-me, tornando-se os grandes responsáveis pelo que sou hoje.

Aos meus amados filhos Matheus e Filipe, por inspirarem todo o meu ser e por serem fontes do meu viver.

AGRADECIMENTOS

À Prof. Fernanda Barroso Beltrão, pela brilhante orientação, ensinamentos e transmissão de conhecimentos indispensáveis à realização deste trabalho.

Ao Prof. Vinícius Ruas Ferreira da Silva, pela grande contribuição, ensinamentos e transmissão de conhecimentos de grande relevância para realização deste trabalho.

Ao Prof. Victor Melo, pela inestimável ajuda na elaboração dessa pesquisa histórica.

Ao Corpo Docente do Curso de Mestrado em Motricidade Humana, pela grande contribuição na minha formação acadêmica.

A Amélia Pacheco, Aurelino Barroso, Coronel Heitor, Maurício Rocha e Wellington Velloso, pelas suas contribuições.

Ao Presidente da Confederação Brasileira de Esgrima, Arthur Cramer, por todas as informações prestadas, material cedido e por abrir as portas da CBE para minhas consultas, que foram muito úteis.

Ao prof. Maurício Rocha pela atenção, e acesso à inúmeros livros sobre esgrima de sua biblioteca pessoal.

Ao Aurclino Barroso Santos pelo acesso ao seu arquivo pessoal.

À Margareth, minha cunhada, pela revisão do texto final e pela tradução do Resumo, em inglês e francês.

À Maria Teresa, José Afonso e Carlos Alberto, meus irmãos, pela força, incentivo e por estarem sempre prontos a me ajudar.

À Albina, minha sogra, por cuidar de meus filhos nas inúmeras horas que me embrenhei na elaboração deste extenso trabalho.

Ao Ricardo, meu marido, pela paciência e compreensão nestes momentos tão delicados.

Aos professores e funcionários do Departamento de Lutas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, pelo apoio e incentivo.

Aos Funcionários do Curso de Mestrado em Motricidade Humana pela presteza, incentivo e atenção nas informações.

A todos aqueles que de certa maneira contribuíram para a realização deste trabalho.

ÍNDICE

	Página
LISTA DE ANEXOS	vi
LISTA DE FIGURAS	vii
LISTA DE TABELAS	viii
RESUMO	ix
ABSTRACT	x
CAPÍTULO I - O PROBLEMA	
Introdução.....	01
Formulação da Situação Problema	13
Objetivos do Estudo.....	14
Questões a Investigar.....	14
Importância e Relevância do Estudo.....	15
Delimitação do Estudo.....	16
Pressupostos teóricos da Motricidade Humana.....	17
Procedimentos Metodológicos.....	22
CAPÍTULO II - APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS	
A Evolução da Esgrima no Mundo.....	24
A Evolução da Esgrima no Brasil.....	46
Influências das Escolas de Ginástica: Alemã, Sueca e Francesa.....	63
Currículo - breve histórico.....	71
A Esgrima na Escola Nacional de Educação Física e Desportos.....	78
A Esgrima e seu Valor Educacional.....	94
CAPÍTULO III - CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES.....	104
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	108
ANEXOS	119

LISTA DE ANEXOS

Anexos	Página
1. Relatório do Prof. Alberto Latorre de Faria	119
2. Legislação da Educação Física / desportos	123
3. Decreto-lei n. 1.212 - criação da ENEFD	126

LISTA DE FIGURAS

Figuras	Página
1. Esgrima Desportiva - Florete.....	138
2. Esgrima Desportiva - Espada.....	140
3. Esgrima Desportiva - Sabre.....	142
4. Esgrima de Baioneta.....	144
5. Esgrima de Lança a Pé e a Cavallo.....	146
6. Esgrima a Cavallo.....	149
7. Uniforme que era utilizado pela esgrima feminina.....	151
8. Quadro do pintor francês Emile Bayard (1837-1891) intitulado "Affaire d'honneur".....	153
9. Quadro do pintor francês Emile Bayard (1837-1891) intitulado "Reconciliation".....	155
10. Cartaz de divulgação da esgrima dos Jogos Olímpicos de Paris - 1900.....	157
11. Alguns Mestres de renome	159
12. Prova de esgrima - 1 ^{os} Jogos Olímpicos	165

LISTA DE TABELAS

Tabelas	Página
1. Clubes civis e militares do Rio de Janeiro onde se praticava esgrima desde 1868 (Períodos estimados a partir de: registros da CBE, resultados de competição e comunicação pessoal).....	167
2. Resultados de atletas brasileiros em Campeonatos Sul Americanos.....	169
3. Resultados de atletas brasileiros em Campeonatos Pan Americanos.....	173
4. Os três melhores resultados nos Campeonatos Brasileiros, a partir do primeiro, realizado em 1928...	176

RESUMO

Entendendo que a construção histórica de um país se dá através da compreensão e interação de seus vários segmentos, inclusive das práticas esportivas e educacionais desenvolvidas, levando em consideração a estrutura sócio cultural de uma época, esta pesquisa teve como objetivo, compreender, através do levantamento das dificuldades e influências sociais, culturais e educacionais sofridas pela esgrima, a sua inserção no currículo da Escola Nacional de Educação Física e Desportos, bem como substanciar dados para uma possível construção da história da Esgrima Nacional em seus vários campos de atuação. A questão central se deu em identificar porque a esgrima não ampliou sua inserção nas diversas Escolas de Educação Física do país, construindo assim, diferente do meio militar, sua própria concepção didático pedagógica a fim de formar professores de Educação Física com conhecimentos básicos necessários para o desenvolvimento do esporte. A hipótese é que a esgrima, por ter sido por muito tempo confinado em sua maior parte aos estabelecimentos e ensino militar, tendo sido encarado com fins educativos, de combate e desportivo centrados na vida militar, não tenha se ampliado para o meio civil. E, uma outra suposição seria que a ausência do intercâmbio de mestres d'armas internacionais teria dificultado a transmissão de conhecimentos didático-pedagógicos e técnico-táticos, atualizados e de qualidade, com sistematização, metodologias e estratégias adequadas ao ensino da Esgrima, visando aprimoramento e atualização de nossos técnicos, professores de Educação Física e alunos das Escolas de Educação Física. O Rio de Janeiro foi escolhido para coleta da maior parte dos dados, devido a sua importância no cenário nacional da época, já que era sede do governo e principal porto de entrada do país, e, onde mais tarde surge a primeira escola de nível superior de formação de professores na educação física brasileira (ENEFD) ligada a uma Universidade (Universidade do Brasil). O presente estudo trata de uma pesquisa histórica/descritiva e de análise de conteúdo, onde foram utilizados diversas fontes como: periódicos, registros documentais, atas, decretos, memórias fotográficas, recortes de jornais, recolhidas de arquivos pessoais, comunicação pessoal, diversos autores, arquivos de instituições e entidades.

UNITERMOS: currículo; educação física; escola nacional de educação física e desportos; esgrima; história da educação física; história do esporte; história do Rio de Janeiro.

ABSTRACT

Understanding that the historical construction of a country occurs through the comprehension and interaction of its several segments, besides the developed sporting and educating practices, taking into consideration the sociocultural structure of a period of time, this research had as objective to understand, through the study of the difficulties and the social, cultural and educational influences suffered by the fencing, its insertion in the curriculum of the Escola Nacional de Educação Física e Desportos, as well as substantiating facts for a possible construction of the history of the National Fencing in its several segments. The central subject was to identify why the fencing did not extend its insertion in the several schools of physical education of the country, thus constructing, different from the military ways, its proper pedagogical didactic conception in order to form professors of Physical Education with necessary basic knowledge for the development of the sport. The assumption is that fencing, for having been practiced for a long time in most of the military academies, was faced as an educational, battle and sport purpose, centered in the military life, did not extend to civil life. Another assumption would be that the lack of interchange of international masters' of weapons did not allow the transmission of didactic-pedagogical and technician-tacticians knowledge, up to date and of quality, with systematization, adequate methodologies and strategies to the teaching of the Fencing, aiming at improvement and the update of ours technician, professors and students of Physical Education. Rio de Janeiro was chosen for collection of the biggest part of facts due to its importance in the national scenery of the epoch, since it was the government's headquarters and main port of entrance of the Country, and where later appears the first Brazilian superior school of formation of Physical Education professors (ENEFD), linked to a University (Universidade do Brasil). The present study is based on a historical/descriptive research and a content analysis, where several sources have been consulted such as: periodic, documentary registers, registers, decrees, photographic memories, clippings of periodicals, retractions of personal archives, personal communication, several authors and files of institutions and entities.

UNITERMOS: curriculum; physical education; national physical and sports school; fencing; history of the physical education; history of the sport; history of Rio de Janeiro.

CAPÍTULO I

O PROBLEMA

Introdução

No início dos tempos o homem precisava defender-se e proteger-se contra todo tipo de agressões e agressores na luta pela sobrevivência. Desse embate constante para alimentar-se, defender-se e reproduzir-se, em que os fortes abatiam os animais e seus semelhantes mais fracos, com intencionalidade em suas condutas e comportamento motores, nasceu naturalmente o imperativo de aumentar os recursos naturais de ataque e defesa, e com ela a esgrima. Parise (1889), em seu Trattato teorico e pratico della scherma di spada e di sciabola, define a Esgrima como *"a expressão do instintò que existe no homem de orientar os movimentos do seu corpo e de qualquer arma que tenha na mão, do modo que lhe parecer mais eficaz, para defender-se de quem o ataque e vencê-lo"*.

Como eram dotados de fraca inteligência, o seu armamento era muito rudimentar, limitando tão somente à brutalidade de sua força muscular. Constata-se tal fato no material de História da Esgrima, da Escola de Educação Física do Exército - EsEFEx (sem data), onde nos mostra que com o passar dos tempos, a inteligência do homem evoluiu e a brutalidade até então empregada foi substituída pelo uso de armamentos perfurantes, que ocasionavam maior mal com o menor esforço muscular.

A necessidade de viver, aguçado pelo instinto de preservação, fez com que os mais fracos procurassem por um treinamento instintivo, o natural manejo das armas, adquirindo uma habilidade tal que a superioridade física fosse suplantada pelo mais ágil e adestrado, deixando de ser a vitória uma prerrogativa do mais forte.

Como classificar esse movimento do Ser Humano: Motilidade ou Motricidade? Quando nascemos, passamos a fazer e exprimir gestos instintivos a fim de assegurar nossa sobrevivência, com fins puramente gestuais, ligados a nossa composição genética. "Estas ações corporais se remetem ao "estado" determinado geneticamente, sendo similar para todos os seres vivos". (Cao e Aza, 1993) Podendo ser pensada como a motilidade.

Na medida em que o homem vai crescendo e se educando, interagindo com a sociedade e o ambiente que o cerca, logo, deixando a condição de homídeo, passando a humanizado, vai dando conta do seu corpo, gerando autonomia, e transformando-se em um Ser

Social com intencionalidades dentro de uma circunstância sócio cultural em que está inserido. "É a hora em que a motricidade se perfila como diferente do movimento animal". (Cao e Aza, 1993)

Segundo Fonseca (1988), a motricidade é o resultado da experiência acumulada pela humanidade ao longo da sua história social.

Evidenciando que o homem passa a utilizar o corpo a fim de se manifestar, e "suas manifestações são parte desse corpo", Damasio apud Cao e Aza (1993), levando-nos a entender a diferença do movimento de um corpo biológico e a plasticidade de um corpo em processo de amadurecimento humanístico.

A esse processo de transformação e adaptação está ligado o movimento/ação, onde o Ser vai adaptando-se e assimilando, o qual remete ao desenvolvimento de seu estilo motor, e que por ser motor reflete ação e como diz Cunha (1981?):

"O desenvolvimento motor tem por lógica a lógica da ação, não havendo por isso atividade humana que possa sobreviver sem o fenômeno complexo da motricidade. É pelo esquema corporal que a criança adquire consciência de si mesma; é pelo movimento, dentro das coordenadas espaço-temporais, que o ser humano se relaciona e satisfaz as suas necessidades, enfim, o movimento está presente na passagem, dentro de cada um de nós, do autismo e do egocentrismo para a consciência social. E Piaget não se perturba ao concluir que a fonte de todo o progresso intelectual reside na ação".

Para que haja movimento, precisamos do corpo. E, sendo o corpo intermediário entre o mundo interior e exterior, diz Cunha (1981?), que ele surge, por mais inexpressivo que seja, como a expressão da nossa personalidade e que o modo como utilizamos o corpo não difere do nosso modo de ser. Logo, o Homem é um Ser que se traduz pela sua presença corporal e tudo que nele existe de bom ou de mau, de belo ou de grotesco, tudo o que nele provoca repulsa ou atração - é o corpo a manifestá-lo.

Como Assmann (1994), já afirmava que temos dificuldade em sermos corpos porque já nos convenceram, de mil maneiras, que temos tal ou qual corpo. Corpo este, que ao longo dos tempos representou vários papéis, como elucida Moreira (1995) em *o corpo pre'sente*, quando fala das metáforas do corpo, denominando as várias interpretações de corpo:

Corpos dóceis - onde o corpo é utilizado como objeto e como alvo do poder. "Objeto do poder porque ele poderia ser manipulado, modelado, treinado, e alvo porque ele poderia se tornar hábil, economizando forças para o trabalho necessário". Foucault apud Moreira (1995)

Corpo jardim fechado - aquele que é sacralizado, que tem sua existência separada de sua essência, pois vive em função do desenvolvimento do espírito. É um corpo que não pode possuir desejos, pois estes dificultam a caminhada da santificação espiritual.

Corpo ajustável ao que se precisa - que segundo Assmann apud Moreira (1995), é um corpo dotado de plasticidade, moldeabilidade, elasticidade. Este corpo, já há algum tempo, presta-se ao serviço e é força de trabalho, é um corpo útil que se destina a cumprir funções regulares no mercado de trabalho. Na nossa área temos o corpo atleta, que é utilizado em nome do rendimento ou da performance, ajustando-se para a vitória.

Corpo asceta-indiferente - em que as relações corporais, por não apresentarem significado, perdem significância. Abrimos constantemente janelas para fora, mas no entanto deixamos fechadas as janelas para dentro, não conseguindo identificar as necessidades do próprio corpo e dos corpos que estão ao nosso lado.

Corpo presente-presente - através da qual nossa ação na motricidade humana e na educação motora deverá sofrer modificações pelo estabelecimento de novos pressupostos.

Respeitar o corpo presente-presente na produção epistemológica em motricidade é lembrar: que o acesso a uma concepção global do homem só se dará por meio do corpo, pois este possui uma expressão que dialoga e faz comunicar-se com outros corpos; que o corpo revela uma personalidade e ao mesmo tempo uma cultura que se entrelaçam no estabelecimento de uma sociedade; que o corpo não pode continuar sendo encarado como simples habitação do espírito, pois sem ele o espírito não se concebe; que as atividades corporais, por meio do jogo e do esporte, devem exercitar a criatividade, a liberdade, a alegria e o bem-estar.

Respeitar o corpo presente-presente é trabalhar diariamente a educação motora do indivíduo, dando-o condições de refletir sobre seu corpo, sobre este corpo em relação aos outros corpos e o meio ambiente, facilitando o surgimento de uma cultura corporal onde se desenvolverá a consciência do corpo que possui e de sua interação a tudo e a todos que o cercam, bem como de suas necessidades e desejos. Como diz Moreira (1995):

"Assumir o corpo presente-presente é comprometer-se com a motricidade e com a educação motora, questionando os atuais paradigmas em ciência e em educação, ousando ir a frente, trilhando incertezas, mas seguro no caminhar calçado pelo ato de refletir criticamente".

Essas metáforas nos possibilitam interpretar a corporeidade sobre vários aspectos e intencionalidades colocando sempre o ser do Homem utilizando seu corpo como o foco central de tais abordagens. A corporeidade da existência humana implica em fazer, pensar, saber, sentir, comunicar e querer, competências inerentes ao homem, sujeito cognoscente envolto em uma

rede complexa de intencionalidades, que devem ser constantemente recuperadas, valorizadas e exercitadas em todas as fases da vida, e, ambientes ocupados pelo corpo presente desse Ser.

Modernamente, os avanços das condutas motoras e mais especificamente as propostas da motricidade humana têm-se voltado às questões do homem como ser global que prescinde de um tratamento sob visão mais humana e holística.

As condutas motoras desenvolvidas na prática da esgrima sofreram através da história as mais variadas modificações. De início poderia-se pensar que tais mudanças foram fruto apenas da evolução da sua técnica e dos materiais empregados na sua prática. Todavia, o que se observa é que as mudanças nas práticas humanas nascem de uma rede complexa de causalidades onde atuam em conjunto a época na qual se dá a prática estudada, o conhecimento da época, a função e a importância que tem a prática no período, as mentalidades envolvidas e um sem número mais de fatores. (Le Goff, J. et al., 1978) Juntando-se a essas está a idéia de homem como possuidor de um corpo humano em movimento e não de um corpo descrito ou desenhado pela fisiologia, pela biologia ou anatomia, mas de um corpo que é a materialização da complexidade humana e do fundamento de toda a existência e da própria subjetividade, sendo que pela Ciência da Motricidade Humana, à qual se vinculam todas as condutas motoras, esse homem em movimento alcançará a própria superação.

Os trabalhos existente sobre a história da esgrima no Brasil, embora de grande importância, são, na verdade, esforços de preservação da memória, não havendo a preocupação com uma discussão mais ampla e crítica, sendo muitos deles escrito por antigos praticantes, mestres e/ou apaixonados pela esgrima. Esta maneira de entender a história nos é insuficiente para correta compreensão da trajetória do esporte, no nosso caso, da esgrima, através do tempo e para entender sua Inserção no Currículo da Escola Nacional de Educação Física e Desportos da Universidade do Brasil. Por exemplo, segundo material de História da Esgrima da EsEFEx (sem data), a esgrima moderna vai do séc. XVI, com o surgimento das armas de fogo, até o séc. XVIII, quando é inventada a máscara: nessa época ela era uma prática da nobreza e estava perdendo a sua importância militar e, quanto mais isso acontecia mais uma arte individualista - para resolver querelas pessoais - ela se tornava. A compreensão desse fato só é possível através de uma pesquisa que incorpore ao estudo da evolução da prática, o estudo da sua época, do seu lugar social, das mentalidades envolvidas etc.

De fato, no próprio campo específico da Educação Física/Esporte e na área da História, não se tem utilizado, não só a esgrima, como os outros esportes, como objetos práticos

de estudo, importantes e relevantes para a compreensão e entendimento da construção cultural e histórica da sociedade brasileira.

Na esgrima em particular podemos observar que em vários outros países, diferente do que acontece aqui no Brasil, podem-se encontrar um grande número de trabalhos enfocando o resgate histórico desse esporte nos contextos culturais em que estão inseridos. Mesmo que alguns sejam puramente uma ordenação de fatos, de qualquer maneira isto demonstra a preocupação com a conservação e preservação de sua evolução, trajetória e inserções nos diferentes âmbitos educacionais. Se, tal procedimento e preocupação com a construção histórica do esporte não for levada a sério, e não for posta em prática estratégias para sua realização em tempo, muito de sua memória poderá ficar perdida no passado. Daí a importância da escolha deste tema para este estudo, por não só levar a um entendimento de como se deu a inserção da Esgrima no currículo da Escola Nacional de Educação Física e Desportos, mas também possibilitar um entendimento da construção cultural, histórica e educacional da sociedade brasileira, em que a esgrima estava inserida e, de como o esporte e a atividade física foram inseridos, além de ser uma fonte riquíssima para preservação e construção de uma identidade da esgrima brasileira dentro do esporte nacional e da história da educação física e seus componentes curriculares.

A trajetória da esgrima no Brasil, iniciou-se no século XIX, não sendo claro o momento exato de sua introspeção na cultura brasileira que hora começava a se formar. Muito provavelmente um dos momentos em que podemos notar sua presença é na viagem da corte portuguesa ao Brasil em 1808, tendo em vista indícios da inclusão em sua bagagem de floretes, espadas, sabres e toda indumentária para a prática da esgrima, uma vez que para a nobreza europeia da época, era muito comum e amplamente praticada, mas, por diversos fatores, dentre eles talvez o clima elevado dos trópicos, sua prática não se tornou atraente no novo continente.

Grande parte dos fatos relatados neste trabalho se passa no Rio de Janeiro devido inicialmente a sua importância no cenário nacional dessa época. Como afirma Victor Melo (1999), em sua tese de doutoramento, quando diz que, sendo o Rio de Janeiro:

"(...)sede do governo, a cidade era o principal porto de entrada do País. Pelo Rio de Janeiro chegavam os produtos industrializados e refinados do "mundo civilizado europeu", bem como modas e costumes, novas práticas culturais. Era comum na cidade, entre os membros das elites - principalmente entre os homens - o estudo de língua estrangeira. Alternavam-se francês e alemão entre as línguas mais influentes, embora o inglês estivesse bastante presente no mundo dos negócios.

Eram importados, juntamente com as comidas e perfumes, livros e jornais que sem dúvida tinham grande penetração e influência na cidade. As roupas e penteados franceses eram usuais, com o inevitável atraso característico dos países que importam bens culturais, acrescentado da demora e

dificuldade de chegada de informações, bastante comuns naquele momento. Assim, é possível e provável que o esporte tenha chegado ao Rio de Janeiro entre tais manifestações culturais". (p. 15-16)

E, também, por ser no Rio de Janeiro que é criada a Escola Nacional de Educação Física e Desportos, primeira escola de Educação Física ligada a uma Universidade brasileira.

Nesse meio muito propício para introdução e vinculação de costumes estrangeiros, principalmente de alemães e franceses, várias foram as influências sofridas por esses países. A partir do século XIX as escolas de ginástica, principalmente a alemã, francesa e sueca foram ganhando espaço e encontrando seguidores que as implantaram, e, com elas, segundo Aquino 1939, três aspectos que elas entendiam como sendo básicos de sustentação de seus métodos para preparação do jovem, que eram: desenvolver o físico, o intelectual e a moral. Sob esses três aspectos vários foram os que escreveram indicando a esgrima como a atividade mais completa para desenvolver essas qualidades.

"(...) a esgrima tem a grande vantagem de manter o hábito dos esforços físicos e da energia, de desenvolver a inteligência e o golpe de vista, de exercitar as faculdades morais como também as físicas e de aperfeiçoar em cada cidadão e em cada militar o homem e o combatente. É indispensável desenvolver no esgrimista qualidades físicas como: precisão, velocidade e resistência, como também qualidades morais (e intelectuais) tais como: juízo (discernir sobre a tática e técnica a ser empregada), decisão (para usar o momento oportuno) e vontade (de querer por em prática todos os meios morais e físicos para alcançar a vitória)." (Balancie, 1911:p.8-9)

As missões vindas particularmente da França em diferentes momentos, também trouxeram suas contribuições influenciando com seus métodos de ensino, estratégias militares e práticas desportivas - como por exemplo a esgrima, que na época já era bem organizada e desenvolvida nesse país. Elas foram contratadas pelo exército brasileiro com diferentes objetivos, tais como: educativa em 1907, quando é contratada para ministrar instrução militar a Força Pública de São Paulo e funda uma sala d'armas destinada ao ensino e prática da esgrima, origem da Escola de Educação Física da Força Pública de São Paulo, que em 1909 forma os primeiros mestres de ginástica e de esgrima do país (Marinho, 1980:p.170); reforma militar em 1920, quando é contratada para remodelar e modernizar o exército modificando as estratégias militares (Ministério do Exército, 1998:p.76-77); e esportiva em 1922, quando é contratado o mestre d'armas André Gauthier para preparar a equipe brasileira de esgrima que iria participar do torneio internacional organizado por conta dos festejos comemorativos do centenário da Independência. (História da Esgrima - EsEFEx, sem data:p.41).

A esgrima no Brasil quase sempre foi orientada por amadores nacionais, estrangeiros e alguns mestres de renome internacional, como portugueses, franceses e italianos. Antes da vinda da Corte portuguesa e durante algumas décadas depois, a esgrima, no período colonial, era mais empregada para preparar os encarregados pela defesa das capitanias hereditárias.

A chegada da corte portuguesa traz consigo toda a influência europeia e novas necessidades para a sociedade brasileira como, a escola e a vida nas cidades, provocando uma renovação cultural. Várias mudanças estruturais da sociedade brasileira da época, acompanhadas de uma renovação cultural de influência europeia trazida da corte, tornava a cidade o centro privilegiado dos acontecimentos. Segundo Soares (1994): *"Era lá (na cidade do Rio de Janeiro) que estavam os empreendimentos modernos, as fábricas, as indústrias, as atividades financeiras"*. (p.97)

Nesse novo contexto faz-se necessário a incrementação e organização da Escola, passando a ser valorizada, visto a necessidade de um órgão que pudesse ensinar as crianças e os jovens conforme um novo tipo de educação onde disciplina, tempo e ordem eram elementos fundamentais.

"Neste conjunto, disciplina-tempo-ordem, em que se fundamenta a educação das elites (educação a ser ministrada pelos Colégios), é que ganha espaço a Educação Física, uma vez que o físico disciplinado era uma exigência da nova ordem em formação. Disciplinar o físico, portanto, era o mesmo que disciplinar o espírito, a moral e, assim, contribuir para a construção dessa nova ordem".

(Soares, 1994: p.97)

A Educação Física (que nessa época entendia-se como a prática da ginástica onde se trabalhava o físico) foi utilizada como instrumento, pelos médicos higienistas para se alcançar a plena saúde, e também para prevenção de doenças, aplicando e controlando os bons hábitos sobre a higiene dos indivíduos primeiramente tanto da elite local como da nobreza que hora chegava, como num segundo momento, também das classes populares. Sobre a pouca ou por vezes falta de atividade física, por parte das elites, o médico e jornalista Lacerda (1886) escreve em um capítulo sobre Higiene, do opúsculo Biblioteca do Povo e das Escolas:

"O exercício é indispensável para a conservação da saúde, e é a falta de exercícios que muitas pessoas ricas (grifos nossos), aproveitando-se do privilégio, que podem gozar, de nada fazerem, devem uma grande parte das suas doenças".(p.61)

Para convencer e ganhar credibilidade das famílias de elite, os médicos higienistas se utilizaram de conhecimentos específicos oriundos da biologia, da fisiologia e da anatomia. Eles entendiam que havia a necessidade de preparar o futuro homem da pátria e a mulher que

futuramente geraria os filhos da pátria, e para isso, segundo Soares (1994), era necessário se pregar a "*pedagogia da boa higiene*" (p.91), onde em nome de uma educação física, moral, sexual, intelectual e social, ditavam normas de vida sobre as condutas de homens e mulheres, dos cuidados com os recém-nascidos, do asseio, dos banhos, dos exercícios físicos, chegando até à vestimenta e aos hábitos alimentares.

Lacerda (1886) afirma em sua publicação, que o exercício moderado aumenta a atividade dos órgãos, torna a digestão mais fácil, a circulação mais ativa, a assimilação mais regular e, sob a sua influência, desenvolvem-se os ossos, o peito e os músculos. Ele aconselha a prática da marcha por entender que era o melhor e mais fácil exercício. Para as crianças indica como indispensável e de fácil execução as atividades naturais como: andar, correr, pular e se agitar dentro do que já é inerente de sua fase infantil, provocando, assim, a aceleração da respiração, aumento da energia das forças vitais, desenvolvimento dos órgãos e facilitando o crescimento. Contudo, para que os exercícios e a agitação produzam os seus efeitos salutares, não devem efetuar-se em espaços pequenos, mas preferencialmente em grandes salões ou, melhor ainda, ao ar livre. Para finalizar reforça que de todos os modos de exercício, o que melhor convém a toda a gente é sem contestação a marcha variada, ao ar livre, no campo, nas matas e nos prados, e sobre um terreno ligeiramente acidentado.

Através da prática da ginástica, comum a ambos os sexos e a todas as faixas etárias, era possível trabalhar o corpo como um todo, contribuindo para uma preparação de base, sempre levando-se em consideração as diferenças de faixa etária bem como as características sexuais, particularidades que iriam definir a intensidade e complexidade dos trabalhos físicos desenvolvidos. Mas, de acordo com a filosofia do século XIX de preparar o homem para as lutas pela defesa da pátria, era necessário para o completo trabalho de educação do corpo, atividades físicas específicas que se preocupassem com o desenvolvimento dos órgãos dos sentidos, da força, destreza, agilidade e da resistência. E, reforçando esse pensamento, Rui Barbosa apresenta em sua Reforma do ensino primário e várias instituições complementares da instrução pública de 1883, com relação ao currículo das escolas primárias superiores (que tinham uma duração de 4 anos) e nas demais a seguir, como as escolas normais, a inclusão de atividades físicas complementares à ginástica que denomina de "*exercícios militares*" (p.85) e, que eram específicos do sexo masculino. Para o sexo feminino continuava a prescrição da ginástica, especificamente a calistênica. Nessa mesma obra ele fala ainda sobre a frequência e tempo de duração dessas atividades:

"Os exercícios ginásticos, calistênicos e militares, serão dados em sessões diárias nunca inferiores a 30 minutos, depois das aulas. Cada escola possuirá indispensavelmente, o seu ginásio com os aparelhos precisos.

A ginástica professada será exclusivamente a ginástica higiênica e educativa, sem caráter acrobático". (Rui Barbosa, 1883 ; p.85)

Sobre essas atividades complementares, Souza (1994) cita que:

"(...) para os meninos foram indicados: salto, carreira, natação, equitação e esgrima (grifo nosso). E para as meninas: canto, declamação e piano. Dança foi uma atividade que foi indicada tanto para meninos como para meninas".(p.98)

Vários autores, principalmente médicos, começaram a escrever sobre a importância da realização periódica de exercícios ginásticos e principalmente, o qual já era uma grande preocupação da época, sobre a intensidade e a quantidade do trabalho desenvolvido, orientando para que os exercícios fossem o mais proveitosos possível, não os conduzindo de uma maneira nem muito violenta (preferindo os mais moderados), nem muito cansativo (para não se tornar uma atividade muito enfadonha), nem muito duradouro (idem), etc, por conta do risco de lesões e de os praticantes acabarem por abandonar suas práticas.

Como um desses autores cito Sarmento (1858) onde fala sobre colégios que ensinam exercícios ginásticos tão mal orientados que por fim fazem mais mal do que bem.

Esse mesmo autor segue ainda falando na mesma obra sobre um dos exercícios ginásticos que ele considera como de intensidade moderada e portanto classifica como muito útil dizendo que ao mesmo tempo é *"saudável e verdadeira prenda"*:

"Deste número (de exercícios) é o jogo de Florete e da Espada, o qual dá muita flexibilidade a todos os principais músculos do corpo, tornando-o elegante, ágil e forte.

É erro supor que a esgrima fazonêa o espírito de rixa e torna sanguinário o homem, porque o conhecimento desta arte, tão útil a própria defesa, posto que aumenta a nossa firmeza, e confiança nos passos difíceis e lances perigosos em que nos possamos achar, não faz com que deixemos de ter índole pacata e boa. Sucede exatamente o contrário, e assim deve de ser, porque uma escola de esgrima, bem regulada e bem dirigida, é uma aula de cortesia e de urbanidade, e conseqüentemente um lugar muito azado para adquirir-se afabilidade, maneiras delicadas e cavalheirismo." (p.91)

O bacharel Luís Carlos Moniz Barreto publica em Lisboa, já no ano de 1787, em seu Tratado de Educação Física e Moral, citado por Marinho (1952b:p.85), a necessidade da Educação Física praticada desde o berço, especificando o trabalho que seria recomendado a cada faixa etária que ele dividiu em cinco grupos: *"do nascimento até os 4 anos, dos 4 anos até aos 10 anos, dos 10 anos até os 12 anos, dos 12 anos até os 18 anos e dos 18 anos até os 20 anos"*.

Sobre a esgrima, aconselha os trabalhos preliminares de flexibilidade na esgrima para o período de 4 a 10 anos e a prática corrente da esgrima e da equitação dos 18 aos 20 anos.

Na verdade, o trabalho físico desenvolvido particularmente com as crianças e jovens da elite, acentuava-lhes de certa maneira posturas narcisistas e individualistas, exacerbando-lhes as preocupações com a saúde física, uma vez que, segundo Soares (1994):

"a escola elementar ainda era restrita aos filhos das elites, ... (não oportunizando as classes populares terem o mesmo tipo de educação e,) não se haviam (ainda) estabelecido as bases de organização e construção de uma escola secundária, que buscasse objetivos não exclusivamente direcionados para a preparação ao ingresso no ensino superior". (p.101)

Soma-se ainda, para acentuar essa postura, a formação de um distintivo de classe burguês, devido as finalidades pretendidas com a prática dos exercícios físicos de tipo específico, tais como: a natação, a esgrima, a equitação, o canto, a dança e o piano.

Conforme observa Costa (1983), fazer crer que estes exercícios"(...) eram benéficos ao desenvolvimento físico, foi a maneira de tornar conformes à natureza os sinais de classe da burguesia. A educação higiênica, mediante essa manobra, procurava fazer com que as crianças aprendessem a retirar do comportamento social burguês benefícios físicos." (p.37)

Será que essas atividades complementares dirigidas aos meninos, que tinham, supostamente por finalidade, de acordo com a filosofia da época, prepará-los para servir a sua pátria, se assim o fosse necessário, realmente os preparavam? Será que eram bem administradas, tendo seus instrutores conhecimentos didáticos-pedagógicos suficientes e coerentes para seu ensino? E os meninos que não recebiam essa instrução, como eram preparados?

O que poderíamos muito provavelmente observar seriam os jovens, quando chamados para os campos de batalha, não estarem preparados para suportar o treinamento e trabalho físico que lhes era imposto pelos militares, visando transformá-lo em um soldado apto fisicamente para a guerra, sendo necessário vários meses para prepará-lo. Quantos soldados no meio de uma batalha se afogam quando tem que atravessar rios por não dominarem os fundamentos da natação. E, da mesma forma, quantos jovens morrem nos confrontos sangrentos atravessados pelas lâminas adversárias por não dominarem igualmente a prática da esgrima.

Bem, não queremos aqui fazer a apologia à servidão ao Estado e nem indicar a Educação Física com esses fins utilitários, mas se havia uma preocupação nesse século XIX em preparar o jovem para as lutas pela pátria através da atividade física e dos esportes, medidas e estratégias deveriam ter sido tomadas e posta em prática a fim de garantir que a preparação de base (a ginástica) e os exercícios ditos militares como a natação, a esgrima e a equitação,

principalmente no meio civil, alcançasse seu objetivo de promover o desenvolvimento corporal, atingindo o propósito para que esses jovens ingressassem no serviço militar mais preparados e, só se fazer necessário então, para complementação do treinamento, a preparação específica de guerra, que tomaria bem menos tempo e encontraria jovens mais fortes e mais bem preparados, e a Educação Física e os esportes envolvidos, apesar de estarem sendo utilizados com outros objetivos, estariam de alguma forma tirando proveito para seu desenvolvimento.

Reforçando nosso pensamento, não queremos dizer com isso que é com essa finalidade que a Educação Física, a atividade física nas Escolas e os esportes deveriam se constituir, e nem que eles por si só já não se constituem de importância para se desenvolver, mas sua aplicação mesmo que por esses meios, seria um bom começo para a propagação, valorização e massificação da prática da ginástica, e de esportes como a esgrima.

Marinho (1945) em seu trabalho sobre o Papel da Educação Física na preparação Militar, tem a preocupação com a preparação física auxiliando outras áreas, apesar de quase um século depois, mas que muito bem se encaixa neste momento:

"Se uma guerra nos é imposta, se necessitamos defender a integridade do solo pátrio, se precisamos defender a ilibada honra nacional ultrajada por um inimigo forte, que disponha de bons soldados, precisaremos, por certo, de homens fortes, de soldados excelentes. E esses não poderão improvisar em seis meses ou em um ano, porque só podem ser o produto de fatores, cujas exigências foram atendidas no momento devido, isto é, com a necessária e indispensável antecedência". (p.9)

Podemos observar que a esgrima sendo uma das atividades complementares indicadas para os meninos, mesmo contendo em sua prática objetivos de preparação para o serviço militar, vai começar a ter um novo rumo, passando a figurar como atividade educativa também no meio civil, quando até então sua prática só se restringia aos estabelecimentos militares. A indicação dessas atividades físicas específicas e inclusão delas nos programas de instrução da época, faz com que um grande número de meninos se envolvam com a sua prática.

Segundo Marinho (1959), após a proclamação da independência, a natação, a esgrima e a equitação, além claro da ginástica, eram as principais atividades físicas praticadas, principalmente nos estabelecimentos militares.

Mas essa condição, não garantiu a esgrima uma hegemonia esportiva nem educacional na época, e, nem um desenvolvimento crescente que a elevasse rapidamente a um esporte organizado e estruturado como se poderia pensar. Pelo contrário, ela demora muito tempo a se desvencilhar de seus objetivos militares - de preparação para o combate e com fins educativos - até poder se projetar quanto esporte de competição e se ampliar quanto disciplina de

formação em algumas Escolas de Educação Física do País. Aliás, é através do meio militar e por sua influência, que a Esgrima é introduzida desde o início, no currículo da Escola Nacional de Educação Física e Desportos, primeira Escola de nível superior ligada a uma Universidade (a Universidade do Brasil), criada em 1939 para ser a Escola Padrão na formação em Educação Física no Brasil.

Diante destes problemas várias foram as dificuldades encontradas por aqueles que de alguma maneira estiveram ligados a esta prática milenar e que tão nova parecia aos brasileiros. E, nesse caminho longo que perpassa por diversas dificuldades, este estudo tem como objetivo específico, levanta-las na tentativa de se fazer uma correlação e uma compreensão mediante o contexto social, cultural e educacional brasileiro em voga na época, procurando entender como se dá seu desenvolvimento e sua trajetória ao longo do tempo. O que vai nos possibilitar compreender sua inserção na Escola Nacional de Educação Física e Desportos da então Universidade do Brasil, substanciando dados para construção de uma história da Esgrima Nacional em seus vários campos de atuação. Sendo este o objetivo geral do presente trabalho.

A questão central a investigar é que a esgrima, por ter sido por muito tempo confinado em sua maior parte aos estabelecimentos e ensino militar, e tendo sido encarado com fins educativos e de combate centrados na vida militar, não tenha se ampliado para o meio civil aonde deveria se organizar a fim de possibilitar sua inserção nas diversas Escolas de Educação Física do País, construindo sua própria concepção didática pedagógica visando formar professores de educação física com conhecimentos básicos necessários para o desenvolvimento do esporte. O que percebemos, na Esgrima, em diversos momentos de sua trajetória, é a carência de pessoas qualificadas e de formação acadêmica satisfatória, para o desenvolvimento dessa prática.

E para complementar, uma outra suposição que provavelmente contribuiu para o meu problema foi o pequeno número de intercâmbio, e porque não se dizer até em grande ausência, devido aos longos períodos, sem a presença de mestres d'armas Internacionais qualificados e atualizados com o que vinha acontecendo na esgrima mundial. A possibilidade de contato com esses mestres, poderiam estar trazendo e transmitindo conhecimentos técnicos e táticos atuais e de boa qualidade, com sistematização, metodologias e estratégias adequadas ao ensino da Esgrima, objetivando o aprimoramento de nossos técnicos, professores de Educação Física e alunos das Escolas de Educação Física.

Formulação da Situação Problema

A esgrima brasileira restrita primeiramente aos quartéis e escolas militares foi ganhando espaço e admiradores no campo civil, onde foram criadas, em clubes, salas apropriadas para sua prática. Mais tarde organiza-se em Federações e cria-se uma Confederação própria para gerir a esgrima brasileira.

O interesse pela sua prática aumenta e hoje é praticada por muitos adeptos em vários estados do Brasil, tais como: Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Brasília. Mas nem sempre foi assim. Várias fases distintas marcaram a esgrima brasileira, influenciadas pelas transformações e manifestações culturais em voga nos determinados momentos, bem como pelas condições sócio-econômicas que fora constituída e modificada de acordo com a necessidade de cada período.

Algumas Universidades do país, dentre elas a Universidade Federal do Rio Grande do Sul e a Universidade Federal de Santa Catarina, tiveram a disciplina Esgrima nos currículos de suas Escolas de Educação Física. Hoje em vez de termos esse universo ampliado, o que se vê é a redução desse oferecimento, restringindo-se apenas aquela que foi a primeira a oferecê-la - a Escola de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

A partir da chegada da família real portuguesa, gradativamente começou-se um processo de busca de identificação com os países do "mundo civilizado europeu". Preconiza-se a necessidade de se "civilizar o Brasil", tornando-o "moderno" e aceito no rol das grandes nações do mundo.

Tal processo, sem dúvida, trouxe mudanças significativas para o cenário social, cultural e educacional brasileiro. Nesse contexto, o esporte encontra terreno fértil e grandes possibilidades de se estabelecer no país nas diferentes áreas, trazendo mudanças que vão influenciar por muitos anos, o meio militar e civil. Levantando tais mudanças é que tentaremos compreender, a partir deste estudo, como se dá a construção histórica da esgrima e sua inserção no currículo da Escola Nacional de Educação Física e Desportos.

Objetivos do Estudo

GERAL

O presente estudo tem como objetivo geral, investigar a trajetória histórica da Esgrima e sua inserção no currículo da Escola Nacional de Educação Física e Desportos.

ESPECÍFICOS

Além disso, tem o presente estudo como objetivos específicos:

1. Levantar dados sobre a Esgrima como componente curricular na Escola nacional de Educação Física e Desportos;
2. Levantar dados sobre a trajetória da Esgrima no Brasil;
3. Identificar as dificuldades e influências sociais, culturais e educacionais sofridas pela esgrima;
4. Substanciar dados para uma possível construção da história da Esgrima Nacional em seus vários campos de atuação.

Questões a Investigar

O presente estudo tem por objetivo investigar a inserção da Esgrima no Currículo da Escola Nacional de Educação Física e Desportos.

Para cumprir a finalidade da pesquisa foram formuladas as seguintes questões:

1. Quais foram os principais fatos que marcaram o crescimento e desenvolvimento da Esgrima no campo esportivo e educacional, ao longo de sua trajetória ?
2. Quais foram as dificuldades encontradas pela Esgrima, ao longo de sua trajetória, para se consolidar e sobreviver quanto esporte e disciplina curricular?
3. Quais foram as influências sofridas pela Esgrima, levando em consideração o contexto social, cultural e educacional em que ela estava inserida ?
4. Quando e com que propósito a Esgrima foi inserida como disciplina curricular na Escola Nacional de Educação Física e Desportos?

5. Quais foram os professores responsáveis pela disciplina na ENEFD e em que períodos ela foi ministrada?

Importância e a Relevância do Estudo

O Brasil é um país que não tem tradição na produção de trabalhos científicos históricos na área da Educação Física e dos Esportes, bem como da preservação de seu passado, podendo se verificar esse fato no número reduzido de trabalhos dessa natureza em dissertações, teses, e monografias de final de curso, além de trabalhos em congressos, artigos em periódicos, livros, entre outros. De uma maneira geral são poucas as iniciativas de desenvolvimento de pesquisas utilizando o esporte, representado por suas condutas e comportamentos motores, como objeto prático para estudos históricos, diferente de outros países em que já se tem grande quantidade de produções com esse objeto prático de estudo e um espaço significativo nessa área de conhecimento.

Mas, já se vê nos últimos anos, sinais e intenções de se melhorar esse quadro, quando observamos profissionais de Educação Física se empenhando em produzir nessa área e realizar trabalhos científicos com objetivos à reconstrução histórica de diversos esportes, apresentando-os inclusive em Congresso próprio, o Congresso Brasileiro de História do Esporte, Lazer e Educação Física.

Essas iniciativas demonstram como tais preocupações cresceram, mas, na verdade, grande parte dos estudos recentes ligados à História do Esporte são relacionados ao futebol, provavelmente devido a dimensão que ocupa na cultura brasileira, ficando as outras modalidades em segundo plano ou simplesmente esquecidas.

No esporte esgrima a situação não é diferente, pois como já foi mencionado, essa é uma tendência nacional. Mas, no esporte em questão a situação é grave, pois é grande a escassez de material consultivo-histórico no Brasil. Muito pouco foi documentado de sua trajetória histórica brasileira, e as poucas referências que temos se prendem a uma mera transcrição de fatos, sem uma discussão mais ampla e crítica, não se preocupando com o contexto social cultural, e educacional que o gerou e que estava a sua volta, onde só assim se poderia fazer uma compreensão de sua evolução com todos os fatores intrínsecos e extrínsecos que o mantiveram em estagnação por grandes lapsos de tempo.

Portanto, no presente estudo, ao buscar compreender em sua trajetória histórica, as dificuldades sofridas pela esgrima e sua inserção, desenvolvimento e consolidação quanto disciplina curricular e como esporte, poderemos encontrar evidências para repensar as atuais dimensões de sua prática nas várias áreas, desportiva e educacional, da sociedade brasileira, bem como propor alternativas para seu desenvolvimento.

Logo, se faz necessário incentivos para a produção de trabalhos históricos dessa natureza a fim de minimizar essas carências, que observamos não só na esgrima, mas também em outras modalidades esportivas, possibilitando assim contribuir para a construção de uma identidade da esgrima brasileira, que é objeto prático de estudo deste trabalho em particular, dentro do esporte nacional.

A própria escolha da Escola Nacional de Educação Física e Desportos, se justifica por sua possível importância no cenário nacional, e que por si só e pela estrutura que representa merece ser resguardada. Essa instituição passou por diversas modificações estruturais, decorrentes dos diversos papéis que representou ao longo da história, e as correlações de poder que se estabeleceram em seu cotidiano muitas vezes determinaram caminhos polêmicos. A ENEFD é um patrimônio cultural da educação física brasileira, construído com o esforço de muitas pessoas e carrega em si parte de nossa memória.

Logo, se acredita que sua história se prestará a ampliar a riqueza de compreensões acerca da prática da esgrima, dentre outras que lá eram desenvolvidas e da constituição histórica de nossa área de estudos, além de sua importância ainda não ter sido plenamente identificada e discutida.

Delimitação do Estudo

O presente estudo se limitou a pesquisar a inserção da esgrima no currículo da Escola Nacional de Educação Física e Desportos da Universidade do Brasil, a partir de sua inauguração em 1939 até 1974, quando se constata uma interrupção do oferecimento da disciplina por conta do falecimento do professor responsável, só voltando a ser oferecida em 1985 pela então contratação de uma nova professora. O presente estudo também se limitou a pesquisar a trajetória da Esgrima no Rio de Janeiro, em seus diferentes períodos Colonial, Imperial e Republicano, muito embora, como não poderia deixar de ser, abordou fatos de uma maneira generalizada, extensivos a outras localidades, por ser o mais coerente.

A escolha do Rio de Janeiro se deu por sua importância no cenário nacional da época, já que era sede do governo e principal porto de entrada do País, e por sediar, mais tarde, a primeira Escola Nacional de Educação Física de nível superior ligada a uma Universidade (a Universidade do Brasil), que foi criada para ser a Escola Padrão em Educação Física do país, e que, já na sua implantação continha a disciplina Esgrima como componente curricular na formação de seus alunos.

Pressupostos Teóricos da Motricidade Humana

A Motricidade Humana surgiu como um paradigma emergente da ciência da Motricidade Humana. Segundo Cunha (1986):

"(...) a motricidade humana constitui o indispensável espaço para investigação quanto a compreensão dos fenômenos humanos relacionados a tudo que se refere ao corpo (corpo memória, corpo profecia, corpo estrutura ao corpo conduta, corpo razão ao corpo emoção, corpo natural ao corpo cultural, corpo lúdico ao corpo produtivo, corpo normal ao corpo com necessidades especiais), contrapondo-a a anterior abordagem corporal que enfatizava o desenvolvimento das faculdades físicas do indivíduo centrando seus estudos exclusivamente nas ciências do desporto (...) faz da motricidade uma característica do corpo-próprio. Corolário: Não se pode falar de motricidade, sem decifrar nela o corpo. A motricidade humana, como intencionalidade operante, é a superior expressão do corpo (...) pois o homem é portador de sentido, daí a sua intencionalidade operante, ou motricidade."

Ele assume um conceito de percepção onde perceber é tornar presente qualquer coisa com a ajuda do corpo e acrescenta *"eu não estou diante de meu corpo, estou no meu corpo, ou melhor, sou o meu corpo"*. Isso nos leva a constatar a importância da Motricidade Humana para uma nova Educação Física.

O corpo não é apenas um objeto estático, passível de ser estudado por meio de suas partes. E, não pode ser considerado como máquina, nem tão pouco corresponder somente ao que a fisiologia, a anatomia e a biologia prescrevem. Ele não está imóvel, se movimenta e é o meio expressivo do Ser do homem nas suas possibilidades. Daí ser necessário, o seu ente estar presente no mundo, e se interrelacionar com ele, interpretando tudo a sua volta. A sua essencialidade é olhá-lo como um Ser cheio de intencionalidades onde seu corpo é a materialização da complexidade humana e o fundamento da existência e da sua subjetividade.

Cunha (1999) diz que:

"O essencial na Motricidade Humana é a experiência originária, donde emerge também a história das condutas do sujeito, dado que não há experiência vivida sem a intersubjectividade que a práxis supõe. O ser humano está todo na motricidade, numa contínua abertura à realidade mais radical da vida. E não só a motricidade assume assim um carácter fundador, como dela e nela nasce uma ontologia nova, onde o que mais importa não são as performances de ordem físico-desportiva, mas o que se é, numa cumplicidade primordial com a minha própria ontogénese, como ente que se faz e se renova quer individual, quer social e politicamente." (p.66)

Merleau-Ponty (1994) conceitua Motricidade, como um modo de ser da corporeidade, aquele em que a percepção não se limita a abranger o instante da duração de aqui e agora e alarga-se à dimensão inteira da temporalidade. E, ainda acrescenta que *"a motricidade é conceituada como vocação e provocação equivalente ao ser e o ter do desenvolvimento, no estado da arte e do desenvolvimento motor e cognitivo"*.

Como expressão da revolução do pensamento francês, Le Boulch (1987) afirma que a *"ciência do movimento consiste em considerar o corpo como unidade, como totalidade primordial e o movimento como um dado, e, é esta significação que define a sua estrutura. (...) Daí o movimento humano deve partir da existência corporal como totalidade e como unidade. Assim a Ciência do movimento consistirá em apreendê-la como um dado imediato e em considerar o corpo como unidade, como totalidade primordial."* E acrescenta que *"é necessário que se tenha como ponto de partida desde os gestos do corpo, manifestação da presença no mundo, para logo encontrar sob esta simplicidade aparente, entregue pela experiência imediata, toda a complexidade real dos fenómenos"*. (p. 236)

A Motricidade Humana procura um sentido unificador da compreensão do seu objeto de estudo, neste caso o movimento humano, e, em última análise, do Homem. A busca de uma compreensão da Motricidade Humana, só se dará através do discurso e da investigação, onde só o tempo lhe dará consistência e coerência.

Quanto à concepção de aprendizagem, Le Boulche (1987) declara ainda que:

"(...) esta repousa no desenvolvimento da disponibilidade corporal pela utilização da interiorização unificante e estruturante, que permite estabelecer relações entre os fenómenos motores, intelectuais e afetivos. Ela supõe o relacionamento constante de elementos de informação com os esquemas motores, não por um mecanismo de condicionamento mas por uma educação perspectiva voltada ao mesmo tempo para as informações externas e proprioceptivas. (...) a aprendizagem assim concebida não faz apenas do corpo um instrumento da relação, mas é um fator de maturação nervosa, tónico-emocional e afetiva, permitindo à pessoa expressar-se entre a função prática do movimento e sua função expressiva." (p.248)

Na questão da dualidade, Feijó (1992) apresenta à comunidade científica a proposição quanto à corpo-mente. Bipolaridade do contínuo energético na qual considera o ser humano como parte da realidade cósmica. Quanto ao humano não pode descrever como tendo energia, mas que precisa ser incluído na abrangência do contínuo energético.

A motricidade Humana, termo que aproximadamente duas décadas atrás fora introduzido na literatura do campo teórico, diretamente ligado à área da Educação Física, justamente no momento em que essa se encontrava em crise de identidade, por inadequação do termo que já não corresponde mais a abrangência de campo e pela necessidade de estudos para subsidiar a adesão de nova terminologia que viesse a contemplar as necessidades da área, tendo em vista a melhoria da relação entre o movimento do homem, a natureza e a sociedade contemporânea.

A legalidade das mudanças ocorrentes na motricidade humana, parte, segundo Cunha (1989), daquilo que ele designa por:

"leis em constantes tendências interferentes na criação e na expressão do comportamento motor: lei do reflexo, lei do gênero, lei do gênio. A lei do reflexo estabelece a historicidade da Motricidade em que se refletem um tempo e um espaço sócio-culturalmente impregnados. A lei do gênero estabelece as formas em que a motricidade se apresenta, como conduta motora dúvida, laboral e mista, ao corporalizar no homem a respectiva cultura. A lei do gênero estabelece a condição permanente de projeto da subjetividade humana." (p.79)

Diz ainda Cunha (1989) que as provas da Ciência de Motricidade Humana como ciência do homem implicaria não mais a filosofia do ser e dos jogos, mas a filosofia do projeto e da relação.

Santin (1990) revela, que por um paradigma, que possa ter provocado a virada das questões corpóreas e afirma:

"Esta nova ciência na qual deveríamos desenvolver nossas futuras pesquisas, de um lado rompe como atual espírito positivista da ciência e, de outro lado, se aproxima de uma educação física como um processo educacional. Mais do que ser uma ciência autônoma, a educação física precisa mergulhar no espírito da interdisciplinaridade, onde dificilmente se estabelecem fronteiras entre várias ciências." (p.32)

E, paralelamente destaca Descartes, com seu princípio *"eu penso, logo existo"*, que inaugurou as questões corpóreas, conforme a célebre afirmação de que *"nada está no intelecto que antes não tenha passado pelos sentidos."*

Meinel (1984) define o organismo como sendo um sistema regulador no mais alto grau, que se mantém a si próprio, recompõe-se, corrige-se e até mesmo se aperfeiçoa. Com isso,

a atividade motora é a forma essencial de uma atuação alternada com o meio ambiente, além de exercer uma influência ativa sobre o meio ambiente para modificá-lo com substanciais resultados para o ser vivo. Disso resulta que se deve executar a coordenação motora como direção do comportamento motor sobre as bases de regulações do sistema. Realizações de movimentos esportivos, como formas conduzidas de comportamento do organismo humano, podem ser apresentadas, em virtude disso, na forma de modelos cibernéticos. Na maneira mais simples, representa a estrutura geral do circuito de regulação do ato motor, bem como da coordenação do movimento.

Cunha (1985) revoluciona o pensar científico de teóricos, de cientistas e de profissionais da Educação Física, argumentando que todo homem é uno; na pessoa que é, e é plural na pessoa que se exprime. A motricidade produz e possibilita a expressão, daí o fato de ela se manifestar em diversas formas de estilos.

Logo depois, ele acrescentou que as práticas corporais poderiam desenvolver aptidões, proporcionar técnicas e meios de aprendizagem que oferecessem à pessoa, em um mundo em constantes mutações. Continua dizendo que o corpo é sinal de natural e o natural para o tipo de cristianismo imobilista invocava, de imediato, o pecado original, a luxúria, pois a ciência do movimento humano contém dentro de si, por meio de Educação Física, um projeto educativo que o mesmo é dizer: um projeto da transformação da sociedade e do homem.

Feitosa (1993) refletindo sobre as questões que abalam a Educação Física e, partindo das idéias de Cunha, procurou apontar a crise de ordem conceitual e discursiva em que se debate não só tal área, mas atingindo e considerando lícito falar-se na Ciência da Motricidade Humana:

"Sem dúvida, a ciência da motricidade humana, ao romper com o mecanicismo, o biologismo e o pedagogismo tradicionais na Educação Física, e ao mesmo tempo alargando o campo da sua problemática, e forcejando por construir uma problemática disciplinar, explica e descreve fenômenos humanos relativos à intencionalidade operante, que um biomecanismo reducionista ignora (...) Para qualquer empreendimento científico comprometido é indispensável a aderência a um paradigma específico como condição fundamental. E, é criticamente, que aqui visualizo a ciência da motricidade humana como o primeiro e único candidato a paradigma autônomo nesta área, anunciador de uma nova ciência do homem, num futuro que celeremente se aproxima ou talvez já seja presente, um futuro que já nos sentimos percorrer." (p.49)

Segundo Feitosa, *"não se deve confundir Motricidade Humana com o movimento humano. Na Motricidade Humana a intencionalidade operante é invisível, mas evidente,*

enquanto que o movimento humano a deslocação intencional no mundo, para realizar-se a si próprio é um produto do mundo."

Tojal (1994) apresenta como resultado de trabalho de pesquisa de campo sobre Motricidade Humana:

"O homem é um ser complexo e, por isso, a nossa teoria do conhecimento há de ter em conta a complexidade humana, visível também na motricidade. Não nos é mais possível continuar a sublinhar o físico ou um motor mecanicista em detrimento da complexidade que emerge da motricidade humana. Não mais estudar tão só o movimento do homem, mas principalmente o homem em movimento". (p.19)

O homem é um ser aberto à transcendência que só na superação solidária encontra a sua auto-realização. Só assim a Motricidade Humana parece encontrar sentido, para além de todas as rigorosas ortodoxias dos tradicionalistas e dos progressistas.

Kuhn (1992) coloca em questão as possibilidades da formação de nova concepção do que pode ser a história das idéias científicas; na qual questiona os dogmas consignados e o novo rumo para o progresso da ciência:

"Condições exteriores às ciências podem influenciar o quadro de alternativas disponíveis àquele que procura acabar com uma crise, propondo uma outra reforma revolucionária. Os mitos podem ser produzidos pelos métodos e mantidos pelas mesmas razões que hoje conduzem ao conhecimento científico. Se, por outro lado, elas devem ser chamadas de ciências, então a ciência inclui conjuntos de crenças totalmente incompatíveis com as que hoje mantemos. Em vez de procurar as contribuições permanentes de uma ciência mais antiga para nossa perspectiva privilegiada, eles procuram apresentar a integridade história daquela ciência, a partir de sua própria época. O que diferenciou as várias escolas não foi um ou outro insucesso do método - todas elas eram 'científicas' - mas aquilo que chamaremos a incomensurabilidade de suas maneira de ver o mundo e nele praticar a ciência. (...) Começam as investigações extraordinárias que finalmente conduzem a profissão a um novo conjunto de compromisso, a uma base para a prática da ciência. São denominados de revoluções científicas os episódios extraordinários nos quais ocorre essa alteração de compromissos profissionais. As revoluções científicas são os complementos desintegradores da tradição à qual a atividade da ciência normal está ligada." (p.23-25)

A conexão ampliada é precisamente a possibilidade de relacionar a estrutura de tais descobertas como, por exemplo, aquela da revolução copérnica.

Esse autor descreve a competição revolucionária entre os defensores da velha tradição científica normal e os partidários da nova. E afirma que em uma teoria da investigação científica, deveria substituir de algum modo os procedimentos de falsificação ou confirmação que a nossa imagem usual de ciência tornou familiares.

Atualmente, muitos trabalhos já tem sido feito dentro de uma nova concepção, de se estudar condutas e comportamentos motores numa visão global do Ser, relacionando à motricidade para o conjunto geral do corpo. E, direcionando para essa linha de conduta, Cunha (1986), estudou a Motricidade Humana no campo da Epistemologia, conceituando-a como a Ciência da compreensão e da explicação das condutas motoras, visando ao estudo de constantes tendências da Motricidade Humana, em ordem ao desenvolvimento global do indivíduo e da sociedade, tendo como fundamento simultâneo o físico, o biológico e o antropossociológico.

Procedimentos Metodológicos

A escassez de material consultivo-histórico pertinente ao esporte esgrima no Brasil e, particularmente no Rio de Janeiro, motivou a realização do presente trabalho e a opção por um estudo de natureza histórica/descritiva e de análise de conteúdo.

A pesquisa histórica objetiva descrever o que houve da forma mais próxima da verdade real. É uma tentativa de estabelecer fatos e chegar a conclusões com relação aos eventos passados. Deve-se estar atento para não incorrer no erro de não buscar a verdade.

Para se investigar a trajetória da esgrima brasileira, e sua inserção no Currículo da Escola Nacional de Educação Física e Desportos, foram utilizadas fontes de informações, selecionadas para viabilizar a descrição e análise de fatos que ocorreram, correlacionando com o contexto social, cultural e educacional em que estava inserido, a fim de compreendê-los.

Sendo este estudo de natureza histórica/descritiva, sua busca de dados se dá principalmente em documentos e registros antigos, e que, por depender da consciência de preservação das memórias, que em sua maioria é nula, grandes dificuldades foram encontradas principalmente nos registros da passagem da esgrima pelos clubes, bem como pelas Escolas de Educação Física, impossibilitando a precisão de seu início e fim de prática na instituição. Dados estes, que tiveram que ser mais ou menos estimados, através dos resultados de competições, notas de jornais, periódicos, enfim, todas as outras fontes que auxiliaram na coleta e análise dos dados. Com exceção do Fluminense Futebol Club, que tem toda sua vida esportiva registrada em relatórios anuais.

O estudo foi realizado a partir de fontes como: periódicos, livros, registros documentais, atas, relatórios, decretos, recortes de jornais, memórias fotográficas, recolhas de

arquivos pessoais, comunicação pessoal e consultas à entidades, instituições, clubes e órgãos responsáveis pela esgrima no Brasil.

A investigação foi conduzida da seguinte maneira:

1. Levantamento de fontes primárias e secundárias sobre a trajetória da esgrima e sua inserção no Currículo da Escola Nacional de Educação Física e Desportos;
2. Levantamento de dados sobre a Esgrima como componente curricular na Escola Nacional de Educação Física e Desportos;
3. Levantamento de dados sobre a prática da esgrima no Brasil, prioritariamente no Rio de Janeiro;
4. Após terem sido concluídos os itens anteriores, foi criado um banco de dados sobre a esgrima desenvolvida no campo esportivo e educacional do Brasil;
5. Com auxílio do banco de dados foram feitas análise dos mesmos, constituindo-se uma verdadeira revisão crítica de sua trajetória e sua inserção no Currículo da Escola Nacional de Educação Física e Desportos.

CAPÍTULO II

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

A Evolução da Esgrima no Mundo

A esgrima, arte do manejo das armas brancas, é muito mais antiga do que podemos imaginar. Como arte de ataque e defesa com o manejo de armas brancas, atingiu o apogeu na Idade Média e na Renascença, onde além de sua utilização prática nos campos de batalha, passou a ser instrumento de liquidação de agravos nos frequentes duelos, regulamentados por um verdadeiro código. Com a evolução dos tempos, a esgrima entrou em desuso, sobrevivendo, entretanto, como esporte.

Segundo Cramer (1973), sua idade é pouco menor que a do metal, surgiu naturalmente das tradições do manejo com as armas. Para se ter idéia, a espada mais antiga que conhecemos é a espada curta de lâmina de bronze encontrada no túmulo de Saragon, primeiro Rei de UR, cidade da Caldéia, donde partiram os hebreus sob a direção de Abraão (relato da bíblia), que data de 5. 000 a.C. ou mais.

Com relação a um encontro ou competição de esgrima, Valarinho (1993), cita que a mais remota representação de uma competição esportiva da atual esgrima, encontra-se num baixo relevo do templo de Madinat Habou mandado construir no século XII a.C. por Ramsés III perto de Luxor no Alto Egito. Suas armas, que aparecem em maior destaque, estão representadas com proteção nas pontas, estando os esgrimistas também protegidos com pequenos escudos no braço esquerdo, tendo seus rostos cobertos por máscaras ajustadas ao cabelo e acolchoadas sobre as orelhas.

Se encontra ainda representada nessa obra, um grupo de espectadores, e algumas pessoas segurando bastões emplumados e, posicionados de tal forma que poderíamos arriscar em denominá-los de juizes. Podemos deduzir que este baixo relevo trata de uma atividade pacífica e não de uma batalha, tamanho o cuidado pela proteção e segurança de seus atiradores e pela maneira com que os adversários iniciam o combate¹, e, que em muitos detalhes se assemelha com a competição de esgrima da atualidade.

¹ Confronto entre dois esgrimistas; mesmo que assalto, match.

Valarinho (1993) cita ainda o que diz a interpretação de uma inscrição em hieroglífica de um dos esgrimistas: "*em guarda! Vê o que a força da minha mão é capaz de fazer*" (p.7). E, a Enciclopédia Mirador Internacional (1975), completa o exposto por Valarinho citando também a tradução da reação do público: "*Avance! Ho, que excelente combatente!*". (p.4070)

Ao final do combate o vencedor faz uma saudação ao Faraó, o que nos leva a crer que realmente, como já foi comentado, se tratava de uma competição e não de uma batalha.

Podemos observar que já bem cedo os combates, de certa maneira se faziam presentes, mas, vai levar muitos anos para se retomar outra vez cenas desse tipo, isto é, a esgrima de competição.

Como no Egito, também na Índia, na Grécia e na Roma da antiguidade, as regras para o manejo das armas eram inscritas nos livros sagrados, representadas em gravuras nos monumentos e anotadas em escritos que chegaram à posteridade.

No início, os ensinamentos da arte da esgrima, tinham como princípio preparar o homem para a luta. Com a formação dos exércitos o emprego das armas passou a ser estudado e ensinado. Aos poucos, todavia, a esgrima estabeleceu-se como esporte na medida em que os campos de duelo eram substituídos pelos tribunais de justiça e, as condições de guerra em constante mutação, exigiam novas habilidades militares e evolução do armamento.

A história da esgrima é muito rica e seu desenvolvimento está ligado as guerras, ao aperfeiçoamento das armas brancas, ao surgimento da pólvora e ao contexto sócio-cultural em que ela estava inserida. Ela pode ser dividida em três períodos bem distintos:

1. *A Esgrima antiga*: que inicia com o aparecimento da esgrima, na época primitiva, passando pela idade média e indo até o Renascimento;
2. *A Esgrima moderna*: que inicia na Renascença, por volta do século XVI com a descoberta da pólvora e o aparecimento das primeiras armas de fogo, e termina com a invenção da máscara no século XVIII;
3. *A Esgrima contemporânea*: que vem da invenção da máscara de arame trançado, no século XVIII, até nossos dias.

Agora falaremos um pouco de cada período.

A Esgrima Antiga

Os chineses, japoneses, hindus, egípcios, gregos, romanos e outros povos, viviam em lutas de conquistas constantes, sendo a guerra algo muito natural. Nessa época, em função das

armas utilizadas, como o punhal, a clava, a maça e o dardo, predominava o combate corpo a corpo² e a utilização dessas armas brancas. No intuito de defender-se e preservar a vida de tais combatentes, o treinamento para aprimorar suas habilidades com o manuseio das armas se fez necessário, sendo esses conhecimentos passados de geração à geração.

O exército que possuísse os mais hábeis atiradores, era o que chegava mais facilmente a vitória em seus confrontos. Daí entender o grande valor da esgrima entre esses povos, ocupando em matéria de luta, lugar de grande destaque entre eles. As armas, as mais variadas, exigiam cada uma o seu processo de manejo em função de suas características.

Com a evolução e aperfeiçoamento das armas antigas, particularmente as de ponta, que se tornaram perigosíssimas, surgiram conseqüentemente meios de defesa contra elas. Primeiramente o escudo, depois roupas couraçadas, luvas, capacetes, etc. A esgrima nessa época era muito mais que um simples esporte e sim uma maneira de combater, onde o mais importante era saber se defender dos golpes muitas vezes mortíferos. Segundo Valarinho (1993), na Grécia existiram escolas onde se cultivava o manejo das espadas e dos escudos, os quais constituíam a base fundamental de defesa, sendo um ato vergonhoso o seu abandono pelos guerreiros que, quando mortos, eram estendidos sobre eles. Sendo bastante conhecida uma frase, na época, da mão de um soldado espartano: *"regressa com ele (vivo) ou em cima dele (morto)"*. (p.8)

Remontam à Roma do século V a.C. as primeiras referências a aprendizagem da esgrima com propósitos diferentes da sua aplicação na guerra. São as escolas de gladiadores onde se ensina o manejo do *"gládio"*³(p.8) tendo por finalidade os combates que tiveram enorme popularidade em todo Império Romano.(Valarinho, 1993)

Os romanos procuraram treinar seu exército de tal maneira que, perante qualquer um de seus inimigos e em qualquer situação, sua superioridade fosse imbatível. E eles conseguiram. Graças a um trabalho metódico, organizado e até *"científico"* (valarinho,1993:p.8), orientado pelos Lanistes⁴.

² Também conhecido como Combate aproximado; Combate realizado quando os dois oponentes estão próximos, separados pela distância de uma arma branca.

³ Arma curta e larga, cujo manejo era ensinado nas escolas de gladiadores.

⁴ Nome dado aos mestres d'armas vindos das escolas de gladiadores.

A base da esgrima romana repousava no emprego tático do escudo com rápidas mudanças de guarda e ataques violentos em marcha, à semelhança da nossa atual flecha⁵. Finalizavam seus ataques de ponta ou de talho, desenvolvendo uma habilidade motora que se tornou lendária e de excepcional precisão de ponta, acertando sempre no local visado, que geralmente era o rosto do adversário por não estar protegido pela couraça.

Tudo nos leva a crer que a prática da esgrima nesse período, visava preparar os homens para a guerra e para as lutas sangrentas, onde ele se via numa situação em que, partindo para o confronto só tinha duas alternativas: matar ou morrer.

Podemos identificar a atitude do homem ao longo dessa primeira parte desse período, buscando sua subsistência, e procurando lutar para defender-se em prol da preservação da vida, como sendo uma atitude "Amoral"⁶, pois nesses momentos ele está numa situação em que não tem escolha, é matar ou morrer.

Já na época do Império Romano, conforme já citado, temos as lutas entre os gladiadores, que terminavam com a morte de um deles, sendo a mais brutal forma de "esporte" já conhecida. Em geral esses gladiadores eram prisioneiros de guerra, escravos ou criminosos condenados, que se submetiam a tais confrontos, porque se conseguissem sobreviver a várias lutas seguidas seriam libertados e conseguiriam grande prestígio.

Vemos então atitudes imorais de homens que na tentativa de alcançar sua liberdade, passam por cima de qualquer valor moral, pagando qualquer preço, inclusive com a própria vida, e não se importando com quantos semelhantes terão que matar.

Do outro lado da arena temos seus espectadores "imorais" que não só se compraziam com o derramamento de sangue, como dele tomavam parte ativa, pois se um dos lutadores era derrotado, a multidão interviria, comunicando, por gestos, se o derrotado deveria ser poupado ou morto, e que na maioria das vezes optavam pela segunda opção, pois entendiam que eles deviam pagar com a vida para compensar sua derrota.

Porque espectadores "imorais"? Imorais porque em momento algum se importam com os seres humanos que estão na arena e que tem direito a vida, onde o certo seria deixá-los

⁵ Conjunto de movimentos executado com os membros inferiores e superiores, que consiste no alongamento do braço armado seguido do desequilíbrio completo do corpo para frente; Utilizado geralmente juntamente com a ação ofensiva.

⁶ Segundo Beresford (1994), Ligado a falta de consciência para saber se seus atos são imorais ou morais, ou mesmo em situações em que não se tenha escolha.

sobreviver e seguir seu destino, mas no entanto esses espectadores só estão preocupados em se divertir e passar o tempo vendo homens se atracando e se matando.

Inclusive essa atitude "imoral"⁷ reforça-se como imoral quando lembramos Kant (apud Beresford, 1994) em sua obra "fundamentação da Metafísica dos costumes" em que ele diz, em sua formulação fundamental: "Age apenas segundo uma máxima tal que possas ao mesmo tempo querer que ela se torne lei universal".

Pois se pegarmos a máxima que ordena a conduta desse espectador, que passa a ser: "quando eu estiver na arena lutando e perder, admito, como princípio, que o oponente e, vitorioso na luta, pode me matar", e durante esse processo de avaliação, a sua consciência diz que essa máxima de sua conduta, por sua vontade, pode converter-se em lei universal da natureza, isso indica que ela é moralmente correta. Mas, como muito provavelmente essa inversão de papéis provocaria uma nova avaliação da situação, não aceitando-a como lei universal, confirma-se então, como já dito anteriormente, essa atitude como imoral.

Continuando a história da esgrima, para os povos bárbaros, que vindos do leste cobriram a Europa e espalharam-se como uma grande mancha de óleo esfacelando o Império Romano, e cuja entrada na história marca o início da Idade Média (final do século V), o manejo das armas, de forma mais ou menos hábil era também da maior importância, não só por causa da guerra mas também dos combates singulares e dos "*duelos judiciais*"⁸ (*juízo de Deus*)⁹". (Valarinho, 1993:p.8) Estes perecem ter tido origem nos povos escandinavos e a eles recorriam todas as classes sociais, para resolução de contendas. Foram antepassados dos duelos que, com diferenças incidências, passaram a ter lugar por toda a Europa do século XVI ao século XX.

Na Idade Média a esgrima se caracterizava pelo emprego da máxima força aplicada a armas brutais e extremamente pesadas e geradoras de golpes capazes de romper couraças e armaduras, ferindo os quase invulneráveis cavaleiros que as envergava. Era o tempo da cavalaria, das cruzadas, dos duelos e das "justas": batalhas simuladas realizadas em torneios, entre homens a pé e a cavalo; em geral tinha-se que desequilibrar o adversário e, assim as armas

⁷ Segundo Beresford (1994), é o contrário da moral. Quando uma pessoa age contrária aos princípios éticos que fundamentam aquilo que é considerado como certo ou justo para assegurar a vida humana na sociedade, ela está sendo imoral.

⁸ Uma categoria que era utilizada pelo Juízo de Deus. Ver Juízo de Deus.

⁹ Vontade divina; decreto da Providência; medida judicial usada outrora para determinar a culpa ou a inocência do acusado. submetendo-o a provas perigosas, tais como a do combate, do fogo, da água etc, supostas sob controle divino e das quais devia sair ileso para ser julgado inocente.

eram tão pesadas quanto as armaduras. Muitas das passagens desse período, ditaram contos e lendas para a História.

Autores como Sellés (1944), defenderam a tese de que é a Idade Média a fase aonde podemos dizer que se originou verdadeiramente a esgrima, no momento em que as pesadíssimas armaduras e os combates a cavalo com lanças e com os compridos e fortes espadões foram substituídos pelos encontros a pé, com armas e apetrechos ligeiros e onde a técnica ensaia os primeiros passos na substituição da força bruta. Para outros, a esgrima nesta fase, depois da decadência do Império Romano, apenas se transforma e evolui, segundo as necessidades de defesa e costumes impostos pelos invasores bárbaros.

Segundo Da Ponte (1966), dois foram os campos nas quais se desenvolveram a esgrima na Idade Média. Primeiro no campo militar como parte da técnica militar, onde passou a fazer parte verdadeiramente das leis da cavalaria, que consistia em um comprometimento por parte do cavaleiro, em sua conduta, a partir da cerimônia do "armar o cavaleiro", proferido pelo cristianismo, com o objetivo de diminuir a violência das guerras e dar um código de honra e procedimentos aos violentos senhores da Idade Média, onde se resumia no seguinte: "Servir às damas, e proteger os fracos".

Podemos verificar nessa atitude já uma preocupação em estabelecer princípios éticos de conduta para a moralidade da esgrima em benefício dos fracos e indefesos dessa época, o que anteriormente não acontecia, pois seriam os primeiros a serem aniquilados.

E em segundo, no campo da justiça, ou para ser mais preciso nos duelos, onde encontrou campo magnífico de desenvolvimento, sendo precisamente nestes lances que se deu o progresso da esgrima, porque nele pôde desenvolver a sua natural atividade de maneira inteiramente livre e independente das convenções ou restrições estabelecidas.

O duelo foi na Idade Média e também na Idade Moderna, o campo mais eficaz para praticamente examinar, reconhecer, fixar e julgar todos os princípios científicos da esgrima. As regras da esgrima atual são as que mais se aproximam das regras dos duelos.

No século XI da era cristã, eram realizados os torneios, que eram a mais alta inspiração da cavalaria, a glória dos moços e o ânimo do espírito dos velhos. Neste tempo, o Torneio era considerado como o mais nobre dos exercícios, onde só os homens, representantes da nobreza poderiam participar. Ele era a festa solene onde os cavaleiros mostravam sua bravura, agilidade e vigor nos jogos e combates cortesies com armas brancas. A princípio, revestia-se das mesmas características de um combate, depois foram surgindo os regulamentos que limitavam e humanizavam os torneios.

Os combates eram realizados por homens a pé ou a cavalo, e em geral a vitória era caracterizada pela queda do adversário.

Esses torneios eram um divertimento em que os cavaleiros podiam dar provas de bravura mantendo, mesmo em tempos de paz, a evolução das artes de combate, entre elas, a esgrima.

A Esgrima Moderna

Desde os primeiros tempos, os homens têm usado combates simulados como um meio de treinamento para a guerra. E, freqüentemente, o esporte sobreviveu por algum tempo após o uso prático ter-se esgotado, superado por meios mais eficazes e modernos de guerrear. Este processo pode ser observado na história dos cavaleiros medievais, gradualmente extintos devido, ao peso demasiado de suas armas e armaduras, pelas mudanças sociais ocorridas em seu momento histórico, e a descoberta da pólvora com o surgimento das primeiras armas de fogo, provocando o declínio de uma vez das armaduras e das armas pesadas (espadões e lanças). Mas o combate de lanças entre nobres, usando equipamentos e armas de cavalaria, pareceu ganhar popularidade mesmo quando a realidade da velha cavalaria estava desaparecendo.

No século XVI a esgrima era bastante empírica e os ensinamentos, verbais. (Cramer, 1973)

Paradoxalmente, foi nessa época, com o aparecimento e desenvolvimento das armas de fogo, que a esgrima começou a se desenvolver e a aparecer com maiores habilidades técnicas, como nós a conhecemos hoje. Até então, nos tempos medievais, o peso das armaduras e das armas impossibilitavam um fácil manejo das mesmas. Mas, uma vez que essa indumentária perdeu seu propósito, as espadas ficaram mais leves e mais fáceis de manejar com uma só das mãos e, por isso, a destreza no seu uso passou a ser essencial, adquirindo nova importância como meio de vida e de morte.

Essa nova situação poderia-nos levar a pensar: como a esgrima se desenvolve e continua a ser utilizada mediante esse instrumento que parece tão poderoso - a arma de fogo, uma vez que enquanto estou com uma espada na mão o adversário é só apertar o gatilho que me atinge muito mais rápido do que eu a ele? Respondemos então justificando que as primeiras armas portáteis de fogo só davam um ou dois tiros por vez, sem recarga. Logo, um bom e ágil espadachim ainda se fazia necessário nas horas em que seu novo armamento já não o poderia defendê-lo mais. E, além de não mais contar com as armaduras como o seu principal armamento de proteção, foi preciso aprimorar suas habilidades esgrimísticas, em busca de uma eficiente defesa.

No decorrer desse período podemos perceber duas questões que se contrapõem relativas a moralidade. Se por um lado, e aí temos uma questão "imoral", o homem continua procurando aprimorar suas técnicas e suas armas para tirar vantagem quando em combate, por outro lado ele parte dessa mesma prática para defender-se melhor dos adversários e assim garantir sua vida, caracterizando uma ação "moral"¹⁰, que assim deveria ser até nossos dias, para que alcançássemos um mundo de paz, pois se todos nós só nos preparássemos para a defesa, de certo que ninguém atacaria.

Com o feudalismo, as classes baixas perderam o direito ao "juízo de Deus" que passou a prerrogativa dos feudatários. A honra e a sua defesa tornaram-se privilégio só de alguns - os gentishomens. Os princípios morais da cavalaria e o conceito de honra que os acompanhava aumentaram o recurso ao duelo. A nobreza passou a trazer a espada à cinta para, em qualquer momento, poder defender a honra ameaçada.

Anteriormente, porém, tinham nascido entre as classes mais baixas que, no combate, não se beneficiavam da proteção das armaduras, verdadeiras escolas de armas onde se procuravam processos mais ágeis e habilidosos quer para escapar às ações do inimigo, quer para utilizar as armas de que podiam dispor.

A realeza, a nobreza e a aristocracia, antes defendidas das lanças, espadas e flechas por suas complicadas e ricas armaduras, que com o poder do dinheiro podiam adquiri-las para sua defesa pessoal, foram abandonando-as ante o poder perfurante das armas de fogo e, começaram a freqüentar as escolas de esgrima, que em conseqüência floresceram por toda a Europa, congregando alunos de todas as classes sociais. Os gentishomens não desdenhavam aprender com os mestres plebeus. A aptidão para manejar bem a espada passa a ser uma necessidade nas classes elevadas, adquirindo a maior importância para a formação do caráter dos jovens nobres.

As armas que o homem aprendeu a construir foram evoluindo ao longo dos períodos históricos, primeiro de pedra, depois de bronze, em seguida de ferro e finalmente a descoberta do aço (uma mistura de ferro com carbono) que tornou as espadas bem mais leves, mais flexíveis, capazes de dar um melhor fio de corte ao longo de sua lâmina e também melhorou em muito a esgrima de ponta. Esse material é utilizado até os dias de hoje na confecção das lâminas.

¹⁰ Segundo Beresford (1994), Referência do que é bom e ruim, aceita por uma determinada sociedade durante um determinado tempo. Só pode ser realmente moral quando fundamentado num princípio ético.

Foram os espanhóis os responsáveis pelo desenvolvimento de aços mais leves, graças ao contato com os árabes e com os povos bárbaros que habitavam a Península Ibérica, aperfeiçoando um sistema especial de preparo das lâminas (têmpera), conforme nos mostra Da Ponte (1966), que contribuiu em muito para o desenvolvimento da arte de esgrimir como esporte, devido a sua maior flexibilidade, ao seu menor peso e tamanho, ficando muito mais leves e possibilitando a utilização da ponta.

Com o domínio do preparo dessas lâminas, os espanhóis atingiram o mais alto grau de cultura de sua época, no que diz respeito à manufatura do aço, proporcionando por volta do século XV, o desenvolvimento de uma esgrima de alto nível, com mais fineza, passando a ser considerada, segundo Andrada (1946), como um "*método*" (p.11) para a arte de esgrimir¹¹. Essa busca de um sistema de atacar e defender que lhes desse preponderância sobre os adversários, levou-os ao descobrimento dos primeiros passos sobre os quais iria se basear a esgrima moderna, criando uma nova técnica. Porém a esgrima espanhola, com o passar dos anos, perdeu sua hegemonia, pois os conhecimentos que eram passados de pai para filho, pouco eram documentados, e, com o tempo, desapareceu também o interesse na carreira de mestre d'armas¹². Outros fatores que segundo Figueira (1981), também contribuíram para a decadência da esgrima espanhola foram: extrema sofisticação do gesto, complicada técnica, grande e confusa movimentação de pernas pelas constantes mudanças de direção, ausência de paradas se defendendo com recuos, desvios laterais, enfim, era necessário, segundo ele, muita habilidade para executar seus movimentos. Em contra partida, na Itália, França, Inglaterra e Alemanha, crescia cada vez mais o interesse pela esgrima.

Mestres espanhóis levaram para a Itália essas novas armas e a nova técnica, passando a ensinar essa nova maneira de esgrimir, que se originou do novo tipo de arma, e que em muito agradou os italianos. Logo, em torno de cada mestre espanhol, formaram-se grupos de pessoas interessadas em aprender essas novas técnicas, e no afã de descobrir defesas para aqueles novos golpes, depressa ultrapassaram os mestres. Assim foi que a Itália, nos séculos XVI e XVII desenvolveu-se no seu valor esgrimístico, criando uma superioridade do emprego da ponta da arma sobre o gume¹³, e reunindo em suas academias e salas d'armas, a nata da nobreza européia, que aí ia buscar a arte de defender-se com eficiência. Devido a essa repercussão, seus mestres

¹¹ Ato de manusear o florete, o sabre ou a espada.

¹² Pessoa responsável pelos ensinamentos e treinamento dos fundamentos da Esgrima.

¹³ Extensão cortante da lâmina.

eram convidados, por vários outros soberanos, à levarem e ensinarem seus conhecimentos, difundindo-se por toda a Europa.

Por essas transformações e aperfeiçoamentos que a esgrima sofreu na Itália, fizeram com que alguns autores, dentre eles Andrada (1946), a considerasse como o berço da esgrima moderna. Pois nesse país ela foi cultivada com paixão e estudada como ciência, criando a Escola Italiana que codificada e apresentada didaticamente, substituiu o que até então era segredo e tradição oral dos espanhóis. Ao contrário, outros autores como Valarinho (1993), defendem a indicação da Espanha, pela supremacia de seus espadachins nos séculos XV, XVI e XVII e, pela qualidade das armas que fabricava. E, outros, ainda indicam a Alemanha, como Beck (1978), por acreditar que ela apareceu primeiro nesse país, citando em sua obra, ter sido descoberto na Alemanha, em 1410 (século XV), um manuscrito descrevendo a arte da esgrima, levando a crer que para ser descrita como esporte ela já deveria existir nesse país a alguns bons anos (então já no século XIV), além de uma nota no guia Max bruder de Lowemberg, publicado em 1383 na cidade de Frankfurt, defendendo a tese de que ela prometia ser um esporte de crescente e florescente desenvolvimento.

O ensino da esgrima foi adquirindo nesses países uma certa organização. Foram formadas em cada um deles associações de esgrimistas onde os mestres d'armas reuniam-se para submeter a exames os candidatos à profissão de mestres e concediam-lhes diplomas quando a avaliação fosse favorável. Nasceram dessa forma as Academias de Armas. Os mais famosos mestres guardam ciosamente segredo dos seus métodos de ensino e de golpes infalíveis para os quais não existia defesa possível. São os famosos golpes secretos revelados apenas aos discípulos favoritos ou a troco de generosas retribuições.

A partir do final do século XV, começam a surgir as primeiras regras com padrões estabelecidos de ataque¹⁴, contra-ataque¹⁵ e respostas¹⁶, convenções¹⁷ e os primeiros tratados de esgrima escritos por vários mestres, que possibilitaram uma maior divulgação da técnica que era empregada. Primeiramente pelos espanhóis Jaime Pons de Perpignan em 1474, Luis Pacheco de Narváez em 1474 e Paulo de Torre em 1509 (Da Ponte, 1966), depois pelos italianos: Pietro Moncio em 1509 (Andrade, 1950), Antônio Manciolino em 1531, no qual se refere à indicação

¹⁴ Primeira ação ofensiva executada pelo esgrimista; Pode ser executado por Golpe direto - ação direta, por Desengajamento - ação indireta e por Corte - ação indireta.

¹⁵ Ação ofensiva ou defensiva-ofensiva executada sobre a ofensiva adversária.

¹⁶ Ação ofensiva realizada após haver parado um ataque.

¹⁷ Norma de realização das ações de esgrima: Utilizada somente nas armas Florete e sabre.

de três guardas¹⁸ que, pela descrição assemelham-se as nossas posições de prima, segunda e oitava, contendo um capítulo especial sobre o código dos duelos: Pietro Moncio em 1509; Aquiles Marozzo em 1536, em sua obra relaciona um grande número de posições de guarda, recomenda os golpes de gume, contra-gume¹⁹ e um único golpe de ponta dirigido ao rosto, de preferência aos olhos, executado marchando; Camilo Agrippa em 1553, onde dava preferência aos golpes de ponta, executados com um movimento semelhante ao nosso desenvolvimento²⁰, porém sem a extensão com que fazemos hoje, sua obra cheia de ilustrações, facilitou muito o trabalho dos mestres da época, descreve pela primeira vez as quatro primeiras posições de esgrima (prima, segunda, terça e quarta); Fabiani, que foi diretor do Corpo de Mosqueteiros na época de Enrique IV da França; Viggiani em 1557, indica um movimento (muito semelhante ao nosso desenvolvimento de hoje) para ser executado junto com os golpes de ponta e indica também os golpes de ponta ao peito; Di Grassi em 1570, primeiro tratado que faz menção as linhas²¹, divididas em linha alta, baixa, interna e externa (André, 1870:p.387); Salvador Fabris em 1606; Nicolleto Giganti em 1606, escreve sobre o movimento "afundo"²² tal qual como é feito hoje e também fala sobre as paradas²³ com a própria arma, porém, achando ainda mais eficazes quando executadas com mão armada de adaga; Rodolfo CapoFerro em 1610, escreve explicando melhor as idéias de Giganti, introduzindo melhoramentos e muitos outros, e em seguida pelos franceses: Henry Saint Didier em 1573, publica um livro ilustrado onde cria a língua universal para a esgrima batizando grande parte dos movimentos, muitos dos quais perduram até hoje, indicava três tipos de golpes: estocada (de ponta), de gume e contra-gume e três guardas: alta, média e baixa; Patenostrier e Cavalcar em 1610, esses dois famosos esgrimistas escrevem sobre noções de batidas²⁴ e do desengajamento²⁵, bem como distinção da

¹⁸ Posição básica do corpo, onde o esgrimista está pronto para atacar e defender.

¹⁹ Extensão cortante da lâmina, oposta ao gume.

²⁰ Conjunto de movimentos executados com os membros inferiores e superiores, que consiste no alongamento do braço armado seguido do A fundo; Utilizado geralmente juntamente com a ação ofensiva.

²¹ Porção do espaço considerado em relação à mão do atirador, na qual este último pode mover sua arma.

²² Movimento de pernas que consiste em projetar a perna da frente à frente, estendendo a perna de trás e mantendo ela estendida, afundando o corpo; movimento utilizado para executar geralmente a ação ofensiva.

²³ Ação defensiva que consiste em desviar a arma do adversário.

²⁴ É o choque executado com a lâmina sobre a lâmina adversária.

²⁵ Um dos Ataques Simples, de ação ofensiva indireta, que consiste na passagem da lâmina por cima ou por baixo da lâmina adversária, terminando em outra linha.

linha interna e externa; Thibaut, publica um livro onde faz referência bem nítida sobre o "tempo de esgrima"²⁶ e uma grande preferência por golpes de ponta; Charles Bernard em 1635, onde indica uma arma especial para treinamento denominada por ele de florete, organizou também um cumprimento com a arma que deu o nome de reverência e seus fundamentos já se aproximam da esgrima atual; Vilibert De la Touche em 1670, quando publicou o livro "Os verdadeiros princípios da espada" considerado notável para sua época; La Perche de Coudray em 1676, onde ensina a executar a resposta; Vernesson de Lyancourt em 1686, onde se encontra descrito o "coupé"²⁷ que chamamos de corte²⁸; Sabaten 1690; Labat em 1696, onde encontra-se o regulamento de assaltos²⁹ dessa época, notável pelo cavalheirismo e delicadeza de que se revestia, bem como pelo grande número de obrigações e restrições que impunha aos atiradores³⁰; Girard em 1736, descreve o que hoje chamamos de contra de terça³¹ e contra de quarta³²; Angelo em 1763, ensina detalhadamente o jogo de espada e punhal; Danet em 1766, onde prega uma esgrima sem cerimônias, sem formalismos; Labossiere em 1766 e muitos outros.

Dentre os mestres italianos o material de História da Esgrima da EsEFEx (sem data), cita o mestre **Marozzo**, que em 1536, publica um dos principais tratados da época, que além de seu conteúdo técnico de fundamentos da esgrima, é composto de uma parte onde determina princípios éticos de conduta para os alunos que frequentavam as sala d'armas³³, e que recebe o nome de "Regulamento da sala d'armas". Dentre outros citamos:

- Em primeiro lugar era exigido que o aluno fizesse o seguinte juramento: "juro pelo punho desta espada, como se fosse a cruz de Deus, nunca empregar esta arma contra meu mestre";
- Ninguém poderia bater-se (duelar) sem o consentimento do mestre;

²⁶ Fração do tempo em que são realizadas as ações simples ou compostas.

²⁷ Corte em Francês.

²⁸ Um dos Ataques Simples, de ação ofensiva indireta, que consiste na passagem da lâmina pela ponta da arma adversária, terminando em outra linha.

²⁹ Combate: Confronto entre dois esgrimistas.

³⁰ Esgrimistas.

³¹ Parada circular, que toma o ferro na linha onde ele se apresenta, para afastá-lo de seu alvo, utilizando a posição de Terça, levando-o para a linha alta oposta.

³² Parada circular, que toma o ferro na linha onde ele se apresenta, para afastá-lo de seu alvo, utilizando a posição de Quarta, levando-o para a linha alta oposta.

³³ Local apropriado aonde se ensina e se pratica esgrima

- Não temer nada;
- Jamais comparar o valor de alguém, a não ser com a espada na mão;
- Não blasfemar.

Devido a situação insegura e a falta de apoio financeiro motivados pelo desmembramento da Itália, no século XVI, em pequenos feudos, repúblicas e principados, os grandes mestres começaram a mudar para outros países, principalmente para a França, a convite de Catarina de Médicis, onde foram bem recebidos e fizeram bastante sucesso entre os nobres franceses, que muito aproveitaram os ensinamentos dos esgrimistas italianos, difundindo entre os outros nobres da Córte os conhecimentos que adquiriram. (Da Ponte, 1966)

A propagação de sua prática, despertou na nobreza francesa o gosto e interesse pela esgrima italiana. Porém, em virtude das diferenças de comportamento, temperamento, condições étnicas e climáticas, e, diferente grau de educação, os franceses pouco a pouco abandonaram seus mestres italianos. Começaram a apresentar uma esgrima com características próprias, afastando-a sensivelmente da italiana e criando um estilo de esgrima acadêmica, adaptado ao temperamento de seu povo, dando início assim ao aparecimento do "Método Francês". A França passa então, a ter a supremacia na arte de esgrimir.

Os mestres franceses começam a se reunir em corporações denominadas de "Academias d'armas".

Segundo Falcão (1944) foi fundada em 1567, pelo Rei Carlos IX, a Escola Real de Esgrima, em Paris.

A unificação do método francês em seu país se deu principalmente pela limitação do número de mestres responsáveis pelos seus ensinamentos. Somente eles (restrito a um número de 20) podiam ensinar esgrima na academia de mestre d'armas, havendo severas penalidades para os que ousassem ir contra essa ordem. E após vinte anos de prática, os mestres d'armas recebiam carta de nobreza hereditária (grau de cavaleiro). Para ser mestre d'armas dessas Academias era necessário: *"1) ser francês, católico e de bons costumes; 2) ter 25anos, ou 22 anos se fosse filho de mestre; 3) ter seis anos de prática na Academia; 4) fazer uma prova pública, batendo-se contra seis mestres e utilizando todas as armas da época; 5) fazer uma prova contra os seis melhores aprendizes e batê-los todos; 6) pagar a cada adversário um prêmio estabelecido pela Academia"*. (História da Esgrima-EsEFEx, sem data.p.34)

É tempo de Luís XIV de França (segunda metade do século XVII), dos mosqueteiros, dos duelos, do uso da capa como meio de defesa.

Por volta do século XVII, a rapière³⁴, arma pesada e de difícil manuseio, que só permitia a execução de golpes simples, dominou a arte europeia de manejo da espada. Com ela, desenvolveu-se conhecimentos na destreza do combate com espada, criando-se padrões definidos de ataque e contra-ataque. Na generalidade atacava-se (contra-ataque) sobre o ataque adverso, com um golpe idêntico, procurando efetuar-lo com mais força e rapidez, ou simplesmente esquivava-se dos golpes do adversário. Mas, devido ao tamanho, esta arma ainda era um pouco desajeitada para a defesa, de modo que usava-se um punhal ou uma adaga na outra mão para o caso de combates próximos³⁵.

A parada, tal como hoje a entendemos, não tinha uso. Nessa época, os esgrimistas utilizavam na mão não armada um escudo, uma capa, um punhal ou uma adaga, como já foi citado, que se utilizavam para aparar ou deter os ataques do adversário, e que também se tornavam uma arma mortífera nos encontros muito próximos. As esquivas³⁶ também eram utilizadas como defesa.

As espadas são utilizadas quase que exclusivamente com golpes de gume e anos mais tarde começa a ser recomendado o uso da ponta, ao mesmo tempo que se aconselha também o avanço da perna da frente para alongar o ataque e impulsionar com mais força a penetração da lâmina: é o afundo e sua descoberta Valarinho (1993) cita como autor - Camilo Agripa, descrevendo-o em seu "trattato de scienza d'arme" de 1604.

Nos últimos anos do século XVII, franceses e italianos começam a ocupar-se da parada e resposta, usando a própria lâmina para executar a defensiva, desviando o ferro³⁷ adversário, permitindo outra novidade que era a resposta imediata. A utilização da mão não armada, como artifício de defesa, acaba por ser abandonada por completo.

O treinamento e os combates que eram praticados nas salas d'armas, tinham um compromisso "moral" entre seus praticantes, alunos e mestres, baseados principalmente nos princípios éticos do "regulamento da sala d'armas", que era o de não levar o confronto até as últimas conseqüências, salvo nos casos em que estariam por qualquer motivo resolvendo alguma diferença.

³⁴ Rapieira em francês; Rapieira - Espada comprida, com corte dos dois lados e ponta perfurante.

³⁵ Combate realizado quando os dois oponentes estão próximos, separados pela distância de uma arma branca.

³⁶ Desvio do corpo para evitar que um golpe o atinja.

³⁷ Lâmina da arma.

Esse compromisso por vezes não era cumprido, devido o grande número de acidentes ocasionado pela falta de proteção para o rosto.

Tentando amenizar esse problema e procurando manter a questão central da moralidade praticada nas salas d'armas dessa época, que era a de aprender técnicas para preservação da vida e não para desperdiçá-las com mortes e acidentes sem propósito, é que nasceram as primeiras convenções: o atacado era obrigado a defender-se (parar o ataque) para a seguir executar uma ação ofensiva sobre o atacante (resposta) e somente quando ele retornasse a guarda, o qual deveria, obrigatoriamente, defender-se.

Com o passar dos tempos a lâmina vai se encurtando, tornando as armas mais equilibradas, mais ligeiras e ágeis, permitindo o maior emprego da ponta. Os movimentos tornam-se mais rápidos e complexos, na busca cada vez maior, dos espadachins, de conhecerem novos e mais eficientes ataques e seguras ações defensivas, para empregarem nos duelos cuja frequência aumentava muito nessa época. De fato é preciso ferir sem ser ferido, máxima que na esgrima desportiva é substituída por outra muito menos sangrenta: é preciso tocar sem ser tocado.

Mas como a máscara ainda não havia sido descoberta, não era possível realizar, sem perigo, ações complexas nos assaltos de treino.

Nos séculos XVII e XVIII, apesar de severíssimas proibições devido ao número elevado de mortes, multiplicaram-se os duelos por toda parte, especialmente na França. Os nobres batiam-se, até a morte, pelas mais fúteis causas. Batem-se também os padres, os militares, os políticos e até as mulheres. Muito embora poucos registros se tenham sobre duelos de mulheres. Mesmo assim o pintor francês Emile Bayard (século XIX) retrata em dois de seus quadros o duelo à espada entre duas mulheres de enormes saias esvoaçantes e tronco nu. (Figura 8 e 9) (Valarinho, 1993)

Muito embora, se por um lado o duelo causou um grande número de mortes, por outro em muito beneficiou o desenvolvimento da esgrima, aperfeiçoando a arte de tocar sem ser tocado. O duelo era um vasto campo de estudo, onde os mestres no afã de descobrir os golpes infalíveis, as guardas intransponíveis, as paradas seguras e a prática do ensino, buscavam cada vez mais em seus treinamentos, a perfeição e a eficiência do gesto esgrimístico.

O duelo nessa época, tinha-se convertido, mais do que num hábito, numa moda. Tornou-se portanto necessário a criação de uma arma que se pudesse praticar a esgrima nas salas d'armas, reproduzindo tanto quanto possível as condições do combate, sem perigo para mestres e discípulos. Nasce, assim, em meados do século XVII, uma arma de exercício, sem gumes

cortantes e com a ponta protegida por um botão metálico, que no material de História da Esgrima da EsEFEx (sem data), cita Charles Bernard, 1653, que denomina, em seu livro sobre esgrima, essa nova arma especial para treinamento, de "florete", pela semelhança do botão metálico da ponta com uma flor. A espada logo passa a ser substituída pelo florete, que por ser mais leve e mais flexível, permitia grande variedade de ataques e defesas. A esgrima dava deste modo o seu primeiro passo para se transformar num desporto.

Muito embora Schermann (1958) tenha divergências quanto a origem do florete. Ele cita que ao mestre espanhol Gerônimo Carranza, que em 1569 baseando seus estudos em teoremas de geometria, deve-se a invenção do florete. Sendo o primeiro a preconizar uma arma fina e sutil, de puro aço, com objetivo de passar pelas pequenas frestas das armaduras, malhas e couraças, atingindo assim o adversário.

Mas, mesmo com a invenção do florete e com a determinação das primeiras convenções, os acidentes nas salas d'armas continuavam, além da esgrima praticada continuar sendo bastante diferente da esgrima da rua e dos duelos, o qual era seu principal propósito.

A leveza do florete permitia movimentos mais rápidos e frases d'armas³⁸ mais prolongadas. Os principiantes, pouco habilidosos, dão com frequência origem a acidentes, principalmente resultando em lesões graves nos olhos. Foi então que começaram a aparecer as primeiras máscaras, que no início eram muito rudimentares. Por volta de 1750 elas são aperfeiçoadas pelo mestre francês Labossière, considerado o inventor da máscara, que lhes aplica o arame trançado, sendo bastante parecida com a que usamos ainda hoje. (Valarinho, 1993)

A Esgrima Contemporânea

O marco da esgrima contemporânea foi o aparecimento da máscara. Sua invenção veio possibilitar maior autenticidade à esgrima que era praticada nas sala d'armas, aproximando-a do combate real.

Com a adoção do florete e da máscara a técnica evolui com rapidez e a prática da esgrima, apesar de continuar a ser uma preparação para o duelo, progride decisivamente em direção ao desporto que hoje é. A velocidade e a aplicabilidade na execução das ações aumenta consideravelmente, pois os esgrimistas podem exercitar-se sem perigo de acidentes, em seqüências de movimentos cada vez mais complicados. Os mestres e alunos ficam a vontade para efetuar um maior número de ações, ampliando e dando continuidade as frase d'armas, e,

³⁸ Seqüência de ações realizadas durante um combate, imediatamente anterior ao comando de "alto" do presidente de júri.

originando um desenvolvimento grande em outras ações, tais como: contra-respostas³⁹, remessas⁴⁰, repetições⁴¹, arresto⁴², etc, que antes não era possível.

A máscara começou a ser utilizada em todo o mundo, trazendo mais segurança, permitindo a difusão do esporte e possibilitando chegar mais próximo, como já foi dito anteriormente, da realidade da esgrima realizada nos duelos.

Reaparecem inúmeros tratados de franceses e italianos, e começa-se a estudar racionalmente a esgrima, recorrendo a todas as aptidões naturais para dar aos golpes, maior rapidez e precisão.

No combate amigável, onde a busca da perfeição é permanente, reduz-se a área do corpo a atingir. Concentra-se no peito, a zona mortal e, para atingi-la, exige-se maior sutileza e precisão nos gestos dos praticantes. Por outro lado o princípio básico do duelo - "tocar sem ser tocado"- dá origem a uma regra fundamental: a que dá prioridade ao esgrimista que inicia o ataque.

A redução da zona válida e a regra da prioridade constituem as principais convenções sobre as quais assenta a prática da esgrima desportiva de florete e de sabre.

A evolução da esgrima para uma prática desportiva já não pode ser mais detida. Os mestres, italianos e franceses segundo Andrada (1946), e os seus prosélitos⁴³ associam-se para o estudo da sua arte e para confronto de métodos em verdadeiras *"assembléias de peritos esgrimistas que se reúnem em local próprio para o manejo das armas e onde, apaixonadamente, imitam os duelos"*. (Pietro Grisetti e Rosaroll-Scorza em A ciência da esgrima, apud Valarinho, 1993:p.13)

No decorrer desses encontros, as duas escolas estabelecem comparações, aproveitando cada uma delas o que de melhor encontrava na outra e abandonando o que parecia defeituoso na própria técnica.

³⁹ Ação ofensiva realizada após haver parado uma resposta adversária.

⁴⁰ É a ação simples imediata direta, que segue uma primeira ação sem retraimento do braço, finalizando na mesma linha em que estava.

⁴¹ É a ação simples imediata indireta, que segue uma primeira ação sem retraimento do braço, finalizando em linha diferente da que estava.

⁴² Contra-ataque direto realizado sobre uma ação ofensiva do adversário.

⁴³ "Indivíduo convertido a uma doutrina, idéia ou sistema: sectário". (Aurélio.1985: p.388)

Graças à autoridade e influência de grandes mestres franceses e italianos, e a intervenção e espírito esportivo de muitos amadores da época, os dois métodos, freqüentemente postos em confronto em muitas e brilhantes competições, identificam-se e equilibram-se num esforço irresistível de aperfeiçoamento da esgrima que era praticada. As duas grandes escolas mantêm até hoje características especiais e particulares que as diferenciam entre si, que, segundo Andrada (1946), residem especialmente "*na mobilidade, no afundo e na guarda*".(p.13)

Os combates que eram realizados nos encontros de franceses e italianos, eram dirigidos pelos melhores discípulos, assumindo o papel do que hoje chamaríamos "presidente de júri"⁴⁴. Os toques começam a ser contados, apesar da resistência de muitos mestres em acharem que tal procedimento iria tirar a beleza da arte de esgrimir.

Por isso, de acordo com Valarinho (1993), "*algumas regras estabelecem, em certos casos, o respeito pelos princípios do rigor artístico e pelas leis e costumes cavalheirescos que os esgrimistas revelem*".(p.13)

No início do século XIX começa a surgir a arma que hoje recebe o nome de "espada", composta por uma lâmina triangular, e por ser menos perigosa que o florete, passou a ser a arma utilizada obrigatoriamente nos duelos. Certamente pela gravidade dos ferimentos causados pelo florete, e pelo fato dos atiradores não mais combaterem-se para ferir-se e, sim, para matarem-se.

Nessa época, a espada não tinha ainda uma técnica, não era ensinada e nem praticada nas salas d'armas. A esgrima de espada era excessivamente prudente e simplista, pois ela se limitava a uma espécie de estocada à mão ou ao antebraço. Os resultados destes encontros eram mais benignos, quase sempre sem ferimentos fatais, porém considerados suficientes para satisfazer o ponto de honra.

Como o florete já não era mais utilizado para os duelos, considerado um dos fatores da razão da existência da esgrima e de seus treinamentos, sua prática passou a se restringir somente às salas d'armas e houve então, a necessidade da criação de uma nova arma para as salas, mais assemelhada aquela que agora vinha sendo utilizada nos duelos.

São estabelecidos os princípios de base dessa nova arma - espada, conservando uma grande parte da esgrima de florete, mas adaptados as novas exigências.

Outra arma que é utilizada hoje na esgrima, além do florete e da espada, é o sabre que era, nos seus primeiros tempos, uma arma pesada e de lâmina curva que se difundiu pela Europa

⁴⁴ Árbitro que julga o combate de esgrima.

durante o século XVIII a partir das armas usadas pela cavalaria ligeira da Hungria (os hussardos) que, por sua vez, se tinham inspirado na arma que os turcos e outros exércitos orientais empregavam e que é geralmente conhecida por cimitarra. Como arma de ponta e gume é também uma reminiscência das espadas que estavam em voga pelos finais do século XVI. (Valarinho,1993)

A prática do sabre a pé e a cavalo tornou-se obrigatória para os militares de cavalaria de todos os países, nos séculos XVIII e XIX e a sua expansão é acompanhada pelo desenvolvimento de teorias e métodos de ensino próprios que passaram a fazer parte de todos os tratados de esgrima.

Quando o século XIX se aproxima ao fim, os italianos adaptam lâminas mais finas ao sabre o que tornou esta arma mais estilizada e sobretudo muito mais leve. Tornam-se tão ligeiras quanto o florete. Com esta modificação o sabre transformou-se numa arma de duelo e simultaneamente numa arma desportiva. O seu jogo torna-se assim mais variado e conquista adeptos mesmo fora das classes militares.

Embora a esgrima de sabre de hoje tenha origem na arma criada pelos italianos, citada anteriormente, e que o material de História da Esgrima da EsEFEx (sem data), denomina de "Sciabola"⁴⁵, os húngaros dedicaram-se principalmente à prática desta arma e introduziram aperfeiçoamentos notáveis, destacando-se com uma técnica de excelência.

Com a aparecimento de novas armas portáteis de fogo, principalmente da metralhadora, a esgrima fica restrita aos salões, perdendo seu largo emprego guerreiro após ter coroado e deposto reis e rainhas. Perdeu sua dinâmica, porque nas salas era imperioso que um toque fosse dado com nitidez e perfeição, ao contrário dos duelos e das batalhas onde um ferimento denunciava qualquer toque. Seu aspecto utilitário-guerreiro converteu-se em desporto.

Nos últimos anos do século XIX, alguns países ainda não tinham estabelecido com precisão a diferença entre florete e espada. Enquanto na França a questão estava perfeitamente definida com relação a zona considerada válida, para os italianos tratava-se da mesma arma. Podemos observar essa indefinição quando Valarinho (1993) menciona um torneio realizado em Palermo (Itália) nos finais do século passado e cita Emile André 1896, que em seu livro "Manuel d'escrime" transcreve parte do regulamento:

"não serão admitidas outras armas para além da espada (florete) e do sabre (...) no entanto, quanto à espada, ficam estabelecidos como limites máximo e mínimo de comprimento o florete italiano e o

⁴⁵ A arma Sabre em italiano;

florete francês (...) sendo considerados todos os golpes que toquem de ponta desde a clavícula à extremidade dos ilíacos".(p.14)

Devido a essa indefinição, nos 1^{os} Jogos Olímpicos da era moderna, em Atenas no ano de 1896, onde a esgrima foi incluída, só aconteceram competições de florete e de sabre individuais ficando de fora a espada. As provas masculina por equipe de sabre e espada foram disputadas pela primeira vez nos jogos de Londres em 1908 e as provas masculinas por equipe de florete foram introduzidas nos jogos de Estocolmo em 1912.

Como em todos os outros desportos a esgrima só teve a participação masculina, pois como pregava Pierre Coubertin o papel das mulheres seria o de tão somente incentivar os homens em suas competições.

A participação da esgrima feminina em uma Olimpíada só se deu em 1924 em Paris e somente nas provas de florete individual, tendo sido realizado somente em 1960 a primeira prova por equipe feminina. Mas, apesar dessa inserção feminina no esporte ter sido bem mais tarde que a dos homens, um quarto de século antes, um cartaz das competições de esgrima dos jogos de Paris de 1900 já se utilizava da figura da mulher esgrimista vestida com uma saia curta, para divulgar o esporte, associando a arte da esgrima à beleza feminina.(figura 10)

Inclusive, segundo Valarinho (1993), já no final do século XIX, foram realizados na França uma série de assaltos públicos compostos só por mulheres, de certo modo aceito e incentivado pelas comunidades, visto os comentários da época: "graças a elas a prática da esgrima tornou-se o exercício da moda para os jovens".

Nas primeiras Olimpíadas, as competições de esgrima eram realizadas segundo as condições do duelo, onde os toques eram computados como válido, quando chegavam sobre qualquer parte do corpo.

A esgrima começa a se difundir internacionalmente e são realizadas grandes competições.

Apesar dos Jogos Olímpicos, uma certa anarquia seguiu imperando na esgrima. As armas não eram iguais, as regras variavam em cada nação e nem sequer os métodos de competição eram fixos.

A esgrima encontrava dificuldade para se organizar, e outros transtornos eram com relação aos seguidores da arma florete que não se conformavam em aceitar os duelos da espada como competição de esgrima e vice-versa. Começa-se a se sentir a necessidade de um órgão superior que mediasse essas questões e supervisionasse todos os torneios.

A situação ficou crítica nos Jogos Olímpicos de 1912 em Estocolmo, quando a França se negou a competir nas provas de esgrima e a Itália se absteve de participar da prova de espada devido a desacordos sobre as regras. (Da Ponte, 1976)

É dessa necessidade urgente de moralizar a esgrima, que surge então a FIE (Federação Internacional de Esgrima), constituída em Paris, em 29 de novembro de 1913, e que controla a esgrima mundial até os dias de hoje. Os primeiros regulamentos que foram adotados pelo Congresso da FIE de 1914, e que foram chamados de "Regulamento para as provas", foram organizados e redigidos pelo marquês de Chasseloup-Laubat na espada, pelo mestre d'armas Camille Prévost no florete e pelo húngaro Béla Nágay no sabre.

Este Regulamento tinha por finalidade unificar e padronizar a esgrima que já era praticada em vários países pelo mundo, sendo elaborado a partir de uma síntese das diferentes normas e regras que já existiam. E, que nos seus aspectos essenciais se mantêm ainda em vigor.

A fundação da FIE e a difusão dos regulamentos que passaram a vincular a prática da esgrima de competição onde quer que ela se realizasse, constituiu um ponto de viragem. A partir de então multiplicaram-se os torneios internacionais e a esgrima expande-se para todos os continentes.

No entanto, os erros de arbitragem e a dificuldade em apreciar exatamente a materialidade do toque⁴⁶, associado a não mais utilização do sistema cavalheiresco em que os esgrimistas prontamente se acusavam quando recebiam o toque, motivaram as buscas no sentido de se descobrir um artifício que fosse totalmente incontestável em revelar a ocorrência do toque.

Surgiram algumas tentativas de aparelhos elétricos (hoje eletro-eletrônicos) sinalizadores de toque para auxiliar o julgamento. Mas foi só em 1931 que o engenheiro francês Laurant cria um dispositivo elétrico destinado a espada, sendo depois aperfeiçoado pelo italiano Pagan. E, após várias experiências bem sucedidas, foi adotado pela Federação Internacional, em 1933, e passou a ser utilizado oficialmente nas competições, inclusive, nesse mesmo ano, nos Campeonatos da Europa realizados em Budapeste. Na Olimpíada de Berlim em 1936, logo a seguir, foi a primeira olimpíada a se utilizar dos aparelhos elétricos para a espada. Vinte anos depois da criação do aparelho para espada, surge o aparelho para o florete, e para o sabre só a mais ou menos quinze anos atrás foi posto em prática.

⁴⁶ Julgamento para definir se existiu ou não o toque.

Com a adoção do aparelho elétrico terminaram as discussões sobre a materialidade dos toques. Cada toque passava a ser assinalado e verificado. O sinal do aparelho não é posto em dúvida e não se discute.

A mudança é ainda mais relevante. Perde-se a arte da troca de ações durante um assalto, quando, o esgrimista na busca incessante de tocar evita de toda maneira ser tocado. Agora basta ser o primeiro a tocar. A lâmpada do aparelho acende e só isso basta.

Modificam-se as táticas e até as técnicas. A antecipação e a velocidade de execução são estudadas e praticadas até aos mínimos pormenores.

A introdução do aparelho elétrico, representa na evolução da esgrima, um marco de importância equivalente à descoberta da pólvora, a invenção da máscara ou o aparecimento do florete.

Com a ciência e a tecnologia moderna beneficiando os desportos, o armamento, a aparelhagem elétrica e o equipamento, vem evoluindo a cada ano, no intuito de aprimorar e evoluir a esgrima, desenvolvendo-a como prática desportiva e, promovendo a segurança do atleta.

A esgrima de hoje, mesmo ainda tendo preservado o mesmo princípio dos tempos passados, que é "tocar o adversário sem ser tocado", nada tem haver com a esgrima "imoral" ou "amoral" de outros tempos, em que esse princípio era levado as últimas consequências, e que hoje, por conta de todo o artefato que assegura ao máximo a segurança de seu praticante, bem como das armas que não são mais afiadas, tendo na ponta um botão, temos uma esgrima "moral", pois mesmo continuando a lançar a arma contra o seu oponente, e por todos os fatos já mencionados, temos a segurança e confiança de que aquela arma não vai causar uma morte ou mesmo um ferimento que seja, pelo menos propositadamente.

E, como já foi mencionado em outro momento desse trabalho, para reforçar essa afirmativa de uma "Esgrima Moral", citamos Kant (apud Beresford, 1994) em sua fórmula fundamental, onde a máxima que nesse esporte seria "estar no lugar de meu oponente e receber os mesmos golpes que eu daria nele", é perfeitamente aceita como lei universal, sendo então considerada pelo pensamento de Kant como uma atitude moralmente correta, classificando então a esgrima atual como uma "Esgrima Moral".

A Evolução da Esgrima no Brasil

A esgrima é a arte de jogar as armas brancas. Existem a esgrima de florete (figura 1), de espada (figura 2), de sabre (figura 3), de baioneta⁴⁷ (figura 4), de lança (figura 5) e a cavalo (figura 6).

A esgrima de florete era muito empregada nos duelos e nos combates nas salas d'armas; a esgrima de baioneta, à cavalo e de lança são práticas até hoje exclusivamente aplicadas nos exercícios d'armas dos meios militares, e tinham importância capital e decisiva nos combates, durante as recargas das armas de fogo. Já a esgrima de espada e de sabre tanto servem na guerra como na paz, para o militar como para o civil.

Qualquer uma destas espécies de jogo tanto servem para a defesa como para o ataque. O ensino da esgrima tinha como objetivo, além de preparar o homem para a vida, desenvolvendo-lhe a coragem, a confiança e a moral, prepara-lo principalmente para o combate, dando-lhe condições de se utilizar de todo e qualquer instrumento para sua defesa, sobre o adversário inexperiente e despreparado.

E assim, aqui no Brasil, no início dos tempos também não foi diferente, sendo só mais tarde, com a instauração de grandes momentos de paz, que ela passa a ter outras finalidades.

A esgrima chegou ao Brasil na época da colonização e continuou sendo praticada durante muito tempo por grupos restritos.

Durante essa época, não havia no Brasil instituições de ensino regular de esgrima. Diferente da Europa onde já existiam Academias e Salas d'armas onde era muito praticada e já se encontrava bem organizada.

Segundo Colares (1998) durante esta fase, a defesa de nosso território tinha três dificuldades básicas a serem vencidas: a preferência que os portugueses tinham pelas índias; a vastidão da costa, o que tornava-a quase indefensável; e a pequena população vinda de Portugal. Diante de tais fatos, D. João III dividiu em capitanias e a elas delegou a missão de defesa da terra.

Os nobres que aqui chegavam, traziam grandes interesses mercantis em busca de riquezas. Portanto esse pode ter sido uma das situações que levou à falta de interesse pela prática da esgrima na época, diferente da nobreza Européia. O clima impróprio para o exercício da

⁴⁷ Arma branca que se coloca no cano de uma arma de fogo, como complemento desta no ataque ou na defesa como armas de golpe.

esgrima e a falta de mestres, eram outros fatores que não lhes facilitavam em nada o interesse pela prática. Além disso, a posição que os senhores feudais aqui desfrutavam, permitiram-lhes resolver os dissídios que, por acaso, surgissem, de outras maneiras.

"Nessa época, a prática da esgrima limitou-se à transmissão de noções rudimentares aos membros das capitâneas que fossem encarregados de sua defesa (...) e para tal as principais armas brancas utilizadas eram a espada de guarda em cruz, a rapieira⁴⁸ e a estramazão⁴⁹." (Colares, 1998:p.5)

Ainda no Brasil Império a esgrima não teve oportunidade de expandir-se, ficando somente limitada à instrução do emprego do sabre nos corpos de tropa, sem características de esgrima e somente com aspecto militar, de utilização imediata no combate.

Segundo Colares (1998), na tropa eram utilizados as modalidades de esgrima à cavalo, esgrima de baioneta e esgrima de lança, todas admitindo diferentes combinações entre elas. O emprego das armas brancas ainda se fazia necessário em função do "Choque" (p.6), uma das propriedades táticas da cavalaria e da infantaria. Além dessa importante propriedade tática, até a primeira metade do século XIX a maioria de nossas armas eram de pederneiras⁵⁰ e possuíam um sistema de carregamento lento e difícil, que acabava por facilitar a aproximação do inimigo e fazer necessária a aplicação da esgrima. Na Segunda metade do século XIX, a aquisição de armas de repetição, como o "fuzil americano Roberts" e a "clavina Spencer" (Colares, 1998: p.6), aumentaram a eficiência das armas de fogo e, paulatinamente, diminuíram a necessidade do embate corpo a corpo.

No meio civil, a influência pacífica de D. Pedro II não animava a propagação da esgrima, não se tendo notícias da vinda de nenhum mestre importante.

Autores como o Dtor Ignácio Firmo Xavier publicam trabalhos aconselhando a prática da esgrima. O autor mostra-se bastante influenciado por J.J. Rousseau e aconselha a marcha, a dança, a equitação, o salto e a esgrima, na sua publicação "Reflexões sobre a Educação Física e Moral da infância" de 1854. (Marinho, 1952b)

Coube ao decreto n.º 2 116, de 11 de março de 1858, estabelecer a obrigatoriedade para os cursos de infantaria e de cavalaria da tradicional Escola Militar da Praia Vermelha do Rio de Janeiro (criada pela Carta Régia de 4 de dezembro de 1810), entre as práticas escolares, a esgrima, a natação e a ginástica. Determinou ainda que, para o ensino prático, haveria, além de

⁴⁸ Espada comprida, com corte dos dois lados e ponta perfurante.

⁴⁹ Antiga e larga espada de dois gumes.

⁵⁰ Armas de anti-carga.

outros, um mestre de esgrima. E no mesmo ano também passa a ser obrigatório na Escola da Marinha. Foi nomeado então para o importante cargo de mestre de esgrima da Escola Militar Antônio Francisco da Gama. (Marinho, 1952a) Segundo Cramer (comunicação pessoal, 2000) seus instrutores de esgrima eram militares esgrimistas que tinham alguma vivência nessa prática, inclusive seu pai, o general Cramer também foi um desses instrutores.

Em 1860, o capitão José Ferreira Costa foi nomeado instrutor de ginástica do depósito de aprendizes de artilheiros, situado na fortaleza de São João. O programa dessa Escola obrigava à prática da ginástica, esgrima e natação, submetendo os alunos aos respectivos exames. (Marinho, 1959)

O mestre d'armas estrangeiro mais antigo em terras do Brasil foi o português Antônio Francisco da Gama, nomeado em 1862 mestre de esgrima da Escola militar. (Figueira, 1981)

Em 1866, é determinada a prática da ginástica, natação e esgrima nos cursos preparatórios à Escola Militar. (decreto n.º 3.705 de 22 de Setembro de 1866).

Para que a nobreza recém chegada de Portugal pudesse se exercitar e manter sua prática é fundado em 31 de Outubro de 1868 o Club Ginástico Português, funcionando inicialmente com as escolas de ginástica e esgrima, este que era muito praticado pela nobreza européia. Esse clube foi a primeira sociedade que passando por cima de todos os preconceitos existentes na época quanto a prática dos exercícios ginásticos, inaugura suas escolas com instrutores e atividades regulares. Podemos considerar que este é o primeiro clube instituído no Brasil destinado a prática da atividade física e também o primeiro a oferecer esgrima. A escola de ginástica compreendia: exercícios com e sem aparelhos, massas, Sueca, equilíbrio, acrobacia, atlética, pesos e halteres, quadros-plásticos, beskt-ball, ping-pong, patinação e volley-ball; já a escola de esgrima era composta de: florete, espada de combate, sabre e baioneta, sendo seu primeiro instrutor L. De Wilde, de origem Belga, pintor de carros da estrada de ferro D. Pedro II.

Esse clube teve um papel importante na vida esportiva do Rio de Janeiro, conforme escreveu o jornal do comércio em 23 de agosto de 1911, citado por Club Gymnastico portuguez, 1936:

"A precursôra dos desportos cariocas através do seu lema: Mens Sana in Corpore Sano. Essa raça mais forte, mais ágil, mais vigorosa que brilha nas pugnas athéticas do Rio moderno - remadores, nadadores, gymnastas, corredores, jogadores de foot-ball e tennis, atletas e esgrimistas (grifo nosso) - é bem a continuadora d'aquelles cujo esforço teve por thatro uma sala térrea e obscura na rua do

hospício, e ovulo de que mais tarde saiu, como crystalida atrahente, o moderno Club Gymnastico Portuguez". (s.p.)

A escola de esgrima do Club Ginástico Português, se mantém viva até os dias de hoje, sendo sempre realizada em sua sede, havendo anos em que sua prática não existiu, mas de uma maneira geral ela tem se mantido freqüente e organizada, com instrutores que por vezes eram também associados do Clube e, com uma característica mais voltada para o lazer. Em 1933, quando entra para instrutor o capitão Horácio dos Santos, o Club disputa provas da FME (Federação Metropolitana de Esgrima) tendo inclusive seus praticantes vencido algumas delas. A escola de esgrima organiza competições internas e desde sua fundação prepara todo ano, como as outras escolas, apresentações a fim de divulgarem suas atividades e abrilhantarem a festa de aniversário do clube que é realizada em outubro. No caso da esgrima são organizados duelos combinados de florete, espada e sabre. (Club Gymnastico Portuguez, 1936)

Ilustres esgrimistas que já se destacavam na época, como: prof. Luiz Furtado, capitão Fabrício e Paulo Lauret, visitam em 1896 a escola de esgrima do Club Ginástico Português. (Carvalho, 1906)

Em 1871, é baixado o Regulamento da Escola da Marinha, conservando a obrigatoriedade da prática da esgrima, da natação e da ginástica em seus cursos. (decreto n.º 4.720 de 22 de abril de 1871). E em 1874, é baixado também o Regulamento da Escola Militar, fazendo constar de seus cursos a esgrima, a natação e a ginástica. (decreto n.º 5.529 de 17 de janeiro de 1874) E, segundo Figueira (1981), torna-se seu instrutor de esgrima em 1883, o Mestre francês Pontier, e lá surge o primeiro mestre brasileiro, o mestre Barros.

Em 1884 é incluído a ginástica, a natação, a equitação e a esgrima nos cursos da Escola Militar do Rio Grande do Sul. (decreto n.º 9.251 de 16 de junho de 1884) E, no mesmo ano, a Escola da Marinha funde-se ao Colégio Naval, recebendo o nome de Escola Naval, e os currículos do novo estabelecimento conservam os exercícios ginásticos, a natação e a esgrima. (decreto n.º 9.611 de 26 de junho de 1884)

Em 9 de março de 1889 é criado o Imperial Colégio Militar, no Município da Côrte, através do decreto n.º 10.202, fazendo constar de seus programas também a natação, a ginástica, o tiro ao alvo e a esgrima. O primeiro mestre de esgrima foi o tenente de infantaria Servílio José Gonçalves. (Figueiredo; Fontes, 1958)

No início do século XX, o emprego da esgrima em combate já se limitava exclusivamente à utilização da baioneta, como nos mostrou terrivelmente sua utilização na 1ª Guerra Mundial com sua guerra de trincheiras. (Colares, 1998)

No Brasil, cresce o interesse pela esgrima desportiva, dentre outros fatores, em função de sua implantação nas primeiras Olimpíadas da era moderna, em Atenas, no ano de 1896.

Conforme cita o Almanaque Esportivo Olympicus (1942/43) sobre uma entrevista que o general Valério Falcão deu a um jornal carioca em 1928, sobre a esgrima carioca, falando que em 1898:

"a esgrima no Brasil estava circunscrita à Escola Militar da Praia Vermelha, onde um grupo de esgrimistas vindo do Império monopolizava, com outro grupo vindo da república as vantagens plásticas do nobre esporte medieval." (p. 257)

Ele esperava a hora em que pudesse se juntar ao grupo para aquela prática que tão fascinante lhe parecia. Mas, uma revolução envolvendo a Escola Militar em 1904 (Lobato Filho, 1948), acabou por provocar a extinção daquele reduto, levando consigo a dissociação daquele grupo que se formara.

Dessa Escola Militar surgem grandes nomes como: Luiz Furtado, Leite de Castro, Fabrico de Mattos, Parga Rodrigues e Valério Falcão, que apesar de não ter praticado com o grupo, nele se inspirou e fez da esgrima uma razão de vida.

A Revista de Educação Física de janeiro de 1933 cita como a mais brilhante fase da esgrima dos tempos modernos. Igualmente o Almanaque Esportivo Olympicus (1942/43) fala que o entusiasmo dessa mocidade da Escola Militar foi um dos fatores que impulsionaram, na época, a esgrima na Capital Federal.

Com o entusiasmo que se formara, vários grupos começaram a praticar esgrima, provocando em 1903, por iniciativa de Paulo Roesch, a abertura da escola de esgrima no Clube de Regatas Boqueirão, popular clube esportivo carioca, que reunia um grande número de praticantes e, onde era instrutor o cadete da Escola Militar Jacob Nogueira, este um grande floretista da época. Poucos meses depois a escola de esgrima se organiza e realiza uma apresentação de assaltos de florete, espada e sabre devido as comemorações do 5º aniversário do Clube, do qual são convidados para fazer parte nomes de destaque na esgrima como: Lima Mendes, Parga Rodrigues e Luiz Furtado.

Com a mudança da sede as aulas foram suspensas, não havendo atividade até 1906, quando é reativada e assume como instrutor José Gamarra. Com sua morte dois anos depois, é contratado um novo instrutor, o José Occhipinti que por ser italiano passou a utilizar a esgrima italiana, que não era divulgado em nosso país prevalecendo sempre a esgrima francesa.

Para os esgrimistas com certeza foi uma experiência positiva pois puderam ter contato com as duas escolas.

O Club de Regatas Boqueirão perde o seu instrutor com o advento da 1ª grande guerra, pois ele é convocado por seu país, onde morreu em batalha. Para seu lugar entra José Luiz Affonso e como auxiliar Avelino Magalhães Padilha.

Valério Falcão, em 1910, já em serviço no Colégio Militar, consegue formar lá, uma escola de esgrima, constituída pelos alunos do último ano. Como instrutor no Colégio Militar do Rio de Janeiro faz nascer vários atiradores, como: Brasilino Freire, Oswaldo Rocha, Pélio Ramalho, Ariosto Daemon, Zoroastro Firmo, Thelmo Borba, Nilo Sucupira, Oscar Machado, Esperidião Rosa, Rubens Rego Barros, Francisco Prado, Alopércio Doemon, Horácio dos Santos e outros. (Almanaque Esportivo Olympicus, 1942/43)

Composto por esses e outros praticantes apaixonados pela esgrima, fundam o "Centro Esgrimista Carioca", que Valério Falcão denominou de: núcleo destinado a prática, divulgação e propagação desse esporte. Eles realizam então campeonatos sendo o primeiro em 1917, e o segundo em 1918.

Por conta ainda de alguns aficionados, mas já com uma pequena organização, a esgrima começa a se estruturar e a se organizar quanto esporte, e já é sentida a necessidade de se criarem meios para que ela se desenvolva.

A vinda ao Rio de Janeiro e São Paulo do campeão mundial de Florete, o francês Lucien de Merignac, que fazia pelas Américas uma viagem de demonstração da esgrima francesa, bem como a ida de oficiais das forças armadas à Europa e à Argentina, foram outros fatores que ajudaram em muito a impulsionar a esgrima brasileira. (História da Esgrima, sem data)

Luiz Furtado, Fabrício e outros esgrimistas brasileiros enfrentaram o Francês, que foi embora com uma boa impressão do progresso da esgrima no Brasil. (Revista de Educação Física, 1933)

Após a vinda do mestre d'armas francês Merignac, e das circunstâncias que levaram a extinção da Escola Militar da Praia Vermelha, fizeram com que o "elan" mantido no exército pelo grupo da Escola Militar da Praia Vermelha fosse quebrado e, não permitiram que seus elementos depois de afastados do Rio de Janeiro e espalhados por todo o país se constituíssem posteriormente em centros de difusão suficientemente expressivos.

De implantação difícil e custosa, a esgrima vinha sobrevivendo sob os esforços, entusiasmos mais ou menos intensos e eficientes, mas transitórios, de pessoas ou grupos, até que uma entidade permanente lhe assegurasse as necessárias condições de regularidade e estabilidade que ela precisava.

Em São Paulo, em 1901, surgiu um grupo que seguindo as diretrizes traçadas pelos precedentes mestres, intensificaram a propaganda e conseguiram formar a primeira sala d'armas do estado, que foi denominada de "Masaniello Parise" sob a direção técnica do mestre italiano prof. Gozzol. Foram fundadores da sala d'armas: Coronel Pedro Dias de Campos, irmãos Salvador e José Cuffari, irmãos Paulo e Lourenzo Alessandri, Barros, as senhoritas Maria Andréa e Maria Luiza Paturot de Oliveira, e outros. (Almanaque Esportivo Olympicus, 1942/43)

A 12 de outubro de 1902, aparece o primeiro número da revista quinzenal "O Sportman", órgão do Clube de Esgrima Masaniello Parise. (Marinho, 1980)

No Brasil os primeiros esforços de formação de professores se deram em 1902, com a fundação de uma Escola de Esgrima, na Brigada Policial de São Paulo e por iniciativa do coronel Pedro Dias de Campos, com sede no Batalhão de Caçadores, no Quartel da Luz, sítio à Avenida Tiradentes, São Paulo. Com formação básica em ginástica e esgrima, é possível supor que os formandos atuassem também fora dos quartéis. Em 1906 essa escola sofreria modificações, assumindo o comando da seção de Ginástica, o Capitão Lemaitre e o da seção de Esgrima, o Capitão Balancier, ambos do exército francês. E já no dia 16 e 17 desse mês, sob o patrocínio do Esporte Clube Internacional, realiza-se em São Paulo um campeonato de esgrima que despertou grande entusiasmo principalmente entre os novatos. E em 1904 realiza-se o primeiro torneio público de esgrima, em São Paulo, no velódromo, com avultada assistência. (Marinho, 1980)

A Escola de Educação Física da Força Pública teve importante papel no sentido de divulgar através de seus mestres de esgrima e ginástica, nas fileiras da Força e nos meios civis, a prática do método sueco, quebrando a hegemonia do método alemão.

Na primeira guerra mundial, a França foi a grande vitoriosa. Logo, a doutrina francesa passou a dominar e influenciar toda parte do mundo, principalmente o Brasil. O exército brasileiro então logo se mobilizou para trazer o que de melhor havia no mundo no momento, para reformular sua instrução militar. A partir de então passam a vir algumas missões francesas ao Brasil, basicamente com o propósito de instrução militar.

Já em 1907, mesmo antes da 1ª grande guerra, o governo brasileiro manda vir da França, uma missão militar, contratada para ministrar instrução militar à Força Pública de São

Paulo, e fundam na referida milícia, uma sala d'armas destinada ao ensino e prática da esgrima, sendo o mais antigo estabelecimento de Educação Física especializado de todo o país, mas realmente fundado em 1909 quando forma os primeiros mestres em ginástica e mestres d'armas em esgrima, os quais, por sua vez, divulgaram no meio militar e civil a prática da ginástica e da esgrima. Seus conteúdos eram baseados nos ensinamentos estabelecidos pela Escola de Joinville Le Pont, que já tinha uma grande influência na Educação Física que era desenvolvida no exército. (Marinho, 1980a)

Segundo Andrade (1950), um dos integrantes dessa missão francesa foi o mestre Delphin Balancier, do exército Francês e, primeiro comandante e diretor do então "Curso de Esgrima e Ginástica", responsável pelo ensino e formação dos futuros mestres d'armas, de onde nasceram mestres como: José da Silva Neubern e Marques, os quais são citados por Figueira (1981) como responsáveis pelo progresso que a esgrima teve desde então. A Força Pública apresentou como nomes exponenciais: Gamoeda e Pitcher. (Revista de Educação Física, 1933)

Dos mestres d'armas formados por esta Escola, alguns passaram a não só ensinar esgrima no meio militar, mas foram também para o meio civil e em vários estados, como por exemplo no Rio de Janeiro, onde desenvolveram esforços no sentido de cada vez mais elevar esse esporte, como cita Figueira (1981):

"A Força Pública de São Paulo trouxe ao Brasil uma missão francesa em cujo quadro figurava o mestre capitão Balancier que fundou a Escola de Esgrima daquela corporação de onde nasceram mestres perfeitos, como mestre Neubern e mestre Marques aos quais a esgrima brasileira deve o surto de progresso (que se viu na época)". (p.34)

No Relatório dos Trabalhos Sociais do Fluminense Futebol Club de 1937, podemos verificar que o mestre Neubern, entra para esse clube, nesse mesmo ano ocupando o cargo de instrutor e técnico de esgrima. E, segundo Soares (comunicação pessoal, 2000) o Mestre Neubern permaneceu como técnico do Clube Fluminense do Rio de Janeiro até 1962, divulgando e massificando os ensinamentos que recebeu do mestre Balancier, chefe da Missão Francesa de 1907.

Esta fase de entusiasmo durou uns dez anos. Após esse período houve uma decadência, dentre outros fatores, muito provavelmente decorrente da primeira grande guerra e pela falta de valores humanos que viessem a substituir veteranos já em idade de encerrar suas atividades.

A esgrima entra então em colapso evidente quando Joaquim Alves Bastos chega no ano de 1919 à Escola Militar, que já não era mais na Praia Vermelha, e não encontra nenhuma

movimentação de esgrima, o qual já durava havia largos anos. Como consequência desse desânimo no meio militar, o meio civil chegou quase a se esquecer do assunto.

Com a criação do departamento de desportos do exército e a criação do curso de mestre d'armas da Escola de Educação Física do Exército, houve uma nova onda de entusiasmo. Embora regulamentar, esse curso deixou de funcionar um tempo, principalmente pela dificuldade de se contratar especialistas no estrangeiro. Mas numa tentativa de solucionar esse problema o comandante da escola da época convidou para ser orientador técnico deste curso, o mestre Horácio dos Santos, formado pela Escola Superior de Educação Física e Esgrima de Joinville le Pont (França).

Alguns militares praticam esgrima por diversão ou mesmo ensinam para alguns jovens entusiastas que o queriam aprender. Civis viajados e abastados conservam em suas casas, pequenas salas d'armas aonde se exercitam. Bastos (1933) cita como exemplo as residências do Dr. Cyro de Azevedo, e a família Rocha Miranda, e Rocha (comunicação pessoal, 2000) cita ainda a residência dos Mairink Veiga onde treinava lá o Alfredo Mairink Veiga e o próprio Maurício Rocha, filho do grande esgrimista Oswaldo Rocha.

Algumas tentativas foram feitas para se manter em funcionamento salas públicas, mas fracassaram em pouco tempo. O Club Gymnastico Portuguez (1936) cita que a desmotivação nessa época foi decorrente do aparecimento das armas de fogo, que passaram a atrair os "moços", já não comparecendo com tanta freqüência as aulas de esgrima do Clube. Outro fato que provavelmente influenciou para a redução e até suspensão de sua prática, e aí outras atividades devem ter sofrido também, foi a epidemia de gripe espanhola que assolou o país em 1918. (Club Gymnastico Portuguez, 1936)

Dessa época, como prática sistemática tinha-se: a instrução no Colégio Militar dada pelo capitão Valério Falcão, o Curso de Esgrima da Força Pública de São Paulo, sob a direção de instrutores franceses, as aulas de esgrima que eram oferecidas pelo Ginástico Português na sua escola de esgrima e a esgrima do Club de Regatas Boqueirão.

Ocorre nessa época no Rio de Janeiro um grande acontecimento no meio esportivo noticiado por todos os jornais, que foi a visita do grande campeão Barão Athos de San Malato, como fala Affonso (1947):

"O maior esgrimista do mundo. Fortíssimo atirador e creador da escola que tem seu nome e revolucionou a esgrima com a descentralização das armas." (p.82)

O Clube Militar oferece em seus salões uma recepção em honra ao consagrado Mestre.

O General Valério Falcão, sendo na época instrutor do Colégio Militar, fica encarregado de organizar a equipe que irá enfrentar o San Malato, convidando além dos já freqüentadores do Club Militar outros esgrimistas de destaque da época, sendo: Julien Hoffman, José Ferreira da Costa, José Luiz Affonso, Avelino Magalhães Padilha e da Força Pública de São Paulo o Coronel Gamoeda. A atuação dos brasileiros foi brilhante, servindo este fato como grande divulgador da esgrima no Brasil. (Affonso, 1947)

Com a chegada do 1º centenário da independência, impôs-se a idéia de se realizarem no Rio de Janeiro as Olimpíadas Sul Americanas, como parte das comemorações dos festejos do centenário, onde seria incluída também competições de esgrima, levando a uma grande mobilização e a idéia de que deveríamos nos preparar.

Foi quando o Exército brasileiro resolveu importar nomes que nos puseram a par do que de mais moderno havia nos grandes centros. E o ministro do exército da época, então em missão na França, conseguiu contratar o capitão André Gauthier, professor da Escola de Joinville Le Point e um dos grandes nomes da esgrima da Europa na época, e o Sr. Giovanni Abita, mestre d'armas da Escuela Magistrale di Roma, para virem ao nosso país como instrutores de esgrima para o exército e para a marinha respectivamente. (Bastos, 1933)

O mestre Gauthier, ficou encarregado de treinar a equipe de esgrima que iria participar do evento de comemoração do centenário da Independência. Ele se empenhou muito no intuito de colocar a equipe brasileira em condições de disputar o torneio, apesar de ter chegado em terras brasileiras meses antes do evento. E, pelo tempo ser curto, se preocupou em melhorar o jogo dos atiradores que já se destacavam, como: Oswaldo Rocha, Nilo Horácio Sucupira, Horácio Santos, Valério Falcão, José Costa, Pélio Ramalho, José Luiz Affonso e Avelino Magalhães Padilha, os três últimos praticantes da escola de esgrima do Club de regatas Boqueirão.

Em 1922 foi realizado então, por conta das festividades, o 1º torneio Internacional de Esgrima no Rio de Janeiro (dentre os vários esportes do Campeonato Sul Americano) por iniciativa da Confederação Brasileira de Desportos.

O empenho desse mestre fez com que nossos esgrimistas Oswaldo Rocha, no florete e Pélio Ramalho no sabre conseguissem o primeiro lugar nas respectivas armas. (Azevedo, 1936)

Participaram desse torneio: Brasil, Uruguai, Paraguai, Argentina e Chile. (Pereira; Cacalano, 1998)

Apesar de ter ficado mais ligado a Marinha, o mestre italiano Giovani Abita auxiliou no treinamento de nossa equipe e permitiu que os esgrimistas nacionais, também conhecessem e se familiarizassem com a esgrima italiana.

Durante essa fase, entre 1921 e 1924, a esgrima nacional movimentou-se brilhantemente, sob os auspícios desses dois mestres.

As salas d'armas do clube naval e do clube militar, em particular onde o trabalho era orientado pelo mestre Gauthier, funcionavam repletas, mas a partir de 1924, várias circunstâncias fazem com que o mestre Gauthier não encontre interessados no exército, o clube militar se desinteressou da questão, e a esgrima perdendo as suas principais posições passa a viver quase que exclusivamente no meio civil que estava em alta, tendo vários clubes com a prática regular da esgrima. Os militares então para continuarem sua prática, vão se filiar aos clubes.

Segundo Santos (1951), depois de 1922, animados com os resultados alcançados no Torneio, alguns clubes fundaram e desenvolveram suas seções de esgrima sob direção de mestres brasileiros, franceses e italianos. Foram eles: o Guanabara e o Opera Nazionale Dopolavoro (Clube Italiano) e que segundo Soares (comunicação pessoal, 2000) Dopolavoro quer dizer "depois do trabalho", e os clubes de futebol: Flamengo Futebol Club, América Futebol Club e o Fluminense Futebol Club. Além desses que recém inauguraram, já existia esgrima no Club Ginástico Português, que tinha uma escola onde eram ministrados ensinamentos de esgrima desde 1868 e no Club de Regatas Boqueirão onde também acontecia treinamentos de esgrima regularmente desde 1903.

Segundo Azevedo (1936) a sala d'armas do clube Guanabara foi fundada por Felipe de Oliveira, industrial de êxito, escritor e grande poeta, aonde ministrava aulas o mestre francês Gauthier, sendo seus frequentadores: Rodrigues Otávio filho, Edgar Côte Real, Edgar Guamá, Ênio Daudt de Oliveira, Anibal Bastos, Chermont Lisboa dentre outros.

O Fluminense Futebol Club, abre suas portas para a prática da esgrima em 1926, para ambos os sexos, ganhando muitos adeptos, e onde são seus instrutores o mestre italiano Abita, que só ficou no primeiro ano e o exímio esgrimista Oswaldo Rocha (campeão de florete do Sul Americano) que prosseguiu como instrutor até 1929, quando por motivo de viagem se afastou, saindo do Fluminense, e as atividades infelizmente cessaram. (Fluminense Futebol Club, 1926)

Em 1927 esse clube já se compunha de 13 sócios atletas de esgrima, que jogavam e defendiam as cores do clube. (Fluminense Futebol Club, 1927)

Segundo Scaliso (comunicação pessoal, 2000), sendo o clube frequentado por pessoas de um nível social mais elevado, essas atividades eram praticadas mediante o pagamento de mensalidade pelos associados, e o clube se comprometia à fornecer o material necessário para sua prática. Embora esse esporte não pertencesse ao quadro dos esportes oficiais do clube, o departamento técnico já preocupado com a divulgação e popularização do esporte, empenha-se a fim de transformá-lo numa atividade permanente, facilitando sua prática sem custos para os seus associados. (Fluminense Futebol Club, 1926) Empenho este que só veio a acontecer anos mais tarde quando a esgrima se reativa no clube, em 1936.

A Liga de Esportes do Exército fazia provas anuais, numa ampla solidariedade esportiva, e para divulgar o esporte permitia que civis participassem de suas competições de esgrima, não fazendo distinção entre militares e civis. Da mesma forma a Liga dos Esportes da Marinha, também promovia competições de esgrima onde participavam civis.

Em 5 de junho de 1925 é fundada a Federação Paulista de Esgrima - FPE, com sede em São Paulo, após reunião de aficionados pelo esporte, liderado por Amadeu da Silveira Saraiva, sendo filiados: Club Atlético Paulistano, Clube de Regatas Tietê, Clube Espéria, Sociedade Hípica Paulista (que participou apenas como colaboradora, pois a esgrima nunca foi praticada por seus integrantes), Associação Atlética São Paulo, Círculo Italiano, Portugal Clube, Associação Atlética das Palmeiras e Cercle D'Esgrime "In Quartata". (Almanaque Esportivo Olympicus, 1942/43)

O Club de Regatas Guanabara e o Automóvel Club do Brasil, ambos do Rio de Janeiro, aliados a FPE fundam no dia 05 de junho de 1927, em São Paulo, a União Brasileira de Esgrima - UBE, que contou com o apoio das Ligas de Esportes do Exército e da Marinha, onde foi denominado como presidente uma personalidade de São Paulo - Antônio Prado Júnior, e como vice-presidentes - Felipe de Oliveira (do Rio de Janeiro), General Portuguesa e Antônio Saraiva Júnior. (Confederação Brasileira de Esgrima, 1927)

Em 14 de abril de 1941 ela passa a se chamar Confederação Brasileira de Esgrima - CBE, nome que permanece até hoje.

Em sua reunião anual, a UBE discutia seus problemas, elaborava normas, criava seus estatutos e promovia os encontros esgrimísticos entre os dois estados que a fundaram. Em sua terceira reunião instituem como prova permanente nacional o campeonato brasileiro que

seria realizado uma vez por ano nas três armas e intercalando o local de sua realização, ora num estado, ora em outro.

E assim foi realizado o 1º campeonato brasileiro no dia 17 de novembro de 1928, no Rio de Janeiro com atletas da FPE e FME, sendo disputado nas armas de florete, espada e sabre e, somente na categoria masculino individual. No 2º campeonato brasileiro que foi em São Paulo só participaram atletas da FPE tendo a FME justificado sua ausência. A disputa de prova feminina no campeonato brasileiro só se deu em 1936 e sendo somente na arma florete.

Logo após a sua fundação a UBE filia-se a Federação Internacional de Esgrima - FIE, permitindo, assim, que o Brasil tomasse parte nas Olimpíadas de 1936, levando duas representações à Olimpíada de Berlim. Olimpíada esta onde seria usada pela primeira vez um aparelho sinalizador de toques para auxiliar no julgamento (História da Esgrima, sem data).

O mestre Gauthier volta à França, em 1927, por término de seu contrato com o ministério da guerra, e o mestre italiano Abita continua com um contrato de instrutor de educação física junto ao ministério da marinha, não exercendo uma verdadeira atividade em esgrima.

Embora Gauthier e Balancier retornassem a França, e Abita não continuasse a trabalhar mais com esgrima, é fora de dúvida que eles deixaram no Exército, na Força Pública de São Paulo e na Marinha, respectivamente, e no meio civil, um selecionado número de atiradores que souberam enaltecer a esgrima no país.

A partir desse momento ficou difícil a conquista de novos mestres no exterior sem o apoio dos clubes esportivos, pois os militares não tinham mais interesses nessa aquisição. E para se ter esgrimistas de um bom nível era importante a presença de mestres internacionais para que a esgrima continuasse a trajetória crescente, progressiva e despertando o grande interesse que começou com os outros mestres.

Privados de seus mestres muitos alunos de Gauthier se dispersaram e os poucos que continuaram pouco progrediram. Pela necessidade, alunos muita das vezes sem preparação e capacidade para tal passam à posição de mestres, formando um grupo de professores que, sem o querer, trabalha em favor de uma técnica imperfeita e danosa.

Partindo da iniciativa do esgrimista Henrique de Aguiar Vallim (Cramer, comunicação pessoal 2000), e do dinamismo e entusiasmo de Felipe de Oliveira, que foi um dos muitos que passaram a se apaixonar pelo esporte, e incentivado a partir dos ensinamentos do mestre Gauthier, juntamente com outros alunos dele, sentiram a necessidade de se criar uma

sociedade mentora do esporte no Rio de Janeiro, e fundaram no dia 05 de novembro de 1927, com sede no Distrito Federal, a Federação Metropolitana de Esgrima - FME, que também será conhecida como Federação Carioca de Esgrima - FCE. (Bernardo, comunicação pessoal 2000) Filiaram-se na época da fundação vários clubes, de acordo com o folheto do calendário anual da FCE de 1963: Clube de Regatas Guanabara, Associação Cristã de Moços, Clube Militar, Clube de Natação e Regatas, Clube Central - Niterói, Clube dos Bandeirantes, Botafogo Futebol Clube, Automóvel Clube do Brasil e Club de Regatas do Flamengo.

A primeira preocupação da diretoria da FME, foi a de criar salas d'armas nos clubes fundadores e em tantos outros quanto possível. Décadas mais tarde ela muda de nome devido a um momento histórico por que passa o estado da Guanabara, quando a capital do Brasil passa a ser Brasília, e o estado da Guanabara uni-se virando cidade do Rio de Janeiro e capital do Estado do Rio de Janeiro, passando então a FME, a se chamar Federação de Esgrima do Estado do Rio de Janeiro - FEERJ.

Por carência de mestres, nomes de destaque do clube Guanabara passaram a dirigir as salas d'armas dos clubes, ficando assim distribuídas: o general Valério Falcão foi para o Club de Regatas do Flamengo; José Costa ficou no próprio Club de Regatas Guanabara; Eduardo Truco foi para o Dopolavoro - onde era mestre Giovani Abita; Nilo Horácio Sucupira iniciava a sala d'armas do América Futebol Club e Félix Cunha Menezes que fundou a sala do Botafogo Futebol Club, obteve que Oswaldo Rocha fosse seu primeiro instrutor. (Azevedo, 1936)

Há campeonatos anuais de cada uma das categorias em que se classificam os atiradores. Há campeonatos da cidade promovidos pela FME e do país promovido pela UBE. Mas são inegáveis as dificuldades de cada momento.

Assim, entre 1928 e 1929 essas salas concorriam aos campeonatos com grande número de atiradores e as provas eram realizadas com grande assistência e numa atmosfera de entusiasmo.

O Club Militar, de 1928 a 1933 ativa sua sala d'armas participando com seus atiradores dos campeonatos civis.

Os anos de 1930 a 1932 devido a diversos fatores, inclusive as revoluções, concorreram para um período de paralisação. O ano de 1933 iniciou-se promissor, mas não se realizaram provas do campeonato individual carioca. O ano de 1934 foi de completa paralisação, o que é de lamentar, pois não havia nenhuma razão para tal.

O esporte encontra-se em declínio ficando para trás todo aquele entusiasmo de outrora. Os clubes militares, que tem salas d'armas apropriadas e nenhuma dificuldade de material, e alguns clubes civis que já tiveram esgrima, ambos já não mais investem em sua prática. (Educação Physica, 1937)

Este estado de coisas, levou a um desânimo dos atiradores e as salas d'armas ficaram reduzidas ao Club de Regatas do Flamengo e ao Botafogo Futebol Club, com frequência fraca.

Em 1932, a FPE convida a equipe Argentina que iria às Olimpíadas de Los Angeles para virem ao Brasil, e se apresentarem em duelos com paulistas e cariocas. Esse encontro esportivo foi de grande proveito para os brasileiros que depois de algum tempo sem um contato com a esgrima internacional puderam tirar proveito da boa performance técnica da equipe e aprimorar seus conhecimentos esgrimísticos. Mas, a exigência do uso de smoking para o evento causou grandes críticas como relata o jornal "A Gazeta Esportiva", citado por Pereira, Cacalano, 1998:

"(...) e a esgrima que vive de smoking é, aqui, um esporte de Quinta categoria, sem popularidade, e por assim dizer completamente desconhecido. Quizeram fazer dela um esporte aristocrático, e o resultado é esse: em muitos anos de vida está como estava, reduzida a um limitadíssimo número de praticantes, sem entusiasmo, sem desenvolvimento, vegetando, em suma (...) A competição deveria ter sido realizada em local em que, franqueando-se a entrada, fosse possível receber um grande público, que por certo, não faltaria. Esse público seria, naturalmente, de curiosos. Mas, muitos deles viriam a gostar desse esporte, e, na próxima reunião, voltariam". (Álbum pessoal de Henrique de Aguiar Vallim, sem data.)

Bastos (1933) cita alguns nomes de esgrimistas estrangeiros que estiveram de passagem pelo Brasil, contribuindo de alguma forma para a nossa esgrima nacional: Sr Dumuchel - notável espadista francês campeão da cidade de Marselha, Mr. Mac Pherson - grande nome da advocacia Ianque, sabrista extraordinário e Conde de Pombeiros - uma das mais temíveis lâminas de Portugal. Este inclusive ficou algum tempo entre nós e participou de algumas atividades, ajudando e aconselhando os praticantes. Inclusive recebeu seu nome, em sua homenagem, uma das provas da Federação Carioca de Esgrima que era disputada todos os anos.

A visita destes ilustres nos deram a oportunidade de ver e praticar a boa esgrima e de constatar o quanto ainda temos que melhorar e progredir.

A UBE institui em 1934 o Prêmio Felipe de Oliveira, em homenagem ao grande incentivador e fundador da FME, já falecido, onde levava a taça provisoriamente até o próximo

ano, a Federação que obtivesse o maior número de pontos das provas de equipes do campeonato brasileiro.

Em 1935 surgiu uma nova diretoria da FME. As condições em que ela iniciou seus trabalhos não eram nada encorajadoras, mas mesmo assim tomou uma série de medidas para tentar colocar em ordem e dar o impulso necessário e merecido para o desenvolvimento do esporte, inclusive realizando todas as provas do calendário de 1935 e levando a equipe carioca à participar do campeonato brasileiro realizado em São Paulo, conquistando para o Rio de Janeiro a prova de florete por equipe e a prova individual de florete.

A FME se empenhou também nesse mesmo ano em abrir novas salas e em reabrir salas que por vários problemas já não mais se praticava esgrima como no Fluminense Futebol Club, em que se praticou esgrima de 1926 a 1929, e onde era instrutor Oswaldo Rocha. Foi reaberta logo no ano seguinte. A sala do Dopolavoro não foi reaberta nessa época por não estar terminada a "Casa da Itália", nova sede deste clube de nome internacional. Nesse mesmo ano foi inaugurada a sala do Club dos Marimbás. (Revista de Educação Física, 1936)

Em 1935 a Liga dos esportes da Marinha filia-se a UBE, a fim de inscrever seus esgrimistas para jogarem as provas nacionais pela Marinha e não mais pelos clubes como vinham fazendo.

Em 1936, o Fluminense Futebol Club retoma em grande estilo suas atividades de esgrima no clube e com bastante entusiasmo. Já como atividade oficial do clube, tendo como diretor o Capitão José Corrêa Velho e como instrutores: Feliciano Soares de Mendonça e Geraldo Corrêa Martins (ambos seriam formados em mestre pelo curso de mestre d'armas da EsEFEx no ano seguinte), seu número de sócios atletas que passam a representar e defender o clube somam um total de 23 atletas, aumento considerável se lembrarmos que em 1927 eram 13. Em 1937, com grande entusiasmo e otimismo assume como diretor de esgrima o também esgrimista do clube Thomáz Carrilho Teixeira Gomes e é contratado como instrutor o mestre d'armas Neubern formado pela Força Pública de São Paulo que fica no clube até 1962, quando entra para seu lugar o atleta do clube Heitor de Abreu Soares, que também se formou em mestre d'armas pela EsEFEx em 1949. (Fluminense Futebol Club, 1937)

Esse clube segue com as atividades regulares de esgrima até 1982 quando seu técnico é dispensado e o clube não se interessa em contratar mais ninguém. Mas, embora sem atividade, alguns atletas ainda continuam a competir pelo clube, e em 1989 contratam um novo técnico, Edvan Lima Filho que fica só até 1991. De lá para cá mais nada houve de esgrima nesse local, esporte que tantas glórias trouxe para esse clube. (Fluminense Futebol Club, 1989)

Com a evolução da esgrima mundial os combates de espada deixaram de ser julgados somente com o auxílio do homem, através de um Júri⁵¹ que era composto de cinco pessoas, para se utilizar da tecnologia. É criado e passa a ser utilizado em competições internacionais o aparelho eletro-eletrônico sinalizador de toques. A partir de então, e pela primeira vez na Olimpíada de 1936, é utilizado o aparelho para detectar os toques realizados ainda somente na arma espada. No Brasil já em 1937, mas precisamente no Campeonato Brasileiro daquele ano, é utilizado pela primeira vez, na espada, o aparelho elétrico sinalizador de toques. A precisão dos resultados e perfeição dos julgamentos dos toques deram um brilho a mais à competição. (Revista de Educação Física, 1937)

O aparelho sinalizador de toques para florete, segundo Cramer (comunicação pessoal, 2000) é utilizado em terras brasileiras no final da década de cinquenta, por volta de 1957. E o de Sabre no início dos anos noventa.

Em 1938 a FCE realiza uma competição que recebe o nome de Taça Conde de Pombeiros, em homenagem ao Conde de Pombeiros que esteve no Brasil, como já havíamos citado, somente com a participação do Fluminense, Botafogo e Flamengo, este com o maior número de participantes.

O número de clubes que passam a oferecer a esgrima como atividade desportiva aos seus associados, aumenta em 1942, com a inclusão do Tijuca Tênis Club, que inicia suas atividades nesse ano com um grande número de praticantes, e vem se juntar aos já existentes: Club de Regatas do Flamengo, Botafogo Futebol Club, Fluminense Futebol Club e Clube Ginástico Português. Grandes expectativas se fazem em torno desta nova aquisição por ser ele um clube que não tem no futebol sua prioridade máxima. Desde a inauguração de seu curso de esgrima, foi seu instrutor o mestre Jayme Burschtein, quando então sai para ser instrutor no Club de Regatas do Flamengo. Os atletas do Tijuca Tênis Club continuam a defender seu clube até meados de 1956.

Na década de 50 ainda haviam muitas opiniões contrárias à participação da mulher no esporte, e alguns que a defendiam ainda aplicavam a filosofia do século XIX de "preservação da mulher procriadora", como verificamos no artigo de Ramos (1942), da Revista de Educação Física, sobre "A Mulher no Esporte", onde *"recomenda com moderação a prática da esgrima, devido a sua grande ação sobre os músculos da bacia, auxiliando a futura geradora de filhos"*. (p.20) Mas de alguma maneira, mostrando os benefícios que a esgrima pode trazer,

⁵¹ Corpo de julgadores composto por um presidente de júri e quatro assessores. Usado na ausência do aparelho sinalizador de toques.

recomenda a sua prática para as mulheres, ajudando na apresentação desse esporte para esse novo grupo, que já mesmo em número menor que a dos homens, passa a participar dos treinamentos e torneios.

Já no primeiro Campeonato Pan Americano, em 1951, o Brasil acrescenta em sua delegação, representantes da modalidade esgrima. (tabela 4)

Em 1952 o Club de Regatas Vasco da Gama, abre seu clube para os que querem praticar esgrima e vai se juntar aos outros cinco clubes que ainda continuam a oferecê-la.

Logo a história de nossa esgrima se apresenta cheia de alternativas para sua prática e nos mostra grandes valores nacionais que começam a projetar-se no plano internacional com participações em Pan Americanos a partir de 1951(tabela 4), em Sul Americanos a partir de 1954 (tabela 3), em Olimpíadas a partir de 1936, em Mundiais a partir de 1971, e com o passar dos anos podemos verificar que nos Sul Americanos os resultados são bem promissores.

Nessa época⁵² as competições da região metropolitana eram realizadas com um grande número de atletas distribuídos por vários clubes, tendo estes que ser divididos em até 3 categorias por prova, visto o número elevado de atletas por competição.

Em dezembro de 1981 é criado o Esporte Clube São João, da EsEFEx, onde acontecia a escola de esgrima para iniciantes e treinamento para os mais avançados. Esse Clube têm uma grande importância na época pois passa a fazer um trabalho principalmente com as crianças, preparando-as já desde cedo, onde até então nada do gênero vinha sendo feito, pois os outros clubes, sempre na sua maioria, tinham como praticantes jovens e adultos. Inclusive, por conta do crescente número de crianças, passa a se fazer campeonatos específicos para essas faixas etárias (campeonatos estes existentes no Regulamento Para as Provas mas sem acontecer na prática por falta de atletas).

Infelizmente a partir da década de setenta, gradativamente, os clubes do Rio de Janeiro vão se desinteressando pela prática da esgrima, ao contrário de São Paulo onde a esgrima encontra meios para continuar em ascensão. Atualmente, no Rio de Janeiro, o Clube de Regatas Vasco da Gama, o Esporte Clube São João e o Club Ginástico Português, que foi o primeiro a oferecer a esgrima, são os únicos que mantêm até os dias de hoje, a prática deste esporte milenar.

Influências das Escolas de Ginástica

A partir do ano de 1800 vão surgindo na Europa, em diferentes regiões, formas distintas de encarar os exercícios físicos. Essas formas receberam o nome de métodos ginásticos

⁵² Décadas de 40, 50 e 60.

ou escolas de ginástica, e correspondem, aos países que deram origem as primeiras sistematizações sobre a ginástica e que tiveram grandes influências em seus países e fora deles. Foram eles: Alemanha, Suécia, França e Inglaterra (esta particularmente enfocando mais o esporte). Essas sistematizações ganharam adeptos que propagaram suas práticas na Europa e em outros continentes, chegando suas influências ao Brasil.

Segundo Soares (1994) a ginástica passa a ser encarada mais cientificamente e suas concepções de base formam-se a partir da visão do homem saudável, de moral alta e preparado para a vida militar em busca da defesa da pátria desenvolvendo a vontade, a coragem, a força, a inteligência e a energia de viver.

E, é nesse caráter militar das ginásticas que encontraremos a utilização da esgrima, como uma das práticas para este fim, sendo um meio de defesa do homem e de seu país.

O aprofundamento dessa temática não se constitui em objeto de investigação do presente trabalho. Nossa intenção ao trazer a discussão dos métodos ginásticos no âmbito deste estudo, deve-se ao fato deles indicarem em seus conteúdos a realização da prática da esgrima.

Diante dessas afirmações, passaremos então, a fazer referência àquelas escolas de ginástica que tiveram maior penetração no Brasil, procurando destacar como a esgrima aparece em seus métodos e as influências que as mesmas tiveram na prática da esgrima em nosso país.

A Escola Alemã

"Na Alemanha, a ginástica surge para atingir (...), particularmente a (...) defesa da pátria, uma vez que, este país, no início do século XIX, não havia ainda realizado a sua unidade territorial. Era preciso, portanto, criar um forte espírito nacionalista para atingir a unidade, que seria atingida com homens e mulheres fortes, robustos e saudáveis." (Soares, 1994: p.66)

Na primeira metade do século XIX a ginástica alemã é implantada no Brasil, através dos oficiais e soldados prussianos da guarda nacional, e pelas famílias trazidas através de pedido feito à D. Pedro I, por sua esposa D. Maria Leopoldina, e que procuravam viver agrupados mantendo e preservando suas tradições, dentre elas a ginástica alemã de Friederich Ludiwig Janh, que já praticavam. (Marinho, 1980)

A manutenção da prática dessa ginástica, mesmo tão longe de sua terra de origem, proporcionou a criação de várias sociedades de ginástica alemã baseadas em Janh, Guts Muths, e Spiess, que se mantiveram com suas características próprias até 1938, quando foram nacionalizadas. (Marinho, 1980)

Em 1860 por influência do atual contra mestre de ginástica da Escola Militar da época - Pedro Guilhermino Meyer alemão, o método alemão é definitivamente consagrado e adotado pelo exército brasileiro, juntamente com suas partes integrantes, a esgrima e a natação. Na Escola Militar o método alemão permanece como oficial até o ano de 1912, quando então é substituído pelo método francês. (Marinho, 1980)

Janh, além da saúde e da moral, que o método deveria se preocupar, dava grande ênfase ao caráter militar, se preocupando principalmente com a formação dos soldados. Para tal era necessário além da aplicação de uma série de exercícios, que Aquino (1939) classifica como sendo violentos os utilizados por este método, se utilizando do uso de obstáculos artificiais que eram os aparelhos de ginástica, e que o preparassem para as guerras, o treinamento de atividades como a esgrima que proporcionasse a eles o aumento das possibilidades de ataque e defesa.

Por ser contrário a ginástica escolar nunca se preocupou com ela, e seus exercícios complexos e de difícil execução, não facilitaram com que fosse adotado nas escolas. Aparece então Adolph Spiess (1810-1858) que vai se preocupar com a ginástica escolar, e que será esquematizada por Accioly. Quanto as escolas brasileiras o método alemão não foi considerado como o mais adequado, preferindo-se o método sueco que começava a aparecer.

"O instrutor de hoje não pode mais ser o criador de músculos de outrora. (...) Ele deve ter pleno conhecimento da arte de educar o indivíduo sob o ponto de vista científico e racional, demonstrando como a educação física deve fazer parte da educação geral, procurando aplicar os meios mais simples e eficazes, adaptados ao estado social, as condições da vida moderna, meios esses aplicáveis as massas, aos fracos e, mais do que tudo, apresentados sob uma forma atrativa, conveniente a infância e a mocidade. Não mais confundir a verdadeira educação física com a educação atlética".

(Nascimento, 1905:p.VIII)

Como observamos nessa citação já havia uma insatisfação e dúvidas quanto a aplicabilidade do método alemão devido ao seus exercícios complexos e de difícil execução, necessitando de habilidades atléticas e direcionados a indivíduos preocupados com a cultura excessiva de certas qualidades físicas inatas, procurando outros fins que não o aperfeiçoamento geral do homem.

As atenções se voltam então para uma Educação Física mais global e que encare o homem como um todo num processo de aperfeiçoamento natural, sem contrariar a natureza, visando o equilíbrio mental, físico e orgânico.

A aplicação das sessões de ginástica bem como de sua parte integrante- a Esgrima e a natação, eram instruídas sem um método, sem um princípio razoável, sem fins definidos e mesmo sem uma ligação com a aplicação imediata dos ensinamentos. Não existiam instrutores

formados, os quais seriam qualificados para desenvolver tais atividades, nem mesmo instituições para formar esses instrutores, o que era bem problemático, pois por mais que houvesse a preocupação com a qualidade do conteúdo que seria transmitido e aplicado, não havia garantia de que os fins seriam alcançados.

Segundo Nascimento (1905), essa falta de orientação e despreparo dos instrutores não preparava bem seus alunos, e nem de maneira suficientemente autônoma para a vida diária. O que acontecia era que nas horas de lazer em que eles procuravam os ginásios para se utilizarem dos aparelhos, as salas d'armas para se confrontarem de posse das armas, e as praias para se atirarem nas águas, em busca de aplicarem o que aprenderam, o que se via era uma série de atividades práticas, que para o lazer poderia muito bem alcançar seus objetivos, mas como resultado de um processo de aprendizagem era sem propósito e sem objetivos, reflexo da falta de sistematização e métodos em seu processo de aprendizagem.

Nascimento (1905) diz que: *"nunca me constou que (...) das escolas militares saíssem turmas de esgrimistas capazes de sustentar um campeonato. Das escolas de esgrima um que outro se destacou brilhantemente, (...) não porque estes tivessem haurido ensinamentos exatos na aprendizagem confusa desses estabelecimentos, mas porque se transformaram, por temperamento e por vocação especial, em bons esgrimistas, por si mesmos metodizando o estudo, muitas vezes alheios as exibições espalhafatosas do meio desordenado.*

Um ou outro mestre d'armas aparecia imprimindo certo cunho de seriedade ao jogo das armas, mas esses mesmos atendiam quase que exclusivamente aos seus prediletos, deixando o resto da mocidade a debater-se livremente (...).

Eu não quero absolutamente afirmar, mas me parece que os processos de hoje (1905) ainda são idênticos (aos de outrora)(...)." (p.9)

A Escola Sueca

A sistematização da ginástica na Suécia ocorre no início do século XIX. Eles preocupados com a saúde física e moral e em acabar com os vícios da sociedade, aparecem com o método sueco de ginástica, como um instrumento a fim de formar indivíduos fortes, saudáveis e livres de vícios, para serem bons soldados e servir a pátria, uma vez que a ameaça de guerra era sempre presente; e bons operários auxiliando na produção, uma vez que nesta época a Suécia dá início ao seu processo de industrialização. (Soares, 1994)

Per Henrick Ling (1776-1839) propõe um método de ginástica com fins nacionalistas que regenerasse seu povo, formando homens que pudessem preservar a paz na Suécia. Ele era mestre d'armas e trabalhou ensinando esgrima na Universidade de Lund, onde algum tempo depois também passou a ministrar aulas de ginástica. Seus exercícios ginásticos baseava-se numa ginástica corretiva. Já seu filho Hjalmar Ling (1820-1886) continuou o trabalho

do pai direcionando para uma ginástica escolar. Segundo Marinho (1958:p.242), Ling considerava que sua ginástica poderia ser dividida em quatro partes, de acordo com os fins que se queria alcançar. Sendo:

- a. *Ginástica pedagógica ou educativa - aquela que todas as pessoas, independente de sexo ou idade e até mesmo, de condição material e social poderiam praticar. O seu elevado objetivo seria o de desenvolver o indivíduo normal e harmoniosamente, assegurando a saúde e evitando a instalação de vícios, defeitos posturais e enfermidades.*
- b. *Ginástica médica e ortopédica - que também deveria estar baseada na ginástica pedagógica, visando eliminar vícios, ou defeitos posturais e curar certas enfermidades através de movimentos especiais para cada caso encontrado.*
- c. *Ginástica estética - que assim como as outras deveria ser baseada na ginástica pedagógica e, além dela, procuraria o desenvolvimento harmonioso do organismo e seria completada pela dança e certos movimentos suaves os quais proporcionam beleza e graça ao corpo.*
- d. *Ginástica militar - deveria incluir a ginástica pedagógica, acrescida de exercícios propriamente militares tais como o tiro e a esgrima cujo objetivo era preparar o guerreiro que colocaria fora de combate o adversário.*

Como observamos na divisão feita por Ling acima, a ginástica Sueca mesmo sendo um método pautado na ciência, com fins pedagógicos e sociais, nota-se, mesmo que em menores proporções que em outros métodos, os objetivos militares. Ele continua indicando a esgrima e, neste caso o tiro, como atividades necessárias para a preparação do homem combatente nos possíveis confrontos, dando-lhes condições de se defender e meios para atacar.

Do mesmo modo que na ginástica Alemã, a esgrima sendo uma atividade incluída nos métodos, faz com que sua prática seja sugerida, como parte integrante da mesma que é, promovendo de certa maneira seu desenvolvimento, dado a sua importância na filosofia do século XIX de defesa do homem e da pátria.

No Brasil, o método sueco vai ganhando admiradores, como Rui Barbosa que foi um grande defensor da ginástica sueca de Ling, fundamentalmente por ela basear-se na ciência e por entender que era a mais adequada ao meio escolar por suas bases pedagógicas.

Borges (1888), escreve a primeira publicação em português sobre ginástica, que ora tornava-se obrigatória nos estabelecimentos escolares, pautando-se no método sueco e que

logo foi sendo bastante utilizado nas escolas civis ajudando em muito a divulgação do método, pois até então como não havia nenhuma publicação em português sobre a ginástica os professores ficavam sem parâmetros para sua aplicação.

Nascimento (1905) fala com entusiasmo que escutava dizer sobre o aparecimento de um novo método ginástico, a ginástica sueca, pois era enorme sua vontade de encontrar novos conhecimentos que:

"atrassem para um canto os velhos, esquisitos e perigosos processos de gymnastica até então empregados em nossos estabelecimentos públicos e particulares." (p.XIII)

A divulgação e disseminação desse método ginástico no Brasil se dá pela defesa que faz dela Rui Barbosa, Fernando de Azevedo décadas mais tarde e de outros que começam a escrever sobre seus benefícios. Estes pensadores atribuem a ginástica sueca uma maior adequação aos estabelecimentos de ensino, dado o seu caráter essencialmente pedagógico. Com isto, lentamente, a ginástica alemã vai se restringindo aos estabelecimentos militares e a ginástica sueca vai se tornando a mais adequada para a Educação Física civil, quer no âmbito escolar, quer seja fora dele.

A Escola Francesa

Na França, a ginástica desenvolveu-se na primeira metade do século XIX, baseada nas idéias dos alemães Jahn e Guts-Muths, que incorporaram o forte traço moral e patriótico à nova concepção de ginástica francesa de formação do homem completo e universal.

Ela é construída e organizada não só para os militares, mas para toda a população com objetivos de combater a fraqueza, formando homens fortes, saudáveis e produtivos, e devolver o vigor do povo.

Instituída por D. Francisco de Amorós y Ondeano (1770-1848), teve sua evolução graças a pesquisas de Marey, Lagrange e Tissié, no campo científico e Georges Hebert no campo técnico e pedagógico e graças ao sincretismo (combinação de princípios filosóficos de vários sistemas) de George Demeny que desenvolveu trabalho nos dois campos, culminando com a linha Francesa, até hoje conhecida. (Paiva, 1980)

Para Amorós, a ginástica deveria se utilizar de exercícios que desenvolvessem qualidades físicas, psicológicas e morais, além de promoverem a saúde. (Soares, 1994) Ele cria um método muito parecido com o método sueco de Ling, quando agrupa exercícios e os caracteriza de acordo com suas diferentes finalidades, e onde citamos a militar que obviamente

preconiza a prática da esgrima, através dos desportos individuais, e a civil, que foi a que mais despertou interesse pelos brasileiros

Uma sessão de ginástica Civil, desenvolvida pelo método francês de Amorós, contém em seu 13º item, "*Exercícios de esgrima, a pé ou a cavalo, exercícios para manejo de toda espécie de arma branca*". (Marinho, 1958: p.53)

A esgrima foi um dos desportos individuais incluídos como parte integrante do método Francês, em suas diferentes finalidades, e considerado como forma de trabalho para o alcance dos objetivos propostos pelo método.

No Brasil, a ginástica francesa foi oficialmente implantada a 12 de abril de 1921, através do decreto n.º 14.784, que aprovou o Regulamento de Instrução Física Militar, calcado no método de Hébert e adaptado às teorias de Joinville Le Point. Apesar de na Escola Militar da Praia Vermelha, já vigorar oficialmente desde 1912.

Todos os estabelecimentos de ensino escolar, de ensino militar e de formação de professores de Educação Física que se instituem a partir dessa época passam a utilizar cada vez mais o método Francês. Inclusive a partir do ante-projeto apresentado pelo Ministério da Guerra, em 1929, que recomenda a prática da Educação Física para todos os brasileiros, obrigando a utilização do método Francês em todos os estabelecimentos enquanto não se criasse o Método Nacional. Essa obrigatoriedade sofreu grandes críticas, inclusive pela Associação Brasileira de Educação que não se opunha ao método em sua parte técnica, classificando-o inclusive como um "*método (que constitui) uma excelente codificação de atividades físicas tendentes a resultados utilitários e específicos*" (Marinho, 1958: p.164) mas achava que:

"a adoção deste ou doutro qualquer método de Educação Física merece um devido estudo em que se examine as condições especiais a que a sua elaboração obedeceu no país de origem. (...) A elaboração do Método Francês, por exemplo que é o caso que nos interessa, obedeceu às contingências nacionais que não se reproduzem no Brasil". (Marinho, 1958: p.164)

A chegada desse método, deu-se, porém, no ano de 1907 através da Missão Militar Francesa que veio ao país com a finalidade de ministrar instrução militar à Força Pública do Estado de São Paulo, onde fundou uma sala d'armas que deu origem, mais tarde, à Escola de Educação Física da Força Policial do Estado de São Paulo, formando em 1909 as primeiras turmas de mestres d'armas, para ensinarem esgrima, e mestres de ginástica -- "*acabou ocupando, predominantemente, o espaço até então preenchido pelo Método Alemão, tanto entre os militares como entre os escolares*". (Castellani Filho, 1994: p.75)

A vinda dessa Missão Francesa para o Brasil teve grandes repercussões em vários setores que influenciaram de certa maneira a esgrima e a Educação Física de nosso país. Ela implanta seu método definitivamente no Brasil, inaugura o primeiro estabelecimento especializado na formação de professores de ginástica, e, funda nela uma sala d'armas, onde funciona o Curso de Formação de Mestres D'Armas, com a finalidade de se habilitar pessoas com fundamentos básicos e essenciais para o ensino da esgrima, que até então só contava com a boa vontade de amadores e praticantes entusiasmados que procuravam passar o que aprendiam em sua prática, e de atletas internacionais que de passagem por aqui vinham para demonstrações ou mesmo para exercerem outras funções mas, que continuavam a fazer a sua esgrima neste novo país.

Muitos foram os mestres formados por essa Escola, que passando a deter esse novo conhecimento de esgrima, tornam-se instrutores conceituados, tanto no meio civil quanto no meio militar, que até à outros estados vão afim de divulgar cada vez mais a esgrima. Este foi o caso do mestre d'armas Neubern, que veio para o Rio de Janeiro e foi técnico do Fluminense Futebol Club por vários anos.

Em janeiro de 1922, o ministério da Guerra cria o Centro Militar de Educação Física, que dentro outras coisas destinava-se a coordenar e difundir o novo método Francês e suas aplicações desportivas. Em janeiro de 1930 é emitido portaria organizando o Centro Militar de Educação Física, origem da atual Escola de Educação Física do Exército-EsEFEx, sendo seus cursos abertos à civis e militares. (Marinho, 1980)

Ela passa a se chamar EsEFEx, no ano de 1933, e um ano antes, é instituído, no "plano de ensino de 1932" -- pela comissão de elaboração do Regulamento da Escola de Educação Física, e baseado no método Francês -- o curso de Mestre D'Armas e de Monitor de Esgrima, bem como o curso de revisão de esgrimistas (direcionados à esgrimistas formados a mais de 5 anos, e que tinha duração de 1 a 3 meses), sendo instrutor de Esgrima Osvaldo Niemeyer Lisboa. (Revista de Educação Física, 1932)

Os cursos de Mestre D'Armas e de Monitor de Esgrima, são baseados na escola francesa de esgrima, logicamente não podendo ter sido diferente, e funcionam até hoje. Suas turmas são formadas por um pequeno número de pessoas e em sua maior parte é composta por militares, tendo anos em que os militares contabilizam a sua totalidade. A EsEFEx tem uma grande importância no desenvolvimento da esgrima nacional, uma vez que no momento são os responsáveis pela única fonte de formação específica de mestres de esgrima no país, muito embora existam Universidades que em suas Escolas de Educação Física tenham em seus

currículos de formação, a disciplina Esgrima, como o caso da Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde as aulas são ministradas pela professora Ana Maria Fontoura dos Anjos, que também é formada pelo curso de Mestre D'Armas Internacional da EsEFEx. (Internacional porque foi ministrado o curso de mestre d'armas Francês, inclusive com diploma emitido por esse país).

Este curso de mestre d'armas da EsEFEx, apesar de ser ministrado em uma instituição militar, aceita, e nela já se formaram, vários civis, alguns deles militando na esgrima nacional até os dias de hoje. Em 1937, é formada a primeira turma e até os dias de hoje este curso continua acontecendo.

Outro fato importante em que o método Francês contribui para o desenvolvimento da esgrima é definitivamente quando é criada em 1939 a Escola Nacional de Educação Física da Universidade do Brasil, onde, seguindo os passos da EsEFEx, adota o método Francês como oficial, e em consequência cria na cadeira de desportos de Ataque e Defesa, dentre outras, a disciplina esgrima, com um instrutor próprio a fim de ministrar os ensinamentos básicos desse esporte, construindo assim um campo de propagação desse esporte. Essa influência oportunizou a entrada da esgrima em um curso de formação de professores de Educação Física, no Rio de Janeiro, tornando-se um veículo muito importante até os dias de hoje para divulgação e massificação desse esporte.

Currículo - breve histórico

A construção de um currículo implica em questões, relacionadas ao futuro de uma entidade de ensino, e ao reflexo que esta proporcionará ao corpo discente, e a sociedade em que estes grupos estão inseridos. Segundo Moreira (1999), *"O currículo não é um elemento transcendente e atemporal – ele tem uma história, vinculada a formas específicas e contingentes de organização da sociedade e da educação"* (p. 8) - isto retrata a importância que um currículo exerce, sobre o futuro das relações sócio-culturais, e educacionais de uma determinada sociedade.

Conforme afirma Domingo (apud Mendes, 1998), devemos entender por currículo as decisões educativas para a escola, pois um currículo pressupõe, sempre, uma resposta à pergunta: o que ensinar, como e por quê. Refere-se, portanto, o currículo, ao conhecimento selecionado e organizado para ser transmitido/aprendido nas unidades escolares. Os primeiros estudos teóricos, no campo do currículo de origem norte-americana, foram influenciados pela abordagem tecnicista de natureza prescritiva (interessada em indicar como elaborar um currículo) com base nas categorias de controle e de eficiência social.

Para muitos professores, o currículo continua sendo um vocábulo confuso e impreciso, relacionado aos programas de ensino, aos conteúdos, ou à grade curricular. Em realidade, existe uma pluridade de definições de currículo e cada uma delas pressupõe determinadas valores e concepções implícitas. (Sacristán, 2000)

Beltrão (2002), refletindo acerca do currículo e seus modelos, levantou vários dados sobre os estudiosos da Educação. Estes, por vários anos, focalizaram sua atenção no currículo e em seus problemas, muito embora, estes problemas não fossem indicados como problemas curriculares.

Pode-se citar, como exemplo, Platão e Aristóteles, cujas idéias, até hoje, são objetos de estudo. Dentre as discussões da época, estavam aquelas, em torno dos objetivos da educação, mais especificamente, dos objetivos relacionados com o "como" e "o quê" é fundamental para a educação de cada indivíduo. Platão valorizava o homem treinado, cujo corpo deveria ser bastante saudável, a fim de dar guarida à alma imortal. Aristóteles enfatizava a capacidade racional do homem, e concebia a educação, cuja meta seria o desenvolvimento de todas as capacidades do homem.

Atualmente, estas questões são amplamente discutidas pelos especialistas em currículo, que consideram como ponto de partida para uma discussão sobre currículo a determinação da filosofia subjacente. Ao se retroceder no passado, pode-se verificar diferentes abordagens filosóficas, em relação à educação, sempre na dependência da filosofia adotada. (Beltrão 2002)

O termo currículo é encontrado em registros do século XVII, sempre visto como um projeto de controle do ensino e da aprendizagem, ou seja, da atividade prática da escola. Desde os seus primórdios, currículo envolvia uma associação entre o conceito de ordem e de método, caracterizando-se como um instrumento facilitador da administração escolar. (Beltrão 2002)

Beltrão (2002) revela ainda a falta de relação entre a teoria curricular e a prática. Os problemas referentes à discussão da teoria e da prática curricular, surgiram nos Estados Unidos, com os esforços de William Harris, e a autora acrescenta que a literatura pertinente indica que, após os trabalhos pioneiros de Harris e de Bobbit, foram criados vários comitês para se estudar os problemas, relativos ao currículo e, conseqüentemente, vários modelos curriculares começaram a surgir.

Os estudos curriculares, foram classificados por Giroux (1997) em três diferentes grupos: o tradicional, o conceitual empirista e o reconceitualista. Dentro de cada um destes

grupos existem pontos de vista diversificados sobre o mesmo conceito de como se estruturar um currículo escolar.

Os tradicionalistas representam o grupo mais antigo, e que tem como principais representantes, Ralph Tyler e Hilda Taba. O livro escrito por Tyler, "Basic Principles of Curriculum", traduzido para o português, foi largamente aplicado pelos professores nos Estados Unidos, por sua clareza e aplicação prática.

Segundo Beltrão (2002), os tradicionalistas são considerados como atóricos, uma vez que tiveram como função, a de guiar aqueles, que eram responsáveis pela execução prática do currículo, os chamados "práticos".

O Conceitual-empirista estava preocupado com hipóteses que fossem testadas, e baseou-se, fundamentalmente, na metodologia dos modelos experimentais, das ciências naturais. Entre aqueles que se preocuparam com a matéria do currículo, e que influenciaram este grupo, destacam-se os educadores, Carl Rogers e Skinner e no campo específico da psicologia, George Posner e Decker F. Walter.

Próximo dos anos 70, a educação começa a ser pensada sob novas perspectivas. Como esclarece Beltrão (2002), acenando para uma educação que passa a ser pensada, numa perspectiva histórica, tendo as suas raízes na análise político-social. A estrutura teórica foi desenvolvida pelos neo-marxistas, tendo como principais representantes, Paulo Freire, Mc Donald, Giroux e Apple, todos preocupados com o ambiente construtivo que pode enriquecer a qualidade de vida.

A década de 70 foi rica em discussões no campo do currículo e vários artigos foram escritos no Brasil sob a influência de autores norte-americanos com características tecnicistas. É certo que esta influência foi dominante, mas outras tendências, também apareceram, tornando as publicações um tanto ecléticas. (Moreira, 1999)

O estudo sobre currículo, na área da Educação Física, começou a se destacar nos Estados Unidos, na década de 60. Beltrão (2002) apresenta modelos curriculares para a Educação Física, escritos por Ann Jewett e Linda Bain. Estes modelos têm como objeto oferecer bases para decisões, em relação à seleção, à estrutura, à sequência e à seção. As autoras apresentam uma síntese de sete modelos curriculares, existentes naquela época: Desenvolvimentista, Humanista, Capacidade Física, Educação do movimento, Estudos Cinesiológicos, Educação Lúdica e Significado Pessoal.

O movimento é indicado como o componente central do trabalho da Educação Física. Logsdon e Barrer (apud Beltrão 2002), consideram que para ensinar o movimento, o professor deve saber observar, analisar, descrever e ensinar o movimento. As autoras, apresentam quatro aspectos que devem ser considerados para realização desse movimento durante as aulas: O corpo - o que faz o corpo; Esforço - como o corpo se move; Espaço - onde o corpo se move; e Relacionamento - que relações ocorrem.

Beltrão (2002) identifica na literatura mais recente, em currículo de Educação Física, sobre a necessidade em acompanhar as mudanças sociais, que vêm ocorrendo face à globalização, em que se destaca a importância de se preparar a pessoa humana para ser um cidadão participante, e que possa coexistir com o mosaico, extremamente variado das diferentes culturas.

Em qualquer modelo de currículo de Educação Física existe uma preocupação com o movimento e o indivíduo, assim o "*(...) movimento é o ponto fundamental daqueles que se preocupam com a estruturação curricular de atividades de Educação Física. É pela motricidade que o indivíduo se expressa; participa de atividades de competição; interage; se realiza e se auto afirma (...)*". (Beltrão, 2002: p.36) Muito embora a tendência é ligar o currículo a uma concepção cognitiva, as atividades físicas favorecem seus praticantes e são uma excelente oportunidade para estes conhecerem o próprio corpo e como ele se relaciona com o meio ambiente.

Atualmente a organização dos currículos tem procurado utilizar modelos mais abertos, diferente de modelos anteriores, adaptando-se ao momento, a sociedade e a que tipo de aluno se quer formar para se inserir nessa sociedade. Para Beltrão (2002), já no currículo de 5ª a 8ª séries os alunos deveriam ser "*(...) orientados para o desenvolvimento das qualidades físicas relacionado à saúde, levando-os a uma reflexão sobre os benefícios do desenvolvimento de tais qualidades, para um melhor desempenho das atividades diárias e criando neles um estilo de vida ativo, para que valorizem essas qualidades e continuem a praticá-las fora da escola*".(p.38)

Em todos os níveis, dentre outras, deve ser esta condição física relacionada com a saúde, que irá justificar a mudança do estilo de vida adotado, onde antes se traduzida por uma prática isolada sem benefícios a médio e longo prazo.

Beltrão (2002) reforça esse posição, dizendo:

"O projeto pedagógico deve ser implementado de forma trans ou interdisciplinar, levando o aluno a uma compreensão globalizada e integrada do que é uma boa qualidade de vida e, principalmente, fazendo-o compreender que uma boa qualidade de vida não se limita única e

exclusivamente a praticar exercícios sem nenhum controle; depende de hábitos de vida saudáveis, envolvendo a parte física, emocional, psicológica e, mesmo, social." (p.38)

As condições de desenvolvimento e de realidade curricular não podem ser entendidas, senão em conjunto. Sacristã (2000) afirma que a qualidade da educação e do ensino têm muito a ver com o tipo de cultura que nela se desenvolve. Isto posto, pode-se apontar que as renovações das grades curriculares perdem sentido, no momento em que não ocorrem, também, mudanças de procedimentos educacionais, acompanhadas de conteúdos de cultura.

Neste sentido, Sacristã (2000) pressupõe que não será fácil melhorar a qualidade do ensino, se não se mudam os procedimentos e os contextos de realização dos currículos. Leva-se em conta, ainda, que pouco adiantará, fazer reformas curriculares, se estas não forem ligadas à formação dos professores. Beltrão (2002) reafirma essa posição quando menciona que o maior problema enfrentado para criação de um currículo com características trans e interdisciplinar, é a formação estanque dos próprios professores, que "(...) *precisam vencer barreiras conceituais, para melhor perceber a relação de sua própria especialidade com as diferentes áreas do saber*".

Ao defender tal asserção, Sacristã (2000), define currículo:

"(...) não como um conceito, mas uma construção cultural, isto é, não se trata de um conceito abstrato que tenha algum tipo de existência fora e previamente à experiência humana. É, antes, um modo de organizar uma série de práticas educativas" (p.22).

Referir-se às questões curriculares e aos modelos de currículo pedagógico das escolas, significa mexer no cerne das questões educacionais, ou seja, "(...) *alterar a plataforma de suporte para dar estrutura ao currículo nos seus diversos pontos*". (Rosseti Junior, 2000) Por isso, algumas instituições de ensino deixam de realizar o que é necessário e fundamental: um currículo criativo, rico e bem estruturado, nos seus aspectos gerais e nos pontos particulares; uma grade curricular, devidamente estruturada e cumprida, em consonância com um planejamento pedagógico, cuidadosamente discutido e acompanhado, dentre outros aspectos, pelos complexos envolvimento que essa ação exige, e pelas diversas demandas que ela cria.

O surgimento de novos sistemas educacionais, segundo Lewy (1979), provocou, nos países em desenvolvimento, uma demanda de maior número de mudanças curriculares, "(...) *enquanto nos países desenvolvidos foi à insatisfação com os programas educacionais já existentes a causa impulsionadora de novos projetos de currículo*". (p.3)

As agências financiadoras de programas educacionais e a comunidade educacional exigiam evidências, para que os novos programas produzissem resultados satisfatórios. Este fato

propiciou a expansão das atividades de desenvolvimento do currículo e acenou a necessidade de avaliar os programas educacionais. (Lewy, 1979)

Na visão de Rosseti Junior (2000), trabalhar a permanente reformulação dos projetos educacionais e políticos, e dos modelos pedagógicos das escolas, bem como, de repensar seus currículos e de reestruturar suas grades curriculares, se tornam em uma atividade difícil de ser executada. Infelizmente, o quadro de indigência no campo educacional do Brasil, *"(...) vem impedindo que se tenha uma visão mais acurada dos problemas de fundo da escola, favorecendo mais os investimentos físicos e exteriores ao processo educacional em si, em detrimento da discussão aprofundada acerca desse processo e do que ocorre dentro das unidades escolares e das salas de aulas."* (p. 2)

Paula e Faria (1998), resumem sua posição, citando outro aspecto que está diretamente relacionado ao processo de reformulação educacional: a globalização. Esta invade todos os setores, e, também a Educação, por isso, há necessidade de se rever nossas concepções de mundo, Educação, Cultura, *"(...) para que não sejamos omissos ao nosso compromisso com uma Educação capaz de mudanças na realidade social, onde a maioria das pessoas não tem acesso às discussões que se têm travado nos centros educacionais (...)".* (p. 12)

Atualmente, reforma e mudança são fatores de uso corriqueiro, muitas vezes, atrelados ao senso comum. Mendes (1998), ao apontar a importância dada ao lema da reforma educacional na literatura contemporânea, argumenta que o conceito de mudança vem sendo considerado um ponto-chave de análise das reformas educacionais. Esta função de provocar mudanças cabe, principalmente ao professor.

As mudanças não podem ser implementadas sem a realização de uma pesquisa científica, que comprove as alterações a serem efetivadas. Tani (1992) enfatiza que a pesquisa é o grande agente gerador destas mudanças:

"Neste sentido, é inaceitável docentes universitários que não fazem da pesquisa senão uma ação, pelo menos uma preocupação constante. Tradicionalmente, as escolas de Educação Física tem adotado como o perfil desejável dos seus docentes o professor que pesquisa. É preciso inverter esse perfil para pesquisador que ensina." (p. 62)

Tani (1992) considera, de uma maneira geral, que a transmissão de procedimentos tem sido enfatizada de forma desequilibrada, no sentido de que há um grande destaque ao aspecto de conteúdo, e uma desconsideração sobre os aspectos de objetivo de ensino. As informações essenciais à preparação profissional, praticamente, inexistem nas estruturas

curriculares, como também, não existem preocupações em se tentar integrar procedimentos com fundamentação teórica.

Tani (1992) aponta que, no exercício das atividades docentes, defronta-se, normalmente, com situações sobre as quais têm-se pouco conhecimento, isto gera, em todos os profissionais uma certa insegurança, que precisa ser minimizada.

Porém, se levar-se em consideração o fato de que se trabalha com seres humanos, cuja principal característica é a mudança, chegar-se-a à conclusão de que, nunca, o profissional de Educação Física deixará de enfrentar novas situações, que lhes provoquem contínua insegurança. Dessa forma, Tani (1992), ainda, propõe que:

"(...)a alternativa que nos resta é enfrentar com seriedade estas inseguranças, provocando em nós mesmos constantes mudanças que possibilitem, como o resultado, a aquisição de uma estrutura de conhecimento com a qual possamos enfrentar a diferentes problemas e situações. Acreditamos que este processo de transformar a insegurança em segurança produzirá, como consequência, um salto qualitativo na nossa competência profissional." (p.62)

A fim de se conseguir uma competência profissional, como cita Tani (1992), Betti (1993) afirma que os professores de Educação Física devem estar instrumentalizados. Isto lhes possibilitará o trabalho com atividades expressivas, rítmicas e lúdicas, e, não apenas, esportivas-competitivas, pois a integração na cultura corporal não será plena, se, se restringir a uma participação ativa, ou passiva, no esporte. Isto implica, portanto, em uma melhoria dos cursos de formação dos profissionais de Educação Física.

Ayala e Boher (2000), explica que, ao longo do tempo, a Educação Física se caracterizou por algumas tendências, que influenciaram a sua prática:

"A tendência médica concebia a Educação Física como responsável pela promoção da saúde, visando formar indivíduos "fortes e saudáveis", contribuindo para a assepsia da população. A tendência militar, que tinha na instrução militar a referência para as aulas de Educação Física, visando a disciplina, o desempenho e promovendo a utilização de grupos, pois os menos capazes fisicamente eram marginalizados. A tendência biopsicossocial conferia à Educação Física um caráter educacional visando formar o indivíduo ideal, capaz de se integrar em qualquer sociedade." (p.1)

Hoje, levando-se em conta um contexto mais globalizado, que exige cada vez mais a participação dos indivíduos, não faz sentido uma prática pedagógica, em que, apenas o aspecto físico seja considerado. Tem-se que se pensar no indivíduo, como um ser global, em todos os aspectos de seu desenvolvimento.

Enfim, a formação de docentes, em Educação Física, compreende a construção de um saber, que integra conhecimento, práticas, e atitudes pedagógicas e científicas. Faz-se

necessário uma visão ampliada para entender como a informação, o conhecimento, a tecnologia, as comunicações, incidem sobre este contexto curricular e, desta forma, redefinir-se o rol de disciplinas. Pois, é preciso que os futuros profissionais de Educação Física estudem, não somente os conteúdos curriculares, é necessário que compreendam de que forma estes conteúdos se interrelacionam e a transparência que possui sua ação no contexto social ao qual estão inseridos.

A Esgrima na Escola Nacional de Educação Física e Desportos

Desde os primórdios da Educação Física nacional, em meados do século dezanove, pode-se observar a participação dos militares com a sistematização e o ensino de práticas ligadas aos exercícios físicos e a esgrima.

Por meio da pesquisa histórica realizada por Melo (2000), é possível entender um pouco da história da Educação Física no Brasil, e a influência sofrida pelos meios militares, quando informa que, provavelmente, a valorização da prática sistematizada de exercícios físicos, se deve, pela sua utilidade, na manutenção da preparação física do combatente, como também, pela sua utilidade na disciplinarização da tropa e do desenvolvimento do espírito de corpo.

Constata-se que, por meio das Forças Armadas, a Educação Física brasileira assumiu determinadas posturas filosóficas e ideológicas que, atualmente, devem ser consideradas, segundo uma perspectiva crítica, analisando-se a sua importância histórica, e os reflexos que recaí sobre ela e que de alguma forma contribuiu para seu desenvolvimento.

Melo (2000), ainda enfatiza o pioneirismo das Forças Armadas, na Educação Física, dizendo "*(...) parece claro que os militares foram os pioneiros a incluir em seus programas de formação, disciplinas ligadas à prática de exercícios físicos (...)*" (p.3) e "*(...) fundamentalmente foram os militares os primeiros professores de Educação Física do país*". (p.1)

Compreender o momento histórico implica, necessariamente, em considerar-se os determinantes que, ao longo do tempo, assim o construíram. Desta forma, parece oportuno recordarmos um pouco do papel e função que a Escola de Educação Física do Exército assumiu, durante o desenvolvimento da Educação Física no Brasil, e em particular, da Esgrima.

Em 10 de janeiro de 1922, o ministério da Guerra cria o Centro Militar de Educação Física, que destina-se a dirigir, coordenar e difundir o Método Francês, substituto do Método Alemão nas Forças Armadas. Esse Centro deveria ter, entre outros objetivos, o de ministrar cursos preparatórios para formação de instrutores de Educação Física. Entretanto, este

Centro começaria a atuar efetivamente, só em 1929, com a realização de um curso provisório de formação, baseados em seus moldes, sob a direção do tenente Ignácio de Freitas Rolim e do tenente médico Virgílio Alves Bastos, que foi ministrado basicamente por militares que serviam na Escola de Sargentos de Infantaria e tinham sido preparados por Pierre de Seguir. Os militares tenentes que concluíram o curso receberam o título de instrutores, e os sargentos, de monitores. Já os civis receberam o título de médicos especializados ou professores civis. Concluíram nessa primeira turma que foi diplomada por curso oficial de Educação Física no Brasil: 8 instrutores, 2 médicos, 20 professores civis e 60 instrutores.

Ainda em 1929, por designação do ministro da guerra General Nestor Serzedelo Passos, o tenente Ignácio de Freitas Rolim integrou uma comissão que elaborou um ante-projeto de lei da Educação Física, que no seu artigo 30 prevê a criação de uma Escola Nacional Superior de Educação Física, e de escolas estaduais nos moldes da Nacional, para a formação de professores, instrutores, monitores e médicos especializados para o meio civil e para as corporações militares. Esse ante-projeto sofreu intensa crítica da Associação Brasileira de Educação, que entre as sugestões apresentadas, opina pela criação da Escola de Educação Física anexa à Universidade do Rio de Janeiro. (Arquivos da ENEFD n.º 13, junho 1959, p:122)

O mesmo artigo segue falando que em 1928, o decreto 3.281, do então prefeito Antônio Prado Júnior reformando o ensino municipal, na reforma Fernando Azevedo, prevê a criação de uma Escola Profissional de Educação Física, destinada a preparar e selecionar professores, o que infelizmente não foi posto em prática.

Segundo Marinho (1980), em 11 de janeiro de 1930, o Ministério da Guerra , emite portaria organizando o Centro Militar de Educação Física aonde promove uma reestruturação, ligando-o, didática e diretamente, ao estado-maior do Exército, e, administrativamente, ao próprio Ministério da Guerra. Nesta mesma data, também ele era transferido para a Fortaleza de São João, no bairro da Urca no Rio de Janeiro.

O Centro Militar de Educação Física, que era destinado aos oficiais subalternos dos quadros das armas e aos sargentos, tinha por fim preparar instrutores e monitores de Educação Física bem como difundir, unificar e intensificar o ensino da Educação Física no Exército. O método adotado no Centro Militar de Educação Física era o exposto no

Regulamento Geral de Educação Física⁵³, vale dizer Método Francês, onde era prescrito dentre outras, a prática da Esgrima.

Em 1931, este Centro passa a ser um estabelecimento independente dentro do exército e dois anos mais tarde, em outubro de 1933, passa a se chamar Escola de Educação Física do Exército (EsEFEx), criada, inicialmente, para formar instrutores, monitores, mestre d'armas, monitores de esgrima e médicos especializados. Pelo seu regimento, a nova Escola poderia 'eventualmente', formar instrutores e monitores recrutados no meio civil, e foi grande sua colaboração no preparo de especialistas civis até o ano de 1939, quando foi fundada a Escola Nacional. Essa Escola de Educação Física militar servirá, posteriormente, de modelo para a organização da Escola Nacional de Educação Física e Desportos (ENEFD), cedendo de seus quadros de oficiais, o Major Ignácio de Freitas Rolim para ser o primeiro diretor da nova escola.

Um ano antes, é instituído pela comissão de elaboração do Regulamento da Escola de Educação Física do Exército, no 'plano de ensino de 1932', o Curso de mestre d'armas e de monitor de esgrima, bem como o curso de revisão de esgrimistas⁵⁴, sendo instrutor de esgrima Osvaldo Niemeyer Lisboa. (Revista de Educação Física, 1932)

Passam a existir então dois cursos de formação de mestres d'armas no Brasil, um em São Paulo na Força Pública e outro no Rio de Janeiro na EsEFEx. Era de se esperar que o esporte tivesse um grande impulso, mas a falta de mestres habilitados atrasa a inauguração do curso da EsEFEx e em São Paulo é reduzido o número de mestres formados. O curso de monitor de esgrima chegou a existir em 1932 e 1936, mas o primeiro curso de mestre d'armas só é realizado em 1937, quando formam-se o sargento Geraldo Corrêa Martins e o sargento Feliciano Soares de Mendonça, que dois anos mais tarde, em 1939, vai ser o primeiro instrutor de esgrima no recém formado curso de formação de professores de Educação Física da Universidade do Brasil.

Os cursos de mestre d'armas e de monitor de esgrima, são baseados na escola francesa de esgrima, logicamente não podendo ter sido diferente, e funcionam até hoje. Suas turmas são formadas por um pequeno número de pessoas e em sua maior parte é composta por militares, tendo anos em que os militares contabilizam a sua totalidade. A EsEFEx tem uma grande importância no desenvolvimento da esgrima nacional, pois tem sido durante muito tempo a única responsável pela formação específica de mestres de esgrima no país,

⁵³ Por falta de um guia orientador da Educação Física nos corpos de tropa e estabelecimentos militares, o Estado Maior do Exército autoriza a tradução e aplicação do Regulamento Geral de Educação Física (método francês) utilizado pela École Normale de Gymnastique et d'esgrime de Joinville Le Point, França. (Joinville Le Point, 1934).

⁵⁴ Direcionado à esgrimistas formados a mais de 5 anos, e que tinha duração de 1 a 3 meses.

8

muito embora algumas Escolas de Educação Física tenham tido em seus currículos de formação de professores de Educação Física, a disciplina esgrima, como no caso da Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde as aulas são ministradas por uma professora contratada para esta disciplina, sendo também formada pelo curso de mestre d'armas da EsEFEx e pelo curso de mestre d'armas internacional⁵⁵.

Este curso de mestre d'armas da EsEFEx, apesar de ser ministrado em uma instituição militar, aceita, e nela já se formaram, vários civis, alguns deles militando na esgrima nacional até os dias de hoje.

A partir do primeiro ano de realização do curso de mestre d'armas, existiram anos em que ele não se realizou pelas dificuldades aqui já mencionadas, devido principalmente a falta de instrutores habilitados. No ano de 1940 o curso aconteceu, e se formou lá o sargento Jayme Burschtein, que anos mais tarde iria dar aulas no Club Ginástico Português, Tijuca Tênis Club, Club de Regatas do Flamengo e na ENEFD.

Também aconteceram cursos em 1942 e depois só em 1949. Esse grande período sem atividade se deu além das dificuldades já conhecidas, devido a segunda grande guerra. Nesse ano o curso conta com um grande número de alunos, que depois de formados grandes feitos trouxeram para a esgrima, tendo alguns trabalhado muitos anos com este esporte. Foram os formandos: Ten. Heitor de Abreu Soares, Ten. Eric Tinoco Marques, Ten. Virgílio Damázio de Sá, Ten. PM Luís Lopes Filho, Ten. Wilson Netto Ferreira, Cap. Ary José Martins Vieira e Ten. Hélio de Araújo Vieira que fundou as salas d'armas do clube Militar em 1956, do Colégio Militar do Rio de Janeiro em 1966 e da Escola de Aeronáutica em 1968. (Soares, comunicação pessoal 2000) Era monitor da seção de esgrima na época, o sargento Jayme Burschtein.

O grande mestre Horácio dos Santos ministrou aulas de esgrima nesse curso, mesmo sem ser o instrutor oficial. Soares (comunicação pessoal, 2000) diz que o que aprendeu de esgrima na época, deve a ele, por ser um mestre detentor de grandes conhecimentos de esgrima e formado na escola de esgrima de Joinville Le Point, na França.

Com a esgrima mostrando sinais de reanimação no Rio de Janeiro, e por influência da prática no meio militar, era necessário que ela fosse introduzida em uma instituição civil, em forma de curso regular, a fim de ampliar, divulgar e massificar sua prática. E é assim que a partir de toda a movimentação para criação de uma Escola de Educação Física civil, que

⁵⁵ O curso de mestre d'armas Internacional, em um curso realizado na EsEFEx a partir de 1989, nos moldes do oferecido pelo INSEP (França), inclusive com diploma emitido por esse país, habilitando dar aulas de esgrima em qualquer parte do mundo.

veremos a seguir, a esgrima não é esquecida e é incluída como uma das disciplinas de formação dos professores de Educação Física.

No início do século XX, foram criadas as primeiras escolas de formação de professores de Educação Física, no meio militar, e, durante o governo de Getúlio Vargas, período de vigência do Estado Novo, foram criadas instituições de ensino de Educação Física. O caráter militar das escolas de Educação Física era evidente, devido à filosofia da época de aprimoramento da raça brasileira.

No âmbito civil e estadual, na década de 30, cabe ressaltar também a criação de departamentos e escolas de educação física nos Estados de São Paulo⁵⁶ e Espírito Santo. O Estado do Espírito Santo criou em 1931 o Curso Especial de Educação Física para formação de normalistas especialistas, primeiro curso civil reconhecido. Embora fosse um curso '*civil*', não é demais lembrar que era dirigido por Laurentino Bonorino, tenente do exército formado no curso provisório de 1929. Assim, parece que mesmo nos meios ditos '*civis*', os militares estavam a participar e a influenciar os rumos da educação física brasileira, até porque eram normalmente os que possuíam algum grau de especialização - obtido no Centro Militar, na EsEFEx e mesmo em alguns cursos que tiveram pouca duração, como o da Liga de Esportes da Marinha de 1922 (Costa, 1971)

Cantarino Filho (1982), relata uma inquietação, ainda maior, com os rumos da Educação Física nesse período (Estado Novo), manifestando que já se começava a sentir a necessidade de se criar uma Escola Nacional Padrão, principalmente, através de sua grade curricular.

Em 1937, a Secretaria Geral do Conselho Segurança Nacional elabora um projeto de lei propondo a criação do Conselho Nacional de Desportos, do Instituto Nacional de Educação Física e da Escola Nacional de Educação Física e Desportos. Como se observa, a educação física estava ligada a um projeto de *segurança nacional*, algo muito mais complexo do que simples preocupações com uma disciplina escolar. O Conselho Nacional de Educação, no entanto, manifestou preocupações nesse sentido e, ao apresentar um Plano Nacional de Educação ao Presidente da República, também propôs a criação de uma escola superior de educação física com curso de um ano para instrutor e dois anos para mestre. É possível perceber que as ações não estavam articuladas e grupos já se apresentavam buscando direcionar os caminhos da educação física brasileira.

⁵⁶. Curioso observar que o currículo dessa Escola foi apresentado dividido entre parte prática (prática do método francês, grandes jogos, natação, danças) e parte teórica (pedagogia, anatomia e fisiologia, psicologia, história). (Educação Physica, 1937)

Respalhada na Constituição da República de 1937, que introduzia a obrigatoriedade da Educação Física nas escolas primárias, normais e secundárias e, objetivando criar as necessárias condições para a fundação de uma Escola Nacional Padrão de Educação Física, a divisão de Educação Física (DEF), do Ministério da Educação e Saúde, criada nesse ano, com o apoio técnico da EsEFEx e, da Prefeitura Municipal, por meio do Instituto de Educação, planejou e estruturou o curso de emergência que iniciou suas atividades em 12 de dezembro de 1938, encerrando-se em 12 de março de 1939. O referido curso diplomou 165 professores, do sexo masculino (realizando suas atividades na EEFEEx) e feminino (no Instituto de Educação, da prefeitura do Distrito Federal), e 78 médicos no curso de especialização em Medicina da Educação Física Desportiva. (Pintor, 1995)

Grande parte dos professores formados por esse curso vão compor o corpo docente da nova Escola de Educação Física do país, a ENEFD.

A DEF, primeiro órgão especializado governamental no nível administrativo federal, seria a responsável por sistematizar e regulamentar dali para frente todo o processo de formação profissional, bem como contribuir para a excelência dessa formação. Todas as escolas, em funcionamento ou que viessem a funcionar, deveriam primeiro solicitar a autorização para tal e depois o seu reconhecimento, além de serem periodicamente inspecionadas. O capitão João Barbosa Leite, um dos nomes mais importantes da educação física brasileira de então, foi nomeado, em maio de 1937, seu primeiro diretor. Seria sobre a sua direção que a DEF daria seus primeiros e principais passos.

Em 17 de abril de 1939, o decreto n.º 1.212 (Brasil, 1939) cria a primeira Escola de Educação Física ligada a uma Universidade, a Escola Nacional de Educação Física e Desportos (ENEFD) da Universidade do Brasil, sediada no Rio de Janeiro. Embora naquele momento já existissem no país outras Escolas de formação ligadas a Educação Física, a ENEFD foi a primeira de nível superior ligada a uma Universidade, tendo sido criada para ser a Escola Padrão na formação em Educação Física no Brasil. Mais tarde, com a reforma universitária de 1968 deixa de ser a Escola-Padrão, e passa a se chamar Escola de Educação Física e Desportos (EEFD) de Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Melo (2000), registra a criação da ENEFD, definindo assim suas principais funções:

"Formar profissionais para área de Educação Física; imprimir unidade teórica e prática no ensino de área no país; difundir conhecimentos ligados a área; realizar pesquisas que apontem os caminhos mais adequados para a Educação Física Brasileira". (p. 15)

A revista Arquivos da ENEFD n.º 13 de junho de 1959, relata que nas comemorações de inauguração da ENEFD "(...) a 1º de agosto instalavam-se os primeiros cursos, na sede do Instituto Nacional de Surdos e Mudos, e numa cerimônia das mais expressivas, no campo do Fluminense Futebol Clube. Onde o então comandante da EsEFEx, o coronel Otávio Saldanha Mazza, entrega a bandeira da ENEFD, ao seu primeiro diretor Ignácio de Freitas Rolim, em ato que significava a transferência a nossa escola, da responsabilidade e da incumbência da formação de especialistas para o meio civil." (p. 122)

Nessa evento comemorativo, os futuros professores da ENEFD, alunos da primeira turma, os professores da Escola de Educação Física do Exército (EsEFEx) e autoridades governamentais dos mais diversos escalões (inclusive o Presidente da República, Getúlio Vargas) realizaram uma cerimônia nos moldes das formaturas realizadas em quartéis nas dependências do Fluminense Futebol Clube, local que abrigaria as aulas práticas da ENEFD em seus primeiros tempos.

Assim, em cerimônia com características marcadamente militares, os militares passam para uma Escola dirigida por outro militar, e que continha no seu corpo docente grande número de militares e policiais, a responsabilidade de conduzir uma possível *educação física civil*. Não é surpreendente então que a ENEFD tenha sido fundamentalmente uma continuação do projeto e um braço militar dentro da Universidade do Brasil.

Segundo Cantarino Filho (1982), além da ENEFD, foi criada em São Paulo, também em 1939, outra Escola de Educação Física civil - a Escola de Educação Física do Estado de São Paulo.

Mesmo com a criação das Escolas Civis, o caráter militar das Escolas de Educação Física continuava sendo predominantemente marcado pela influência militar, conforme explica Faria Júnior (1987). Compartilhando dessa mesma opinião, Melo (1997) reafirma a citação de Faria Júnior descrevendo a ENEFD como "(...) *uma escola civil extremamente militarizada, sendo, no início, uma continuação do projeto militar, dentro da Universidade do Brasil*". (p.11)

Melo (2000) menciona que "*Nesse processo de preparação, criação, instalação e construção, a ação dos militares foi inegável e de suma importância*" (p.18), considerando a EsEFEx como célula máter, da origem da ENEFD. O primeiro currículo de ensino da Educação Física Universitária surgiu, segundo Costa (1998), apenas na década de 30. Sendo, reconhecido e divulgado, como o primeiro currículo de padrão nacional, o do curso superior do Rio de Janeiro

criado em 1939. A partir daí, muitas são as críticas e comentários sobre as diretrizes curriculares, e a criação da ENEFD.

A ENEFD recebeu a responsabilidade e incumbência, através de seu currículo, de formar equipes de especialistas em Educação Física para o meio civil.

Influenciados pela Educação Física que era amplamente difundida pela EsEFEx, onde se aplicava o Regulamento de Educação Física (Método Francês), o currículo da ENEFD é criado baseado em seus moldes, adotando o método Francês como oficial, pois era o que se acreditava como mais eficaz e moderno na prática da atividade física e preparação física dos jovens da época. A utilização desse método contribuiu para o desenvolvimento da esgrima, uma vez que ela é um dos esportes individuais indicados por ele, e parte integrante de todos os currículos das escolas militares, buscando em sua utilização, o desenvolvimento das qualidades físicas, morais e intelectuais.

Quando a nova Escola civil é inaugurada e, absorve a estrutura e o método francês, que era aplicado na escola militar, inclui em seu currículo a disciplina esgrima, na cadeira desportos de ataque e defesa do Departamento de Atividades Desportivas⁵⁷, com um instrutor próprio, a fim de ministrar os ensinamentos básicos, construindo assim um campo de propagação desse esporte. Essa influência oportunizou a entrada da esgrima em um curso de formação de professores de Educação Física, no Rio de Janeiro, tornando-se um veículo muito importante até os dias de hoje para divulgação e conhecimento desse esporte.

No Relatório do Prof. Alberto Latorre de Faria sobre o primeiro período de funcionamento da ENEFD (anexo 1), encaminhado ao Diretor da Escola, podemos observar que a Cadeira Desportos de Ataque e Defesa, era composto das seguintes disciplinas: "*Box internacional, Luta, Jiu-Jitsu e esgrima; e era responsável pela disciplina esgrima o Prof. Assistente Feliciano Soares de Mendonça*". No mesmo relatório ele ainda demonstra a necessidade de se contratar mais um auxiliar técnico, exclusivamente para a esgrima, "*(...) devido o caráter todo especial desta disciplina, e aos constantes cuidados requeridos pelo seu material, de custo elevado e fácil estrago quando não zelado por mãos hábeis*".

Tentando identificar se houve uma possível lógica que determinasse os convites no processo de montagem das primeiras grades curriculares e escolha dos respectivos professores, inclusive da disciplina esgrima, Melo (1996) descreve que:

"Parece-me que a experiência de outras escolas e a adaptação e influência de professores que a algum tempo vinham se envolvendo com a educação física no Brasil foram determinantes nesse

processo, mas não se pode aí dispensar a proximidade do poder e o tráfico de influência como elemento importante para a escolha, que pode inclusive ter sido elemento exclusivo na criação de alguma disciplina de e/ou realização de algum convite para a docência. Não se pode também negar que o destaque na área desportiva pode ter sido levado em conta. De qualquer forma, Waldemar Areno afirma que: '...embora pareça inacreditável para a época, fomos solicitados e nomeados sem a influência nefasta das influências políticas ou partidárias.' (1947, p.17). "(p. 49)

No caso da esgrima, seu primeiro instrutor, Feliciano Soares de Mendonça, era sargento do exército. Muito provavelmente seu nome deve ter sido indicado, por ter ser formado no curso de mestre d'armas da EsEFEx de 1937, e por ser o mestre responsável pela esgrima do Fluminense Futebol Clube já em 1936, Clube que já despontava nos vários desportos desenvolvidos em suas dependências, e mesmo local onde seriam desenvolvidas inicialmente as aulas práticas da ENEFD.

Mais tarde o ingresso de novos docentes para as cadeiras teóricas da ENEFD, seriam feitos através de concurso e das disciplinas ditas práticas ainda continuavam seu ingresso por indicação.

Na composição e apresentação das disciplinas, havia uma clara separação entre as disciplinas *práticas*, onde assumiram policiais (da Polícia Especial), militares, ex-militares e atletas de renome na época; e as *teóricas*, normalmente conduzidas por médicos, onde ninguém que deixasse de ter tal formação conseguia ministrar. Nas outras disciplinas, no entanto, isso não era observado, existindo exemplos de médicos, como Cássio Rothier do Amaral, que era professor de ginástica, uma disciplina *prática*, ou como Aloísio Aciolly, professor de História e Organização da Educação Física, uma disciplina não ligada a área Biomédica.

A ENEFD não tinha sede própria, dividindo suas atividades entre salas emprestadas no Instituto Nacional de Surdos, onde funcionava a estrutura administrativa e eram ministradas as aulas teóricas; e as dependências do Fluminense Futebol Clube, na época um dos clubes brasileiros com maior infra-estrutura desportiva, onde funcionavam as aulas práticas. Essa distância causava certo transtorno aos alunos, que despendiam grande tempo na transição entre uma dependência e outra, além de contribuir para a desconexão da Escola do contexto universitário. Em 1950 consegue sua sede no campus da Praia Vermelha, no Palácio Universitário, e no final da década de 60, a ENEFD se desloca para suas atuais instalações no campus do Fundão.

Seus cursos eram realizados em apenas um ou dois anos, ao contrário dos demais, realizados em no mínimo três, peculiaridade somente modificada em 1945, pelo Decreto-Lei

⁵⁷ Onde era chefe de departamento o professor de nível superior Alberto Latorre de Faria.

8270, a partir de importante atuação de Antônio Pereira Lyra, diretor da ENEFD na ocasião. Também somente era exigido para ingresso na ENEFD o curso *secundário fundamental*, enquanto para as outras escolas e faculdades, como por exemplo a Faculdade Nacional de Filosofia, o *secundário complementar* se fazia necessário para ingresso. Isso, além de trazer para o contexto da Universidade e da ENEFD jovens adolescentes extremamente novos, criava um interessante contra-senso, pois permitia que um curso superior tivesse exigências inadequadas, mesmo dentro do contexto da época. Somente a partir da 'lei de equivalência' (Brasil, Lei 1821, de 12 de março de 1953), o segundo ciclo médio passaria a ser exigido aos ingressantes em todos os níveis superiores, além da exigência da prestação de exames vestibulares. (Faria Júnior, 1992).

Foi o capitão Antônio Pereira Lyra (diretor de 1944 a 1946), responsável pelos primeiros impulsos de importantes modificações que aconteceriam na ENEFD. Partiram de Lyra, por exemplo, as primeiras sugestões de modificações na estrutura curricular e nos regimentos da ENEFD. Entre as modificações mais importantes, contempladas pelo Decreto-Lei 8270, estão a passagem da duração do curso de dois para três anos e a extinção do limite de idade de 40 anos para professor catedrático, com o argumento que a parte prática das aulas seria realizada pelos assistentes.

Em 1944, Lyra faz uma viagem com Alfredo Colombo, para conhecer a educação física no Uruguai e na Argentina. Empolgado com a organização da escola de formação desses países, Lyra propõe ao retornar uma série de modificações para a Escola, como: a criação de novas disciplinas, como recreação e jogos, a criação de centros de aplicação para os estudantes, somente efetivados na década de 70; e fundamentalmente a solicitação de uma sede própria, sugerindo a divisão de espaço na Praia Vermelha com o Colégio Pedro II, que inicialmente para lá iria por determinação anterior de Gustavo Capanema, Ministro da Educação. Também surgiram as primeiras críticas a utilização exclusiva do Método Francês.

Apesar do decreto lei n.º 1.212, de 17 de abril de 1939, prescrever em seu artigo 41, a necessidade de criação e publicação pela ENEFD de uma revista "(...)destinada à divulgação dos resultados de suas realizações no terreno do ensino e da pesquisa (...)" (Arquivos da ENEFD n.º 1, outubro de 1945, p.1), somente em outubro de 1945 foi criado e publicado pela primeira vez o periódico da Educação Física Brasileira 'Arquivos da ENEFD', quando era então diretor o Capitão Antônio Pereira Lira, e, que de 1949 a 1953, de 1966 a 1972 e a partir de 1972 até nossos dias (tendo sido lançado somente uma edição extra em 1983) não houveram publicações.

Os Arquivos tornaram-se uma das mais importantes fontes de consulta na área. Embora raramente autores que não estivessem ligados a estrutura da ENEFD tivessem a oportunidade de escrever artigos, os Arquivos tinham uma repercussão nacional, sendo enviados para as faculdades de educação física existentes, órgãos governamentais, além de pessoas físicas.

Os Arquivos chegaram a ter uma tiragem de 2000 exemplares esgotados em 1965, e o atraso de sua publicação, como ocorreu nesse número 20 (junho/dezembro de 1965), motivava a procura constante da Escola a busca de informações sobre seu atraso e sua publicação. Essas consultas não eram somente limitadas ao âmbito nacional, mas também de muitas instituições de outros países (Areno, 1965).

No início somente os titulares da ENEFD podiam publicar seus artigos, com o tempo, no entanto, não só outros professores da ENEFD, como também alguns convidados e até mesmo os alunos e ex-alunos começaram a ter seus artigos publicados. Traduções de artigos colhidos em revistas de outros países, destacadamente de origem norte americana, também estavam entre os artigos encontrados nos Arquivos.

E, consultando os exemplares desse periódico, podemos identificar vários fatos e acontecimentos que nos possibilitam compreender diversas problemáticas. No caso da esgrima, não podendo precisar a época exata por conta da ausência de algumas publicações, por vezes por vários anos, podemos observar seu oferecimento para as alunas mulheres, pela Ináh Bustamante Ferraz no período de 1945 a 1949 e de 1956 a 1964, e para os alunos homens, aparece como instrutor Jayme Burchtein em 1956, ficando até 1966. Além do Prof. Assistente Feliciano Soares de Mendonça já mencionado no ano de 1939.

Segundo a revista Arquivos da ENEFD n.º 10, de novembro-dezembro de 1956, a Escola era composta de cinco departamentos, nos quais eram distribuídas as várias cadeiras. Tinham os departamentos as seguintes denominações, cadeiras e responsáveis (chefe de departamento) nesse ano:

Departamento de Pedagogia - Prof. Inezil Penna Marinho - Cadeiras: Psicologia Aplicada, metodologia da Educação Física e desportos e História e Organização da Educação Física e dos Desportos;

Departamento de Biologia - Prof. Cid Braune Filho - Cadeiras: Anatomia Humana e Higiene Aplicada, Cinesiologia Aplicada, Fisiologia Aplicada e Biometria Aplicada;

Departamento de Terapêutica - Prof. Camilo Manuel Abud - Cadeiras: Fisioterapia Aplicada, Metabologia Aplicada, Traumatologia Desportiva e Socorros de urgência;

Departamento de Atividades Desportivas - Prof. Alberto Latorre de Faria -
Cadeiras: Desportos Aquáticos e náuticos masculinos, Desportos Aquáticos femininos,
Desportos terrestres individuais, Desportos terrestres coletivos e **Desportos de Ataque e Defesa**.

A Cadeira Desportos de Ataque e defesa era composta pelo professor catedrático -
Alberto Latorre de Faria; Assistente - Benedito Lemos Peixoto; instrutores- Alencar de Carvalho,
Ináh Bustamante Ferraz (responsável pelo ensino da esgrima para as alunas mulheres), e a
aquisição do Auxiliar de Ensino- Jayme Burchtein (responsável pelo ensino da esgrima para os
alunos homens).

Departamento de Ginástica e Recreação - Prof. Maria Helena Pabst de Sá Earp -
Cadeiras: Educação Física Geral Masculina, Educação Física Geral Feminina e Ginástica
Rítmica.

E existiam os cursos de Educação Física Infantil, curso superior de Educação
Física (1ª, 2ª e 3ª série), curso de medicina aplicada, curso de técnica desportiva e curso de
massagem.

A indicação do nome do sargento Jayme Burchtein para instrutor de esgrima da
ENEFD, nessa época, se dá por ter se formado pelo curso de mestre d'armas da EsEFEx em 1940
e pela sua grande influência e trabalho desenvolvido na esgrima nacional, tendo sido mestre e
técnico de esgrima do Clube Ginástico Português (1951 à 1974), Tijuca Tênis Clube (1942 à
1953) e Clube de Regatas do Flamengo (a partir de 1953).

Até 1963, foram diplomados vários técnicos desportivos em várias especialidades,
e temos o registro da diplomação, até essa data, de apenas um aluno no curso de técnico
desportivo em esgrima. (Arquivos n.º 19, junho de 1964)

O diretor Dr. Waldemar Areno apresentava relatório ao final de cada ano letivo,
ao longo de sua gestão. Por esses relatórios podemos observar que o Jayme Burchtein, professor
de esgrima da ENEFD, era bastante atuante na esgrima desportiva nacional, participando várias
vezes, como técnico e representante da FME e CBE, em campeonatos estaduais, nacionais e
internacionais, e organizando provas com cooperação da ENEFD.

O relatório de 1957, comprova essa afirmação quando relata no item "*Intercâmbio
com instituições desportivas e culturais*" - "*(Com a) Federação Metropolitana de Esgrima -
Oferecemos medalhas aos vencedores da prova dedicada à ENEFD, uma das provas do
Campeonato Carioca, e entregue por um professor da Cadeira de Desportos de Ataque e
Defesa, em 21/06/1957.*" (p. 19)

O prof. Jayme Burchtein viaja à São Paulo em 1959, como delegado da Federação metropolitana de Esgrima, a fim de participar do Campeonato Brasileiro. Relatório de 1959, do Diretor Waldemar Areno, p. 31, no item: *"Atividades realizadas em outras instituições por nossos professores, inclusive viagens"*.

No mesmo relatório, entretanto no item *"homenagens recebidas"*, p. 40, consta a homenagem feita à ENEFD da Federação Metropolitana de Esgrima, dando seu nome à prova de florete do Campeonato feminino juvenil, onde a Escola ofereceu medalhas as vencedoras.

No relatório de 1960, no item *"viagens e outras atividades dos professores"*, p. 46, menciona a viagem do prof. Jayme Burchtein no mês de maio, como técnico da equipe brasileira, convidado pela Confederação Brasileira de Esgrima, com destino ao Campeonato Sul Americano realizado em Buenos Aires.

Os alunos das Universidades brasileiras entram para a área de competições, através da representação nos esportes universitários. Os primeiros jogos Universitários metropolitanos de esgrima aconteceram em junho de 1956 na EsFEEx, e foram realizadas provas individuais e por equipe nas armas espada, florete e sabre. (Jornal dos Sports, 1956)

No início da década de 60 o atual Diretor Prof. Waldemar Areno já sonhava com as novas instalações da ENEFD, que se encontrava em construção no campus da Ilha do Fundão - Cidade Universitária, como podemos perceber em suas palavras, quando falava sobre os vinte anos da Escola na revista Arquivos da ENEFD n.º 19, de junho de 1964:

(...) Daqui sairemos, oxalá em futuro próximo, para uma nova Escola de Educação Física na Ilha Universitária, a ser construída dentro da estrutura de um novo "campus", de acordo com a evolução do ensino, da aprendizagem e da tecnologia, e em consonância com as diretrizes de reformulação da nossa Universidade, em marcha firme e esperançosa". (p.9)

Essa mudança causou muita polêmica e não agradou a muitos que acreditavam na suficiência e importância da sede da Praia Vermelha.

As fortes resistências às mudanças não existiram somente na ENEFD, mas em diversas outras unidades da Universidade, tendo algumas mesmo conseguido ficar em seus locais originais. Na ENEFD, embora houvesse oposição de estudantes, as maiores resistências vieram do corpo docente. As maiores resistências explica Mello (1996):

"(...)deviam-se a dificuldade de acesso e a interferência na vida cotidiana dos professores. Assim, os motivos que os levavam a se opor a mudança estavam diretamente ligados aos seus interesses pessoais e a proximidade da sede da Praia Vermelha com o centro da cidade, com os colégios em que

habitualmente trabalhavam com os negócios particulares que mantinham. Entre os juvenis o processo semelhante parece ter ocorrido." (p. 112)

De acordo com Cardoso (comunicação pessoal, 2004), que foi aluna da primeira turma que fez aulas na nova sede, fez em 1970 vestibular e já foi direto fazer aulas no campus do fundão. No primeiro semestre de 1970, como a nova sede da Escola ainda não estava pronta eles fizeram as aulas teóricas e práticas na faculdade de arquitetura "onde já existiam quadras e locais apropriados para as aulas práticas, como vôlei, tênis, dança, dentre outras, mas as aulas de atletismo já eram realizadas na atual sede campestre"⁵⁸. Ela segue falando, "que como a piscina ainda não estava pronta eles só tiveram aulas de natação no segundo semestre de 1970".

Já acontecia na cidade Universitária, atividades desportivas que eram desenvolvidas sob a orientação de professores da própria ENEFD, em instalações próprias localizava na Faculdade Nacional de Arquitetura (F. N. A.) e na Escola Nacional de Engenharia (E. N. E.). Sobre essas atividades, Areno (1965) relata:

"As atividades desportivas da Cidade Universitária vinham sendo cumpridas por iniciativa das associações atléticas das E. N. Engenharia e F. N. Arquitetura, orientadas pelos profs. Orlando Vicente Moreira, lotado no ENEFD, e há cinco anos colocado a disposição da E. N. Engenharia para esse fim, e do prof. Paulo Vianna da Silva, contratado pela F. N. Arquitetura. As instalações existentes eram um campo de futebol e uma quadra de basquetebol, voleibol e futebol de salão, da F. N. Arquitetura e um campo de futebol, precário, da E. N. Engenharia. Em maio foi inaugurado um ginásio nas instalações da E. N. E., equipado para a prática do box, judô, halterofilismo e ginástica de aparelhos (...)" (p. 48)

Vendo a necessidade de organizar e estimular as atividades desportivas, favorecendo sua prática, já numerosa entre os universitários da Ilha do fundão, a comissão de reforma da Universidade do Brasil, estabelece em seu projeto a criação do Centro de Educação Física e Desportos, após entendimentos do Diretor da Escola com o Decano Adjunto da Cidade Universitária, resultando na seguinte portaria do Reitor:

"Portaria n.º 688 de 29 de julho de 1965.

O Reitor da Universidade do Brasil, tendo em vista a necessidade de incrementar a prática dos esportes na Cidade Universitária, dando-lhes coordenação e sentido educativo e visando ao aproveitamento das instalações existentes, e atendendo as recomendações da comissão da Reforma, resolveu encarregar a ENEFD, pelo seu diretor, da administração e supervisão de todas as atividades desportivas, de acordo, aliás, com o estabelecimento no item "f" do artigo 2º do regimento interno daquela unidade.

As. Joanídia Sodré (Reitor em exercício)" (p. 49)

Nesse centro foram desenvolvidas várias atividades e foram realizados vários torneios e campeonatos de diversas modalidades de desportos que eram praticados na Cidade Universitária.

Em reuniões anuais promovidas pelo DEF do MEC, entre os diretores das Escolas de Educação Física do país, era possível trocaram experiências e discutirem os caminhos e currículos mínimos para os cursos de formação de professores de Educação Física, de Educação Física Infantil e de medicina especializada. Resultado dessas reuniões foram as portarias n.º 272 e 278 do Conselho Federal de Educação de 1963, que estabeleciam os currículos mínimos para os Cursos das Escolas de Educação Física. (Areno, 1963)

Nesse ano, quando se estabelece os currículos mínimos, algumas disciplinas sofreram alteração quanto a sua obrigatoriedade e a esgrima passa a ser considerada como disciplina facultativa. Areno (1964) menciona em seu relatório de 1964 que nessa nova condição, no intuito de difundir a prática da esgrima, *"a Escola permitiu a realização dessa atividade por universitários em geral e demais interessados, sob a direção dos professores Jayme Burchtein e Ináh Bustamante Ferraz"* (p. 20-21). Essa abertura ampliou a prática da esgrima oferecida pela ENEFD, sendo constatado no ano seguinte, a inscrição de 16 alunos de ambos os sexos, dos quais 7 eram da ENEFD e 9 de outras faculdades. (Areno, 1965)

Nos vinte e cinco anos da existência da ENEFD passaram por ela, diversas pessoas embuidas da responsabilidade de enaltecer a importância da prática da atividade física, incentivando e propiciando meios para o crescimento da Educação Física nacional. Dentre essas inúmeras pessoas estão os vários diretores que por lá passaram.

No final da década de 60, quando a Congregação da Escola envia a lista tríplice encaminhada para o Ministério da Educação e Cultura (MEC), onde continha nome de três professores de educação física: em primeiro lugar, na preferência da Congregação, o professor Alfredo Colombo; em segundo lugar a professora Maria Helena Pabst de Sá Earp e em terceiro a professora Maria Emma Hulda Lenk Ligler, sendo a professora Maria Lenk, a escolhida para ser a primeira mulher a ocupar o cargo de direção da ENEFD.

A partir da direção da professora Maria Lenk⁵⁹, rapidamente os rumos da ENEFD se alterariam substancialmente. Como cita Mello (1996) uma das razões dessa mudança foi a

⁵⁸ A sede campestre é um anexo da Escola, na própria Cidade Universitária, onde existem quadras de tênis e atletismo.

⁵⁹ Com Maria Lenk pela primeira vez um professor de educação física ocupou a direção por indicação da Congregação. Anteriormente, por duas vezes, já haviam assumido a direção, interinamente (em 1947 com Alfredo Colombo e em 1950/1951 com Alberto Latorre de Faria). Nessas ocasiões esses professores eram vice-diretores.

Reforma Universitária de 1968. Mostrando o prestígio da sua diretora e sua inserção nos novos rumos da Educação Física, menciona:

"Maria Lenk, a nova diretora, possuía prestígio como ex-atleta e com a cúpula desportiva do governo militar golpista, tendo sido convidada a participar ativamente das decisões relativas a educação física na reforma universitária. É possível que essas relações com o Governo Militar tenham sido fundamentais em sua escolha como diretora, mesmo sendo a terceira opção apresentada pela Congregação da ENEFD. Com a reforma universitária, a Universidade do Brasil passaria a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e a Escola Nacional de Educação Física e Desportos passaria a ser a Escola de Educação Física e Desportos da UFRJ (grifos nossos)." (p. 111)

Perdia assim também seu status de escola padrão, responsável por desenvolver e uniformizar a formação profissional na educação física brasileira. Processo semelhante ocorreu com as outras escolas e faculdades nacionais que se situavam no Rio de Janeiro, como a Faculdade Nacional de Filosofia.

Entretanto, a reforma universitária de 1968 trouxe também algumas contribuições interessantes para a Escola, principalmente na parte material. Lenk (1972) afirma que os estudantes estiveram envolvidos, por volta de 1968, com greves e manifestações devido as péssimas condições em que a ENEFD se encontrava. Obviamente, Lenk estava a reduzir os motivos que conduziam a mobilização estudantil, em um momento de grande mobilização estudantil no cenário nacional, mas não deixava de ter razão quanto a deteriorada estrutura material da ENEFD. Segundo Lenk, uma das ações da reforma universitária mais sentidas na ENEFD foi exatamente a melhoria da infra-estrutura. Outras ações, não ligadas a estrutura material, também foram encaminhadas, como a criação de uma assessoria técnica de ensino, um curso pré-vestibular e, uma grande inovação, os primeiros passos para a instalação de um laboratório de aptidão física.

Ainda no que se refere a infra-estrutura, o prestígio da professora Maria Lenk com o governo militar parece ter sido muito importante pois no seu mandato aconteceu, em 1970, a segunda mudança de sede da ENEFD: indo agora para a Ilha do Fundão, aonde se construiria o Campus Universitário da Universidade Federal do Rio de Janeiro, já mencionado anteriormente.

A sede montada na Ilha do Fundão contava com: oito ginásios; duas piscinas, sendo uma olímpica; salas de aulas e vestiários para 1500 alunos; gabinetes médicos e de pronto socorro, salas para administração e laboratórios; sala de massagem; bibliotecas; grande número de quadras descobertas, campos de futebol, instalações de atletismo; instalações para esportes

náuticos. Parte dessas instalações, embora em estado precário de conservação, ainda existe na atual Escola de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

A disciplina - esgrima do curso de formação de professores de Educação Física da ENEFD agora EEFD, foi ministrada por vários anos, sendo interrompido seu oferecimento, somente em 31 de março de 1974, quando do falecimento de seu último professor, o mestre d'armas Jayme Burschtein. Mas, em março de 1985 essa disciplina retoma seu curso à todo vapor, após um grande esforço do Departamento de Lutas⁶⁰, onde era Chefe o Prof. Vinícius Ruas Ferreira da Silva, culminando na aquisição de material e na contratação de uma professora exclusivamente para esta disciplina, formada pelo curso de mestre d'armas da EsEFEx e pelo curso de mestre d'armas internacional realizado também na EsEFEx. Até os dias de hoje essa disciplina continua a constar do currículo da Escola, e vem sendo oferecido pelo Departamento de Lutas, fazendo parte do rol de disciplinas eletivas, mas podendo ser obrigatória caso o aluno a escolha como a segunda Luta obrigatória⁶¹.

A Esgrima e seu valor educacional

A suficiência da personalidade é uma força viva, que exerce uma influência preponderante sobre o espírito dos homens. Um ser humano nobre e harmoniosamente desenvolvido eleva e transcende tudo ao seu redor.

A esgrima contribui em grau superlativo para fazer certa esta afirmação, já que ela cultiva, em uma atmosfera de sugestiva dignidade, o espírito, a mente e o corpo.

Muitas vezes se tem dito, com razão que o homem é um ser duplo, formado pela íntima e maravilhosa união de uma natureza espiritual e de outra material. E para que seja perfeito o equilíbrio entre elas se faz necessário que estas se mantenham em um estado de atividade permanente. Se impõe por outro lado, para que o viço impere e que se mantenha plena prosperidade a vida do espírito e do corpo, que estas tenham uma renovação constante, fazendo certa aquela afirmação de que a vida orgânica descansa, sobretudo com essa alteração.

A esgrima é fiel servidora a esses princípios da força do espírito e do corpo, pois a prática da mesma exalta o cavalheirismo, o caráter, a vontade, a suficiência, o espírito de luta e a personalidade.

⁶⁰ Antigo Departamento de Atividades Desportivas, em sua cadeira de Ataque e Defesa.

⁶¹ Requisito obrigatório para o aluno integralizar o curso, onde deve cumprir, das Lutas, a Capoeira como obrigatória e mais uma disciplina, do Departamento, a sua escolha, dentre Karatê, judô e Esgrima; que será cumprida como a outra disciplina obrigatória da Luta.

Todas estas qualidades que se refletem na vida moral do indivíduo, como assim dentro da terapêutica médica, está aconselhado desde o primeiro aos últimos anos de nossa existência, pois, é um exercício por excelência metódico que eleva regularmente o coeficiente da atividade muscular em forma adequada às necessidades e as possibilidades de forma integral.

Assim temos visto que quando um esgrimista perde o seu vigor quando se fazem sentir os efeitos da inexorável lei do decurso dos anos, ele continua tendo igualmente valor esgrimístico, pois outras qualidades se prestam no esporte para superar a potência de um ataque, como o são o tempo, a medida e outras condições que oferece como equilíbrio aquele que já não possui vigor.

Se para os adultos é notável o seu valor, neste ponto de vista que estamos examinando, para as crianças, adolescentes e as mulheres em geral tem um grande valor, que alcança a tudo quanto possa pensar, pois não só se refere a sua ponderável influência a estas suposições, senão que incide muito nas mulheres, em sua graça, beleza, maneiras, no andar e no desenvolvimento da personalidade, dando-lhes esse toque maravilhoso que faz de cada mulher algo frágil, e forte a um só tempo, algo sutil e vibrante, condições tais que, na França não só os grandes modelos das mais afamadas casas de costuras, praticam esgrima, assim como está ela incorporada aos institutos de educação de mulheres, principalmente pelos benefícios de sua prática.

É notadamente certo que as esgrimistas adquirem uma figura esbelta, uma maneira resoluto, cheia de feminilidade, que a faz distinguida, a par de fortalecer suas condições anatômicas, ósseas e fisiológicas de maneira apreciável e isso explica a preferência européia maciça que recebe a nobre arte das belas armas.

Se para as mulheres é assim, para as crianças e adolescentes tem uma maior consequência, sobretudo na parte psíquica e contribui de maneira sensível, segundo os trabalhos científicos feitos sobre a matéria, sobre a influência que ela tem.

Sobre algumas conclusões desses trabalhos temos que a esgrima exige uma grande concentração mental e que a atividade física e fisiológica promove uma maior excitação ao controle dos centros nervosos.

Por outro lado, dentro do ponto de vista físico eminentemente, desenvolve o corpo, fortalece as pernas e os braços, aguça a vista, a rapidez de interpretação, eleva a resistência e aumenta a plasticidade geral do físico. Seu método é ideal à orientação física da criança, desde que a mesma tenha vontade, assim como seu mestre.

Por outro lado, hoje em dia nenhuma prática de esgrima exige somente o treinamento puro e simples de esgrimir, ela exige uma série de exercícios voltados principalmente para o desenvolvimento de várias qualidades necessárias para seu desempenho eficiente, fazendo-a completa e suficiente por si mesma.

O binômio saúde mental + saúde física, determinam as qualidades de um bom praticante de esgrima.

A esgrima pode ser vista sob dois aspectos:

- a) Educativo - consiste em corrigir atrofia ou deformações na simetria, sendo aconselhado sua prática com o uso das duas mãos, alternadamente. Pode ser praticada por ambos os sexos. Pode ser praticada até idade avançada, devendo ser levado em conta o tempo de duração das sessões. Para os menores, até 16 anos, as armas deverão apresentar um peso e comprimento reduzido em relação a dos adultos. As aulas terão duração e intensidade reduzida de acordo com a capacidade físico-técnico dos praticantes.

Em tais condições, apresenta a esgrima excelente fator educacional, concorrendo de forma preponderante para o desenvolvimento das qualidades físico-moral e intelectual. Do primeiro, porque permite que todo o organismo entre em ação, todos os músculos trabalhem, a circulação se ative e a respiração se intensifique, em segundo lugar, porque desperta a decisão, dá valor, tenacidade, perseverança, energia, confiança em si, lealdade, predisposição a luta e espírito de disciplina, o que contribui para a formação de um caráter firme; e finalmente porque aumenta a rapidez de raciocínio, celebração rápida e possibilita o espírito de iniciativa, e também educa e desenvolve os reflexos em seu mais alto grau.

- b) Desportivo - exige um apuro técnico elevado, difícil de conservar, em virtude da complexidade dos movimentos e ações que sua prática requerem, o qual exige grande coordenação neuro-muscular. O desgaste de energia nervosa é imensa, obrigando os músculos a atuar em frações de segundo, muitas vezes em movimentos antagônicos. A velocidade de movimento requerido ao bom esgrimista constitui justamente um dos motivos do porque se acha difícil manter-se em forma durante grandes períodos.

Os esgrimistas submetem seus cérebros a um trabalho mental onde cada um busca adivinhar a intenção do adversário, escondendo seu próprio plano de

ataque e defesa, a fim de alcançar o grande objetivo da esgrima que é tocar sem ser tocado.

Porém o trabalho dos centros nervosos não é puramente intelectual e não se produz somente na concepção de uma tática, se mostra notadamente na execução dos golpes. Ele exige grande coordenação, visto a precisão de seus movimentos. Os melhores esgrimistas não são os que fazem mais movimentos, são, ao contrário, aqueles cujo corpo apenas se movimenta selecionando os grupamentos musculares que serão necessários para sua execução, poupando energia.

O valor do esgrimista está em sua técnica, no discernimento de sua tática a empregar e na capacidade física que é resultado do treinamento.

A esgrima é uma atividade desportiva que pode ser praticada por crianças e adultos, de ambos os sexos, podendo se beneficiar dos vários aspectos tanto físico como mental.

Ela necessita de qualidades gerais, próprias a todos os esportes, como outras específicas para obter um resultado efetivo nesta especialidade. Ela utiliza uma grande parte dos músculos do corpo, sendo imposto aos extensores o trabalho mais intenso.

A esgrima impõe aos diferentes membros do corpo a máxima extensão, exigindo contrações rápidas e repetitivas. Em seu mais alto grau é um desporto de velocidade, superior a muitos outros. Não exigindo dos músculos um trabalho muito intenso, não impõe ao coração um trabalho exagerado. Exige uma coordenação perfeita de movimentos, pois a necessidade de agir sobre um tempo extremamente curto, condiciona os músculos a obedecer instantaneamente as ordens do cérebro. O golpe de vista e a presença de espírito são qualidades importantes do esgrimista a qual é preciso desenvolver, a oportunidade e combatividade. A esgrima põe em ação as qualidades que tem por fim o desenvolvimento dos reflexos do indivíduo, e em particular, exercita o sentido de visão, reação rápida e tátil. A estas qualidades primordiais somam-se outras secundárias, útil para o aperfeiçoamento contínuo do esgrimista, como o equilíbrio: traduzido na prática pela estabilidade e firmeza da posição, pela independência dos membros inferiores e por sua ação coordenadora.

As qualidades particulares que são desenvolvidas pela prática da esgrima são divididas em três grupos:

1. Qualidades Físicas - desenvolvimento harmônico do corpo, melhoria do conhecimento do esquema corporal e de seu próprio corpo, potência, resistência, flexibilidade, equilíbrio, postura e elegância nos movimentos;
2. Qualidades Intelectuais - rapidez de concepção e atenção voluntária e contínua sobre várias situações, concentração, clareza de percepção, criatividade e adaptação;
3. Qualidades Morais - vontade, serenidade, disciplina, valor, determinação, cortesia, lealdade e ética.

Falaremos agora sobre cada um desses grupos, que por sua vez são divididos em alguns sub-grupos:

1. Qualidades físicas:

As qualidades físicas necessárias para uma boa prática da esgrima são: táteis-visuais, nervosas, musculares e funcionais.

1.1 Qualidades táteis-visuais

Estas qualidades que devem ser particularmente desenvolvida num esgrimista são as seguintes:

- 1.1.1 táteis: a sensibilidade tátil, pela ação dos dedos sobre a empunhadura da arma desenvolve o sentimento do ferro, denominado como o sexto sentido do esgrimista. Este sentimento permite estender o sentimento do tato até o extremo da ponta da lâmina, exteriorizando e prolongando a sensibilidade tátil. Serve para perceber, os pensamentos, as intenções e a vontade do adversário, que são transmitido ao cérebro através do contato das lâminas e das células nervosas. É necessário esta qualidade a todas as ações ao ferro.
- 1.1.2 Visuais: a visão aguçada permite adquirir uma noção exata e permanente da distância, aprecia a natureza da ação que executa o adversário num lapso de tempo infinitamente reduzido, contribui de forma efetiva na precisão das ações ofensivas, defensivas, contra-ofensivas e defensivas-ofensivas.

1.2 Qualidades nervosas

Como se sabe, a contração muscular é comandada pelo influxo nervoso, espécie de corrente elétrica que partindo do cérebro, se transmite aos músculos por intermédio das células

nervosas. Essa transmissão leva certo tempo, que varia de indivíduo para indivíduo, fazendo-se mais rapidamente em alguns do que outros.

Por outro lado, a decisão de um movimento e a sua execução são sucessivas e não simultâneas e, até certo ponto, o tempo de transmissão será tanto maior quanto menos violenta for a excitação nervosa de partida (vomado). Daí a necessidade de habituar o cérebro a "querer" enérgica e resolutamente.

Como é também sabido, para que um músculo ou grupo de músculos produza movimento, é indispensável que os músculos antagonistas não o contrariem, o que exige também certo dispêndio de tempo.

Por tal, necessita-se desenvolver:

1.2.1 A condutibilidade nervosa: é fundamental no esgrimista para executar em uma fração de segundo a ação que foi ordenada pelo cérebro com o fim de obter êxito. Essa reação ou prontidão de reflexo, permite executar num tempo extremamente curto, com seleção do tempo (oportunidade) e no momento mais favorável a fim de aplicar a ação que justifique sua realização e alcançar eficácia, segundo seu propósito.

1.2.2 A resistência nervosa: é uma resistência própria a este desporto que vai desenvolver e dominar. A esgrima exige um esforço permanente do sistema nervoso. Esta tensão é constante no fluxo nervoso de um esgrimista em treinamento prolongado ou em uma competição longa. Esta tensão e esforço desaparece, marcando uma pausa prudencial de descanso, entre uma competição e outra.

1.3 *Qualidades musculares*

1.3.1 A flexibilidade: é o resultado de uma descontração permanente em todos os músculos solicitados para um determinado movimento ou ação, permite a execução de um gesto ou movimento de forma imediata, sem rigidez, facilitando a precisão e velocidade. Velocidade e precisão é consequência direta da flexibilidade. A descontração, assim também, permite aumentar a resistência a fadiga.

1.3.2 A velocidade: é uma qualidade inata, que até certo ponto pode ser desenvolvida, apresentando variações como no caso da velocidade dos membros inferiores que podem ser diferentes dos membros superiores. A esgrima, por ser um desporto eminentemente técnico e completo requer velocidade de coordenação, e isto se consegue mediante a repetição do movimento do gesto. É muito importante que a velocidade natural seja controlada e suscetível de variação de ritmo, como, de

aceleração máxima compatível com suas possibilidades físicas. A velocidade, mesmo assim, depende da condutibilidade nervosa do indivíduo.

1.3.3 A potência muscular explosiva (enérgica execução do movimento): qualidade muscular inata, que depende também da tonicidade muscular. Ela se desenvolve mediante os exercícios de musculação apropriados para a esgrima.

1.4 *Qualidade funcional*

1.4.1 A resistência é indispensável para as longas competições de esgrima, e que exige de todas as grandes funções - cardíacas, pulmonares, etc. - um rendimento máximo e sustentável. Do funcionamento regular desses órgãos, e de sua recuperação do esforço a que foi submetido, depende outras qualidades. Essa qualidade se adquire como consequência de um treinamento prolongado, metódico e bem orientado.

2. Qualidades Intelectuais

As qualidades intelectuais tem o mesmo valor das qualidades físicas.

2.1 *Inteligência*

A inteligência é uma qualidade primordial do esgrimista. Ela proporciona adaptar as ações, que correspondem aos diferentes tipos de adversários, referente as variações táticas que se apresentam no combate. Certos atiradores, que possuem uma inteligência particular para a esgrima e condições para esse esporte, se adaptam instantaneamente a todas as circunstâncias, utilizando determinada ação apropriada para dado momento.

2.2 *Julgamento*

O julgamento depende da inteligência do atirador. Ele permite, mediante o conhecimento da esgrima, adotar uma tática que justifique para o adversário e provocar a ação deste, dependendo do que deseja explorar.

3. Qualidades Morais

As qualidades morais complementam as qualidades físicas e intelectuais. Delas dependem o bom êxito de um esgrimista, onde sua ausência prejudicam a obtenção de um resultado efetivo.

3.1 *Vontade*

A vontade é indispensável ao esgrimista. Ela contribui para vencer e para executar sem perder a atenção e convicção na ação previamente estudada. O resultado que se obtém pela vontade deve estar a serviço de todas as qualidades físicas e intelectuais. Ela permite retornar, a normalidade, uma situação momentânea de desvantagem, contribuindo também para superar a fadiga.

3.2 *Ética*

A ética no esgrimista deve ser permanentemente trabalhada. Uma vitória não tem nenhum valor se recorre a meios artificiais, como doping, armamento adulterado, interpretação pessoal do regulamento, etc.

Sendo a esgrima, um desporto tradicionalmente cavalheresco, e que todo match deve manter as características próprias de um combate cortês e leal, é necessário e importante desenvolver e estimular estas virtudes, considerando que todas essas qualidades formam parte do valor do esgrimista.

Estas qualidades devem estar presente, constantemente no espírito do mestre para que ele possa transmitir ao seu aluno, durante a aulas e treinamentos nas salas d'armas.

O mestre deve aproveitar todas as oportunidades e, ter sempre a preocupação no desenrolar de suas aulas e treinamentos, no sentido de corrigir as falhas técnicas, advertir e retificar os pontos fracos, orientar e aconselhar a tática conveniente, e, melhorar as qualidades físicas, intelectuais e morais de seu aluno.

Sobre os benefícios da prática da esgrima, o médico Roberto Moreira, especialista em medicina desportiva, relata em entrevista do jornal O GLOBO, encarte JORNAL DA FAMÍLIA de 12 de abril de 1998, que *"a esgrima fortalece os músculos das pernas, dos braços e dos quadris, além de desenvolver a elasticidade e a capacidade cardipulmonar"* e resumindo algumas qualidades que foram apresentadas aqui, continua dizendo:

"A esgrima é um esporte com deslocamentos para frente e para trás e exige ótimo preparo físico. Desenvolve a capacidade de responder a estímulos reflexos e a capacidade cardiorrespiratória. É um bom esporte para autoconfiança. O bom esgrimista confia em si mesmo" (p. 3)

Para fecharmos este capítulo, levantamos a seguinte questão: Porque incluir a esgrima no currículo de uma Escola de Educação Física?

E, para responder a esta pergunta, Lindsay (1973), pesquisadora, fez uma pesquisa entre professores de Educação Física, incluindo também mestres d'armas e praticantes de esgrima filiados a A.F.L.A. (Amateur fencers League of América), usando um questionário composto de 13 perguntas que, apesar de se referir a outra realidade, achamos extremamente útil reproduzir integralmente seu resultado, pela relevância e identidade com este trabalho:

"Quando uma destreza é analisada para inclusão num programa de Educação Física, fazemos uma análise cuidadosa do mérito da atividade em satisfazer os objetivos de nosso programa. Como a esgrima se comporta quando submetida a um teste que vise estes fatores?

1) Ela proporciona uma grande atividade muscular?

R. Sim. A esgrima se situa alto na escala de dispêndio de energia, proporcionando grande atividade muscular para os membros inferiores e superiores, tronco, cintura escapular e cintura pélvica. É ativa, requerendo preparo físico.

2) Contribui para o desenvolvimento do controle corporal?

R. Sim. Ela rivaliza com a dança no controle corporal e desenvolve os pequenos músculos (mãos e pés), da mesma forma que os grandes músculos em precisão de movimentos, decorrendo daí a elegância. Tem a tendência de afinar uma moça e desenvolvê-la. Alguns louvam o esporte por sua contribuição para uma boa postura.

3) Contribui a esgrima para um aperfeiçoamento da coordenação?

R. Sim. Ela requer coordenação de um modo geral e em particular das mãos com a visão e dos pés com o corpo.

4) Ela desenvolve o "sentido de tempo"?

R. Ritmo e 'tempo' são as condições mais importantes para o sucesso de uma defesa ou de um ataque, por vezes não é dominante a velocidade que importa, mas o 'tempo' engrenado em uma situação específica de esgrima.

5) Ela desenvolve o "sentido analítico"?

R. Sim. Ela exige imediata percepção de distância, rápidas decisões baseadas em breve, mas conclusiva compreensão de todos os fatores envolvidos na ação e fração de segundo para pensar e agir. Não é um jogo de 'força bruta', mas sim um esporte de habilidade e destreza.

6) Pode um estudante de coordenação média ou pobre encontrar satisfação na prática da esgrima?

R. Sim. Enquanto ele leva anos para se tornar um campeão, qualquer um pode 'gozar a sensação' de ser esgrimista logo que tenha aprendido os fundamentos da destreza.

7) O esgrimista envolve elementos de auto-controle?

R. Sim. A sensação de um florete na mão, parece banir o incontrolado instinto agressivo das pessoas. Este pode ser refreado e equilibrado, e impõe disciplina física.

8) Ela estimula o bom "espírito esportivo"?

R. Sim. A esgrima é embebida na tradição de esportividade, como o jiu-jitsu (a 'saudação', os apertos de mão e muitas outras manifestações) e auto-controle, 'travando' a língua e os impulsos temperamentais. O esgrimista nunca se dirige aos membros do oponente, sem pedir permissão antes, ou a seu adversário durante o assalto. Ele deve aprender a não fazer conta da qualidade das decisões.

9) É aplicável a classes de médio e grande porte?

R. Com equipamento adequado e organização apropriada, cerca de 30 estudantes podem ser convenientemente trabalhados. Turmas maiores podem ser organizadas, mas o treinamento individual teria que ser reduzido.

10) Ela é adaptável a todos os estudantes?

R. Sim. É particularmente indicada para moças, porque é a única atividade de combate aceitável para elas. Em razão de suas bases românticas, a esgrima se apresenta como indicada especialmente para estudantes de música, arte dramática, dança e literatura. Ela pode ser usada co-educacionalmente com muito proveito, desde que resistência não seja um fator importante.

11) A esgrima desenvolve competição que valha a pena?

R. Sim. A esgrima é um esporte alegre no qual se pode empregar sua habilidade e inteligência contra um adversário numa tentativa de excedê-lo em habilidades. Ela alimenta a coragem e a tenacidade de espírito, uma espécie essencial de moral necessária para uma luta corpo a corpo.

12) A esgrima permite que se mantenham as destrezas aprendidas durante um longo período da vida?

R. Sim. Um esgrimista de sessenta anos pode bater-se com sucesso com outros bem mais jovens. Há clubes nas cidades maiores onde as pessoas podem continuar a praticar o esporte após os períodos escolares.

13) A esgrima é dispendiosa?

R. Relativamente. Uma turma de vinte alunos pode ser equipada aproximadamente pelo mesmo custo que uma de voleibol do mesmo número. Vinte floretes, dez máscaras e dez plastrons são equivalentes em preço a dois nets, seis bolas e três standards. O equipamento dura anos se bem cuidados, à exceção das acessórias substituições de lâminas. "

CAPÍTULO III

CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

Conclusões

Com o presente estudo pudemos concluir, a partir do material consultado, que a esgrima brasileira passa ao longo de sua trajetória por diversas dificuldades e problemas nos diferentes meios desportivo e educacional, que com o passar dos anos se mantiveram e persistiram, evitando seu desenvolvimento. Opondo-se ao que se poderia esperar de uma atividade que aporta em terras brasileiras já na época de sua colonização. Mas, como no início ela tinha uma finalidade específica que era a preparação do homem para a guerra e os diversos confrontos, só mais tarde, no meio do século XIX, ela passa a ser praticada como mais uma forma de atividade esportiva.

A esgrima passou por momentos de ascensão e declínio, e muito embora as dificuldades persistissem em todas as fases, outros fatores suplantavam-na e davam-lhe o ar de desenvolvimento que por diversos momentos pensava-se que já havia se consolidado.

O problema relacionado ao material necessário para a prática da esgrima foi por vezes entrave para seu desenvolvimento e, nos dias de hoje, ainda é responsável pela dificuldade de seu progresso. Temos nessa questão vários fatores a levantar:

1. O alto custo de sua aquisição, visto que, entra no país sem isenção de impostos, chegando a nós com um valor muito acima do real;
2. O reduzido número de fornecedores de material no Brasil (atuando como representantes dos fabricantes estrangeiros);
3. Por ser um esporte individual, cada esgrimista deve utilizar uma máscara, uma arma, uma luva, um uniforme, um colete metálico e um fio de corpo;
4. A falta de um know how para a produção de um material de qualidade, genuinamente brasileiro, nos libertando da dependência internacional;

Outra questão está relacionada diretamente com o ensino da esgrima, que dependendo de mestres competentes e preparados, por diversas vezes teve neste fator uma grande dificuldade, pois o que observamos é que quando tínhamos no Brasil mestres estrangeiros de renome internacional, a esgrima ganhava vulto e progredia, e juntava-se a ela uma grande

quantidade de admiradores que apaixonando-se pela sua prática mantinham-na viva e cada vez mais conseguiam a aquisição de mais adeptos. Mas de forma inversa, quando partiam, a esgrima se esvaziava e poucos continuavam com a sua prática.

Nos próprios clubes quando eles se organizam e contratam mestres formados ou mesmo atletas antigos de renome, que era o que acontecia na maioria das vezes, sua prática se mantinha freqüente e com um grande número de adeptos, mas quando eles deixam de incentivar este esporte em detrimento de outros, cortando os custos com a esgrima, seus atletas somem e sua prática cessa.

Portanto a presença de mestres qualificados favorece a estabilidade e o desenvolvimento da prática da esgrima.

A falta de um patrocínio forte e permanente para a esgrima de um modo geral, e em particular nos clubes, para diminuição de custos favorecendo sua permanência nos quadros esportivos, e nos atletas para que possam se dedicar mais ao esporte, não tendo que se preocupar com as questões financeira, tem sido uma constante na esgrima em todos os tempos, tendo sempre grande dificuldade nesse empreendimento. Mas é necessário a busca incansável de recursos de todas as fontes, que se apresentem e que possam trazer investimentos para a esgrima. E só com patrocínios e parcerias é que conseguiremos o desenvolvimento tão necessário e esperado.

Com relação a esgrima inserida na ENEFD, percebemos que sua implantação se deu por influência do meio militar, uma vez que foi adotado o método francês, amplamente difundido na EsEFEx, e que continha nele a recomendação da prática da esgrima. O que se passou foi que a esgrima praticada na ENEFD ficou por muitos anos atrelada ao que era desenvolvido e praticado no meio militar, não sendo criado uma concepção didático pedagógica própria que visasse a formação de professores de esgrima pelo viés das Universidades Brasileiras.

Resultado da falta dessa concepção didático pedagógica própria com uma visão acadêmica mais ampliada, dentre outros fatores, se reflete o número reduzido de Escolas de Educação Física do país, que constatamos já terem tido em seus currículos a disciplina Esgrima, sendo atualmente só ministrada pela EEFD da UFRJ. É importante que num maior número de Escolas de Educação Física seja incluída essa prática desportiva, para que se possa através do ensino, pesquisa e extensão, favorecer a descoberta e aplicação de novos métodos, técnicas, concepções didático pedagógicas, etc que venham propiciar o desenvolvimento e crescimento desse esporte nos vários campos, ampliando sua prática baseada em dados científicos, no caso da

pesquisa, em oferta e facilidade de acesso à vários grupos da sociedade, no caso da extensão e na preparação e aumento do número de professores com qualificação para trabalhar com a esgrima, no caso do ensino.

No desenvolvimento deste trabalho pôde-se observar que são inúmeras as dificuldades na manutenção das condições mínimas para organização e realização das atividades ligadas a este esporte no país, portanto torna-se desnecessário toda e qualquer exigência que inviabilize o seu crescimento.

Então o que podemos tirar dessa conclusão é que medidas sérias e de compromisso devem ser elaboradas e executadas o mais rápido possível, para que o esporte nacional, e em particular a esgrima, que é um esporte tradicionalmente olímpico e uma das primeiras práticas junto com a ginástica, que serviram de base para a Educação Física no Brasil, não entre em extinção neste país.

Recomendações

Com base nas conclusões deste estudo, são apresentadas as seguintes recomendações:

1. Criação de uma política nacional desportiva que:
 - Incentive a prática desportiva, inclusive a esgrima, em todo o território nacional;
 - Priorize o desenvolvimento de esportes como a esgrima que não tem tradição no Brasil;
 - Incentive a vinda para o Brasil, de fabricantes de material esportivo de esgrima.
2. Criação de leis de isenção fiscal, para entrada do material de esgrima no país, em maior quantidade e com um menor custo;
3. Produção de um material de qualidade, genuinamente brasileiro, nos libertando da dependência internacional;
4. Inserção da esgrima nas diferentes Escolas de Educação Física do país a fim de ampliar sua prática e investimentos no sentido da preparação e qualificação desses novos professores transformando-os em mestres d'armas e de novos árbitros;

5. Além das Escolas de Educação Física, introduzir a esgrima em diferentes locais, facilitando a prática por pessoas de várias camadas da sociedade, como: escolas, academias, clubes, projetos sociais, ongs, etc;
6. Captação de recursos na forma de patrocínios e parcerias a fim de solucionar o problema econômico do atleta, do clube, da entidade, das Escolas de Educação Física e das instituições mentoras deste esporte;
7. Indicação de dirigentes que tenham como meta o constante crescimento da esgrima e que suas ações priorizem sempre o melhor para a comunidade esportiva, tornando-se obstinado na tarefa de massificar a esgrima em todo Brasil.

Por fim, embora este estudo tenha priorizado a esgrima que era desenvolvida no Rio de Janeiro e na Escola Nacional de Educação Física e Desportos, é de se esperar que realidades semelhantes sejam encontradas ao serem analisadas experiências de outros estados, instituições acadêmicas e estabelecimentos aonde existiram sua prática. Neste sentido, recomenda-se e espera-se que outros pesquisadores dêem continuidade e ampliem a área de estudo no sentido de que venham a ser discutidas e aprofundadas questões não apresentadas neste trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AFFONSO, José Luiz. A Esgrima e o Boqueirão. In: DIRETORIA DO CLUB DE REGATAS BOQUEIRÃO. O Boqueirão. Rio de Janeiro: Publicação do Club de Regatas Boqueirão comemorativa do meio centenário de sua fundação, abril de 1947. p. 82.
- ALMANAQUE ESPORTIVO OLYMPICUS. ESGRIMA. São Paulo: ed. Sem Rival, p. 255-266, 1942/43.
- ANDRADA, Carlos de Campos. Bases da Esgrima Moderna de Florete, Espada e Sabre. Lisboa: 1946.
- ANDRADE, Adauto Fernandes de Andrade. Tratado de Esgrima - Florete - Espada - Sabre. São Paulo: Força Pública do Estado de São Paulo, 1950.
- ANDRÉ, Emile. Manuel theorique et pratique d'escrime (fleuret, épée, sabre). Paris: Garnier, 1896.
- AQUINO, José Benedicto de. Pedagogia da Educação Física. São Paulo: Soc. Imprensa Brasileira Brusco & CIA, 1939.
- ARENO, Waldemar. Centro de Educação Física e Desportos da Cidade Universitária. Relatório anual da ENEFD de 1965. In: Melo, Victor e Colaboradores. Memória Documental, Vol. 1, disponibilizado em <http://www.cefd.ufri.br>, captulado em 2004.
- _____. Editorial. Arquivos da ENEFD, Rio de Janeiro, n.20, p.7-8, jun./dez. 1965.
- _____. Relatório anual da ENEFD de 1965, p. 32, p. 48-49. In: Melo, Victor e Colaboradores. Memória Documental, Vol. 1, disponibilizado em <http://www.cefd.ufri.br>, captulado em 2004.
- _____. Relatório anual da ENEFD de 1964, p. 20-21. In: Melo, Victor e Colaboradores. Memória Documental, Vol. 1, disponibilizado em <http://www.cefd.ufri.br>, captulado em 2004.
- _____. Relatório anual da ENEFD de 1963, p. 15. In: Melo, Victor e Colaboradores. Memória Documental, Vol. 1, disponibilizado em <http://www.cefd.ufri.br>, captulado em 2004.
- _____. Relatório anual da ENEFD de 1960, p. 46. In: Melo, Victor e Colaboradores. Memória Documental, Vol. 1, disponibilizado em <http://www.cefd.ufri.br>, captulado em 2004.

- _____. Relatório anual da ENEFD de 1959. In: Melo, Victor e Colaboradores. Memória Documental, Vol. 1, disponibilizado em <http://www.cefd.ufri.br>, capturado em 2004.
- _____. Relatório anual da ENEFD de 1957. In: Melo, Victor e Colaboradores. Memória Documental, Vol. 1, disponibilizado em <http://www.cefd.ufri.br>, capturado em 2004.
- ARQUIVOS - Escola Nacional de Educação Física. Rio de Janeiro, Ano XIX, n. 19, p. 9, junho de 1964. Disponibilizado em <http://www.cefd.ufri.br>, capturado em 2004.
- _____. Rio de Janeiro, Ano XIII, n. 13, p. 122, junho de 1959. Disponibilizado em <http://www.cefd.ufri.br>, capturado em 2004.
- _____. Rio de Janeiro, Ano X, n. 10, novembro-dezembro de 1956. Disponibilizado em <http://www.cefd.ufri.br>, capturado em 2004.
- _____. Rio de Janeiro, Ano I, n. 1, p. 1, Outubro de 1945. Disponibilizado em <http://www.cefd.ufri.br>, capturado em 2004.
- ASSMANN, Hugo. Paradigmas Educacionais e Corporeidade. 2 ed. Piracicaba: UNIMEP, 1994.
- AYALA, Eduardo J. Z. e BOHER, Carmen R. S. As Teorias Educacionais como Fonte das Concepções de Currículo: um Estudo Preliminar. Documento extraído: UNICAMP - LITE (laboratório Interdisciplinar de Tecnologia Educacionais) - Faculdade de Educação.
- AZEVEDO, Washington. A Esgrima no Rio de Janeiro. Revista de Educação Física - EsEFEx, Rio de Janeiro, Ano V, n. 31, p. 34, maio de 1936.
- BALANCIE, Delphin. Tratado de Esgrima. São Paulo: Casa Garraux, 1911.
- BARBOSA, Rui. Reforma do Ensino Primário e várias Instituições Complementares da Instrução Pública. Obras Completas de Rui Barbosa, Vol. X, Tomo 4. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1883.
- BASTOS, Joaquim Alves. História da Esgrima no Brasil. Revista de Educação Física - EsEFEx, Rio de Janeiro, Ano 2, n. 4, sem paginação, janeiro de 1933.
- BECK, Emil. Fechten: Floret - Degen - Säbel. Neuwied, Falken Verlag, 1978.

BLITRÃO, Fernanda Barroso; BERESFORD, Heron; MACÁRIO, Nilza Magalhães (org.). Pensando sobre o currículo e seus modelos. Produção em Ciência da Motricidade Humana. 2ª ed., p. 25-47, PROCEMH 2002 - Universidade Castelo Branco. Rio de Janeiro: Shape, 2002.

BERESFORD, Heron. A Ética e a Moral social através do esporte. Rio de Janeiro: Ed. Sprint, 1994.

BERNARDO, Amélia Pacheco. Comunicação pessoal, 05 de Setembro de 2000.

BETTI, Mauro. Cultura Corporal e Cultura Esportiva. Revista Paulista de Educação Física. 7 (2): 44-51, julho/dezembro de 1993.

BORGES, Pedro Manuel. Manual teórico-prático de gymnastica escolar (elementar e superior) destinado às escolas públicas, collegios, lycêos, escolas normaes e municipaes. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1888.

BRASIL. Lei n.º 1821 de 12 de março de 1953.

_____. Decreto-Lei n.º 1212 de 17 de abril de 1939.

CANTARINO FILHO, Mário. A Educação Física no Estado Novo: História e Doutrina Brasileira. Brasília: UnB, 1982 Dissertação de Mestrado.

CAB, Ana Rey e AZA, Eugenia Trigo. Foro José M. Cagigal, Motricidad... Quién eres?. Revista Educación Física y Deportes. n. 59, p. 91-98, Madrid, 1993.

CARDOSO, Eliete Sousa Aguiar Motta. Comunicação pessoal, Setembro de 2004.

CARVALHO, Verediano. Real Sociedad: Club Gymnastico Portuguez. Chronica desde a fundação até 31 de dezembro de 1905. Rio de Janeiro: Companhia Typographica do Brasil, 1906.

CASTELLANI FILHO, Lino. Educação Física no Brasil: a história que não se conta. 4ª ed. Campinas: Papirus, 1994.

CLUB GYMNASTICO PORTUGUEZ. Histórico desde 1906 à 1933, seguido do aditamento dos anos de 1934 e 1935. Rio de Janeiro, 1936.

COLARES, Luciano da Silva. Esgrima - de arte da guerra a esporte, uma passagem pelo exército brasileiro. Revista de Educação Física - CCFEx, Rio de Janeiro, n. 123, p. 04-08, 2º semestre/1998.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ESGRIMA. Ata ordinária da 1ª reunião da UBE, 1927.

COSTA, Jurandir Freire. Ordem médica e norma familiar. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1983.

COSTA, Lamartine Pereira da. O novo currículo de formação de professores de Educação Física: implantação, desenvolvimento e perspectivas - 1988/1998. Relatório de pesquisa apresentado ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, referente ao processo n.º 521417 / 93-7 - documento final. Rio de Janeiro, 1998. 86f. - Universidade Gama Filho, 1988.

_____. Diagnóstico da educação física/desportos no Brasil. Rio de Janeiro: MEC, 1971.

CRAMER RIBEIRO, Arthur Telles. Comunicação pessoal, 18 de Outubro de 2000.

_____. Esgrima. Revista Brasileira de Educação Física, Ano 5, n. 13, p. 56-69, jan./fev. de 1973.

CUNHA, Manuel Sérgio Vieira. Um Corte Epistemológico - Da Educação Física à Motricidade Humana. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

_____. Ciência da Motricidade Humana uma Investigação Epistemológica. Lisboa: Compendium, 1995.

_____. Para uma Epistemologia da Motricidade Humana. 2ª ed. Lisboa: Compendium, 1994.

_____. Motricidade Humana: Contribuições para um Paradigma Emergente. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

_____. Educação Física ou Ciência da Motricidade Humana?. Campinas: Papyrus, 1989.

_____. Motricidade Humana: uma nova ciência do homem. Ontologia de textos - Desporto e Sociedade. Lisboa: Ministério de Educação e Cultura, 1986.

- _____. Ciência da Educação Física e Desporto. Rio de Janeiro, 1985.
- _____. Filosofias das Atividades Corporais. Lisboa: Compendium, 1981.
- DA PONTE, Rodolfo I. Manual de Esgrima Moderna de Florete (arma básica de la esgrima), Técnica - Tática - Pedagogia - Regulamento. Paraguay - Asunción: Imprensa militar de la dirección de publicaciones de las FF. AA. NN., agosto de 1976.
- _____. Tratado de Esgrima Moderna de Espada y Sable. Paraguay, Asunción: Imprensa Militar de la dirección de publicaciones de las FF. AA. NN., 1966.
- EDUCAÇÃO PHYSICA. Rio de Janeiro, n.9, abr.1937.
- EDUCAÇÃO PHYSICA REVISTA TÉCNICA DE ESPORTES. Decadência de um esporte elegante: O declínio da esgrima no Brasil. Rio de Janeiro, n. 11, p. 30, setembro de 1937.
- ENCICLOPÉDIA MIRADOR INTERNACIONAL. Esgrima; volume 8, p. 4070-4072. São Paulo-Rio de Janeiro: Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda, 1975.
- ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO EXÉRCITO. História da Esgrima. Rio de Janeiro: Gráfica da EsEFEx, sem data.
- _____. Fundamentos da Esgrima. Vol. II Florete. Rio de Janeiro: Gráfica da EsEFEx, sem data.
- _____. Fundamentos da Esgrima. Vol. III Espada. Rio de Janeiro: Gráfica da EsEFEx, sem data.
- _____. Fundamentos da Esgrima. Vol. IV Sabre. Rio de Janeiro: Gráfica da EsEFEx, sem data.
- FALCÃO, Valério. Licções D'Armas. Rio de Janeiro, 1944.
- FARIA, Alberto Latorre de. Relatório apresentado ao Diretor da ENEFD. Mimeo. Rio de Janeiro, 1940.
- FARIA JUNIOR, Alfredo Gomes. Perspectivas na formação profissional em educação física. In: MOREIRA, Wagner Wey (org.). Educação física e esportes: perspectivas para o século XXI. Campinas: Papirus, 1992.

- _____. (org.). Fundamentos Pedagógicos Educação Física. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1987.
- FEIJÓ, Olavo G. O Corpo e Movimento uma Psicologia para o Esporte. Rio de Janeiro: Skape, 1992.
- FEITOSA, Anna Maria. Contribuições de Thomas Kuhn: para uma Epistemologia da Motricidade Humana. Lisboa: Instituto Piaget, 1985.
- FIGUEIRA, Almir Wildhagen. Psicomotricidade em Esgrima - suas implicações no ensino e na difusão do esporte das armas. Belo Horizonte: Escola de Educação Física, Universidade Federal de Minas Gerais, 1981.
- FIGUEIREDO, Antônio Joaquim de, FONTES, Arivaldo Silveira. Breve Introdução à História dos Colégios Militares no Brasil. Rio de Janeiro, 1958.
- FLUMINENSE FUTEBOL CLUB. Relatório dos Trabalhos Sociais do Ano de 1926. Rio de Janeiro: papelaria Luíz Macedo, 1938.
- FLUMINENSE FUTEBOL CLUB. Relatório dos Trabalhos Sociais do Ano de 1927. Rio de Janeiro: papelaria Luíz Macedo, 1938.
- FLUMINENSE FUTEBOL CLUB. Relatório dos Trabalhos Sociais do Ano de 1936. Rio de Janeiro: papelaria Luíz Macedo, 1938.
- FLUMINENSE FUTEBOL CLUB. Relatório dos Trabalhos Sociais do Ano de 1937. Rio de Janeiro: papelaria Luíz Macedo, 1938.
- FLUMINENSE FUTEBOL CLUB. Relatório dos Trabalhos Sociais do Ano de 1989. Rio de Janeiro: papelaria Luíz Macedo, 1938.
- FONSECA, Vitor da. Da Filogênese à Antogênese da Motricidade. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.
- GIROUX, Henry A. Os Professores como Intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- JOINVILLE LE POINT. France. École Normale de Gymnastique et d'esgrime (vol. 1). Tradução Integral deste regulamento geral de Educação Física francês, pela EsEFEx. Biblioteca da "A Defesa Nacional". Regulamento (n.º 7) de Educação Física, 1ª parte, autorizada pelo Estado Maior do Exército. Rio de Janeiro: 1934.

JORNAL DO COMÉRCIO de 23 de agosto de 1911.

JORNAL DOS SPORTS. Rio de Janeiro, 2 de junho de 1956.

JORNAL O GLOBO, encarte JORNAL DA FAMÍLIA. Rio de Janeiro, 12 de abril de 1998.

KUHN, Thomas S. *A Estrutura das Revoluções Científicas*. Tradução Beatriz Viana Boeira e Nelson Boeira. São Paulo: Perspectiva, 1992.

LACERDA, João Cesário de. *capítulo sobre Higiene*. Bibliotheca do Povo e das Escolas - Propaganda de Instrução para Portuguezes e Brasileiros, II série, capítulo VIII, n. 16, p. 61. Lisboa: Ed. Empreza Horas Românticas, 1886.

LE BOULCH, Jean. *Rumo a uma Ciência de movimento*. Tradução de Jeni Wolff. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

LE GOFF, J. et al. (eds) *La Nouvelle Histoire*. 1978.

LENK, Maria. A educação física e a Reforma Universitária. *Arquivos da ENEFD*, Rio de Janeiro, n.22, 1972.

LEWY, Arie (org.). *Avaliação de Currículo*. São Paulo: EPU, 1979.

LINDSAY, Ruth. *The place of fencing in the curriculum*. Revue of State University College, New Paltz, vol. 38, n. 3, 1973.

LOBATO FILHO, João Bernado. *A última noite da Escola Militar da Praia Vermelha (Contribuição para a História)*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1948.

MARINHO, Inezil Penna. *História Geral da Educação Física*. 2ª ed. São Paulo: Ed. Brasil, 1980a.

_____. *História da Educação Física no Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Brasil ed., 1980.

_____. *Introdução ao Estudo da Evolução Desportiva no Brasil (colônia e Império)*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1959.

- _____. 1958. *Sistemas e métodos de Educação Física*. 2ª ed. São Paulo: graf. Mercúrio,
- _____. Formação do pessoal especializado no Brasil e a Escola de Educação Física do Exército. *Revista de Educação Física* - EsEFFex, Rio de Janeiro, Ano XX, n. 71, p. 7, outubro, 1952a.
- _____. *História da Educação Física e dos Desportos no Brasil*. Vol. I. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde. Divisão de Educação Física, 1952b.
- _____. *Papel da Educação Física na preparação Militar*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, serviço de documentação, 1945.
- MEINEL, Kurt e GUNTER, Schnabel. *Motricidade I: teoria da motricidade esportiva sob o aspecto pedagógico*. Tradução de Sonnhilde Von Der Heide. Rio de Janeiro: Ao livro Técnico S/A, 1984.
- _____. *Motricidade II: o desenvolvimento motor do ser humano*. Tradução de Sonnhilde Von Der Heide. Rio de Janeiro: Ao livro Técnico S/A, 1984.
- MELO, Victor Andrade de. *O Papel dos Militares no Desenvolvimento da Formação Profissional na Educação Física Brasileira*. Mimeo, 2000.
- _____. *CIDADE "SPORTIVA" - O TURFE E O REMO NO RIO DE JANEIRO (1849-1903)*. Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, 1999. Tese (Doutorado em Educação Física) Programa de pós-graduação em Educação Física - Universidade Gama Filho.
- _____. O movimento estudantil na educação física brasileira: construção, atuação e contribuições na Escola Nacional de Educação Física e Desportos. *Movimento* - Rio de Janeiro, Ano IV, n. 7, pp. 09-19, 1997/2.
- _____. *Escola Nacional de Educação Física e Desportos - uma possível história*. Campinas: Unicamp, 1996. Dissertação (Mestrado em Educação Física)
- MENDES, Cláudio Lúcio. *Reforma Curricular de um Curso Superior: Relações de poder e busca de legitimidade*. 21ª Reunião Anual da ANPEd. Caxambu, 1998.
- MERLEAU - PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

- MINISTÉRIO DO EXÉRCITO. O exército na História do Brasil. Vol. III República. Rio de Janeiro: Biblioteca do exército; Salvador, Bahia: Odebecht, 1998.
- MOREIRA, Antônio Flávio B. e SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). Currículo, Cultura e Sociedade. São Paulo: Cortez, 1999.
- MOREIRA, Wagner W.(org). Corpo presente num olhar panorâmico. O Corpo pré'sente, p 17-36. Campinas: Papyrus, 1995.
- NASCIMENTO, Domingos. Homem Forte. Gymnastica doméstica, natação, esgrima, tiro ao alvo. Curitiba: imprensa paranaense, 1905.
- PAIVA, Pedro Alves. Educação Física - Principais Sistemas e métodos. Universidade de Viçosa, Viçosa - Minas Gerais: Oficinas Gráficas de Imprensa Universitária da Universidade Federal de Viçosa, 1980.
- PARISE, Masaniello. Trattado teorico e pratico della scherma di spada e di sciabola. Itália, 1889.
- PEREIRA, Carla Costa e CACALANO, Elisabeth Neide Klaus. A Esgrima: da trajetória histórica ao primeiro campeonato paulista de Esgrima. VI Congresso de História do Esporte, Lazer e Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 1998. Anais, p. 359-363.
- PINTOR, José Luiz Marques. A Criação da Escola Nacional de Educação Física e Desportos da Universidade do Brasil e sua Inserção na Política do Estado Novo. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1995. Dissertação de Mestrado, pós-graduação em Educação Física da Escola de Educação Física e Desportos
- RAMOS, Jair Jordão. A mulher e o esporte. Revista de Educação Física - EsEFEx, Rio de Janeiro, Ano X, n. 52, p. 20, abril, 1942.
- REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA - EsEFEx, Rio de Janeiro, Ano 1, n. 1, sem p., 1932.
- REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA - EsEFEx, Rio de Janeiro, Ano V, n. 35, p. 3, outubro de 1937.
- REVISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA - EsEFEx, Rio de Janeiro, Ano XVIII, n. 67 (n. extra), p. 40, 1951.
- ROCHA, Maurício José Leal. Comunicação pessoal, 28 de Setembro de 2000.

- ROSETTI JÚNIOR, Hélio. As mudanças curriculares e as políticas pedagógicas. Disponibilizado em <http://www.moderna.com.br/escola/prof/art46.htm>, captulado em 2000.
- SACRISTÁN, J. Gimero. O Currículo: uma reflexão sobre a prática. Porto Alegre: ArtMed, 2000.
- SANTIN, Silvino. Educação Física: outros caminhos. Porto Alegre, 1990.
- SANTOS, Horácio dos. Esgrima - Um pouco de história. Revista de Educação Física - EsEFEx, Ano XVIII, n. 67 (n. extra), p. 26-27, Rio de Janeiro, 1951.
- SARMENTO, Casimiro José de Moraes. Opúsculo sobre a Educação Physica de meninos. Rio de Janeiro: Typ. Universal de Laemmert, 1858.
- SCALISO, Wellington Velloso. Comunicação pessoal, 18 de Setembro de 2000.
- SCHERMANN, Adolpho. Evolução dos esportes através dos tempos. Rio de Janeiro: Pongetti, 1958.
- SELLÉS, Frederico Ynglés. Tratado teórico-prático de esgrima: Florete - Sabre - Espada. Toledo: Editorial Católica Toledana, 1944.
- SOARES, Carmen. Educação Física, Raízes Europeias e Brasil. Campinas: Autores Associados, 1994.
- SOARES, Heitor de Abreu. Comunicação pessoal, 08 de setembro de 2000.
- TANI, Go. Estudo do comportamento motor, educação Física Escolar e a preparação profissional em Educação Física. Revista Paulista de Educação Física. 6 (1): 62-66, jan./jun. de 1992.
- TOJAL, João Batista Andreotti Gomes. Motricidade Humana: O Paradigma Emergente. Campinas: Editora da Unicamp, 1994.
- VALARINHO, José. Espadas e Floretes. Lisboa, 1993.

ANEXO 1

RELATÓRIO DO PROFESSOR

ALBERTO LATORRE DE FARIA

Sobre o primeiro período de funcionamento da ENEFD,
encaminhado ao diretor no ano de 1939

Procedencia - Do Professor da Cadeira de Ataque e Defesa
Destino - Ao Exmº Snr. Major Director
Assunto - Relatorio

A Cadeira de Ataque e Defesa é composta pelas seguintes disciplinas: Box Internacional, Jiu-Jitsu, Luta e Esgrima. Desportos estes bem complexos e por conseguinte de difficil aprendizagem, requerendo grande habilidade fisica e inteligencia lucida para compreensão dos seus variados golpes, contra-golpes, regras, etc.. Acresce que qualidades morais superiores, tais como virilidade, a energia, entram com grande contingente, não só para dominação - dôr, como tambem recalques inferiores. Esta pequena exposição, de que o Snr. Director tem perfeito conhecimento, pois, já teve ocasião de ministrar ensinamentos do assunto, serve para explicar, em parte, porque se torna difficil, ás vezes, obter um rendimento ideal de certos alunos, em que algumas das qualidades supra citadas, se apresentam bem deficientes, apezar dos ensinamentos haverem sido ministrados debaixo da mais judiciosa técnica, compativel com o tempo disponivel pessoal auxillar, e, material da seção.

Passo em seguida a expôr as necessidades importantes:

PESSOAL - Esta cadeira dispõe de dois professores assistentes, Snrs. José Carreiros Barboza e Feliciano Soares de Mendonça, respectivamente de Box e Esgrima. Profissionais competentes não poderam apresentar o rendimento de que são capazes, por motivos que o Snr. Major Director tem conhecimento. Dispõe ainda do auxiliar tecnico Snr. João Salvador Sobral, bastante pontual e esforçado, si bem que ainda novo nos mistêres do ensino.

Necessitava, salvo melhor juizo, de mais dois auxillares tecnicos, sendo que um, exclusivamente para Esgrima, atendendo ao carater todo especial desta disciplina, e, aos constantes cuidados requeridos pelo seu material, de custo elevado e facil estrago.

quando não zelado por mãos habéis.

LOCAL - A eficiência do ensino e a facilidade do controle pedem um local exclusivo para a cadeira de Ataque e Defesa. O Snr. Diretor, com a sua visão esclarecida, prometeu, percebendo a deficiência atual, a adaptação de um galpão para as lições de Ataque e Defesa. Acresce que ha necessidade imperiosa de montar o ring para Box, o acolchoado para lutas, os suportes para puching-bag, as plataformas dos puchings balls, etc. em lugares fixos e convenientemente adaptados.

MATERIAL - O material presentemente disponível atende, embora com certa dificuldades, devido à sua pequena quantidade, às necessidades da instrução, sugiro, ao Snr. Diretor, a aquisição do material seguinte:

✓ Quimemos - em numero equivalente aos alunos matriculados, atendendo à repugnancia natural, causada pelo ato de vestir um já usado por outro.

Uma lona de 6 x 6 - para recobrir os colchões existentes, afim de que apresentem uma superficie lisa na qual os pés não se afundem, uma vés esticada.

Feltro flexível de 6 x 6 - para atapetar o solo do ring, afim de amortecer as quedas, como exigem as Regras do Box.

Cordas para saltos - apropriadas para o box, pois, as existentes, alem de curtas, foram adquiridas para educação fisica e apresentam dificuldades para os saltos adequados.

Sapatos especiais para box - alguns pares afim de que sejam apresentados aos alunos, que não os podem desconhecer.

Bancos de madeira - dois.

Baldes de zinco - dois.

Espunjas - duas.

Todo o material acima enumerado se faz necessario para um assalto de box.

DISCIPLINA E APROVEITAMENTO dos alunos nos diferentes cursos, no presente ano letivo. - Evidentemente, foram excelentes, o que é um reflexo da sabia orientação e do entusiasmo idealista que

M. E. S. - U. B. - ESCOLA NACIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS
DEPARTAMENTO MÉDICO.

3

o Snr. Major Diretor soube imprimir a Escola, que tão eficientemente dirige.

Alberto Latorres de Faria

ALBERTO LATORRES DE FARIA
Catedrático da Cadeira de
Ataque e Defesa.

ANEXO 2

LEGISLAÇÃO

DA

EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS

Fonte: Diagnóstico de Educação Física/ Desportos no Brasil.

Ministério do Planejamento e Coordenação Geral.

Centro Nacional de Recursos Humanos (IPEA) Ministério da Educação e Cultura, Departamento
de Desportos e Educação Física. 1971

Legislação da Educação Física / Desportos

1884 — DECRETO N.º 9.251, de 16 de Junho. Inclui a ginástica, a natação, a equitação e a esgrima nos cursos da Escola Militar do Rio Grande do Sul.

1889 — DECRETO N.º 10.202, de 9 de março. Cria o Imperial Colégio Militar, no Município de Córte, fazendo constar de seus programas também a natação, a ginástica, o tiro ao alvo e a esgrima.

1890 — RELATORIO DO INSPECTOR-GERAL (Ramiz Galvão) de 1890. Revela que a ginástica figura nos currículos das escolas primárias de 1.º e 2.º graus, no Ginásio Nacional e na Escola Normal do Município de Córte.

— DECRETO N.º 330, de 12 de abril. Torna obrigatório o ensino da natação em todas as escolas militares da capital federal e do Rio Grande do Sul.

— DECRETO N.º 371, de 2 de maio. Renova a exigência de natação, a ginástica e a música.

1891 — DECRETO N.º 1.256, de 10 de janeiro. Estrutura o curso prévio da Escola Naval, incluindo nele a natação e a ginástica como ensino acessório.

1892 — REGULAMENTO DE 1892. Autoriza o diretor e o vice-diretor do Ginásio Nacional a desamovolver, nos seus alunos, o pósto pelos exercícios ginásticos livres, além de outros.

1901 — DECRETO N.º 3.914, de 26 de janeiro. Aprova o Regulamento do Ginásio Nacional, exigindo a prática da ginástica "com intuito higiénico".

1905 — PROJETO DE LEI, de 21 de setembro. Apresentado pelo Deputado Jorge de Moraes, é do seguinte teor:

"O Congresso Nacional resolve:
 Art. 1.º Ficam criadas duas escolas de Educação Física, sendo uma militar e outra civil;
 § 1.º Para a instalação da primeira, fica o governo autorizado a comissionar oficiais de terra e mar, para estudarem na Europa e América do Norte o que existe de melhor na espécie.
 § 2.º Quanto à escola civil, poderá igualmente comissionar pessoal laico ou contratado imediatamente.
 Art. 2.º Fica o poder executivo autorizado a adquirir terrenos para que a mocidade das escolas superiores possa, em espaço apropriado, dar-se à prática dos jogos ao ar livre.
 Art. 3.º O governo deverá instituir desde já a prática da ginástica sueca e jogos ao ar livre nos seguintes estabelecimentos: Ginásio Nacional, Colégio Militar e Escola de Aprendiziz e Marinheiros."

1911 — DECRETO N.º 8.660, de 5 de abril. Baixa novo Regulamento para o Colégio Pedro II, estabelecendo que as "aulas de ginástica terão por fim robustecer o organismo, devendo os mestres adotar as aulas nos exercícios que constituem a Educação Física."

1916 — DECRETO N.º 1.058, de 29 de janeiro. "Regulamento do Serviço de Inspeção Médica Escola do Distrito Federal". Confere ao "médico a competência de dirigir a Educação Física dos alunos proporcionando às necessidades e à capacidade de cada idade e sexo."

1921 — DECRETO N.º 794, de 27 de abril. Aprova o "Regulamento de Instrução Física Militar destinado a todas as armas."

1922 — PORTARIA DO MINISTRO DA GUERRA, de 10 de janeiro. Cria o Centro Militar de Educação Física, destinado a dirigir, coordenar e difundir o novo método de Educação Física, e suas aplicações desportivas.

1928 — DECRETO N.º 3.281, de 23 de janeiro, do Prefeito Antônio Prado Júnior. Reforma o ensino municipal, dando destaque especial à Educação Física. O art. 452 desse decreto cria a "Educação Profissional de Educação Física, destinada a preparar e seleccionar professores de Educação Física para os estabelecimentos de ensino do Distrito Federal."

1929 — CURSO PROVISÓRIO DE EDUCAÇÃO FÍSICA. Criado no Centro Militar de Educação Física, entra em funcionamento no ano de 1929, por onde se diplomam 22 professores civis, a que encaminha pelo então Diretor da Instrução Pública do Distrito Federal, Prof. Fernando de Azevedo.

— ANTEPROJETO DE LEI DE 1929. Elaborado pela Comissão composta dos Senhores Deputados Artur Lemos, Dr. Fernando de Azevedo, Prof. Faustino Espinal, Dra. Renée Pacheco, Armando Guinó, Jorge Machado, Comandante Jair de Albuquerque, Tenente Inspeção de Freitas Rollim, Jair Dantas Ribeiro, sob a presidência do Gen. Nestor Serefred de Passos, então Ministro da Guerra, sofreu severa crítica da Associação Brasileira de Educação, que apresentou as seguintes sugestões:

1.º — Convém ser criada pelo governo federal a Escola de Educação Física, tendo, entre outros objetivos, o fim precípulo de preparar instrutores civis destinados às escolas primárias, secundárias e normais do País, conforme acordó que se fez, com os governos dos Estados.

2.º — Este Instituto será anexo à Universidade do Rio de Janeiro.

3.º — Como ele ainda tardará a fornecer os instrutores necessários, o governo federal deve ficar autorizado desde já a contratar técnicos e a pô-los, sem ônus, à disposição dos Estados de melhores recursos. Estes técnicos se incumbirão de nães orientar a Educação Física, junto às respectivas direções de Instrução Pública.

4.º — Tanto os professores do Instituto acima proleto como os técnicos a que se refere o parágrafo anterior, serão escolhidos dentre indivíduos nacionais ou estrangeiros, que tenham certificado de Instituto de Educação Física de reputação mundial.

5.º — Para a regulamentação do Instituto em projeto a para a realização dos estabelecimentos onde devem ser iniciada os trabalhos necessários, convém ser criada uma Comissão de Educação Científica, no Ministério do Interior, e composta de membros honorários representantes de educadores, de intelectuais e de especialistas em Educação Física.

1851 — LEI N.º 630, de 17 de setembro. Inclui a ginástica no currículo das escolas primárias.

1855 — REGULAMENTO DA INSTRUÇÃO PRIMARIA E SECUNDARIA NO MUNICIPIO DA CÔRTE, expedido em 1855. Estende a exigência dos exercícios ginásticos ao Colégio Pedro II.

1857 — DECRETO N.º 2.005, de 24 de outubro. "Reforma Marquês de Olinda". Determina que o internato do Colégio Pedro II "será colocado fora da cidade, com terreno espaço não só para exercícios de ginástica, banhos e natação, como para recreio".

1858 — DECRETO N.º 2.116, de 11 de março. Inclui esgrima e natação nos Cursos de Infanteria e Cavalaria da Escola Militar. No mesmo ano, a esgrima, a ginástica e a natação tornam-se obrigatórias na Escola de Marinha.

1862 — DECRETO N.º 2.882, de 1 de fevereiro. "Reforma Sousa Ramos". Mantém a ginástica no Colégio Pedro II e acrescenta dança no seu currículo.

1866 — DECRETO N.º 3.705, de 22 de setembro. Determina a prática da esgrima, natação e esgrima nos Cursos Preparatórios à Escola Militar.

1871 — DECRETO N.º 4.720, de 22 de abril. Baixa o Regulamento da Escola de Marinha, conservando a obrigatoriedade da prática da esgrima, da ginástica e da natação em seus cursos.

1874 — DECRETO N.º 5.529, de 17 de janeiro. Baixa o Regulamento da Escola Militar, fazendo constar de seus cursos a ginástica, a esgrima, a equitação e a natação.

1876 — DECRETO N.º 6.370, de 30 de setembro. Introduz exercícios graduados de ginástica e princípios gerais de Educação Física nos cursos das duas Escolas Normais criadas no Município de Córte.

1880 — DECRETO N.º 7.684, de 6 de março. Regulamenta o ensino normal do Município de Córte, conservando, na 5.ª série, os princípios gerais da Educação Física, e os exercícios ginásticos, nas demais séries.

1881 — DECRETO N.º 8.025, de 16 de março. Prescreve a obrigatoriedade da ginástica nas duas seções em que ficou dividido o curso normal, com a nova regulamentação.

1882 — PROJETO N.º 224, de 1882. "Reforma do Ensino Primário e Várias Instituições Complementares da Instrução Pública". Seu relator, Rul Barbosa, resumiu o pensamento nele contido nos seguintes itens:

1.º Instituição de uma seção especial de ginástica em cada escola normal.

2.º Fomento obrigatório a ambos os sexos, na formação do professorado e nas escolas primárias de todos os graus, tendo em vista, em relação à mulher, a formação das formas feminis e as exigências da maternidade futura.

3.º Inserção da ginástica nos programas escolares como matéria de estudo, em horas distintas das do recreio, e depois das aulas.

4.º Fomento, em categoria e autoridade, das professoras de ginástica em de todas as outras disciplinas.

- ção Física. Embora destinado esse Centro e formar instrutores e monitores, além de difundir, unificar e intensificar o ensino da Educação Física no Exército, o art. 95 desse portaria disciplinares, professores federais, estaduais ou municipais e civis."
- 1931 — DECRETO N.º 19.890, de 18 de abril. "Art. 9.º Durante o ano letivo haverá ainda, nos estabelecimentos de ensino secundário, exercícios de Educação Física para turmas e classes." Segundo seu art. 57, a fixação do cumprimento do dispositivo supracitado competirá aos Inspectores da Seção C. Pelo seu artigo 69, ficou instituído o registro provisório dos candidatos ao magistério no ensino secundário, inclusive o da ginástica.
- PORTARIA N.º 70, de 30 de junho. Aprova os programas das atividades da Educação Física para o curso secundário, acompanhados de orientação metodológica.
- 1932 — DECRETO N.º 21.241, de 4 de abril. Mantém e estabelece a Educação Física nos estabelecimentos de ensino secundário e reconhece a necessidade da criação da função de inspetor especializado nessa prática educativa, estabelecendo seu art. 98: "Enquanto não permitir o fundo de custeio dos serviços de inspeção e designação de inspetores especializados para orientação do ensino da Música e dos exercícios da Educação Física, caberá aos inspetores de estabelecimentos de ensino zelar pela execução dos programas e das instruções que forem expedidas pelo Departamento Nacional de Educação." O registro, no Departamento Nacional de Educação, de professores eméritos, no magistério nos estabelecimentos sob inspeção federal, foi mantido pelo art. 87 desse decreto.
- 1933 — DECRETO N.º 23.252, de 19 de outubro. Transforma o Centro Militar de Educação Física em Escola de Educação Física do Exército. É admitida a matrícula de civis em seus cursos, de acordo com sua regulamentação.
- DECRETO N.º 21.252 A, de 19 de outubro. Aprova o Regulamento da Escola de Educação Física do Exército.
- 1934 — DECRETO N.º 24.439, de 21 de junho. Regulamento o registro de diplomas e certificados expedidos pelos estabelecimentos sob jurisdição do Ministério da Educação e Saúde Pública.
- 1935 — PORTARIA (O DIRETOR-GERAL, de 18 de julho. Baixa instruções para o registro de professores na Diretoria Nacional de Educação, inclusive as referentes a professor de ginástica.
- LEI N.º 91, de 28 de agosto. Determina regras pelas quais são as entidades declaradas de utilidade pública.
- 1937 — Lei N.º 273, de 1.º de janeiro. Reorganiza o Ministério da Educação. Pelo art. 10, cria a Divisão de Educação Física, por onde, segundo o art. 12, passaria a correr a administração da Educação Física.
- CONSTITUIÇÃO DE 10 DE NOVEMBRO. Refere-se expressamente à Educação Física nos arts. 15, item IX, 127, 131 e 132.
- 1938 — DECRETO-LEI N.º 526, de 1.º de julho (D. O. de 5-7-38). Institui o Conselho Nacional de Cultura. Art. 2.º É único, afins de incluir a educação física (ginástica e esportes) como atividade de desenvolvimento cultural.
- DECRETO-LEI N.º 527, de 1.º de julho. Regula cooperação financeira da União com as entidades privadas.
- DECRETO-LEI N.º 539, de 15 de setembro. Isenta do pagamento de selos os papéis a que se refere o art. 7.º do Decreto-lei n.º 527, de 1-7-1938.
- 1939 — DECRETO N.º 1.056, de 19 de janeiro. Institui a Comissão Nacional de Desportos, no âmbito do Brasil, a Escola Nacional de Educação Física e Desportos.
- PORTARIA MINISTERIAL N.º 1.212, de 17 de abril (D. O. de 20-4-39, página 9.073). Cria, na União, o curso médico aplicado à Educação Física nos estabelecimentos de ensino subordinados ao Ministério.
- PORTARIA N.º 275, de 19 de junho (D. O. de 20-6-39, página 14.681), do Departamento Nacional de Educação. Determina que, a partir de 1-7-1939, nos estabelecimentos de ensino secundário do Distrito Federal, seja exigida, para as aulas de Educação Física, assistência efetiva de professor e médico, ambos especializados, devendo ser ministradas por professoras as destinadas ao sexo feminino.
- PORTARIA N.º 314, de 21 de julho (D. O. de 26-7-39, pág. 17.002), do Departamento Nacional de Educação. Determina que a partir de 1-8-1939, nos estabelecimentos de ensino secundário, sob regime federalizados no Estado do Espírito Santo, sejam exigidos, para as aulas de Educação Física, professores especializados, devendo ser ministradas por professoras as destinadas ao sexo feminino.
- DECRETO-LEI N.º 1.280, de 28 de junho (D. O. de 30-6-39, página 15.627). Estende as regras de licenciamento de médicos especializados em Educação Física aos alunos aprovados no Curso de Emergência de Educação Física organizado pelo Departamento Nacional de Educação.
- DECRETO-LEI N.º 1.500, de 9 de agosto (D. O. de 11-8-39). Altera o Decreto-Lei n.º 527, de 1-7-38.
- DECRETO N.º 1.687, de 18 de outubro. Modifica o Decreto-lei n.º 1.212, de 17-4-1939.

- DELIBERAÇÃO N.º 1.113, de 20 de outubro. Dispõe sobre o Estatuto dos Funcionários Públicos Civis da União. Art. 219 — Cuida do bem-estar, aperfeiçoamento físico, intelectual e moral dos funcionários e famílias. Parágrafo único. Item V, prevê a criação de Centros de Educação Física e Cultura para recreio, aperfeiçoamento moral e intelectual dos funcionários e de suas famílias, fora das horas de trabalho.
- PORTARIA N.º 488, de 21 de dezembro (D. O. de 23-12-39, página 29.101), do Diretor do Departamento Nacional de Educação. Aprova as instruções para a realização dos exames vestibulares às Escolas de Educação Física e Desportos.
- 1940 — PORTARIA N.º 7, de 9 de janeiro, do Diretor do Departamento Nacional de Educação. Aprova as instruções para a realização dos exames práticos de Educação Física nos estabelecimentos de ensino secundário.
- PORTARIA MINISTERIAL N.º 14, de 26 de janeiro (D. O. de 27-1-40, pág. 1.646). Estabelece a exigência mínima de 3/4 de frequência às aulas dadas em Educação Física para poder submeter-se aos exames finais das disciplinas.
- PORTARIA MINISTERIAL N.º 94, de 18 de maio (D. O. de 21-5-40, pág. 10.355 — Ret. D. O. de 1-6-40). Dispensa dos exercícios de Educação Física nos estabelecimentos de ensino secundário, federais ou sob regime de inspeção, os alunos que, por serem militares em serviço ativo no Exército, na Marinha e nas Forças Auxiliares, já estão obrigados a fazer exercícios.
- DECRETO N.º 5.723, de 28 de maio. Concede reconhecimento do Curso Superior de Escola de Educação Física de São Paulo.
- DECRETO-LEI N.º 2.296, de 10 de junho. Cria o Departamento de Educação Física da Marinha.
- DECRETO N.º 6.412, de 30 de outubro. Reconhece o Curso Normal de Educação Física da Escola Superior de Educação Física do Estado do Espírito Santo.
- 1941 — DECRETO-LEI N.º 2.975, de 23 janeiro (D. O. de 25-1-41, página 1.438). Prorroga os prazos concedidos pelo Decreto-lei n.º 1.212, de 17-4-1939, às instituições desportivas para adquirir, em pessoal legalmente habilitado em Educação Física.
- PORTARIA N.º 166, de 18 de fevereiro, do Departamento Nacional de Educação. Dispensa a exigência do limite máximo de idade para a matrícula na Escola Nacional de Educação Física e Desportos e em escolas congêneras, autorizadas ou reconhecidas.
- DECRETO N.º 3.116, de 13 de março (D. O. de 15-3-41, página 5.479). Prorroga, até o ano de 1942, inclusive, os prazos concedidos aos estabelecimentos de ensino primário do país, pelo art. 36 do Decreto-lei n.º 1.212, de 17-4-1939.
- DECRETO-LEI N.º 3.199, de 14 de abril (D. O. de 16-4-41, página 7.453). Estabelece as bases da organização dos desportos em todo o País.
- PORTARIA MINISTERIAL N.º 76, de 29 de abril (D. O. de 13-5-41, página 19.346). Considera aprovados, nas disciplinas estudadas no Curso Superior de Educação Física, para os efeitos dos cursos de técnica desportiva e de treinamento e massagem, os diplomados por aquele que nestes se matricularem.
- PORTARIA MINISTERIAL N.º 86, de 12 de maio (D. O. de 10-6-41, página 11.724). Reitera a exigência de setenta e cinco por cento de frequência às aulas de exercícios físicos para fins de prestação de exames finais nas disciplinas.
- DECRETO N.º 7.219, de 27 de maio. Concede autorização para o funcionamento da Escola Superior de Educação Física do Estado do Rio Grande do Sul.
- DECRETO N.º 7.365, de 10 de junho. Reconhece o Curso Especial de Educação Física do Estado do Piauí.
- DECRETO N.º 7.366, de 10 de junho. Reconhece o Curso Provisório de Educação Física do Estado de Santa Catarina.
- PORTARIA N.º 3.384, de 3 de julho. Estende aos alunos dos Cursos de Educação Física de Vitória, Espírito Santo, as regras dos licenciados em Educação Física.
- DECRETO-LEI N.º 3.617, de 15 de setembro (D. O. de 17-9-41, página 17.995). Estabelece as bases de organização dos desportos universitários.
- PORTARIA MINISTERIAL N.º 254, de 1.º de outubro (D. O. de 3-10-1941). Expede instruções para a organização dos estatutos das Confederações e Federações Desportivas existentes no País.
- DECRETO-LEI N.º 4.029, de 19 de janeiro (D. O. de 21-1-42, página 1.033). Institui Bolsas-de-estudo para a Escola Nacional de Educação Física e Desportos da Universidade do Brasil.
- PORTARIA MINISTERIAL N.º 16, de 23 de janeiro (D. O. de 27-1-1942, pág. 1.351). Aprova as instruções baixadas pelo Diretor Geral do Departamento Nacional de Educação, relativas às Bolsas-de-estudo instituídas pelo Decreto número 4.029, de 19-1-42, na Escola de Educação Física e Desportos.
- PORTARIA N.º 29, de 23 de janeiro (D. O. de 27-1-42, pág. 1.351). do Departamento Nacional de Educação. Baixa instruções relativas às Bolsas-de-estudo instituídas pelo Decreto-Lei n.º 4.029, de 19-1-1942.

ANEXO 3

DECRETO-LEI N. 1.212

DE 17 DE ABRIL DE 1939

Cria na Universidade do Brasil,

a Escola Nacional de Educação Física e Desportos

WALDEMAR ARELHO
MINISTERIO DA EDUCACAO E SAUDE

ESCOLA NACIONAL DE EDUCACAO FISICA E DESPORTOS

DECRETO-LEI N.º 212 DE 17 DE ABRIL DE 1939
DADA NA UNIVERSIDADE DO
BRASIL, A ESCOLA NACIONAL DE EDUCACAO
FISICA E DESPORTOS

SERVICO GRAFICO DO MINISTERIO DA EDUCACAO E SAUDE
RIO DE JANEIRO
1941

ESCOLA NACIONAL DE EDUCACAO FISICA E DESPORTOS

Exposicao de Motivos do Sr. Ministro da Educacao
e Saude

Rio de Janeiro, em 27 de Janeiro de 1939.
Senhor Presidente

A Constituicao art. 131 estabelece que a edu-
cacao fisica e obrigatoria em todas as escolas primarias,
normais e secundarias da Republica, e o obvio
que, conquanto nao obrigatoria, esta especie de edu-
cacao e aconselhavel em todos os demais estabele-
cimentos de ensino do pais (escolas profissionais, es-
colas superiores ou universidades).

Para que se consigam tais objetivos na pratica
que se fazem leis e regulamentos dispondo sobre a
pratica da educacao fisica nas escolas, e em que
estas se montem estádios, ginásios, piscinas e outras
instalacoes proprias a quella modalidade de educacao.
E preciso tambem e sobretudo que existam profes-
sores, nao professores quaisquer, preparados no
preparo e criados no saber, pois estes ao invés de
aprimorar a infancia e a juventude com a educacao
fisica, com esta nao raro lhes levam a deformacao ou
a lesao irremediavel, mas ao contrario professores ins-

truidos, possuidores da ciência e da técnica dos exercícios físicos e capazes de os empregar como meios eficientes de melhorar a saúde e dar ao corpo solidez, agilidade e harmonia.

Observemos, por outro lado, que se torna necessário e urgente elevar o nível dos desportos em nosso país. É fora de dúvida que, neste terreno, tem sido admirável o esforço de um pugilo de desportistas brasileiros e é imenso o progresso realizado. Mas ainda não estamos perto do que devemos e podemos ser.

A obra a empreender demanda muitas e difíceis medidas. Uma se apresenta com exigência imperiosa: é a que diz respeito à preparação do pessoal técnico destinado a orientar e dirigir os desportos das diferentes modalidades. Este pessoal técnico tem que ser numeroso e não pode ser recrutado entre os autodidatas, rudimentares ou desvirtuados no conhecimento da penosa matéria, mas entre os especialistas esclarecidos e seguros.

É de notar ainda que tanto a educação física como os desportos não podem ser praticados sem uma continuada assistência médica, que somente deve ser dada por médicos que se tenham especializado na medicina da educação física e dos desportos.

Em suma, professores de educação física, técnicos em desportos... médicos especializados em educação física e desportos, tais são os elementos essenciais e básicos de que necessitamos para desenvolver e aperfeiçoar entre nós a educação física e os desportos.

A Escola Nacional de Educação Física e Desportos, de cuja criação e organização tenho a honra de apresentar a V. Ex. o projeto de decreto-lei, se propõe a resolver esta necessidade. Ela será, antes do mais, um centro de preparação de todas as mo-

dalidades de técnicos ora reclamados pela educação física e pelos desportos. Funcionará, além disso, como um padrão para as demais escolas do país, e, finalmente, como um estabelecimento destinado a realizar pesquisas sobre o problema da educação física e dos desportos e a fazer permanentemente divulgação dos conhecimentos relativos a tais assuntos. Reitero a V. Ex., Sr. Presidente, os protestos de minha estima e respeito.

Gustavo Capanema

d) realizar pesquisas sobre a educação física e os desportos, indicando os métodos mais adequados à sua prática no país.

CAPÍTULO II

DOS CURSOS

Art. 2.º A Escola Nacional de Educação Física e Desportos ministrará os seguintes cursos :

- a) curso superior de educação física ;
- b) curso normal de educação física ;
- c) curso de técnica desportiva ;
- d) curso de treinamento e massagem ;
- e) curso de medicina da educação física e dos desportos.

Art. 3.º O curso superior de educação física será de dois anos e terá a seguinte seriação de disciplinas :

Primeira série

1. Anatomia e fisiologia humanas.
2. Cinesiologia.
3. Higiene aplicada.
4. Socorros de urgência.
5. Biometria.
6. Psicologia aplicada.
7. Metodologia da educação física.
8. História da educação física e dos desportos.
9. Ginástica rítmica.
10. Educação física geral.

DECRETO-LEI N. 1.212 — DE 17 DE ABRIL DE 1939

*Cria na Universidade do Brasil,
a Escola Nacional de Educação
Física e Desportos.*

O Presidente da República, usando da atribuição que lhe confere o art. 180 da Constituição, decreta :

CAPÍTULO I

DA CRIAÇÃO DA ESCOLA NACIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS

Art. 1.º Fica criada, na Universidade do Brasil, a Escola Nacional de Educação Física e Desportos, que terá por finalidades :

- a) formar pessoal técnico em educação física e desportos ;
- b) imprimir ao ensino da educação física e dos desportos, em todo o país, unidade teórica e prática ;
- c) difundir, de modo geral, conhecimentos relativos à educação física e aos desportos ;

11. Desportos aquáticos.
12. Desportos terrestres individuais.
13. Desportos terrestres coletivos.
14. Desportos de ataque e defesa.

Segunda série

1. Cinesiologia.
2. Fisioterapia.
3. Biométria.
4. Psicologia aplicada.
5. Metodologia da educação física.
6. Organização da educação física e dos desportos.
7. Ginástica rítmica.
8. Educação física geral.
9. Desportos aquáticos.
10. Desportos terrestres individuais.
11. Desportos terrestres coletivos.
12. Desportos de ataque e defesa.

Art. 4.º O curso normal de educação física será de um ano e se constituirá das seguintes disciplinas :

1. Anatomia e fisiologia humanas.
2. Cinesiologia.
3. Higiene aplicada.
4. Socorros de urgência.
5. Fisioterapia.
6. Biométria.
7. Metodologia da educação física.
8. História da educação física e dos desportos.
9. Organização da educação física e dos desportos.

10. Ginástica rítmica.
11. Educação física geral.
12. Desportos aquáticos.
13. Desportos terrestres individuais.
14. Desportos terrestres coletivos.
15. Desportos de ataque e defesa.

Art. 5.º O curso de técnica desportiva será de um ano e se constituirá das seguintes disciplinas :

1. Anatomia e fisiologia humanas.
2. Cinesiologia.
3. Higiene aplicada.
4. Socorros de urgência.
5. Fisioterapia.
6. Biométria.
7. Psicologia aplicada.
8. Metodologia do treinamento desportivo.
9. História da educação física e dos desportos.
10. Organização da educação física e dos desportos.
11. Ginástica rítmica.
12. Educação física geral.
13. Desportos aquáticos.
14. Desportos terrestres individuais.
15. Desportos terrestres coletivos.
16. Desportos de ataque e defesa.

Art. 6.º O curso de treinamento e massagem será de um ano e se constituirá das seguintes disciplinas :

1. Anatomia e fisiologia humanas.
2. Higiene aplicada.
3. Fisioterapia.
4. Socorros de urgência.
5. Metodologia do treinamento desportivo.

6. Organização da educação física e dos desportos.
7. Ginástica rítmica.
8. Educação física geral.
9. Desportos aquáticos.
10. Desportos terrestres individuais.
11. Desportos terrestres coletivos.
12. Desportos de ataque e defesa.

Art. 7.º O curso de medicina da educação física e dos desportos será de um ano e se constituirá das seguintes disciplinas :

1. Cinesiologia.
2. Fisiologia aplicada.
3. Fisioterapia.
4. Metabologia.
5. Biometria.
6. Psicologia aplicada.
7. Traumatologia desportiva.
8. Metodologia da educação física.
9. Metodologia do treinamento desportivo.
10. História da educação física e dos desportos.
11. Organização da educação física e dos desportos.
12. Ginástica rítmica.
13. Educação física geral.
14. Desportos aquáticos.
15. Desportos terrestres individuais.
16. Desportos terrestres coletivos.
17. Desportos de ataque e defesa.

Art. 8.º O ensino da ginástica rítmica será ministrado, em todos os cursos, somente aos alunos do sexo feminino.

CAPITULO III

DAS CADEIRAS E DO PESSOAL DOCENTE E ADMINISTRATIVO

Art. 9.º As disciplinas ensinadas na Escola Nacional de Educação Física e Desportos constituirão matéria das seguintes cadeiras :

- I Anatomia e fisiologia humanas e higiene aplicada.
- II Cinesiologia.
- III Fisiologia aplicada.
- IV Fisioterapia.
- V Metabologia.
- VI Biometria.
- VII Psicologia aplicada.
- VIII Traumatologia desportiva e socorros de urgência.
- IX Metodologia da educação física e do treinamento desportivo.
- X História e organização da educação física e dos desportos.
- XI Ginástica rítmica.
- XII Educação física geral (1.ª cadeira).
- XIII Educação física geral (2.ª cadeira).
- XIV Desportos aquáticos.
- XV Desportos terrestres individuais.
- XVI Desportos terrestres coletivos.
- XVII Desportos de ataque e defesa.

Art. 10. Cada cadeira, de que trata o artigo anterior, ficará a cargo de um professor catedrático, que poderá dispor, conforme as necessidades do ensino, de um ou mais assistentes.

Art. 11. Ficam criados, no Quadro I do Ministério da Educação, dez cargos de professores catedráticos, do padrão L.

Art. 12. Os cargos de que trata o artigo anterior serão providos por concurso de títulos e provas. Parágrafo único. Para o efeito do provimento

funcionará, enquanto a congregação da Escola Nacional de Educação Física e Desportos não dispuser de dois terços de professores catedráticos, a congregação de outros estabelecimentos federais de ensino, escolhida, em cada caso, pelo Ministro da Educação.

Art. 13. Não estando uma cadeira efetivamente provida, por concurso de títulos e provas, fará interinamente o seu provimento ou admitir-se-á pessoa contratada para o exercício da função a ela correspondente.

Art. 14. Os assistentes serão admitidos, no caráter de extranumerários, por indicação do professor catedrático, e serão sempre de sua confiança.

Art. 15. As cadeiras de ginástica rítmica (XI), de educação física geral (XII e XIII), de desportos aquáticos (XIV), de desportos terrestres individuais (XV), de desportos terrestres coletivos (XVI) e de desportos de ataque e defesa (XVII) serão providos sempre mediante contrato, não podendo o professor catedrático ser admitido com idade superior a 35 anos, nem permanecer no exercício da função depois dos 40 anos de idade.

Art. 16. O provimento interino ou o contrato do pessoal docente será realizado mediante prova que demonstre a capacidade física, moral e técnica do candidato.

Art. 17. O professor catedrático da 2.ª cadeira de educação física geral e o professor catedrático de ginástica rítmica bem como os assistentes de um e outro serão do sexo feminino.

Art. 18. A lotação do pessoal administrativo da Escola Nacional de Educação Física e Desportos será fixada no seu regimento.

§ 1.º O diretor será designado pelo Presidente da República, dentre os professores catedráticos do estabelecimento, e terá a gratificação de função de 9:600\$000 anuais.

§ 2.º O secretário será designado pelo Presidente da República, dentre funcionários efetivos do Ministério da Educação, e terá a gratificação de função de 6:000\$000 anuais.

CAPÍTULO IV

DO REGIME ESCOLAR

Art. 19. A matrícula em cada curso será sempre limitada à capacidade didática do estabelecimento.

Art. 20. O candidato à matrícula na primeira série do curso superior de educação física ou na série única de qualquer dos outros cursos de que trata o art. 2.º desta lei, deverá:

- a) apresentar prova de identidade e prova de sanidade;

b) submeter-se a rigorosa inspeção de saúde ;

c) prestar exames vestibulares.

Parágrafo único. Não será admitido à matrícula o candidato que não se achar no gozo de perfeita integridade física ou que for reprovado nos exames vestibulares.

Art. 21. Será ainda exigida :

a) do candidato à matrícula na primeira série do curso superior de educação física, no curso de técnica desportiva ou no curso de treinamento e massagem, a apresentação de certificado de conclusão do curso secundário fundamental ;

b) do candidato à matrícula no curso normal de educação física, a apresentação de diploma de normalista ;

c) do candidato à matrícula no curso de medicina da educação física e dos desportos, a apresentação de diploma de médico.

Art. 22. O ano escolar compreenderá os seguintes períodos :

a) dois períodos letivos, sendo tanto o primeiro como o segundo de três meses e quinze dias ;

b) dois períodos de exames, sendo o primeiro de quinze dias e o segundo de um mês ;

c) dois períodos de férias, sendo o primeiro de quinze dias e o segundo de três meses.

Parágrafo único. O ano escolar começará no dia 1 de março, e será observada a seguinte sucessão de períodos : primeiro período letivo, primeiro período

do de exames, primeiro período de férias, segundo período letivo, segundo período de exames, segundo período de férias.

Art. 23. Haverá, em cada ano escolar, um período especial de exames, destinado a exames de segunda época e a exames vestibulares.

Parágrafo único. O período especial de exames ocupará o último mês do segundo período de férias.

Art. 24. O ensino será ministrado em aulas teóricas, em aulas práticas e em exercícios.

Art. 25. A organização da educação física e dos desportos e a história da educação física e dos desportos serão dadas em aulas teóricas ; a ginástica rítmica, a educação física geral e os desportos, em exercícios, e as demais disciplinas, em aulas teóricas e em aulas práticas.

Art. 26. Os exercícios, em todos os cursos, se destinarão a dar aos alunos do sexo masculino e do sexo feminino a aprendizagem da prática da educação física geral e dos desportos, e ainda aos alunos do sexo feminino a aprendizagem da prática da ginástica rítmica. Destinar-se-ão mais :

a) no curso superior de educação física e no curso normal de educação física, a dar aos alunos do sexo masculino e do sexo feminino a aprendizagem da direção da educação física geral, e ainda aos alunos do sexo feminino a aprendizagem da direção da ginástica rítmica ;

b) no curso de técnica desportiva, a dar a aprendizagem do treinamento dos desportos em geral e especialmente de dois escolhidos entre os seguintes :

natação, pelo aquático, remo, atletismo, ginástica de aparelhos, pesos e halteres, basket-ball, volley-ball, foot-ball, tennis, box, jiu-jitsu e luta;

c) no curso de treinamento e massagem, a dar a aprendizagem do treinamento dos desportos em geral e especialmente de quatro escolhidos entre os mencionados na alínea anterior.

Art. 27. As aulas deverão ser dadas, rigorosamente, de acordo com o horário, pelo professor catedrático ou pelo assistente que o substituir, de modo que o programa de cada disciplina seja sempre ministrado na sua totalidade.

Art. 28. A frequência às aulas teóricas e práticas e aos exercícios é obrigatória, não podendo entrar em exames o aluno que faltar a vinte por cento do total das aulas teóricas, das aulas práticas e dos exercícios, dados em cada disciplina.

Art. 29. Para cada disciplina haverá um programa que será elaborado pelo professor catedrático, de acordo com o programa geral, e deverá ter a aprovação do Conselho Técnico Administrativo.

§ 1.º Quando uma disciplina for ministrada em mais de um curso, com duração ou finalidade diferente, terá programas diferentes.

§ 2.º Os programas das várias disciplinas de um mesmo curso serão coordenados de tal modo que não repita desnecessariamente a matéria do outro e formem no seu conjunto um todo lógico e harmônico.

Art. 30. As disciplinas comuns a mais de um curso, e com idêntico programa, poderão ser ministradas em comum.

Art. 31. Os programas de educação física e de desportos destinados aos alunos do sexo masculino serão diferentes dos destinados aos alunos do sexo feminino.

§ 1.º Ficará a cargo da professora catedrática de educação física geral e de suas assistentes o ensino de educação física geral para todos os alunos do sexo feminino.

§ 2.º O ensino dos desportos para os alunos do sexo feminino ficará a cargo de assistentes do sexo feminino.

CAPÍTULO V DOS DIPLOMAS

Art. 32. Aos alunos que concluírem o curso superior de educação física, o curso normal de educação física, o curso de técnica desportiva, o curso de treinamento e massagem ou o curso de medicina da educação física e dos desportos, na forma desta lei, serão conferidos respectivamente os diplomas de licenciado em educação física, de normalista especializado em educação física, de técnico desportivo, de treinador e massagista desportivo ou de médico especializado em educação física e desportos.

Art. 33. Os diplomas de que trata o artigo anterior, sendo conferidos pela Escola Nacional de Educação Física e Desportos ou por outro estabelecimento de ensino federal ou reconhecido, e uma vez registrados na repartição competente do Ministério da Educação, darão aos seus portadores as regalias mencionadas nesta lei.

Art. 34. Nenhum estabelecimento de ensino ou qualquer outra instituição poderá expedir os diplomas de que trata o art. 32 desta lei, nem outros títulos de significação equivalente, sem que esteja reconhecido pelo Governo Federal.

CAPITULO VI

DAS REGALIAS CONFERIDAS PELOS DIPLOMAS

Art. 35. A partir de 1 de janeiro de 1941, será exigido, para o exercício das funções de professor de educação física, nos estabelecimentos oficiais (federais, estaduais ou municipais) de ensino superior, secundário, normal e profissional, em toda a República, a apresentação de diploma de licenciado em educação física.

Parágrafo único. A mesma exigência se estenderá aos estabelecimentos particulares de ensino superior, secundário, normal e profissional, de todo o país, a partir de 1 de janeiro de 1943.

Art. 36. A partir de 1 de janeiro de 1941, será exigido, para o exercício das funções de professores de educação física, nos estabelecimentos oficiais de ensino primário, no Distrito Federal, nas capitais dos Estados ou em quaisquer outras cidades de população superior a 50.000 habitantes, a apresentação do diploma de normalista especializado em educação física.

Parágrafo único. A exigência deste artigo se estenderá às demais escolas primárias do país, na medida em que a lei o determinar.

Art. 37. A partir de 1 de janeiro de 1941, as instituições não incluídas entre os estabelecimentos de ensino mencionados nos arts. 35 e 36 desta lei, mas destinados a ministrar a educação física a crianças, a jovens ou a adultos, não poderão funcionar, em todo o país, sem que os respectivos professores sejam portadores do diploma de licenciado em educação física ou do diploma de normalista especializado em educação física.

Art. 38. As instituições desportivas, que funcionarem nas cidades de população superior a 100.000 habitantes, em todo o país, não poderão, a partir de 1 de janeiro de 1941, admitir ao provimento das funções de técnico desportivo e de treinador e massagista desportivo, para os desportos mencionados no art. 26 desta lei, senão os portadores dos competentes diplomas, conferidos na forma desta lei.

Parágrafo único. A exigência deste artigo ir-se-á estendendo às demais instituições desportivas de todo o país, terão a assistência de médicos especializados em educação física e desportos, nos prazos e condições fixados nos artigos anteriores.

Art. 39. A educação física e os desportos, nos estabelecimentos de ensino superior, secundário, normal e profissional e nas instituições desportivas de todo o país, terão a assistência de médicos especializados em educação física e desportos, nos prazos e condições fixados nos artigos anteriores.

Art. 40. A lei federal, estadual ou municipal fixará quais os demais cargos ou funções públicas, cujo preenchimento exija a apresentação dos diplomas de que trata a presente lei.

CAPITULO VII

DAS PUBLICAÇÕES

Art. 41. Será publicada, pela Escola Nacional de Educação Física e Desportos, uma revista, que deverá sair pelo menos duas vezes por ano, destinada à divulgação dos resultados de suas realizações no terreno do ensino e da pesquisa.

Art. 42. Além da publicação periódica de que trata o artigo anterior, fará a Escola Nacional de Educação Física e Desportos publicações avulsas com o mesmo objetivo.

CAPITULO VIII

DAS TAXAS

Art. 43. Serão as seguintes as taxas cobradas pela Escola Nacional de Educação Física e Desportos:

- a) Inscrição em exame vestibular, 40\$000.
- b) Matrícula em cada série, 50\$000.
- c) Frequência em cada série, 120\$000.

Parágrafo único. As taxas relativas aos demais atos da vida escolar serão idênticas às cobradas pela Faculdade Nacional de Direito da Universidade do Brasil.

CAPITULO IX

DISPOSIÇÕES GERAIS E TRANSITÓRIAS

Art. 44. A Escola Nacional de Educação Física e Desportos poderá organizar cursos de aperfeiçoamento ou de especialização das disciplinas ensinadas nos seus cursos ordinários, bem como cursos avulsos de disciplinas nesses cursos secundários não incluídas.

Parágrafo único. Ao aluno que concluir regularmente qualquer dos cursos de que trata este artigo será dado um certificado de aprovação.

Art. 45. Sem prejuízo dos candidatos à matrícula como alunos regulares, será permitida, nos dois primeiros anos de funcionamento da Escola Nacional de Educação Física e Desportos, aos que satisfizerem as exigências do art. 20 desta lei, salvo quanto à prestação de exames vestibulares e apresentarem certificado de conclusão do curso secundário fundamental, a matrícula como alunos ouvintes para a frequência de uma ou mais disciplinas do curso de técnica desportiva ou do de treinamento e massagem.

Parágrafo único. Os alunos ouvintes não serão obrigados à frequência e não terão direito a prestar exames nem a receber diplomas ou certificados.

Art. 46. Os assuntos de ordem administrativa ou didática não regulados, de modo especial, na presente lei, serão regidos pela legislação federal do ensino superior em geral.

Art. 47. O primeiro ano escolar da Escola Nacional de Educação Física e Desportos iniciará-se a 1 de junho de 1939. Haverá um só período letivo, que terminará em 30 de novembro, um só período de exames, que ocupará o mês de dezembro e um só período de férias, que se prolongará de janeiro a fevereiro. Os exames vestibulares relativos ao primeiro ano escolar far-se-ão no mês de maio.

Art. 48. Nos dois primeiros anos de funcionamento da Escola Nacional de Educação Física e Desportos, será dispensada, para matrícula nos cursos de técnica desportiva e de treinamento e massagem, a apresentação do certificado de conclusão do curso secundário fundamental, uma vez que o candidato prove que, na data da publicação da presente lei, já vinha exercendo, de modo regular, as funções correspondentes a estes cursos, há mais de um ano.

Art. 49. Nos dois primeiros anos de funcionamento da Escola Nacional de Educação Física e Desportos, poderá o Presidente da República comissionar funcionário público civil ou militar para exercer qualquer dos cargos ou funções instituídas nesta lei.

Parágrafo único. O funcionário comissionado receberá os proventos de seu cargo ou os da comissão, conforme optar.

Art. 51. A todos os alunos da Escola Nacional de Educação Física e Desportos será ensinado o

canto coral. Este ensino ficará a cargo de um assistente especializado da cadeira de ginástica rítmica.

Art. 52. A Escola Nacional de Educação Física e Desportos fará de todos os seus alunos, mediante a necessária contribuição de cada um, o seguro contra acidentes.

Art. 53. Aos cursos da natureza dos de que trata esta lei, existentes ou por existir, em todo o país, se aplicará as disposições constantes do Decreto-Lei n.º 421, de 11 de maio de 1938, ficando mudado para 31 de dezembro de 1939 o termo fixado no seu art. 17.

Art. 54. As despesas decorrentes da execução desta lei, no corrente ano, correrão por conta da dotação constante da subconsignação 10 da verba 3 do orçamento vigente do Ministério da Educação.

Art. 55. Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação.

Art. 56. Revogam-se as disposições em contrário.

Rio de Janeiro, 17 de abril de 1939, 118.º da Independência e 51.º da República.

GETÚLIO VARGAS

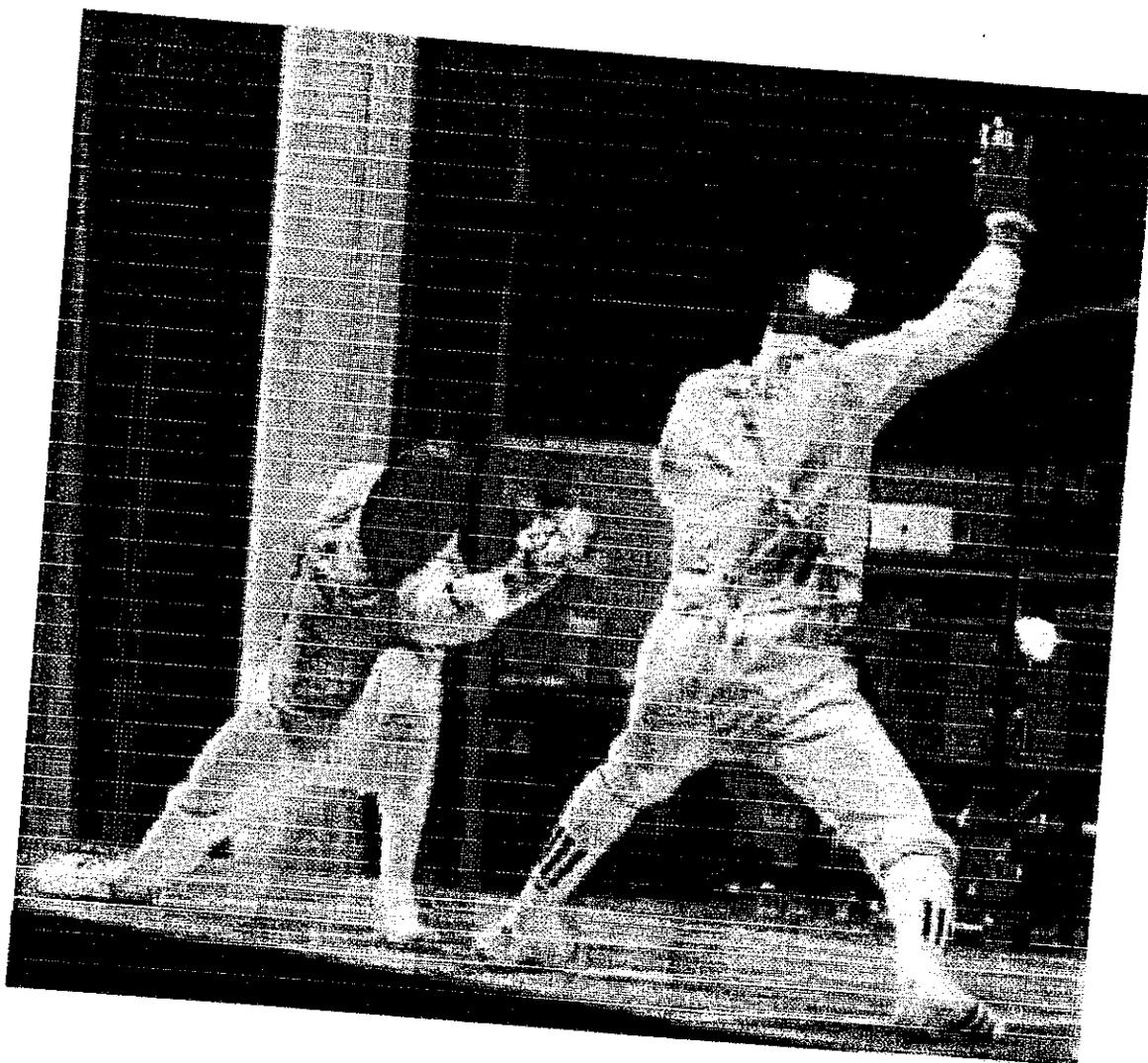
Gustavo Capanema

A. de Sousa Costa.

FIGURA 1

ESGRIMA DESPORTIVA

JOGO DE FLORETE

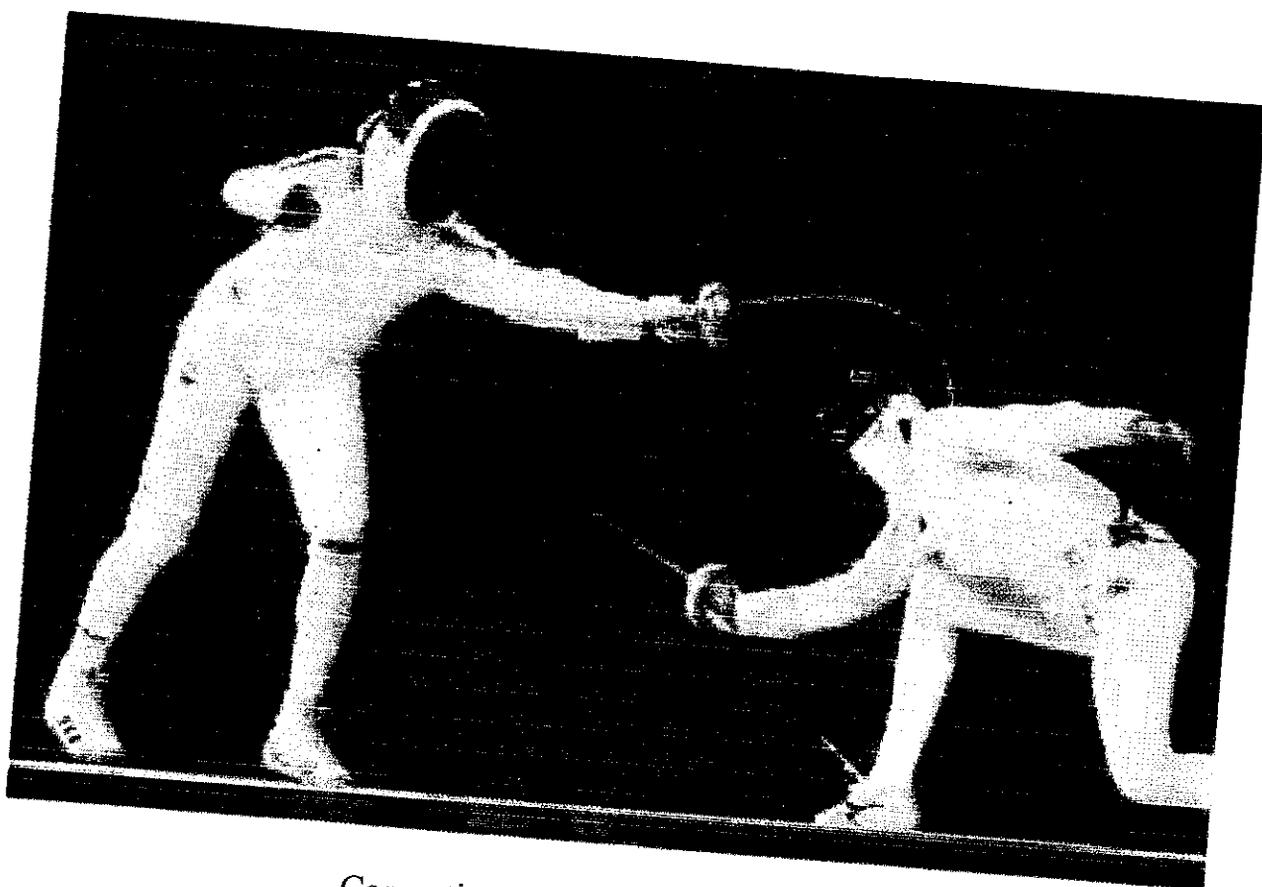


Competição de Esgrima onde vemos
acontecer um match de Florete

FIGURA 2

ESGRIMA DESPORTIVA

JOGO DE ESPADA

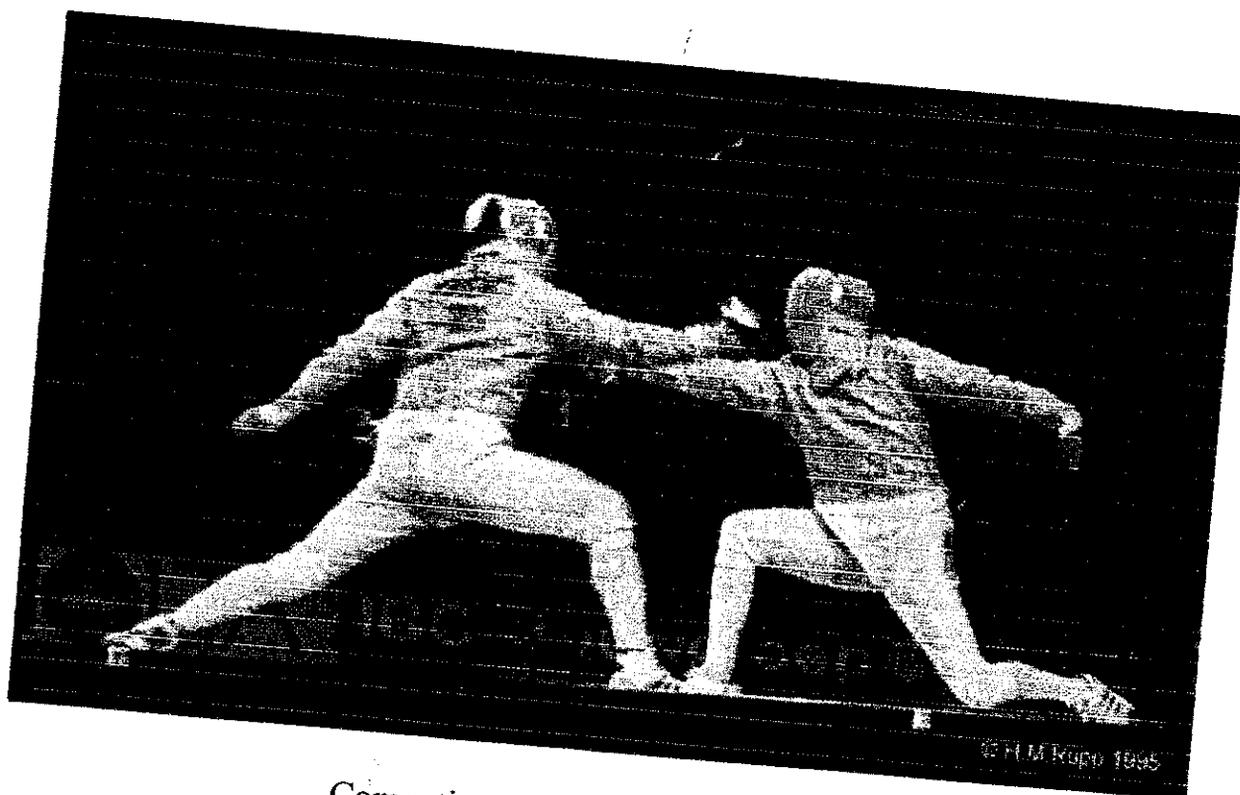


Competição de Esgrima onde vemos
acontecer um match de Espada

FIGURA 3

ESGRIMA DESPORTIVA

JOGO DE SABRE



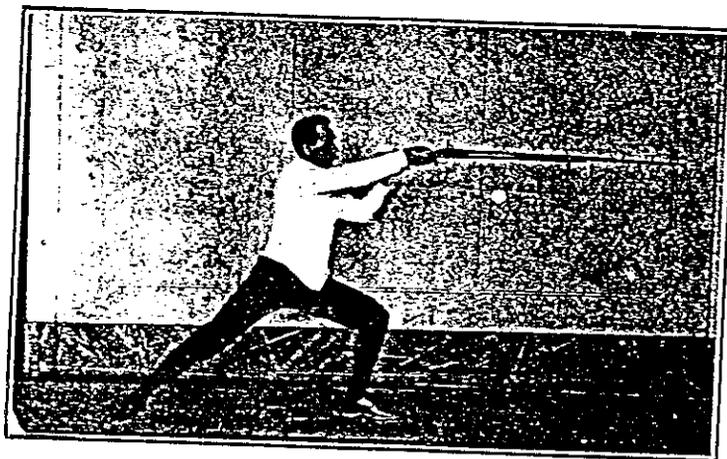
Competição de Esgrima onde vemos
acontecer um match de Sabre

FIGURA 4

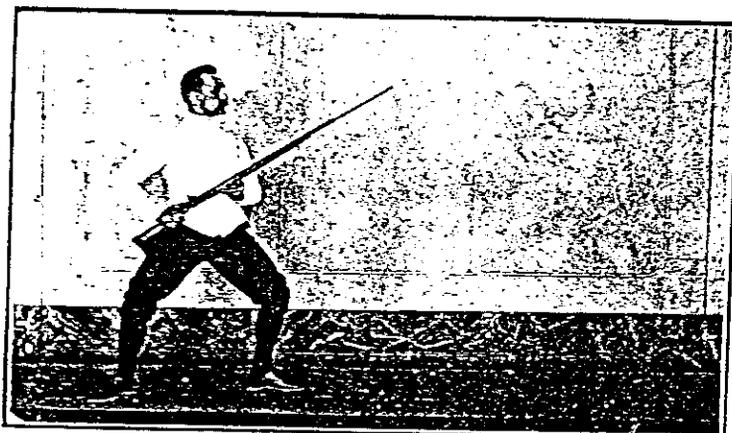
ESGRIMA DE BAIONETA

Fonte: Falcão, Valério Barbosa. *Lições d'armas*.

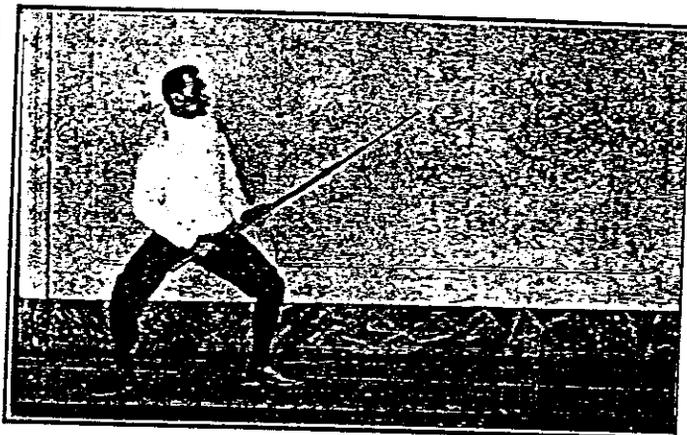
Rio de Janeiro, 1913



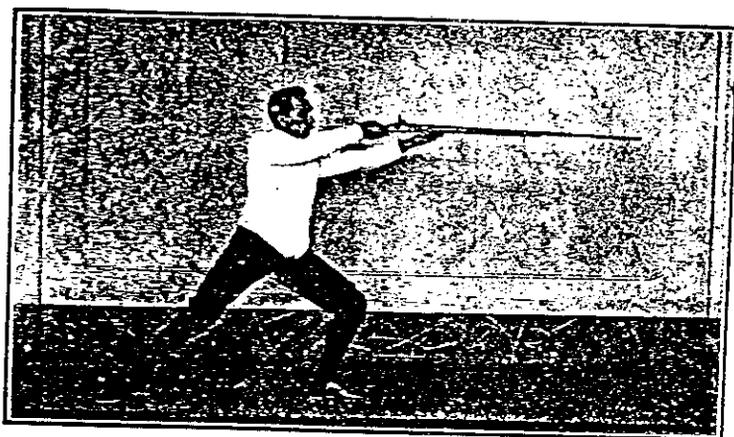
DESENVOLVIMENTO A FUNDO



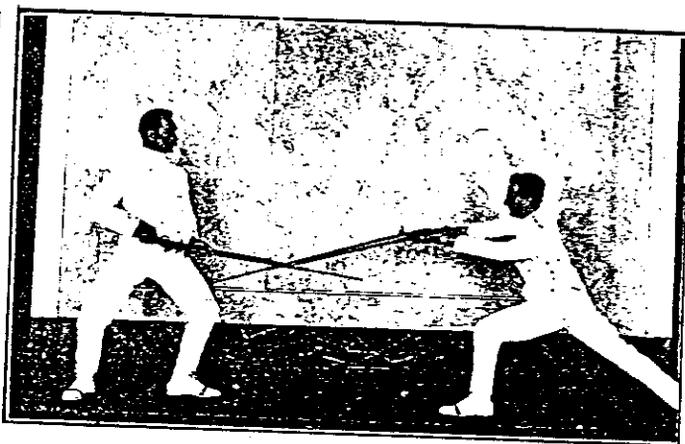
GUARDA FRANCEZA (Regulamentor)



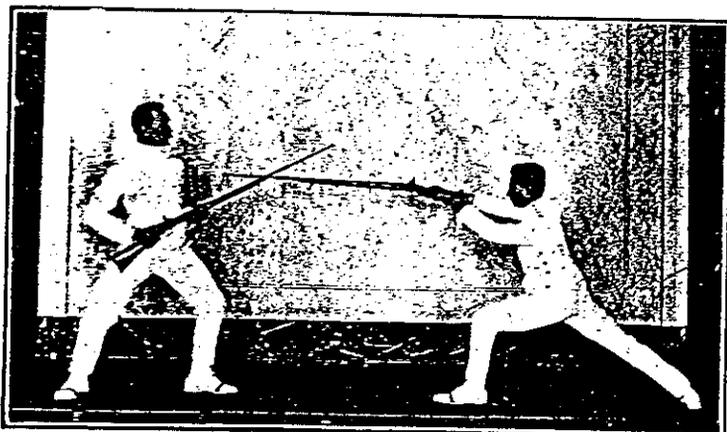
GUARDA PRUSSIANA (Antigo)



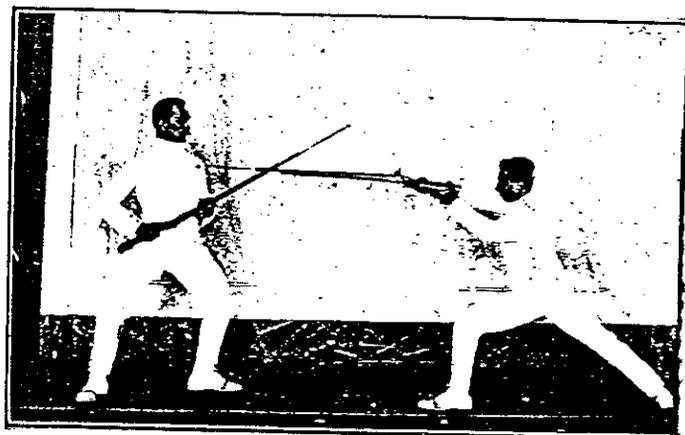
APONTANDO



ABATER A ESQUERDA



PARAR A ESQUERDA



PARAR A DIREITA

FIGURA 5

ESGRIMA DE LANÇA

A PÉ E A CAVALO

Fonte: Falcão, Valério Barbosa: *Lições d'armas*.

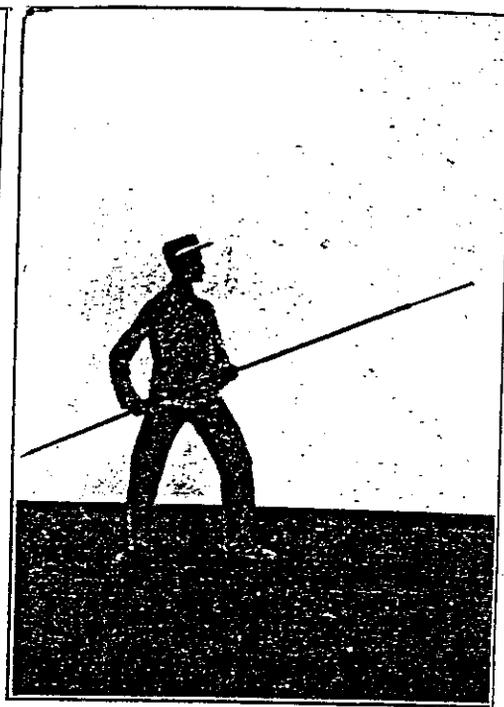
Rio de Janeiro, 1913



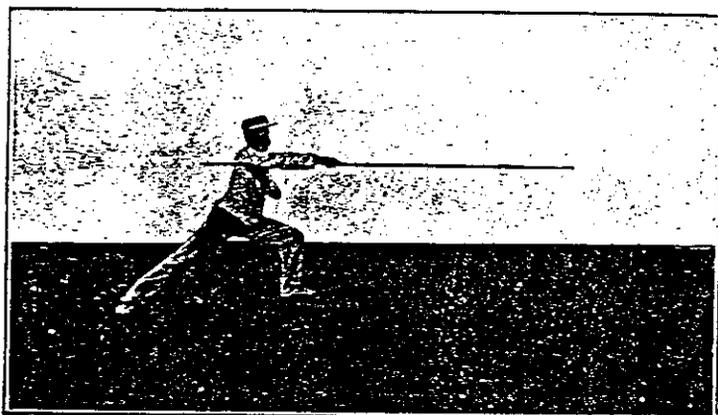
1ª POSIÇÃO



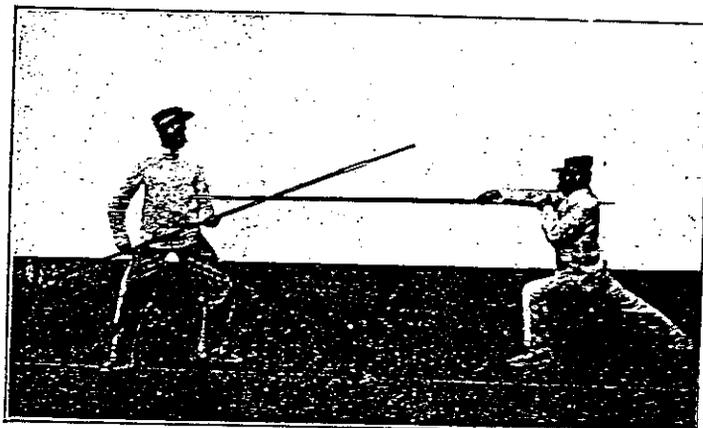
DIREITA PREPARAR OU CRUZAR LANÇA



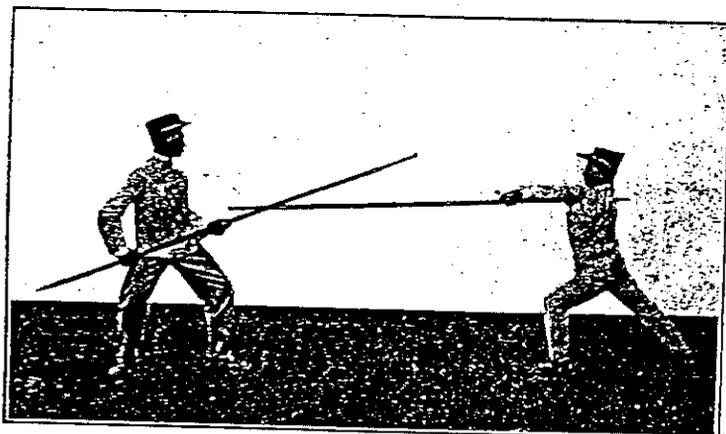
GUARDA



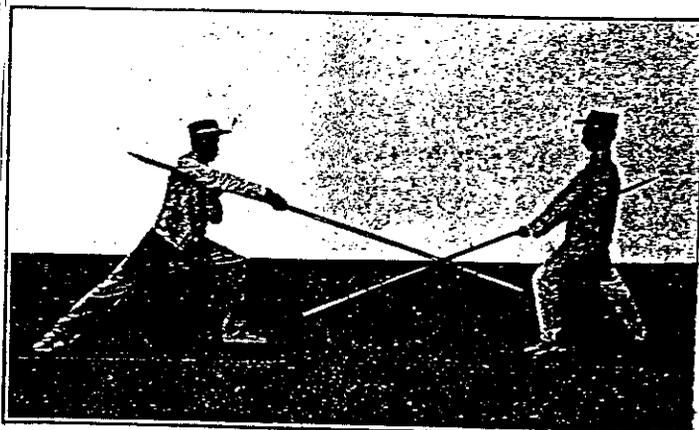
DESENVOLVIMENTO A FUNDO



PARAR A DIREITA



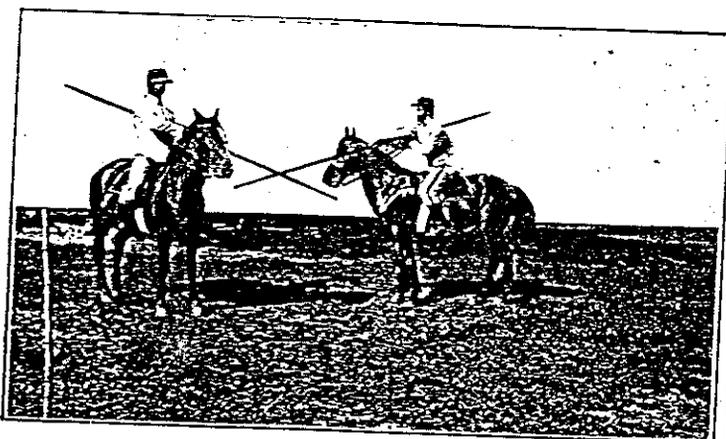
PARAR A ESQUERDA



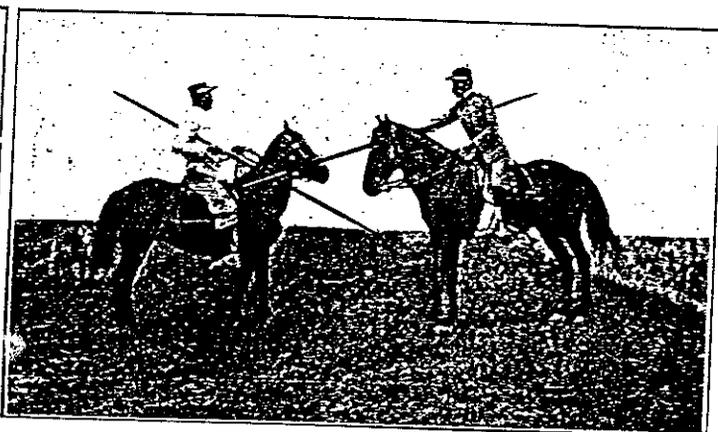
ABATER A ESQUERDA



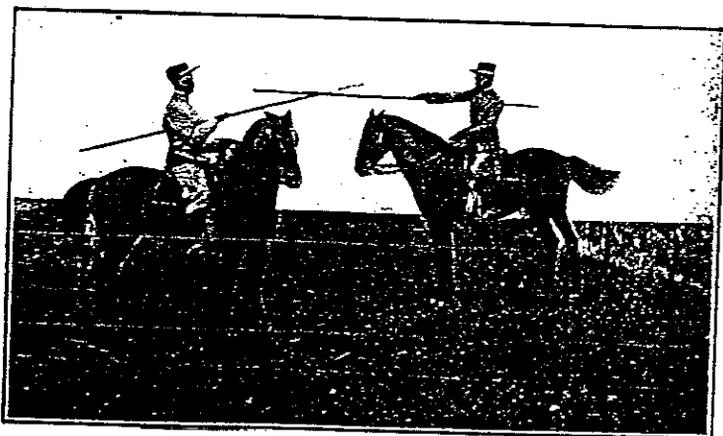
GUARDA



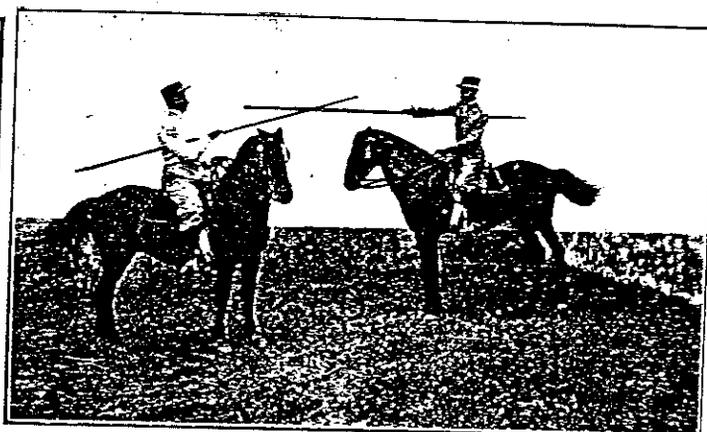
PARADA DE PRIMA



PARAR EM SEGUNDA



PARAR EM TERÇA



PARAR EM QUARTA

FIGURA 6

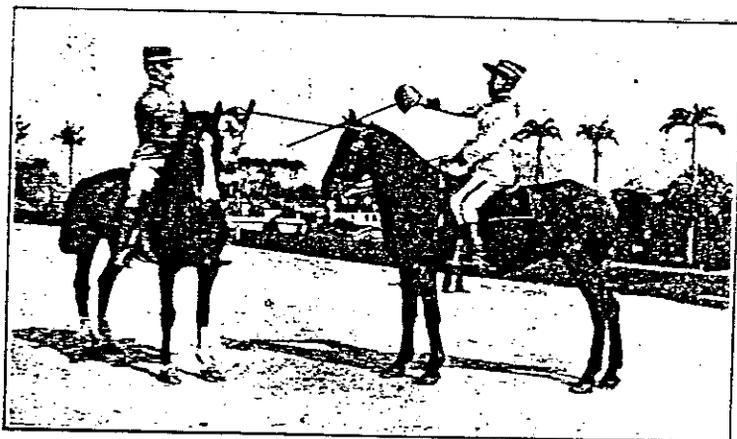
ESGRIMA A CAVALO

Fonte: Falcão, Valério Barbosa. *Lições d'armas*.

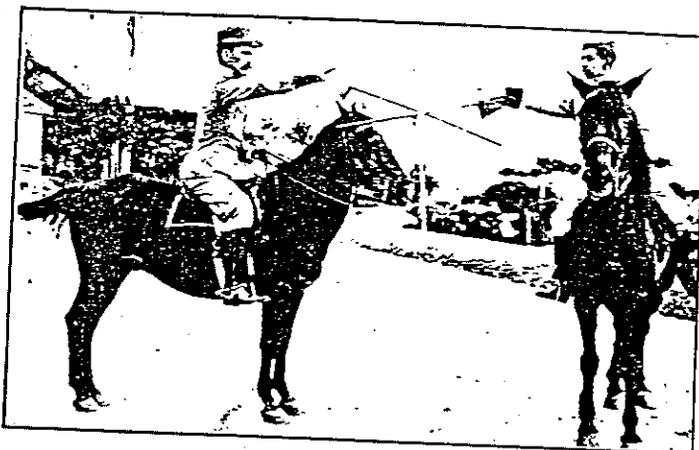
Rio de Janeiro, 1913



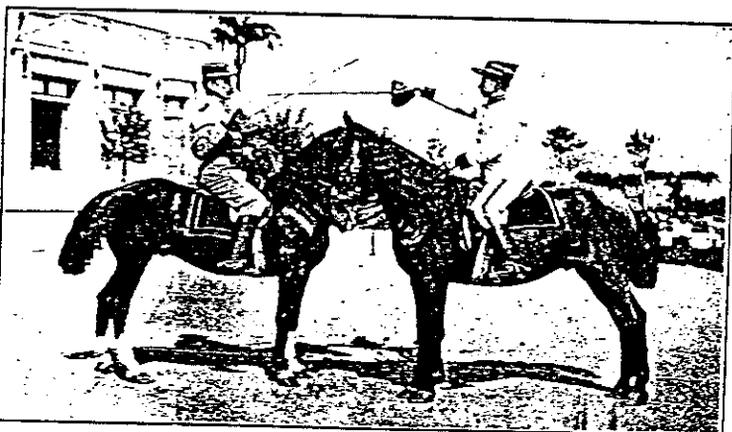
GUARDA



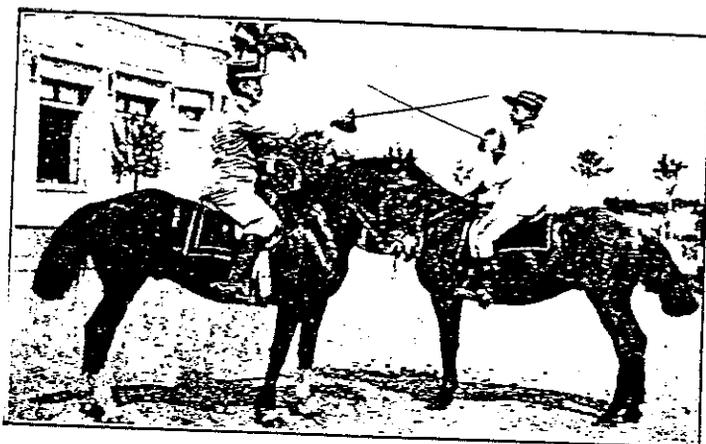
PARADA DE PRIMA



PARADA DE SEGUNDA



PARADA DE TERÇA



PARADA DE QUARTA



PARADA DE SEXTA



PARADA DE SEPTIMA

FIGURA 7

UNIFORME QUE ERA UTILIZADO
PELA ESGRIMA FEMININA

Fonte: Revista de Educação Física - EsEFEx.

Ano X, n. 51, p. 23



FIGURA 8

DUELO ENTRE MULHERES

Quadro do Pintor Francês Emile Bayard (1837-1891)

Intitulado "Affaire d'honneur"

Fonte: Revista de Educação Física - EsEFEx.

Ano XVII, n. 62, Capa, número de aniversário, 1949



FIGURA 9

DUELO ENTRE MULHERES

Quadro do Pintor Francês Emile Bayard (1837-1891)

Intitulado "Reconciliation"

Fonte: Revista de Educação Física - EsEFEx.

Ano XVIII, Capa, número extra, 1951



FIGURA 10

CARTAZ DE ESGRIMA

DOS JOGOS OLÍMPICOS DE PARIS - 1900

Fonte: Valarinho, 1993

MINISTÈRE DU COMMERCE DE L'INDUSTRIE DES POSTES ET TÉLÉGRAPHES
EXPOSITION UNIVERSELLE DE 1900
Direction générale de l'Exploitation

Concours
Internationaux
d'Épée



**CONCOURS
INTERNATIONAUX
D'ESCRIME**

FLEURET
du 14 Mai au 1^{er} Juin
DANS LA SALLE DES FÊTES DE L'EXPOSITION
19.500^{fr} de PRIX

ÉPÉE
du 1^{er} au 15 Juin
DANS LA TERRASSE DU JEU DE PIERRE AUX TUILERIES
16.000^{fr} de PRIX

SABRE
du 18 au 27 Juin
DANS LA SALLE DES FÊTES DE L'EXPOSITION
8.000^{fr} de PRIX

Par les Messageries S.M. N. ROUÏ BLANCHE, PARIS

DE CHARDON
7 Avenue de la République

O cartaz de Pal referente às provas de esgrima dos Jogos Olímpicos de 1900, mostra-nos uma jovem abradora de saia curta e ar saudável. Mostra-nos também a existência de prémios em dinheiro.

FIGURA 11

MESTRES DE RENOME

IN MEMORIAM

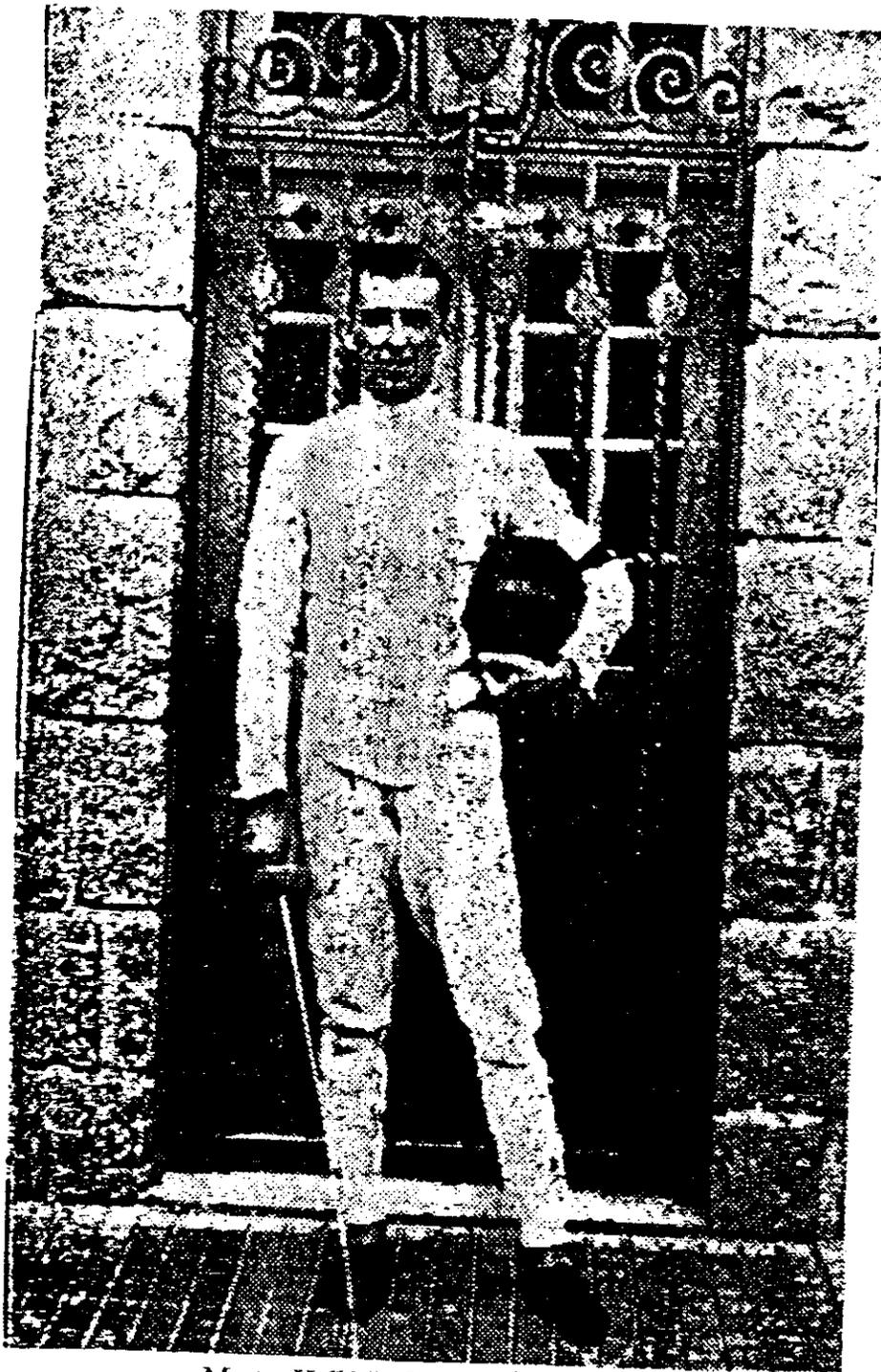


Capitão DELPHIN BALANCIER, do Exército Francês, integrante da Primeira Missão Militar Francesa junto à Força Pública do Estado, mestre d'armas e primeiro Comandante e Diretor do então "Curso de Esgrima e Ginástica". — Morreu em combate, na I.ª Grande Guerra Mundial.

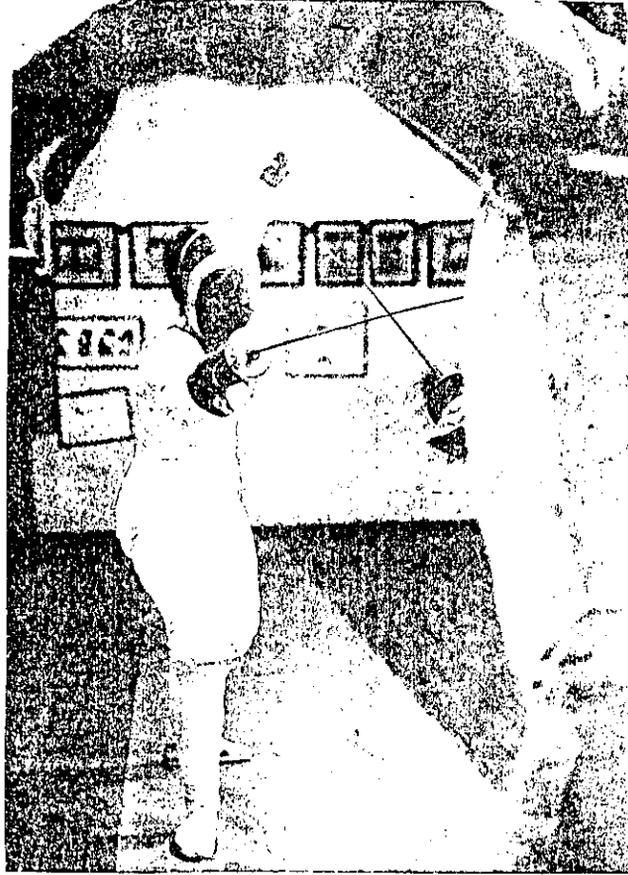
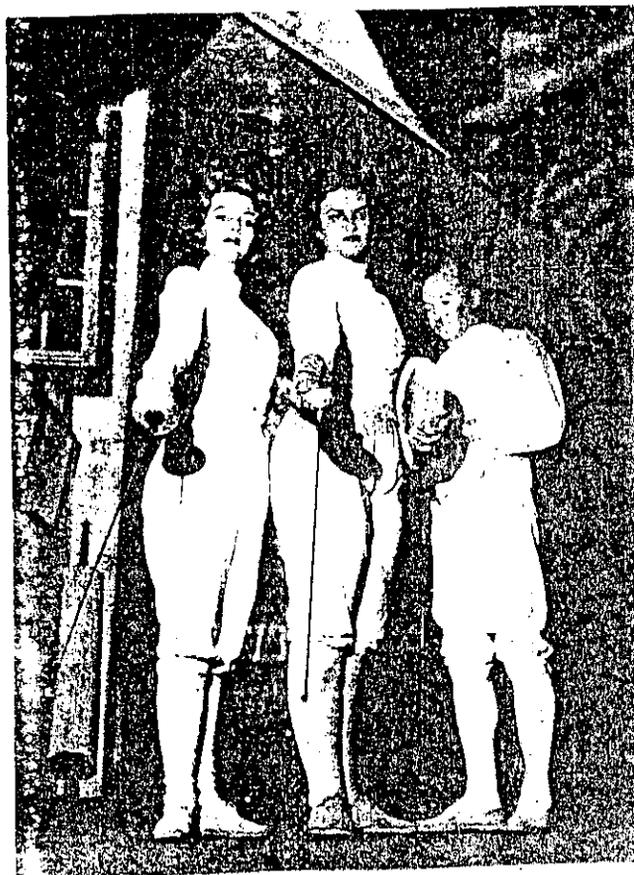
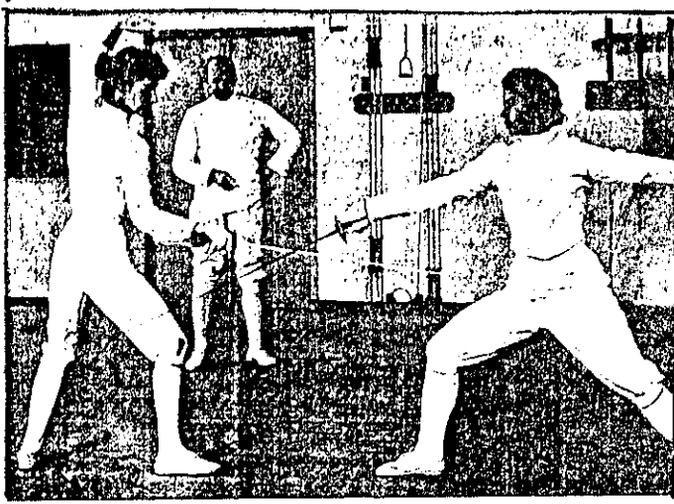
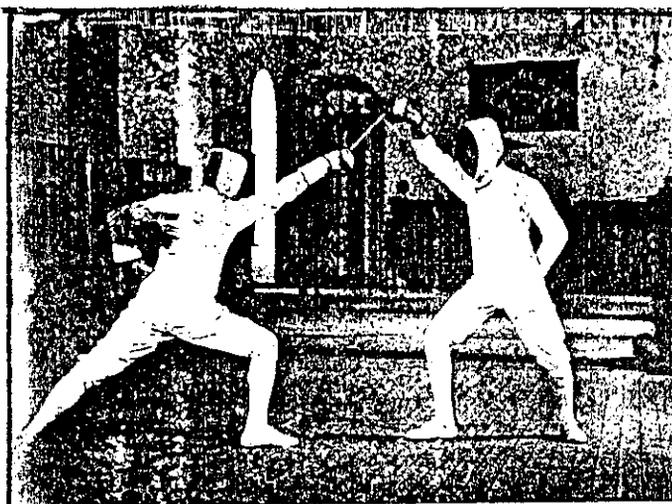
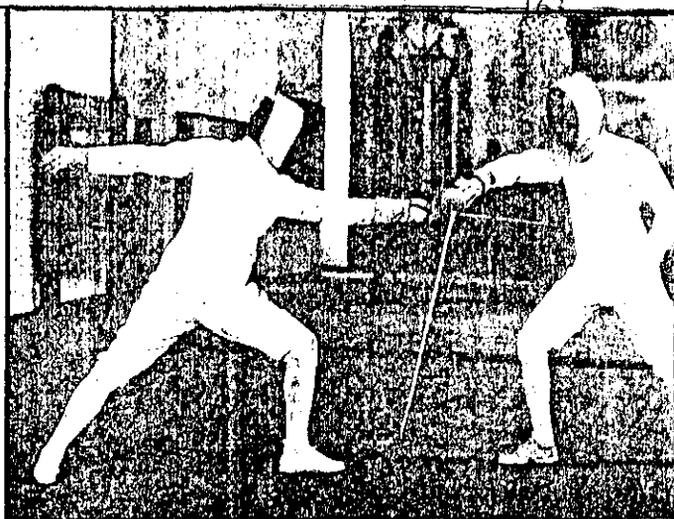


Prof. GIOVANNI ABITA

**Faleceu na Capital Federal êsse ilustre
instrutor, ex-campeão mundial de esgrima**



Mestre Helládio Junqueira
Foi técnico do Club de Regatas Vasco da Gama
E do Botafogo Futebol Club



Mestre d'armas Jayme Burchtein, com alunas na sede da praia vermelha, demonstrando movimentos para artigo do Inezil Penna Marinho, na revista Shell nº 81. Ele foi responsável pelo ensino da esgrima na ENEFD, de 1956 à 1974.



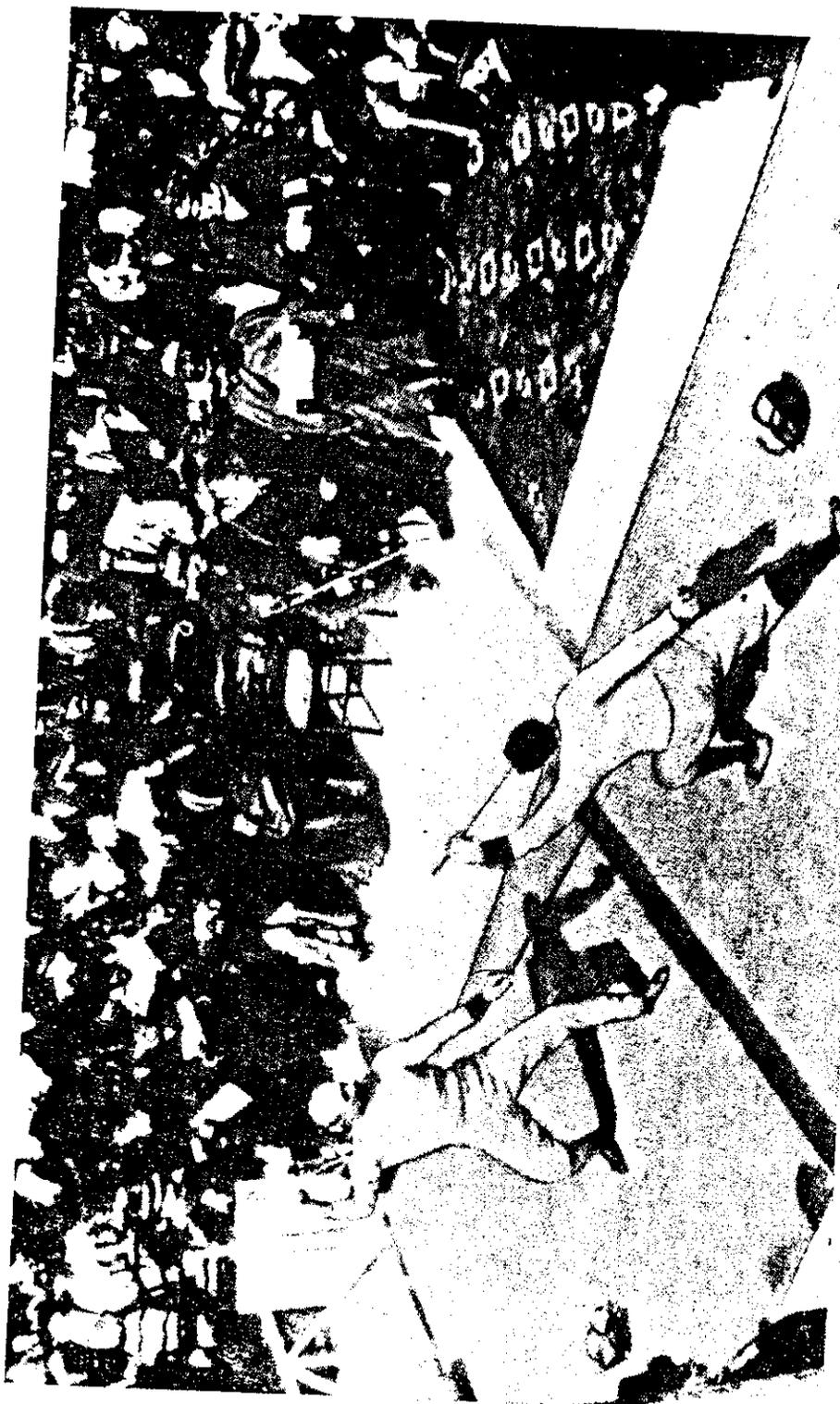
General VALERIO B. FALCÃO

- I — SOCIO BENEMERITO DA "FEDERAÇÃO METROPOLITANA DE ESGRIMA".
- II — CAMPEÃO DE ESPADA DO EXERCITO. NAS "OLYMPIADAS DE 1922".
- III — CAMPEÃO CARIÓCA DE FLORÊTE. ESPADA E SABRE: MEDALHAS DE GRANDES CUNHOS DA "FEDERAÇÃO METROPOLITANA DE ESGRIMA", "LIGA DE ESPORTE DO EXERCITO" E "CLUBE DE REGATAS DO FLAMENGO".

FIGURA 12

PROVA DE ESGRIMA
DOS 1º JOGOS OLÍMPICOS - 1896

Fonte: Valarinho, 1993



Não se conhece outra fotografia das provas de esgrima dos primeiros Jogos Olímpicos. Os dois atridores realizam a primeira fase do assalto — as cortesias — que o júri classificava pela elegância e precisão como eram executados os movimentos.

TABELA 1

ESGRIMA NOS CLUBES CIVIS E MILITARES DO RIO DE JANEIRO DESDE 1868

Períodos estimados a partir de:
registros da CBE, resultados de competição e
comunicação pessoal

1868 a 1903	C. Ginástico Português	1903 a 1922	C. Ginástico Português C.R.Boqueirão	1922 a 1926	C. Ginástico Português C.R.Boqueirão C.R. Guanabara O.N. Dopolavoro América F.C. Flamengo F.C.	1926 a 1928	C. Ginástico Português C.R.Boqueirão C.R. Guanabara O.N. Dopolavoro América F.C. Flamengo F.C. Fluminense F.C.	1928 a 1931	C.R.Boqueirão C.R. Guanabara O.N. Dopolavoro América F.C. Flamengo F.C. Club Militar	1931 a 1934	C. Ginástico Português C.R.Boqueirão O.N. Dopolavoro América F.C. Flamengo F.C. Club Militar Botafogo F.C.
1934 a 1935	C. Ginástico Português Flamengo F.C. Botafogo F.C.	1935 a 1936	C. Ginástico Português Flamengo F.C. Botafogo F.C. Liga dos Esportes da Marinha	1936 a 1942	C. Ginástico Português Flamengo F.C. Fluminense F.C. Botafogo F.C.	1942 a 1952	C. Ginástico Português Flamengo F.C. Fluminense F.C. Botafogo F.C. Tijuca Tênis Club	1952 a 1956	C. Ginástico Português Flamengo F.C. Fluminense F.C. Tijuca Tênis Club C.R. Vasco da Gama	1957 a Década de 70	C. Ginástico Português Flamengo F.C. Fluminense F.C. Botafogo F.C. C.R. Vasco da Gama
Década de 70 a 90	C. Ginástico Português Flamengo F.C. Fluminense F.C. C.R. Vasco da Gama Espote Club São João	Década de 90 a 2000	C. Ginástico Português C.R. Vasco da Gama Esporte Club São João	2001 a 2004	C. Ginástico Português Esporte Club São João						

Tabela 1. ESGRUMA NOS CLUBES CIVIS E MILITARES DO RIO DE JANEIRO

TABELA 2

**RESULTADOS DE ATLETAS BRASILEIROS
EM
CAMPEONATOS SUL AMERICANOS**

Fonte: Dados da Confederação Brasileira de Esgrima

CAMPEONATO SUL-AMERICANO INDIVIDUAL ADULTO

II Sul-Americano 1954 RIO DE JANEIRO	IV Sul-Americano 1960 BUENOS AIRES	VI Sul-Americano 1966 LIMA	VII Sul-Americano 1968 CALI	VIII Sul-Americano 1970 BUENOS AIRES
---	---	---	--	---

FLORETE MASCULINO

4° Heitor Soares	2° Turno: Hélio Vicira	Semifinal: João Rosa	7° Cláudio Xavier	Semifinal: Newton Kallil
6° Ferdinando Alessandri	1° Turno: Luiz Lopes	Semifinal: Nelson Alessandri	1° Turno: Marcus Borges	2° Turno: Humberto Calabrez
7° Luiz Lopes	1° Turno: Ferdinando Alessandri	Semifinal: Dario Amaral	1° Turno: Ronald Marques	2° Turno: Arthur Cramer
				1° Turno: Nelson Alessandri

FLORETE FEMININO

1° Yedda Coutinho	7° Amélia Pacheco	4° Nara Farná	Semifinal: Beatriz Dimiz
4° Yolanda Coutinho	8° Renata Herzog	9° Rose Lussac	Semifinal: Yara Coelho
6° Dorá Cunha	1° Turno: M ^o Eugênia		2° Turno: Wanda Lemos
			2° Turno: Amélia Pacheco

ESPADA MASCULINO

5° P. Tudeschini	5° Carlos Couto	3° Carlos Couto	2° Arthur Cramer
6° Dario Amaral	1° Turno: Cesar Pekelman	Semifinal: José Pereira	3° José Pereira
7° Aloysio Borges	1° Turno: Hélio Vicira	Semifinal: João Rosa	2° Turno: Ronaldo Schwantes
			1° Turno: Marcus Borges

SABRE

5° Marco Queiroz	5° Estevão Molnar	Semifinal: João Rosa	Semifinal: Panaghis Nicolaides
6° Heitor Soares	8° Mario Queiroz	Semifinal: Humberto Santos	2° Turno: Marceu Trois
1° Turno: Hélio Vicira	1° Turno: G. Theisen		1° Turno: Ney Prates
			1° Turno: João Rosa

IX Sul-Americano 1972 RIO DE JANEIRO **X Sul-Americano 1974 BUENOS AIRES** **XI Sul-Americano 1976 SANTIAGO** **XII Sul-Americano 1978 CARACAS** **XIII Sul-Americano 1980 BARQUISIMETRO**

FLORETE MASCULINO

2º Turno: Arthur Cramer
1º Turno: Nelson Alessandri
1º Turno: Alberto Lage
1º Turno: Francisco Buonafina
1º Turno: Ronaldo Schwantes

3º Ubirajara Gomes
4º Douglas Fonseca
Semifinal: Newton Kalil
1º Turno: Ronaldo Schwantes
1º Turno: Francisco Buonafina

6º Francisco Buonafina
12º Arthur Cramer

5º Roberto Lazzarini
7º Sandor Kiss

FLORETE FEMININO

Semifinal: Beatriz Diniz
Semifinal: Vera Purper
2º Turno: Amélia Pacheco
2º Turno: Márcia Silva
1º Turno: Sandra Kapp

Semifinal: Lúcia Soares
Semifinal: Mª José Cardoso

3º Lúcia Soares
4º Márcia Silva
9º Andrea Giovani

1º Márcia Silva
Semifinal: Lúcia Soares
2º Turno: Eloisa Brasil

3º Eloisa Brasil
9º Carmen Masson

ESPADA MASCULINO

Semifinal: Ronaldo Schwantes
2º Turno: Jarle Dybvad
2º Turno: José Pereira
2º Turno: Bruno Marques

4º Ronaldo Schwantes
5º Francisco Buonafina
6º Sandor Kiss
Semifinal: Frederico Aleincar
1º Turno: Douglas Fonseca

1º Arthur Cramer
4º Francisco Buonafina
7º Wagner França
8º José Andretta

1º Ronaldo Schwantes
2º Arthur Cramer
6º P. Hornem
11º Sandor Kiss

SABRE

5º Dan Peter
6º Carlos Levezon
2º Turno: João Rosa
2º Turno: Wellington Veloso

Semifinal: Laerte Trindade
1º Turno: Wellington Veloso
1º Turno: Danny Hoefel
1º Turno: Sebastião Rangel

7º A. Kalil

Semifinal: José Antônio
1º Turno: Dario Lima
1º Turno: Wellington Veloso
10º L. Trindade

**XIV Sul-Americano
1982
ODESUR**

**FLORETE
MASCULINO**

3º Douglas Fonseca
6º Roberto Lazzarini
7º Antônio Telles
9º Sandor Kiss

**FLORETE
FEMININO**

2º Eloisa Brasil
5º Márcia Leonelli
7º Carmen Masson
9º Eloá Amaral

**ESPADA
MASCULINO**

1º Fernando Fiorio
2º Ronaldo Schwantes
3º Sandor Kiss
5º Douglas Fonseca

SABRE

8º Edvan Lima
9º Jorge Cardoso
11º Régis Trois
13º Anastácio Nicolaides

**XV Sul-Americano
1984
SANTA CRUZ**

3º Antônio Telles
5º Roberto Lazzarini
7º Roberto Martins
Semifinal: Newton Kalil
Semifinal: Luciano Finardi

4º Jizel Lorenzo
6º Eloisa Brasil
2º Turno: Clarisse Antonini
2º Turno: Jaqueline Machado
1º Turno: Sílvia Ferreira

3º Frederico Alencar
6º Antônio Telles
2º Turno: Francisco Buonafina
2º Turno: Roberto Martins
2º Turno: Jarbas D'Avila

8º Yamarcdt Gutierrez
Semifinal: Jorge Cardoso
Semifinal: Sebastião Rangel
Semifinal: Ricardo menalda

**XVI Sul-Americano
1986
SANTIAGO**

2º Roberto Lazzarini
3º Douglas Fonseca
6º Luciano Finardi
14º Ricardo Torfio
15º Roberto Martins

2º Eloisa Moraes
4º Beatriz Ferreira
8º Jaqueline Machado
12º Carmen Masson
18º Sílvia Ferreira

3º Antônio Telles
4º Fernando Fiorio
6º Douglas Fonseca
7º Luciano Finardi
11º Roberto Lazzarini

5º Ricardo menalda
6º Edvan Lima
10º Régis Trois
12º Jorge Cardoso
18º Jarbas Trois

TABELA 3

RESULTADOS DE ATLETAS BRASILEIROS

EM

CAMPEONATOS PAN AMERICANOS

Fonte: Dados da Confederação Brasileira de Esgrima

Evento	País	Medalla	Nombre
V Pan-Americano 1967 WINNIPEG		1°	Arthur Cramer
		7°	Dario Ariani
VI Pan-Americano 1971 CALI		6°	Arthur Cramer
		1° Turno	José Pereira
VII Pan-Americano 1975 MEXICO		6°	Arthur Cramer
		6°	Francisco Buonafina
VIII Pan-Americano 1979		5°	Marcia Silva
		8°	Lúcia Soares
		8°	Arthur Cramer
		13°	Ronaldo

FIORITE
MASCULINO

FIORITE
FEMININO

ESPADA
MASCULINO

SABRE

TABELA 4

OS TRÊS MELHORES RESULTADOS
NOS CAMPEONATOS BRASILEIROS,
A PARTIR DO PRIMEIRO, REALIZADO EM 1928

Fonte: Dados da Confederação Brasileira de Esgrima

CAMPEONATO BRASILEIRO INDIVIDUAL ADULTO

		FLORETE MASCULINO	FLORETE FEMININO	SABRE	ESPADA
1928 RJ	1	J. Bastos (FCE)			
	2	José da Costa (FCE)		Assis Naban (FPE)	José Machado (FPE)
	3	João Carlos (FPE)		J. Bastos (FCE)	H. Vallim (FPE)
1929 SP	1	Gastão Saraiva (FPE)		A. Daemon (FCE)	A. Daemon (FCE)
	2	F. Alessandri (FPE)		Assis Naban (FPE)	F. Borba (FPE)
	3	P. Leite Assis (FPE)		H. Vallim (FPE)	H. Vallim (FPE)
1930	1			Leite de Assis (FPE)	F. Alessandri (FPE)
	2	NÃO	FOI DISPUTADO	NESTE	ANO
	3				
1931 RJ	1	J. Bastos (FCE)		J. Bastos (FCE)	H. Vallim (FPE)
	2	Z. Assumpção (FCE)		H. Vallim (FPE)	F. Borba (FPE)
	3	M. Biancalana (FPE)		Oswaldo Rocha (FCE)	Jurandir Cruz (FCE)
1932	1				
	2	NÃO	FOI DISPUTADO	NESTE	ANO
	3				
1933 SP	1º	M. Biancalana (FPE)		Miguel Morano (FPE)	H. Vallim (FPE)
	2º	F. Alessandri (FPE)		Moacyr Dunham (FPE)	Jurandir Cruz (FCE)
	3º	R. Vagnotti (FPE)		Felix Menezes (FCE)	Gabriel Corrêa (FPE)
1934	1	F. Alessandri (FPE)		Miguel Morano (FPE)	H. Vallim (FPE)
	2	M. Biancalana (FPE)		Menezes Filho (FCE)	M. Biancalana (FPE)
	3				
1935	1º	H. Junqueira (FCE)		Miguel Morano (FPE)	H. Vallim (FPE)
	2º	F. Alessandri (FPE)		F. Alessandri (FPE)	Jorge Lima
	3º				
1936	1	F. Alessandri (FPE)	Leonor Margarido	Felix Menezes (FCE)	J. Simões
	2	R. Vagnotti (FPE)	Helena Auricchio	M. Biancalana (FPE)	M. Biancalana (FPE)
	3	José Salemi	Lydia Thering	Moacyr Dunham (FPE)	Walter de Paula
1937	1º	H. Junqueira (FCE)	Helena Auricchio	Moacyr Dunham (FPE)	Ennio de Oliveira
	2º	R. Vagnotti (FPE)	Azalia Leal	Felix Menezes (FCE)	M. Biancalana (FPE)
	3º	F. Alessandri (FPE)	Vera Martins	Ennio de Oliveira	H. Vallim (FPE)
1938	1	F. Alessandri (FPE)		Ennio de Oliveira	Walter de Paula
	2	R. Vagnotti (FPE)		Felix Menezes (FCE)	R. Vagnotti (FPE)
	3	Tieté Falcão		R. Vagnotti (FPE)	Roberto Lage F.
1939	1º	R. Vagnotti (FPE)	Helena Auricchio	Ennio de Oliveira	H. Vallim (FPE)
	2º	J. Simões	Kathleen Ross	R. Vagnotti (FPE)	R. Vagnotti (FPE)
	3º	Augusto da Cruz	Eliene da Cunha	F. Alessandri (FPE)	M. Biancalana (FPE)
1940	1	J. Simões	Helena Auricchio	Ennio de Oliveira	H. Vallim (FPE)
	2	M. Biancalana (FPE)	Ada Gallinari	Mario de Oliveira	Roberto Lage
	3	F. Alessandri (FPE)	Hilda Putkaamer	Moacyr Dunham	M. Biancalana (FPE)
1941	1º	F. Alessandri (FPE)	Ada Gallinari	Ennio C. Oliveira	M. Biancalana (FPE)
	2º	J. Simões	Helena Auricchio	Mario de Oliveira	R. Vagnotti (FPE)
	3º	Adolpho Masini	Itala Giongo	Felix Menezes (FCE)	H. Vallim (FPE)

FLORETE
MASCULINOFLORETE
FEMININO

SABRE

ESPADA

1942	1°	F. Alessandri (FPE)	Marina Novaes	Frederico T. Serrão	
	2°	J. Simões	Ada Gallinari	Alvaro L. Areás	M. Biancalana (FPE)
	3°	M. Biancalana (FPE)	Sylvia Magalhães	Hugler Matt	H. Vallim (FPE)
1943	1°	M. Biancalana (FPE)	Helena Auricchio	Hugo Mattos	João de Souza
	2°	F. Alessandri (FPE)	Ítala Giongo	Válter Gonçalves	H. Vallin (FPE)
	3°	Caetano Bovino	Pierina Schianem	Caetano Bovino	João Batista Souza
1944	1°	R. Vangnotti (FPE)	Helena Auricchio	R. Vangnoth (FPE)	Sabino Cianameia
	2°	F. Alessandri (FPE)	Gerda Striebel	Petrocelli	M. Biancalana (FPE)
	3°	J. Simões	Érika Raussen	Frederico Serrão	Fortunato Camargo
1945	1°	F. Alessandri (FPE)	Mª Ieda Coutinho	Frederico Serrão	H. Vallin (FPE)
	2°	R. Vangnotti (FPE)	Iolanda	R. Vangnotti (FPE)	M. Biancalana (FPE)
	3°	Fernando Toreclires	Mª Eugênia	Caetano Bovino	F. Camargo
1946	1°	F. Alessandri (FPE)	Mª Ieda Coutinho	R. Vangnotti (FPE)	Euclides A.
	2°	Válter de Paula	Helda Von Tukama	Frederico Serrão	H. Vallim (FPE)
	3°	César Pekma	Mª Eugênia Xavier	Valter Gonçalves	Botino Rodolfo
1947	1°				M. Biancalana (FPE)
	2°	NÃO	FOI DISPUTADO	NESTE	ANO
	3°				
1948	1°	M. Biancalana (FPE)	Vera Weter	E. Molnar	Fernando Torelli
	2°	F. Alessandri (FPE)	Odari Castro	Arnaldo M. Amaral	Válter de Paula
	3°	Torelli	Suzana Cidade	Ruben Marcus	Rénaut Todeschini
1949	1°	F. Alessandri (FPE)	Madeschda	Frederico Serrão	Fernando Torelli
	2°	Torelli	Ziboroff	Molnar	Rui Fantona
	3°	Sabino	Odari Castro	César Pekman	Marcelo Borla
1950	1°	F. Alessandri (FPE)		E. Molnar	Rénaut Todeschini
	2°	Luciano Albieri	Odari Castro	Virgílio	Damáσιο
	3°	Torelli	Renata Herzog	Mizull Biancalau	Fernando Torelli
1951	1°	F. Alessandri (FPE)	Yolanda Moraes	E. Molnar	Virgílio
	2°	Heitor Soares (FCE)	Mª Yeda Coutinho	Rui Fantoni	Dario Marcondes
	3°	R. Vangnoti (FPE)	Alifi Salum	Gaspar	Válter de Paula
1952	1°				
	2°	NÃO	FOI DISPUTADO	NESTE	ANO
	3°				
1953	1°	Heitor Soares (FCE)	Mª Yeda Coutinho	E. Molnar	Virgílio
	2°	M. Biancalana (FPE)	Yolanda Moraes	Pekman	Rénaut Todeschini
	3°	Válter di Paula	Mª Eugênia Xavier	Fernando Torelli	Fernando Torelli
1954	1°	Heitor Soares (FCE)	Yolanda Moraes	Heitor Soares (FCE)	Dario Marcondes
	2°	F. Alessandri (FPE)	Mª Yeda Coutinho	Mário Queirós	Aloysio Borges (FCE)
	3°	Luiz Lopes F. (FCE)	Dora F. Cunha	Hélio Vieira (FCE)	César Peckman
1955	1°				
	2°	NÃO	FOI DISPUTADO	NESTE	ANO
	3°				

	FLORETE MASCULINO	FLORETE FEMININO	SABRE	ESPADA
1956	1 Higino Borges	Dora F. Cunha	Valmor Borges	Heitor Soares (FCE)
	2 Luiz Moraes	M. Helena Paredes	Ledini Rosa	Armando Botino
	3 Arnaldo Ford	Yolanda Coutinho		Ervin Sounestraul
1957	1			
	2	NÃO	FOI DISPUTADO	NESTE ANO
	3			
1958	1 Heitor Soares (FCE)	Amélia P.	E. Molnar	R. Todeschini
	2 Carlos Jorge Monteiro	Rosemarie Runte	Mário Queirós	Wene Heidrich
	3 F. Alessandri (FPE)	Dora F. Cunha	Rui Fantoni	Ercimoco Marques
1959	1 Luiz Lopes F. (FCE)	Amélia P.	Carlos José Monteiro	César Peckman
	2 Hélio Vieira (FCE)	M. Eugênia	André Hevei	Carlos Couto
	3 René Srutinger	Afifi Salum	E. Molnar	Luiz Cláudio
1960	1 F. Alessandri (FPE)	Vanda Tambesco	E. Molnar	Carlos Couto
	2 Luis Cláudio	Dora F. Cunha	Carlos J. Monteiro	Erni Markva
	3 H. Calabrez F. (FPE)	Gleida Marie Runte	Mário Queirós	Luiz Cláudio
1961	1 Heitor Soares (FCE)	Vanda	Molnar	Dario M.
	2 Luis Lopes F. (FCE)	Rose Marie Lunac	Luis Lopes F. (FCE)	R. Cláudio
	3 F. Alessandri (FPE)	M. Eugênia	Gerhard T. Jensen	C. Couto
1962	1 Heitor Soares (FCE)	Vara Fioli	Heitor Soares (FCE)	Aloysio B.
	2 H. Calabrez F. (FPE)	M. Eugênia	E. Molnar	J. Pereira
	3 João Rosa	Dora F. Cunha	Luis Lopes F. (FCE)	A. Mello Filho
1963	1 Aloísio Borges	Amélia P.	Ronaldo M.	Dario M.
	2 Carlos Couto	Dora F. Cunha	João Rosa Wazin	C. Couto
	3 Humberto D. Santo	Lilian Springer	E. Molnar	Aloysio B.
1964	1 Aloísio Borges	Yara C.	E. Molnar	A. Cramer
	2	Lilian Springer	João Rosa Wazin	J. Pereira
	3			
1965	1 Dario M.	Amélia P.	E. Molnar	H. Valim
	2 N. Alessandri	Beatriz D.	Abilio A.	J. Pereira
	3 Bryan C.	Yara C.	W. Velloso	A. Cramer
1966	1 N. Alessandri	Nara F.	J. Pereira	Dario M.
	2 Dario M.	Luiza A.	Humberto S.	João R.
	3 H. Calabrez	Amélia P.	E. Molnar	C. Couto
1967	1 Claudio X.	Lilian S.	Claudio X.	J. Pereira
	2 Marcus R.	Beatriz D.	João Rosa Wazin	A. Cramer
	3 A. Cramer	Eugênia X.	W. Veloso	C. Couto
1968	1 Claudio X.	Nara F.	Humberto S.	Cláudio X.
	2 N. Alessandri	Beatriz D.	João Rosa Wazin	A. Cramer
	3 Jaimi L. S.	Sonia S.	Claudio X.	J. Pereira e Dario M.
1969	1 N. Kalil	Amélia P.	J. Pereira	A. Cramer
	2 A. Cramer	Luiza A.	E. Molnar	J. Pereira
	3 J. Pereira	Elizabeth K.	N. Panaghis	Ubirajara G.
1970	1 A. Cramer	Beatriz D.	J. Pereira	A. Cramer
	2 H. Calabrez	Yara C.	João Rosa Wazin	Marcus B.
	3 João Rosa	Amélia P. e Nara F.	N. Panaghis	Ronaldo S.

	FLORETE MASCULINO	FLORETE FEMININO	SABRE	ESPADA
1971	1 Douglas F.	Beatriz D.	J. Pereira	A. Cramer
	2 A. Cramer	Yara C.	João Rosa Wazin	Ronaldo S.
	3 Marceu T.	Wanda T.	L. Carlos	Aloysio B.
1972	1 Wagner	Beatriz D.	João Rosa	Douglas F.
	2 Ronaldo S.	Amélia P.	N. Panaghis	A. Cramer
	3 A. Cramer	Yara C.	Dan P.	Aloysio B.
1973	1 F. Buonafina	Amélia P.	João Rosa Wazin	A. Cramer
	2 A. Cramer	Maria S.	L. Carlos	Ronaldo S.
	3 R. Alessandri	Yara C.	W. Velloso	Douglas F.
1974	1 Ubirajara G.	Marcia S.	Alberto L.	A. Cramer
	2 F. Buonafina	Maria J.	João Rosa Wazin	Frederico A.
	3 Ronaldo S.	Yara C.	W. Velloso	F. Buonafina
1975	1 Frederico A.	Lúcia S.	W. Velloso	W. Velloso
	2 A. Cramer	Márcia S.	L. Cláudio	L. Cláudio
	3 Ronaldo S.	Andréa G.	L. Carlos	L. Carlos
1976	1 F. Buonafina	Lúcia S.	Adriano K.	Adriano K.
	2 Eduardo M.	Márcia S.	Ronaldo S.	Ronaldo S.
	3 A. Cramer	Beatriz D.	Alberto	Alberto
1977	1 A. Cramer	Márcia S.	Adriano	Adriano
	2 Ronaldo S.	Lúcia S.	Sebastião R.	Sebastian
	3 F. Buonafina	Carmen M.	L. Cláudio	L. Cláudio
1978	1 Nelson A.	Márcia S.	Velloso	Douglas F.
	2 André V.	Lúcia S.	Cláudio	F. Buonafina
	3 Frederico A.	Carmen M.	Laerte T.	A. Cramer
1979	1 Douglas	Márcia S.	Velloso	Sandor
	2 Santos	Eloísa S.	Dario L.	F. Fiorio
	3 P. Machado	Carmen M.	Sebastião R.	Edvan Lima
1980	1 Eduardo M.	Márcia S.	Dario	A. Cramer
	2 Roberto M.	Eloísa B.	Felippe	Ronaldo
	3 Kalil	Ana Emília	Sebastião	Sandos
1981	1 R. Lazzarini	Márcia S.	Anastácio	Pinto H.
	2 Kalil	Carmen M.	Yamandu	Fiorio
	3 Sandor	Eloísa S.	W. Velloso	Emilio P.
1982	1 R. Lazzarini	Márcia S.	Edvan Lima	Douglas
	2 Sandor	Eloísa B.	Jorge C.	Sandor
	3 Theodoro T.	Eloá A.	Sebastião	Sérgio S.
1983	1 R. Lazzarini	Carmen M.	Edvan Lima	Ronaldo
	2 Roberto M.	Eloísa B.	Régis Tróis	Cramer
	3 Telles	Márcia L.	Sebastião	Telles
1984	1 R. Lazzarini	Jizel L.	Sebastião	Sandor
	2 Edvan Lima	Márcia L.	Régis Tróis	Douglas
	3 Douglas	Eloísa B.	Jorge C.	F. Buonafina e Frederico A.